

antes
que
eu vá

LAUREN OLIVER





antes
que
eu vá

LAUREN OLIVER



antes que eu vá

LAUREN OLIVER

Tradução de Rita Sussekind





Em memória de Semon Emil Knudsen II, com amor.

Peter:

*Obrigada por ter proporcionado alguns dos
meus melhores momentos.*

Sinto saudades.

PRÓLOGO

Dizem que logo antes de morrer sua vida inteira passa diante de seus olhos, mas não foi assim comigo.

Para falar a verdade, sempre achei terrível essa história de rever tudo no momento final. Algumas coisas ficam melhores mortas e enterradas, como diria minha mãe. Eu ficaria feliz em esquecer todo o meu quinto ano, por exemplo (a fase dos óculos e do aparelho cor-de-rosa). E alguém iria querer reviver o primeiro dia do ensino fundamental? Junte a isso todas as férias chatas em família, as aulas de álgebra sem o menor propósito, as cólicas menstruais e os beijos ruins que mal suportei na primeira vez.

A verdade, apesar disso, é que eu não me importaria em reviver meus melhores momentos: quando fiquei com Rob Cokran pela primeira vez, bem no meio da pista de dança na festa da escola, e todo mundo viu que estávamos juntos; quando Lindsay, Elody, Ally e eu ficamos bêbadas e resolvemos fazer anjos de neve na primavera — e deixamos buracos do nosso tamanho no gramado de Ally —; minha festa de aniversário de 16 anos, quando acendemos cem velas e dançamos em cima da mesa do jardim, ou o Halloween em que Lindsay e eu pregamos uma peça em Clara Seuse, fomos perseguidas pela polícia e rimos tanto que quase vomitamos. São essas as coisas que eu queria lembrar, e pelas quais gostaria de ser lembrada.

Mas, antes de morrer, não pensei em Rob nem em nenhum outro cara. Não pensei nas coisas escandalosas que havia feito com minhas amigas. Nem sequer pensei na minha família, nem na maneira como a luz da manhã pinta de creme as paredes do meu quarto, nem no perfume que as azaleias do lado de fora da minha janela exalam em julho — uma mistura de mel e canela.

Em vez disso, pensei em Vicky Hallinan.

Mais especificamente: pensei em quando, no quarto ano, Lindsay anunciou na frente de toda a turma de educação física que não queria Vicky em seu time de queimado. “Ela é gorda demais”, dissera. “Dá para acertá-la de olhos fechados.” Eu ainda não era amiga de Lindsay, mas mesmo naquela época ela já tinha um jeito hilariante de dizer as coisas, e eu ri junto com todo mundo enquanto o rosto de Vicky ficava roxo

como uma nuvem de temporal.

E foi disso que me lembrei naquele instante que antecede a morte — quando, supostamente, eu teria alguma grande revelação sobre meu passado: do cheiro de verniz, do barulho de nossos tênis no piso polido, do short apertado de poliéster, das risadas ecoando no espaço grande e vazio, como se houvesse muito mais do que 25 pessoas no ginásio.

E do rosto de Vicky.

O estranho era que eu não pensava naquilo havia séculos. Era uma daquelas lembranças que você nem sabe que estão ali. Não que Vicky tenha ficado traumatizada, nada disso. As crianças fazem esse tipo de coisa umas com as outras. Não é nada demais. Sempre vai haver uma pessoa rindo e outra sendo motivo de graça. Acontece todos os dias, em todas as escolas, em todas as cidades dos Estados Unidos — provavelmente, de todo o mundo, até onde sei. A grande questão em crescer é aprender a ficar do lado de quem ri.

Para começar, Vicky nem era tão gorda — seu rosto e sua barriga eram um pouco rechonchudos, mas antes do ensino médio tinha emagrecido e crescido sete centímetros e meio. Ela até se tornara amiga de Lindsay. As duas jogavam hóquei sobre a grama e se cumprimentavam nos corredores. Certa vez, no primeiro ano do ensino médio, Vicky relembrou essa história em uma festa — estávamos um pouco alegrinhas — e rimos sem parar, principalmente Vicky, que ficou com o rosto quase tão roxo quanto naquele dia no ginásio.

Esse era o primeiro fato estranho.

O outro, mais estranho ainda, foi estarmos conversando justamente sobre isso: o que acontece logo antes de você morrer. Não sei exatamente como o tema surgiu, só lembro que Elody estava reclamando que eu sempre me sentava no carona e se recusava a colocar o cinto de segurança. Ela ficava se debruçando no banco da frente para mexer no iPod de Lindsay, ainda que, teoricamente, os privilégios de DJ fossem meus. Eu tentava explicar minha teoria sobre rever seus “melhores momentos” antes da morte, e estávamos decidindo que momentos seriam. Lindsay escolheu o instante em que descobriu que tinha sido aceita na Duke, é claro, e Ally — que estava reclamando do frio, como sempre, e dizendo que ia morrer de pneumonia ali mesmo — participou da conversa apenas o suficiente para dizer que gostaria de reviver eternamente a primeira vez em que tinha ficado com Matt Wilde, o que não foi surpresa para ninguém. Lindsay e Elody estavam fumando e a chuva gelada entrava pelas janelas abertas. A estrada era estreita e sinuosa, e dos dois lados galhos de árvores escuros e sem folhas balançavam como se dançassem ao vento.

Elody colocou “Splinter”, do Fallacy, para irritar Ally, talvez porque estivesse de saco cheio de tanta reclamação. Era a música de Ally e Matt, que terminara com ela em setembro. Ally chamou Elody de vaca e soltou o cinto, inclinando-se por cima do banco e tentando pegar o iPod. Lindsay reclamou que o cotovelo de alguém estava batendo em seu pescoço. Seu cigarro caiu da boca, bem entre suas coxas. Ela começou a xingar e a tentar espanar as cinzas do estofado. Elody e Ally continuavam brigando e eu tentava falar mais alto que tudo isso, tentando lembrá-las de quando tínhamos feito os anjos de neve na primavera. Os pneus derrapavam um pouco na estrada molhada e o carro estava cheio de fumaça de cigarro, nuvenzinhas que se erguiam no ar como fantasmas.

Então, de repente, um flash branco surgiu na frente do carro. Lindsay gritou alguma coisa que não consegui decifrar, algo como “sai” ou “sabe” ou “saco”, e de repente o carro saiu da estrada e mergulhou na boca negra da floresta. Ouvi um barulho horrível — metal rangendo, vidro sendo estilhaçado, um carro sendo dobrado ao meio — e senti cheiro de fogo. Ainda tive tempo de pensar se Lindsay teria apagado o cigarro.

Então, o rosto de Vicky Hallinan emergiu do passado. Ouvi as risadas ecoando e envolvendo tudo a meu redor, explodindo em um grito.

E depois nada.

A questão é: você não tem como saber. Você não acorda com uma sensação estranha no estômago. Não vê sombras que não existem. Não se lembra de dizer a seus pais que os ama ou — no meu caso — nem mesmo se despede deles.

Se você é como eu, acorda sete minutos e 47 segundos antes do horário em que sua melhor amiga vai passar para buscá-la. Está tão preocupada com a quantidade de rosas que vai ganhar no Dia do Cupido que tudo o que faz é se vestir, escovar os dentes e rezar para ter deixado a maquiagem no fundo da bolsa carteiro, assim vai poder se arrumar no carro.

Se você é como eu, seu último dia começa assim:

— Bi, biiiii — grita Lindsay.

Há algumas semanas minha mãe gritou com ela por buzinar todos os dias às 6h45, e essa foi a solução de Lindsay.

— Já estou indo! — berro de volta, ainda que ela esteja me vendo abrir a porta da frente, tentando vestir o casaco e ao mesmo tempo guardar o fichário na bolsa.

No último segundo, minha irmã de 8 anos, Izzy, me cutuca.

— O quê? — Dou meia-volta.

Ela tem um radar de irmã caçula que dispara quando estou ocupada, atrasada ou ao telefone com meu namorado. Essas são sempre as horas que ela escolhe para me perturbar.

— Você esqueceu suas luvas — ela diz, só que sai: “Você eshhqueceu sssuas luvashh.”

Izzy se recusa a ir à fonoaudióloga para melhorar sua dicção, mesmo com todas as crianças da escola rindo dela. Diz que gosta do jeito como fala.

Pego as luvas da mão dela. São de caxemira, e ela, provavelmente, as sujou de pasta de amendoim. Está sempre mexendo nesses potes.

— O que foi que eu lhe disse, Izzy? — pergunto, cutucando-a no meio da testa. — Não mexa nas minhas coisas. — Ela dá uma risadinha boba e eu tenho de empurrá-la para dentro enquanto fecho a porta.

Se dependesse dela, me seguiria o dia inteiro como um cachorro.

Quando consigo sair de casa, Lindsay está debruçada na janela do Tanque. É assim que chamamos seu carro, um enorme Range Rover prata. (Toda vez que saímos nele pelo menos uma pessoa diz: “Isso não é um carro, é um *caminhão*”, e Lindsay retruca que poderia dar de frente com uma carreta e sair sem nenhum arranhão.) Ally e ela são as únicas de nós que têm carro. O de Ally é um Jetta preto e apertado que batizamos de “Minime”. Eu, às vezes, pego o Accord de minha mãe emprestado, e a coitada da Elody tem que se contentar com o velho Ford Taurus do pai, que hoje em dia mal anda.

O ar está parado, congelante. O céu azul-claro, perfeito. O sol acabou de se levantar, fraco e desbotado, como se tivesse se derramado no horizonte e fosse preguiçoso demais para se ajeitar. A previsão é que mais tarde chova, mas nunca se sabe.

Sento no banco do carona. Lindsay já está fumando e gesticula com a ponta do cigarro para o café da Dunkin' Donuts que comprou para mim.

— *Bagels?* — pergunto.

— Lá atrás.

— Com gergelim?

— Claro. — Ela olha para mim enquanto sai da entrada de carros. — Gostei da saia.

— E eu da sua.

Lindsay inclina a cabeça, agradecendo o elogio. Na verdade estamos com a mesma saia. Só existem dois dias no ano em que Lindsay, Ally, Elody e eu nos vestimos iguais de propósito: o Dia do Pijama, na Semana Espiritual, já que compramos conjuntinhos lindos da Victoria's Secret no último Natal, e o Dia do Cupido. Passamos três horas no shopping discutindo se deveríamos escolher pink ou vermelho — Lindsay detesta pink, Ally só usa essa cor —, e finalmente concordamos em comprar minissaia preta e baby-look vermelha com pelinhos na bainha, que encontramos na banca de liquidação da Nordstrom.

Como disse, essas são as únicas ocasiões em que saímos iguais *de propósito*. Mas a verdade é que onde estudo, o colégio Thomas Jefferson, todo mundo usa mais ou menos o mesmo visual. Não existe uniforme — é uma escola pública —, mas o mesmo modelito com jeans da Seven, tênis New Balance cinza, camiseta branca e casaco colorido da North Face veste nove de cada dez alunos. Sejam meninos ou meninas, as roupas se repetem, exceto por nossos jeans serem mais justos e termos de secar o cabelo todos os dias. Estamos em Connecticut: ser como os outros é o xis da questão.

Isso não quer dizer que a escola não tenha seus esquisitões — tem —, mas mesmo esses são esquisitos de maneira similar. Os nerds ecológicos vão para as aulas de bicicleta, vestem roupas confeccionadas com fibra de maconha e nunca lavam os cabelos — como se ter dreadlocks de algum jeito ajudasse a inibir a emissão de gases que causam o efeito estufa. Os dramáticos carregam enormes garrafas de iced-tea, usam cachecol mesmo no verão e não conversam durante as aulas porque estão “poupando a voz”. Os integrantes do

Clube de Matemática sempre carregam dez vezes mais livros do que qualquer pessoa, usam de fato os armários e andam com expressão permanentemente tensa, como se estivessem esperando que alguém fizesse “Buul!”.

Para dizer a verdade, isso não me incomoda. Às vezes, Lindsay e eu planejamos fugir depois da formatura e ficar em Nova York, no loft de um tatuador que o meio-irmão dela conhece, mas secretamente gosto de morar em Ridgeview. É tranquilizador, entende?

Inclino-me para a frente, tentando aplicar o rímel sem furar o olho. Lindsay nunca foi uma motorista cuidadosa e tem uma tendência a fazer manobras bruscas, frear de repente e em seguida acelerar.

— Acho bom que Patrick me mande uma rosa — diz ela enquanto avança um sinal e quase quebra meu pescoço ao pisar no freio no seguinte.

Patrick é o namorado que vive terminando e voltando com Lindsay. Eles bateram o recorde de rompimentos: 13 vezes desde o início do ano escolar.

— Eu tive que sentar ao lado do Rob enquanto ele preenchia o pedido — digo, revirando os olhos. — Foi como trabalho forçado.

Eu e Rob Cokran namoramos desde outubro, mas sou apaixonada por ele desde o sexto ano, quando ele era descolado demais para falar comigo. Rob foi meu primeiro amor, ou pelo menos meu primeiro *verdadeiro* amor. Uma vez beijei Kent McFuller, no terceiro ano, mas isso, obviamente, não conta, visto que tínhamos acabado de trocar aneizinhos e estávamos fingindo ser marido e mulher.

— Ano passado ganhei 22 rosas. — Lindsay joga a guimba de cigarro pela janela e se inclina para tomar um barulhento gole de café. — Vou chegar a 25 este ano.

Todo ano antes do Dia do Cupido o conselho estudantil arma uma cabine do lado de fora do ginásio. Por dois dólares a unidade você pode comprar Namogramas — rosas com bilhetinhos presos a elas — para seus amigos, que são entregues ao longo do dia por cupidos (geralmente, meninas do primeiro ou do segundo ano tentando fazer média com os caras mais velhos).

— Eu ficaria feliz com 15 — digo.

A quantidade de rosas que você recebe é uma questão importante. Dá para dizer quem é popular ou não pelo número de flores que carrega. É ruim ganhar menos de dez e humilhante não receber mais de cinco. Basicamente, significa que você é feio ou que ninguém o conhece. Ou provavelmente ambos. Às vezes, algumas pessoas catam rosas do chão para juntar a seu buquê,

mas sempre dá para perceber quem fez isso.

— Então — Lindsay me olha de lado —, está animada? O grande dia. Noite de abertura. — Ela ri. — Sem trocadilho.

Dou de ombros e me viro para a janela, observando minha respiração embaçar o vidro.

— Não é nada demais.

Os pais de Rob vão viajar no fim de semana, e há algumas semanas ele me perguntou se eu queria passar a noite toda na casa dele. Eu sabia que o que ele realmente estava perguntando era se eu queria transar. Tínhamos chegado mais ou menos perto algumas vezes, mas sempre tinha sido no BMW do pai dele, no porão de alguém ou na saleta da minha casa, com meus pais dormindo no andar de cima; e sempre parecia errado.

Então, quando ele me convidou para passar a noite, eu disse que sim sem pensar.

Lindsay solta um ganido e bate com a palma da mão no volante.

— Nada demais? Você está brincando? Minha menininha está crescendo...

— Ah, por favor!

Sinto o calor subindo por meu pescoço e sei que minha pele provavelmente está ficando vermelha e manchada. Isso sempre acontece se fico envergonhada. Todos os dermatologistas, cremes e talcos de Connecticut não ajudariam. Quando eu era mais nova, as crianças costumavam brincar: “O que é vermelha e branca e totalmente estranha? Sam Kingston!”

Balanço a cabeça e esfrego o vapor na janela. Lá fora o mundo brilha, como se estivesse envernizado.

— Quando foi que você e Patrick fizeram, afinal? Há três meses?

— É, mas temos tirado o atraso desde então. — Lindsay dança no assento.

— Eca.

— Não se preocupe, garotinha. Você vai ficar bem.

— Não me chame de garotinha. — Esse é um dos motivos de eu estar feliz por ter decidido transar com Rob hoje à noite: Lindsay e Elody vão parar de tirar sarro de mim. Por sorte, como Ally ainda é virgem, isso também significa que não vou ser a última. Às vezes acho que das quatro eu sou sempre a que está sobrando, como se estivesse ali à toa. — Eu disse que não era nada demais.

— Se você está dizendo...

Ela me deixou nervosa, então conto todas as caixas de correio enquanto passamos. Fico imaginando se amanhã as coisas parecerão diferentes. Se vou

parecer diferente para os outros. Espero que sim.

Paramos na casa de Elody, e antes mesmo que Lindsay possa buzinar a porta da frente se abre e ela vem caminhando com cuidado, equilibrando-se no salto sete e meio como se mal pudesse esperar para sair de casa.

— Muito frio lá fora? — pergunta Lindsay quando Elody entra no carro.

Como sempre, ela veste apenas uma jaqueta fina de couro, apesar de a meteorologia ter previsto que a máxima do dia seria em torno de quatro graus.

— De que adianta ser bonita e não poder mostrar? — Elody sacode os peitos e começamos a rir.

É impossível ficar estressada quando ela está por perto, e o nó no meu estômago se desfaz.

Elody gesticula e lhe entrego um café. Todas nós bebemos o mesmo: grande, com avelã, sem açúcar e com creme extra.

— Olhe onde senta. Você vai esmagar os *bagels*. — Lindsay franze o rosto no espelho retrovisor.

— Você bem que queria uma provinha disso. — Elody dá um tapinha na bunda e começamos a rir outra vez.

— Guarde pro Muffin, safadinha.

Steve Dough é a mais nova vítima de Elody. Ela o chama de Muffin porque ele é gostosinho (isso é o que *ela* diz; na minha opinião, é muito gordurento e vive cheirando a maconha). Eles ficam há um mês e meio.

Elody é a mais experiente de nós. Perdeu a virgindade no segundo ano e já transou com dois caras diferentes. Foi ela que me contou que ficou dolorida nas primeiras vezes, o que me deixou dez vezes mais nervosa. Sei que pode parecer loucura, mas nunca tinha pensado nisso como uma coisa física, algo que pudesse me deixar dolorida, como jogar futebol ou andar a cavalo. Tenho medo de não saber o que fazer, como quando jogávamos basquete no ginásio e eu sempre esquecia quem deveria marcar, quando passar a bola ou driblar.

— Humm, Muffin. — Elody passa a mão na barriga. — Estou morrendo de fome.

— Tem um *bagel* para você — digo.

— Com gergelim? — pergunta Elody.

— Claro — Lindsay e eu respondemos ao mesmo tempo.

Lindsay dá uma piscadela para mim.

Logo antes de chegarmos ao colégio abaixamos os vidros das janelas e

aumentamos o som de Mary J. Blige cantando “No More Drama”. Fecho os olhos e penso na festa da escola e no meu primeiro beijo em Rob, quando ele me puxou para perto na pista de dança e de repente meus lábios estavam nos dele, a língua dele deslizava sob a minha, eu podia sentir o calor de todas as luzes coloridas sobre mim como a mão de alguém e a música parecia vibrar em algum ponto atrás das minhas costelas, fazendo meu coração flutuar e perder o compasso. O ar frio que entra pela janela incomoda minha garganta e o som vibra na sola dos meus pés como naquela noite, quando pensei que jamais pudesse ser tão feliz, sobe até minha cabeça e me deixa tonta, como se todo o carro fosse explodir com o som.

POPULARIDADE: UMA ANÁLISE

A popularidade é estranha. Não se pode defini-la de fato, e não é legal falar sobre o assunto, mas você reconhece quando a vê. Como um olho vesgo ou como pornografia.

Lindsay é linda, mas o restante de nós não é muito mais bonito do que ninguém. Eis meus pontos positivos: olhos grandes e verdes, dentes retos e brancos, maçãs do rosto altas e pernas longas. E os negativos: nariz grande demais, pele que fica manchada quando fico nervosa, bumbum reto.

Becky DiFiore é tão bonita quanto Lindsay, e acho que nem ao menos arranjou um par para a festa da escola. Os peitos de Ally são bem grandes, mas os meus são quase inexistentes (quando Lindsay está de mau humor, ela me chama de Samuel, em vez de Sam ou Samantha). E não é como se fôssemos perfeitas ou tivéssemos hálito de lírios ou coisa parecida. Lindsay certa vez fez um campeonato de arroteio com Jonah Sasnoff no refeitório e todos a aplaudiram. Às vezes Elody usa chinelos amarelos e felpudos para ir ao colégio. Uma vez ri tanto na aula de estudos sociais que cuspi café com leite sabor baunilha por toda a mesa de Jake Somers. Um mês depois a gente deu uns amassos no galpão de ferramentas da casa de Lily Angler. (Ele não era bom.) A questão é: nós podemos fazer coisas desse tipo. Sabe por quê? Porque somos populares. E somos populares porque podemos sair ilesas de tudo. Então é um círculo vicioso.

Acho que o que estou tentando dizer é que não adianta analisar. Se você desenhar um círculo, sempre haverá um lado de dentro e um lado de fora e, a

não ser que você seja completamente idiota, é bem fácil perceber qual é qual. É simplesmente assim que funciona.

Mas não vou mentir. Gosto que tudo seja tão fácil para nós. É uma sensação boa saber que você pode fazer o que quiser e que não haverá nenhuma consequência. Quando sairmos do colégio, vamos olhar para trás e saber que fizemos tudo certo, que beijamos os caras mais bonitos, fomos às melhores festas, fizemos bastante besteira, ouvimos música alto demais, fumamos cigarros demais, bebemos demais, rimos demais e ouvimos de menos, se é que ouvimos alguma coisa. Se o colégio fosse um jogo de pôquer, Lindsay, Ally, Elody e eu estaríamos com oitenta por cento das cartas.

E acredite em mim: eu *sei* como é estar do outro lado. Estive lá durante a primeira metade da minha vida. O fundo do fundo do poço, mais embaixo que qualquer coisa. Sei o que é ter de lutar por migalhas.

Agora sou a primeira a escolher tudo. E daí? É assim mesmo.

Ninguém nunca disse que a vida era justa.

*

Entramos no estacionamento exatamente dez minutos antes do primeiro sinal. Lindsay vai para a parte mais baixa, onde ficam as vagas do corpo docente, dispersando um grupo de meninas do segundo ano. Vejo vestidos de renda vermelha e branca por baixo dos casacos e uma das meninas usava uma tiara. Cupidos, definitivamente.

— Vamos, vamos, vamos — murmura Lindsay, enquanto contornamos por trás do ginásio.

Essa é a única fileira desse setor do estacionamento que não é reservada aos professores. Chamamos de Alameda dos Formandos, apesar de Lindsay já parar aqui desde o segundo ano. É o estacionamento VIP do Thomas Jefferson, e, se você perde uma vaga — são apenas vinte —, tem de parar no estacionamento de cima, que fica a 354 metros da entrada principal. Verificamos uma vez, e agora sempre que falamos a respeito temos que usar a distância exata, do tipo: “Você quer mesmo andar 354 metros nessa chuva?”

Lindsay dá um gritinho quando vê uma vaga disponível, e gira o volante para a esquerda. Ao mesmo tempo, Sarah Grundel está vindo pelo outro lado

com seu Chevrolet marrom, mirando a mesma vaga.

— Ah, de *jeito* nenhum. Nem pensar!

Lindsay enfia a mão na buzina, apesar de estar óbvio que Sarah chegou antes de nós, e pisa fundo no acelerador. Elody solta um grito agudo quando cai café quente na blusa dela. A borracha dos pneus canta e Sarah Grundel pisa no freio pouco antes de o Range Rover de Lindsay arrancar seu para-choque.

— Beleza. — Lindsay entra na vaga e para o carro. Em seguida abre a porta e se inclina para fora. — Desculpe, querida! — grita para Sarah. — Não vi você aí. — Isso obviamente é mentira.

— Ótimo. — Elody está limpando o café com um guardanapo amassado da Dunkin' Donuts. — Agora vou passar o dia inteiro com os peitos cheirando a avelã.

— Homens gostam de cheiro de comida — digo. — Eu li na *Glamour*.

— Enfie um *cookie* na calça e o Muffin provavelmente vai agarrar você antes da primeira aula.

Lindsay mexe no retrovisor para dar uma olhada no próprio rosto.

— Talvez você devesse tentar com Rob, Sammy. — Elody joga o guardanapo sujo de café em mim, eu o pego e jogo de volta.

— O quê? — Ela está rindo. — Você não pensou que eu fosse esquecer sua grande noite, pensou?

Ela remexe na bolsa e a próxima coisa a voar na minha direção é um preservativo amassado com pedacinhos de fumo presos na embalagem. Lindsay começa a rir.

— Suas hedonistas! — eu digo, pegando o preservativo com a ponta de dois dedos e colocando-o no porta-luvas de Lindsay.

Só de tocar na camisinha fico nervosa outra vez, e sinto algo se retorcendo em meu estômago. Nunca entendi por que os preservativos são embalados com aqueles papéis laminados. Parecem muito clínicos, como algo que o médico receitaria para alergias ou problemas intestinais.

— Sem proteção, sem sexo — diz Elody, debruçando-se no banco para me dar um beijo na bochecha, que fica com um grande círculo de gloss cor-de-rosa.

— Vamos. — Saio do carro antes que alguém possa notar que estou corando.

O Sr. Shaw, diretor de atletismo, está do lado de fora do ginásio quando

saltamos do carro, provavelmente olhando nosso bumbum. Elody acha que ele insistiu em ter o escritório ao lado do vestiário das meninas por que instalou ali uma câmera escondida que transmite diretamente para o computador dele. Por qual outro motivo ele *precisaria* de um computador? Ele é o diretor de *atletismo*. Agora, toda vez que uso aquele banheiro, fico paranoica.

— Andem logo, meninas — diz ele, que é também treinador de futebol, o que não deixa de ser irônico, considerando que provavelmente não aguentaria correr até a máquina de lanches e voltar. Ele parece uma morsa. Tem até bigode. — Não quero ter que anotar um atraso.

— Não quero ter que espancá-lo — imito a voz dele, que é estranhamente aguda, outro motivo para Elody acreditar que ele possa ser um pedófilo.

Elody e Lindsay começam a rir.

— Dois minutos para bater o sinal — diz Shaw, em tom mais severo.

Talvez tenha me ouvido. Mas não me importo mesmo.

— Feliz sexta-feira... — resmunga Lindsay, e me dá o braço.

Elody pegou o celular e está conferindo seus dentes na parte de trás do aparelho, espelhada. Ela limpa as sementes de gergelim com a unha do dedo mindinho.

— Que saco — diz, sem levantar os olhos.

— Totalmente — digo. As sextas-feiras são os dias mais difíceis: você está tão perto da liberdade... — Pode me matar agora.

— De jeito nenhum. — Lindsay aperta meu braço. — Não posso deixar minha melhor amiga morrer virgem.

Bem, nós não sabíamos.

Nas duas primeiras aulas — artes e HAA (história americana avançada: história sempre foi minha melhor matéria) — só ganho cinco rosas. Não me estresso com isso, apesar de ter me irritado um pouco o fato de Eileen Cho ter ganhado *quatro* flores do namorado, Ian Dowel. Nem me ocorreu pedir a Rob que fizesse isso, e, de certa maneira, não acho justo. Faz com que as pessoas pensem que você tem mais amigos do que na realidade.

Assim que chego à aula de química, o Sr. Tierney anuncia um prova surpresa. O que é um problema grave considerando que (1) há quatro semanas não entendo uma palavra do dever de casa (tudo bem, depois da primeira semana parei de tentar) e (2) o Sr. Tierney vive ameaçando telefonar para comitês de admissão de faculdades denunciando notas baixas, visto que muitos de nós ainda não fomos aceitos em nenhuma universidade. Não sei bem se ele

faria isso ou se só quer manter os formandos na linha, mas por nada vou permitir que um professor fascista arruíne minhas chances de entrar na BU.

Para piorar, estou sentada ao lado de Lauren Lornet, possivelmente a única pessoa da turma que sabe menos do que eu essa matéria.

Na verdade, minhas notas em química estão bastante boas este ano, mas isso não se deve a eu ter tido alguma epifania repentina sobre a interação entre prótons e elétrons. Minha média A-pode ser resumida em duas palavras: Jeremy Ball. Ele é mais magro do que eu e está sempre com hálito de cereal de flocos de milho, mas me deixa copiar seu dever de casa e aproxima a carteira da minha em dias de prova, para eu poder colar as respostas sem que fique muito óbvio. Infelizmente, porque dei um tempo antes da aula de Tierney para ir ao banheiro e encontrar com Ally — sempre nos encontramos antes da quarta aula, pois ela tem biologia na mesma hora que tenho química —, cheguei atrasada demais para garantir meu lugar de sempre ao lado de Jeremy.

A prova de Tierney tem três perguntas, e não sei o suficiente para enrolar em nenhuma. A meu lado, Lauren está curvada sobre o papel, a língua entre os dentes. Ela sempre faz isso quando está pensando. A primeira resposta dela parece boa, para falar a verdade: ela tem respostas claras e ponderadas, e não rabiscos frenéticos como os que a pessoa faz quando não sabe do que está falando, na esperança de que se enrolar o suficiente o professor não vá notar (a propósito: nunca dá certo). Em seguida, me lembro de que o Sr. Tierney passou um sermão em Lauren sobre a necessidade de melhorar as notas na semana passada. Talvez ela estivesse estudando muito.

Espio por cima do ombro de Lauren e copio duas das respostas — sou boa em ser sutil — quando o Sr. Tierney avisa: — Trêêêêês minutos.

Ele diz de forma dramática, como se estivesse dublando um filme, e a gordura sob seu queixo treme.

Parece que Lauren acabou de reler a prova, mas ela está curvada, e não consigo ver a resposta. Observo o ponteiro dos segundos passear pelo relógio.

— Dois minuuuuutos e trrrrrrinta segundosssss — exclama Tierney, e me inclino e cutuco Lauren com a caneta.

Ela levanta o olhar, atônita. Acho que faz anos que não falo com ela, e por um instante vejo em seu rosto um olhar que não consigo identificar.

Caneta, faço com a boca.

Ela parece confusa e olha para Tierney, que, por sorte, está curvado sobre o

livro-texto.

— O quê? — ela sussurra.

Faço alguns gestos com a caneta, tentando mostrar que a minha está sem tinta. Ela fica me encarando com um olhar confuso, e por um segundo sinto vontade de esticar os braços e sacudi-la.

“Dooooooooois minutos.”

A expressão de Lauren finalmente mostra que ela entendeu, e ela sorri como se tivesse acabado de descobrir a cura para o câncer. Não quero parecer intolerante, mas é um verdadeiro desperdício a pessoa ser nerd *e* lenta. De que adianta, se você nem ao menos consegue tocar Beethoven, ganhar o estadual de soletração, passar para Harvard ou coisa do tipo?

Enquanto Lauren está inclinada procurando uma caneta na mochila, copio a última resposta. Depois até me esqueço do que tinha pedido, e ela tem que sussurrar para chamar minha atenção.

“Triiiinta segundos.”

— Aqui.

Pego a caneta. Uma das pontas está mordida: eca. Dou um meio sorriso e desvio o olhar, mas um segundo depois ela sussurra: — Está funcionando?

Olho de volta de modo a deixar claro que ela está sendo irritante, mas acho que ela interpretou como um sinal de que eu não estava entendendo.

— A caneta. Está funcionando? — ela sussurra um pouco mais alto.

É nesta hora que Tierney bate com o livro na mesa. O barulho é tão alto que todo mundo pula.

— Srta. Lornet — ele grita, olhando fixamente para Lauren. — Você está *conversando* durante minha *prova*?

Ela fica completamente vermelha, olha para mim e para o professor, passando a língua pelos lábios. Não digo nada.

— Eu só estava... — ela diz com a voz fraca.

— Basta — ele se levanta, franzindo o rosto com tanta força que parece que a boca vai emendar com o pescoço, e cruza os braços. Acho que vai dizer mais alguma coisa a Lauren, pois está lançando um olhar mortal para ela, mas, em vez disso, ele simplesmente fala: — Acabou o tempo, pessoal. Larguem os lápis e as canetas.

Vou devolver a caneta de Lauren, mas ela não aceita.

— Pode ficar.

— Não, obrigada.

Seguro a caneta entre dois dedos e me inclino para a frente, balançando-a por cima da carteira dela, mas ela leva as mãos às costas.

— SÉRIO — diz —, você vai precisar de uma caneta. Para anotar as aulas e tal...

Ela me olha como se estivesse oferecendo uma coisa milagrosa, e não uma Bic babada. Não sei se é a expressão dela ou o quê, mas de repente me lembro de um passeio da escola que fizemos no segundo ano do fundamental e nós duas fomos as únicas a sobrar depois que todos tinham escolhido seus parceiros. Tivemos de dar as mãos, até o fim do dia, toda vez que atravessávamos a rua, e a mão dela estava sempre suada. Fiquei imaginando se ela lembrava. Esperava que não.

Dou um sorriso tenso e coloco a caneta na bolsa. E ela sorri de uma orelha à outra. Vou jogá-la fora assim que a aula acabar, é claro; nunca se sabe quantas doenças são transmitidas pela saliva.

Lado bom: minha mãe sempre diz que é preciso fazer pelo menos uma boa ação por dia. Então imagino que essa tenha sido a minha.

AULA DE MATEMÁTICA: MAIS LIÇÕES DE QUÍMICA

Meu quarto tempo é de “habilidades de vida”, que é como chamam educação física quando você tem idade suficiente para ficar ofendido com atividades físicas forçadas (Elody acha que deveria se chamar escravidão, para ser mais preciso). Estamos estudando ressuscitação cardiopulmonar, o que significa que beijamos a boca de bonecos tamanho família na frente do Sr. Shaw. Mais provas de que ele é um pervertido.

No quinto tempo tenho cálculo, e os cupidos chegam cedo, logo após o início da aula. Uma das meninas está com um *body* vermelho brilhante e chifres de diabinho; outra parece estar vestida de coelhinha da *Playboy* ou, talvez, de coelhinho da Páscoa de salto alto; outra está com roupa de anjo. As fantasias não fazem muito sentido no contexto da comemoração, mas, como eu disse, o objetivo é se mostrar para os meninos do terceiro e do quarto anos. Não as culpo. Nós fizemos a mesma coisa. No primeiro ano, Ally e Mike Harmon, que na época era formando, namoraram por dois meses depois que ela lhe entregou um Namograma e ele lhe disse que seu bumbum ficava

bonito no *body*. Uma verdadeira história de amor.

A diabinha me entrega três flores — uma de Elody, uma de Tara Flute, que é mais ou menos do nosso grupo, mas nem tanto, e uma de Rob. Faço questão de desdobrar o cartãozinho enrolado no caule da rosa e de agir como se estivesse muito comovida enquanto leio o bilhete, apesar de só estar escrito: *Feliz Dia do Cupido. Com amor*. E depois, em letras menores perto da borda: *Feliz agora?*

“Com amor” não é exatamente “Eu te amo” — algo que nunca dissemos —, mas já é alguma coisa. Tenho certeza de que ele está guardando a declaração oficial para a noite. Na semana passada, já era tarde, estávamos sentados no sofá dele, ele estava me encarando e tive certeza — *certeza* — de que ia falar, mas em vez disso, simplesmente disse que de um certo ângulo eu me parecia com a Scarlett Johansson.

Pelo menos meu bilhete é melhor do que o que Ally recebeu de Matt Wilde no ano passado: *A rosa é vermelha, a violeta é azul, se eu levá-la para a cama, a gente acorda nu*. Ele estava brincando, óbvio, mas mesmo assim. *Azul e nu* nem sequer rimam.

Achava que aqueles seriam todos os meus Namogramas, mas em seguida a anjinha vem até minha mesa e me entrega mais um. As rosas têm cores variadas, e essa é particularmente linda: com pétalas rosadas e creme, como se fosse feita de sorvete.

— É linda — suspira ela.

Levanto o olhar. A anja está ali parada, olhando fixamente para a rosa sobre minha carteira. É bem surpreendente quando alguém mais novo tem coragem de falar com um aluno do último ano, e por um segundo isso me irrita um pouquinho. Ela também não parece um cupido qualquer. Tem cabelos louros muito claros, quase brancos, e é possível enxergar suas veias sob a pele pálida. Ela me lembra alguém, mas não sei quem.

A garota percebe que estou olhando e me lança um sorriso rápido e envergonhado. Fico satisfeita em ver um pouco de cor enrubescendo seu rosto — isso ao menos a faz parecer viva.

“Marian!”

A anja se vira quando a diabinha chama. A diabinha faz um gesto impaciente com as rosas que ainda está carregando e ela — Marian, suponho — rapidamente se junta aos outros cupidos. As três saem.

Passo o dedo pelas pétalas da rosa — são delicadas como o ar, como um

suspiro — e imediatamente me sinto uma tola. Abro o bilhete, esperando algo de Ally ou de Lindsay (os dela sempre dizem: *Morro de amores por você, cachorra*), mas em vez disso vejo um desenho de um cupido gorducho, acidentalmente flechando um pássaro em uma árvore. A ave é uma águia-calva, e parece prestes a cair bem em cima do casal sentado em um banco — o alvo original do cupido, presumivelmente. Os olhos do anjo são espirais, e ele está com um sorriso idiota.

Abaixo do desenho lê-se: *Se beber, não ame*.

É, obviamente, de Kent McFuller — ele faz tirinhas para o *The Tribulation*, o jornal de humor da escola —, e levanto o olhar na direção dele, que sempre senta no canto esquerdo no fundo da sala. Isso é uma das coisas estranhas a seu respeito, mas não a única. Evidentemente, ele está me olhando. Dá um sorriso rápido e acena, e em seguida gesticula como se estivesse armando uma flecha em um arco e atirando-a em mim. Faço questão de fazer cara feia, pegar o bilhete, dobrá-lo rapidamente e jogá-lo no fundo da bolsa. Mas ele não parece se importar. É como se eu pudesse *sentir* o sorriso dele ardendo em mim.

O Sr. Daimler caminha entre as fileiras, recolhendo os deveres de casa, e para ao lado da minha carteira. Preciso admitir: ele é a razão pela qual fiquei tão animada por ganhar quatro Namogramas na aula de cálculo. Daimler tem 25 anos e é maravilhoso. É auxiliar técnico do time de futebol, e é engraçado vê-lo ao lado de Shaw. Fisicamente, eles são o oposto um do outro. O Sr. Daimler tem mais de 1,80m, está sempre bronzeado e se veste como nós, com calça jeans, casaco e tênis New Balance. Ele se formou no Thomas Jefferson. Uma vez o procuramos nos antigos anuários, na biblioteca. Ele foi rei da festa de formatura e em uma das fotos está de smoking, sorrindo, o braço ao redor de seu par. Dá para ver um colar de maconha aparecendo no colarinho da camisa. Adoro aquela foto. Mas sabe o que adoro ainda mais? Ele *ainda* usa aquele colar.

É absolutamente irônico que o cara mais gato do Thomas Jefferson seja do corpo docente.

Como sempre, quando ele sorri meu estômago dá um pequeno salto. Ele passa a mão nos cabelos castanhos e bagunçados e eu fantasio fazer a mesma coisa.

— Nove rosas, já? — Ele ergue as sobrancelhas, olha o relógio espalhafatosamente. — São só 11h15. Muito bem.

— O que posso dizer? — Falo no tom mais suave e charmoso possível. —

As pessoas me adoram.

— Dá para notar — ele diz, e dá uma piscadela para mim.

Deixo que ele caminhe um pouco mais pela fileira e digo em voz alta: — Ainda não recebi uma rosa sua, Sr. Daimler.

Ele não se vira, mas consigo ver a ponta de suas orelhas ficando vermelhas. Risos e gargalhadas ecoam pela sala de aula. Sinto aquela agitação que dá quando você faz alguma coisa errada e sai ileso, como roubar coisas da cantina da escola ou ficar de pilequinho em um evento familiar sem que ninguém perceba.

Lindsay diz que o Sr. Daimler vai me processar por assédio algum dia. Duvido. Acho que, no fundo, ele gosta.

Comprovação: quando ele vira para ficar de frente para a turma, está sorrindo.

— Após revisar os resultados dos testes da semana passada, percebi que ainda há muita confusão em relação a assíntotas e limites... — começa ele, encostando-se na mesa e cruzando os pés.

Nenhuma outra pessoa conseguiria tornar cálculo uma matéria interessante, não tenho dúvida.

Durante o resto da aula ele mal olha para mim. Só quando levanto a mão. Mas juro que quando nossos olhares se cruzam meu corpo inteiro parece tremer. E juro que ele sente a mesma coisa.

*

Depois da aula, Kent me alcança.

— Então? — ele diz. — O que achou?

— Sobre o quê? — digo para irritá-lo.

Sei que ele está falando do desenho e da rosa. Kent simplesmente sorri e muda de assunto.

— Meus pais estão viajando neste fim de semana.

— Bom para você.

O sorriso dele não desaparece.

— Vou dar uma festa hoje à noite. Você vem?

Olho para ele. Nunca entendi Kent. Ou, pelo menos, há anos não o

entendo. Éramos muito próximos quando pequenos — tecnicamente, acho que ele era meu melhor amigo, e foi nele o meu primeiro beijo —, mas assim que chegamos ao ensino fundamental, ele começou a ficar cada vez mais estranho. Desde o primeiro ano, usa sempre blazer para ir à escola, mesmo que a maioria já esteja com as costuras esgarçadas e os cotovelos puídos. Usa todos os dias o mesmo tênis xadrez preto e branco surrado, e seus cabelos estão tão compridos que parecem cortinas, e caem nos olhos a cada cinco segundos. Mas o problema maior é o seguinte: ele usa chapéu-coco. Para ir ao colégio.

A pior parte é que ele poderia ser bonitinho. Tem rosto e corpo para isso. E tem um pequeno sinal em forma de coração embaixo do olho esquerdo. Sério. Mas precisa estragar tudo sendo totalmente esquisito.

— Ainda não sei quais são meus planos — digo. — Se todo mundo for para lá... — Deixo a voz sumir para que ele fique sabendo que só vou aparecer se não tiver nada melhor para fazer.

— Vai ser ótimo — ele diz, ainda sorrindo.

Outro fato irritante sobre Kent: ele age como se o mundo fosse um presente grande e reluzente que ele tem a oportunidade de abrir a cada manhã.

— Vamos ver — digo.

No fim do corredor, vejo Rob entrando no refeitório e começo a andar mais rápido, torcendo para que Kent entenda a mensagem e recue. É um pensamento bastante otimista de minha parte. Kent é apaixonado por mim há anos. Possivelmente desde aquele beijo.

Ele para de andar, talvez esperando que eu me detenha também. Mas não paro. Por um segundo me sinto mal, como se tivesse sido dura demais, mas em seguida a voz dele ecoa atrás de mim, e só pelo som posso perceber que ele *continua* sorrindo.

— Vejo você hoje à noite — ele diz.

Ouçó o barulho dos calçados dele no piso de linóleo e percebo que deu meia-volta e está caminhando. Ele começa a assobiar. O som chega até mim bem fraco. Demoro um pouco para reconhecer a música.

The sun'll come out tomorrow, bet your bottom dollar that tomorrow there'll be sun. Do musical *Annie*. Minha música favorita... quando eu tinha 7 anos.

Sei que mais ninguém no corredor vai entender, mas fico envergonhada assim mesmo, e sinto o calor subindo por meu pescoço. Ele sempre faz coisas desse tipo: age como se me conhecesse melhor que ninguém só porque

brincávamos na mesma caixa de areia há cem anos. Age como se tudo o que aconteceu nos últimos dez anos não tivesse mudado isso em nada, apesar de ter mudado *tudo*.

Meu telefone está vibrando no bolso de trás, e antes de entrar para almoçar abro para ver. Tenho uma nova mensagem de Lindsay.

Festa @Kent hj. Topa?

Paro por um instante e respiro fundo antes de responder.

Obv.

*

Há três coisas aceitáveis para se comer na cantina do Thomas Jefferson: 1- *Bagel*, puro ou com *cream cheese*.

2-Batatas fritas.

3-Sanduíche na bancada *self-service*.

a) Mas só com peru, presunto ou peito de frango. Salame e mortadela são, obviamente, proibidos, e o rosbife é duvidoso. O que é péssimo, pois rosbife é meu favorito.

Rob está próximo à caixa registradora com um grupo de amigos. Ele segura uma bandeja enorme de batatas fritas. É o que come todos os dias. Nossos olhares se cruzam e ele acena com a cabeça. (Ele não é o tipo de garoto que lida bem com sentimentos — nem com os dele, nem com os meus. Daí o “Com amor” que colocou no bilhete.) É estranho. Antes de começarmos a namorar eu já gostava tanto dele, havia tanto tempo, que sempre que ele olhava na minha direção eu sentia um formigamento e um frio na barriga tão fortes que ficava zozza. Sem mentira: às vezes ficava zozza a ponto de ter de sentar.

Mas agora que somos oficialmente um casal, algumas vezes penso coisas bem esquisitas ao olhar para ele, do tipo: Como tantas batatas fritas não entopem suas artérias? Ele passa fio dental? Há quanto tempo não lava o boné dos Yankees que usa quase todos os dias? Às vezes fico com medo de que tenha algo errado comigo. Quem *não* iria querer sair com Rob Cokran?

Não que eu não seja completamente feliz — eu sou —, mas às vezes parece que preciso ficar me concentrando em por que comecei a gostar dele,

ou do contrário vou esquecer os motivos. Por sorte, tenho milhões de bons motivos: ele tem cabelos negros e um bilhão de sardas, que, de algum jeito, nele não ficam feias; ele fala alto demais, mas de um jeito engraçado; todos o conhecem e gostam dele, e provavelmente metade das garotas da escola são apaixonadas por ele; ele fica lindo com o uniforme de lacrosse, e quando está muito cansado deita a cabeça no meu ombro e dorme. Isso é o que mais gosto nele. Gosto de deitar a seu lado quando está tarde, escuro e tão silencioso que ouço as batidas do meu coração. É em momentos como esse que tenho certeza de que estou amando.

Mas eu o ignoro quando entro na fila para pagar meu pão — também sei bancar a difícil —, em seguida vou para o canto dos formandos. O espaço do refeitório é um retângulo. Os alunos com necessidades especiais sentam no canto, na mesa mais próxima às salas de aula. Em seguida vêm as mesas dos calouros, depois as do segundo ano e as do terceiro. O pessoal do último ano fica na extremidade, que é um octógono com janelas em todas as paredes. Tudo bem, só tem vista para o estacionamento, mas ainda é melhor do que ficar olhando para o pessoal que vem no ônibus escolar e baba molho de maçã. Sem ofensa.

Ally já está sentada a uma mesinha circular perto da janela: nossa favorita.

— Oi. — Pouso minha bandeja e minhas rosas.

O buquê de Ally está sobre a mesa e conto rapidamente.

— Nove rosas. — Aponto para o buquê dela e balanço o meu. — Igual a mim.

Ela faz uma careta.

— Uma das minhas não conta. Foi Ethan Shlosky que mandou. Você consegue acreditar nisso? Ele me persegue.

— Bem, eu ganhei uma de Kent McFuller, então também não conta.

— Ele *aaaama* você — ela diz, arrastando o *a*. — Recebeu a mensagem de Lindsay?

Pego o miolo do *bagel* e ponho na boca.

— A gente vai mesmo a essa festa?

Ally dá uma gargalhada.

— Está com medo de que ele a ataque?

— Muito engraçada.

— Vai ter um barril de cerveja — diz Ally, e dá uma mordidinha no sanduíche de peru. — Minha casa depois da aula, ok?

Ela nem precisava perguntar. É nossa tradição das sextas-feiras. Pedimos comida, atacamos o closet dela, ouvimos música alta e dançamos trocando nossas sombras e gloss.

— Sim, claro.

Estava observando pelo canto do olho enquanto Rob se aproximava, e então ele chega, coloca uma cadeira ao meu lado e se inclina até que sua boca toque minha orelha esquerda. Usa colônia Total. Como sempre. Acho o aroma um pouco parecido com o de um chá que minha avó costumava tomar — erva-cidreira —, mas ainda não disse isso a ele.

— Ei, Slammer. — Ele vive inventando nomes para mim: Slammer, Samwich, Sammy Says. — Recebeu meu Namograma?

— Você recebeu o meu? — pergunto.

Ele tira a mochila do ombro e abre o zíper. Tem meia dúzia de rosas amassadas no fundo — presumo que uma delas seja minha — e, além disso, um maço de cigarros vazio, um pacote de Trident, o celular e uma camisa limpa. Estudar não é muito a dele.

— De quem são as outras rosas? — pergunto, provocando-o.

— Da concorrência — ele devolve, erguendo as sobrancelhas.

— Quanta classe... — diz Ally. — Você vai à festa do Kent hoje, Rob?

— Provavelmente. — Rob dá de ombros e de repente parece entediado.

Eis um segredo: certa vez, quando estávamos nos beijando, abri os olhos e vi que os *dele* estavam abertos. E ele nem estava olhando para mim. Observava a sala, por cima do meu ombro.

— Vai ter um barril de cerveja. — Ally destaca pela segunda vez.

Todo mundo brinca dizendo que estudar no Jefferson é uma preparação para a experiência completa da faculdade: você aprende a trabalhar e a beber. Há dois anos o jornal *The New York Times* nos colocou entre as dez escolas públicas onde mais se bebe em Connecticut.

Mas não temos muito mais o que fazer por aqui. Temos shoppings e festas em porões. E só. Sejamos honestos: a *maior parte* do país é assim. Meu pai sempre diz que deveriam derrubar a Estátua da Liberdade e erguer ali um grande shopping ou os arcos dourados do McDonald's. Assim, pelo menos, as pessoas saberiam o que esperar de nós.

— Hã-hã. *Com licença.*

Lindsay está atrás de Rob, pigarreando. Está de braços cruzados e batendo o pé.

— Você está no meu lugar, Cokran — diz.

Ela só está fingindo ser durona. Os dois sempre foram amigos. Ao menos sempre andaram com o mesmo grupo, então sempre tiveram de ser amigos.

— Peço desculpas, Edgecombe. — Ele se levanta e faz uma reverência quando ela senta.

— Nós nos vemos à noite, Rob — diz Ally, e acrescenta: — Leve seus amigos.

— Até mais tarde. — Rob se inclina e afunda o rosto no meu cabelo, falando baixo, a voz grave. Essa voz costumava incendiar todas as terminações nervosas do meu corpo, como uma explosão de fogos de artifício. Agora, às vezes acho brega. — Não se esqueça. Hoje à noite seremos você e eu.

— Não esqueci — digo, torcendo para soar sexy, e não assustada.

Estou com a palma das mãos suada, e rezo para que ele não tente segurá-las.

Por sorte, ele nem tenta. Em vez disso, abaixa-se e coloca a boca na minha. A gente se beija um pouco até que Lindsay resmunga: — Não enquanto eu como... — E joga uma batata frita na minha direção, que acerta meu ombro.

— Tchau, meninas — Rob diz, e sai com o boné inclinado.

Limpo a boca com um guardanapo quando ninguém está me olhando, já que a parte inferior do meu rosto está coberta de saliva dele.

Eis outro segredo sobre Rob: *detesto* o jeito como ele beija.

Elody diz que todo o meu estresse não passa de insegurança por eu e Rob ainda não termos consumado as coisas. Quando isso acontecer, ela tem certeza de que vou me sentir melhor, e deve ter razão. Afinal de contas, Elody é especialista.

Ela é a última a se juntar a nós para o almoço, e pegamos das suas batatas assim que coloca a bandeja na mesa. Ela tenta sem muito esforço afastar nossas mãos. E joga o buquê de rosas sobre a mesa. São doze, e por um instante sinto uma pontinha de inveja.

Acho que Ally também, pois ela logo pergunta: — O que você teve que fazer para ganhar isso?

— *Com quem* você teve que fazer? — corrige Lindsay.

Elody nos dá a língua, mas parece satisfeita por termos notado.

De repente, Ally olha por cima do meu ombro e começa a dar risadinhas.

— *Psycho killer, qu'est-ce que c'est?*

Todas nós viramos. Juliet Sykes, ou “a Psicótica”, acaba de flutuar para a

área do último ano. É assim que ela anda: como se estivesse flutuando, soprada por forças além de seu controle. Carrega uma sacola de papel marrom nos dedos longos e pálidos. Seu rosto está protegido atrás de uma cortina de cabelo louro bem claro, os ombros, curvados.

Em geral, todos no refeitório a ignoram — ela é a definição de “ignorável” —, mas Lindsay, Ally, Elody e eu começamos a imitar a trilha sonora e o movimento de esfaquear de *Psicose*, de Alfred Hitchcock, a que assistimos juntas há alguns anos (e depois tivemos que dormir com as luzes acesas).

Não tenho certeza se Juliet nos ouve. Lindsay sempre diz que ela não ouve nada, pois as vozes em sua cabeça são altas demais. Juliet cruza o espaço naquele mesmo passo vagaroso e chega finalmente à porta que dá para o estacionamento. Não sei ao certo onde ela come todos os dias. Quase não a vejo no refeitório.

Ela precisa empurrar a porta com o ombro algumas vezes até conseguir abri-la, como se fosse frágil demais para dar conta do peso.

— Será que ela recebeu nosso Namograma? — pergunta Lindsay, lambendo o sal de uma batata antes de colocá-la na boca.

Ally faz que sim com a cabeça.

— Na aula de biologia. Eu estava sentada atrás dela.

— E disse alguma coisa?

— Ela *alguma vez* diz alguma coisa? — Ally põe a mão no coração, fingindo estar chateada. — Jogou a rosa fora assim que a aula acabou. Vocês conseguem acreditar? Bem na minha frente.

No primeiro ano, Lindsay, de algum modo, descobriu que Juliet não tinha recebido nenhum Namograma. Nem um. Então colocou um bilhete em uma das próprias flores e a colou com fita adesiva no armário de Juliet. O bilhete dizia: *Talvez no ano que vem, mas, provavelmente... não.*

Normalmente eu me sentiria mal por isso, mas Juliet merece o apelido que tem. Ela é estranha. Reza a lenda que certa vez foi encontrada pelos pais na Route 84, nua em pelo, às três da manhã, montada na amureta que divide a estrada. No ano passado, Lacey Kennedy disse que viu Juliet no banheiro próximo à ala de ciências passando a mão no cabelo sem parar e olhando fixamente o próprio reflexo. E Juliet nunca diz uma palavra. Há anos não fala, até onde sei.

Lindsay a odeia. Acho que elas foram da mesma turma em algumas aulas no ensino fundamental, e pelo que vi Lindsay a detesta desde então. Ela faz o

sinal da cruz sempre que Juliet está por perto, como se a garota fosse se transformar em vampiro e voar em sua garganta.

Foi Lindsay que descobriu que Juliet fez xixi no saco de dormir no acampamento de escotismo, no quinto ano, e que a apelidou de Amarelo Marmelo. As pessoas passaram séculos chamando-a por esse apelido — até o fim do primeiro ano do ensino médio —, e se afastavam dizendo que ela tinha cheiro de urina.

Olho pela janela e vejo o cabelo de Juliet refletir à luz do sol como se estivesse pegando fogo. O horizonte é um borrão escuro onde a tempestade está se formando. Ocorre-me, pela primeira vez, que não tenho certeza do motivo de Lindsay ter passado a odiá-la, ou de quando foi isso. Abro a boca para perguntar, mas as meninas já mudaram de assunto.

— ...briga de mulher — conclui Elody, e Ally ri.

— Estou morrendo de medo — Lindsay diz com sarcasmo.

Claramente, perdi alguma coisa.

— O que está acontecendo? — pergunto.

Elody vira para mim.

— Sarah Grundel está espalhando por aí que Lindsay arruinou a vida dela.

— Tenho de esperar enquanto Elody coloca uma batata na boca. — Não vai poder nadar nas quartas de final. E você sabe que ela vive para aquela porcaria. Lembra quando se esqueceu de tirar os óculos de natação depois do treino pela manhã e ficou usando aquilo até o segundo tempo de aula?

— Ela provavelmente põe todas as medalhas em uma parede no quarto — diz Ally.

— Sam fazia isso. Não fazia, Sam? Todas aquelas medalhas de brincar com cavalinhos. — Lindsay me cutuca com o cotovelo.

— Podemos voltar ao assunto? — Balanço as mãos, em parte porque quero ouvir a história, em parte para desviar a atenção de mim e do fato de que já fui patética. Quando era do quinto ano, passava mais tempo com cavalos do que com criaturas da minha espécie. — Ainda não entendi por que Sarah está com raiva de Lindsay.

Elody revira os olhos, como se eu devesse estar na mesa dos alunos com necessidades especiais.

— Sarah recebeu uma advertência; chegou atrasada para a primeira aula, pela quinta vez em duas semanas... — Continuo sem entender, e ela suspira. — Ela se atrasou porque teve que parar no estacionamento mais distante e

andar...

— ...trezentos e cinquenta e quatro metros!

Soltamos uma gargalhada simultânea e começamos a rir descontroladamente.

— Não se preocupe, Lindz — digo. — Se saírem no tapa, eu aposto em você.

— É, estamos com você! — diz Elody.

— Não é um pouco estranho, como essas coisas acontecem? — diz Ally, com a voz tímida que usa quando tenta falar algo sério. — Como tudo é consequência de alguma coisa? Por exemplo, se Lindsay não tivesse roubado aquela vaga...

— Não roubei. Ganhei de forma limpa e justa — protesta Lindsay, batendo na mesa para enfatizar.

A Coca-Cola diet de Elody escorre pela lateral da lata e ensopa algumas batatas. Isso nos faz começar a rir outra vez.

— Estou falando sério! — Ally levanta a voz para se fazer ouvir. — É como uma teia, entendem? Tudo está conectado.

— Você andou assaltando o estoque do seu pai outra vez, Al? — diz Elody.

Isso basta para rirmos ainda mais. É uma piada que fazemos há anos com Ally, pois o pai dela trabalha com música. Ele é advogado, não é produtor, empresário, músico, nem nada disso, e usa terno para ir a todos os lugares (mesmo à piscina, no verão), mas Lindsay diz que secretamente ele é um hippie maconheiro.

Enquanto estamos rindo, gargalhando, Ally fica corada.

— Vocês nunca me ouvem... — diz, lutando para conter o sorriso. Ela pega uma batata e atira em Elody. — Certa vez, li que um bando de borboletas voando na Tailândia pode causar uma tempestade em Nova York.

— É, bem, seu pum pode causar um apagão em Portugal. — Elody ri e atira uma batata de volta.

— E seu hálito matinal pode disparar uma debandada na África. — Ally se inclina para a frente. — E eu *não* solto pum.

Eu e Lindsay estamos rindo, Ally e Elody continuam jogando batatas uma na outra. Lindsay tenta dizer que elas estão desperdiçando gorduras deliciosas, mas está gargalhando tanto que mal consegue articular as palavras.

Finalmente, ela respira fundo e solta: — Sabe o que ouvi? Que se você espirrar bastante pode provocar um tornado em Iowa.

Até Ally perde o controle com essa, e, de repente, estamos todas tentando: rindo, espirrando e gargalhando ao mesmo tempo. Todo mundo está olhando, mas não nos importamos.

Após cerca de um milhão de espirros, Lindsay se recosta na cadeira, apertando o estômago e buscando fôlego.

— Trinta mortos nos tornados de Iowa — ela diz —, outros cinquenta desaparecidos.

Começamos a gargalhar outra vez.

*

Lindsay e eu decidimos matar o sétimo tempo de aula para ir à TCBY tomar iogurte frozen. Lindsay tem francês, que ela detesta, e eu tenho inglês. Fazemos isso juntas com frequência. Somos formandas e estamos no segundo semestre, então é quase esperado que *não* apareçamos nas aulas. Além do mais, detesto a professora de inglês, a Sra. Harbor. Ela vive perdendo a linha de raciocínio. Às vezes me desligo por alguns minutos e, de repente, ela está divagando sobre roupas íntimas no século XVIII, a opressão na África ou o nascer do sol no Grand Canyon. Apesar de não ter passado da casa dos 50, tenho certeza de que ela está enlouquecendo. Foi assim que minha avó começou: ideias vagando e colidindo, causas vindo depois de efeitos, ponto A no lugar do B... Quando minha avó ainda estava viva, íamos visitá-la e, apesar de eu não ter mais do que 6 anos, lembro-me de pensar: *Espero morrer jovem.*

Eis uma definição de ironia para você, Sra. Harbor.

Ou, talvez, de presságio?

Tecnicamente, você precisa de uma autorização especial assinada pelos seus pais e pela administração para sair da escola durante o dia. Mas nem sempre foi assim. Por um bom tempo um dos privilégios de ser do último ano era sair da escola quando bem entendesse, desde que estivesse em tempo livre. Isso há vinte anos, antes de o Thomas Jefferson adquirir a reputação de ter uma das mais altas taxas de suicídio do país. Procuramos o artigo na internet certa vez: o *Connecticut Post* nos chamou de Colégio Suicídio.

Um dia, vários alunos saíram da escola e foram até uma ponte — era um pacto de suicídio, suponho. Seja como for, depois disso a escola proibiu a saída

de qualquer aluno durante o dia sem a autorização especial. Se você parar para pensar, é algo bem idiota. É como descobrir que alguns alunos estão levando vodca para o colégio em garrafas de água e proibir todo mundo de beber água.

Felizmente, existe outro jeito de sair da escola: por um buraco na grade atrás do ginásio, perto da quadra de tênis, que chamamos de Lounge dos Fumantes, considerando que é lá que todos os fumantes se encontram. Mas ninguém está por ali quando eu e Lindsay passamos pela grade e começamos a atravessar o bosque. Logo chegaremos à Route 120. Tudo está completamente parado e congelado. Gravetos e folhas escuras quebram sob os sapatos, e nossa respiração sobe em densas nuvens brancas.

O Thomas Jefferson fica a mais ou menos cinco quilômetros do centro de Ridgeview — ou do que chamamos de centro —, mas a meros oitocentos metros há uma pequena rua de lojinhas sujas que apelidamos de Fileira. Tem um posto de gasolina, uma TCBY, um restaurante chinês, que certa vez deixou Elody passando mal por dois dias, e uma loja da Hallmark que vende bonequinhas de bailarinas cor-de-rosa e brilhantes, globos de neve e outros cacarecos. É para lá que vamos. Sei que provavelmente parecemos duas loucas, andando pela estrada de saia e blusinha, as jaquetas para mostrar os detalhes com pelinhos.

Passamos pelo Hunan Kitchen no caminho para a TCBY. Pelas janelas sujas vemos Alex Liment e Anna Cartullo curvados sobre uma vasilha de qualquer coisa.

— Uauuu, escândalo... — diz Lindsay erguendo as sobrancelhas, apesar de, na verdade, aquilo ser só um semiescândalo.

Todo o mundo sabe que Alex está traindo Bridget McGuire com Anna há três meses. O mundo, exceto Bridget, é claro.

A família de Bridget é supercatólica. Ela é bonita e parece sempre limpa, é como se toda vez que você a vê ela tivesse acabado de lavar muito bem o rosto. Aparentemente, está se guardando para o casamento. Pelo menos é o que diz, apesar de Elody achar que ela pode ser uma lésbica que não saiu do armário. Anna Cartullo é um ano mais nova que a gente, mas dizem que já transou com pelo menos quatro caras. É uma das poucas pessoas em Ridgeview que não vem de família rica. A mãe é cabeleireira, e nem sei se ela tem pai. Mora de aluguel em um dos condomínios horrorosos perto da Fileira. Já ouvi Andrew Singer dizer que o quarto dela cheira a frango

agridoce.

— Vamos entrar e cumprimentar — diz Lindsay, pegando minha mão.

Fico parada.

— Estou com abstinência de açúcar.

— Aqui. Tome isso. — Ela pega da saia um pacote de balas. Lindsay sempre tem bala, o tempo todo, como se fosse um traficante. Acho que não deixa de ser. — Só um segundo, prometo.

Permito-me ser arrastada para dentro. Um sino toca quando atravessamos a porta. Tem uma mulher folheando a *Us Weekly* atrás do balcão. Ela olha para nós, e volta a olhar para a revista quando percebe que não vamos comprar nada.

Lindsay vai diretamente até Alex e Anna, e se apoia na mesa. Ela é um pouco amiga de Alex. E Alex é um pouco amigo de várias pessoas, já que vende maconha guardada em uma caixa de sapatos no próprio quarto. Ele e eu somos amigos de aceno de cabeça, considerando que toda a nossa interação é basicamente essa. Ele é da minha turma de inglês, apesar de aparecer na aula com menos frequência que eu. Acho que passa o restante do tempo com Anna. Às vezes ele diz coisas como “Esse dever é um saco, né?”, mas, fora isso, não nos falamos.

— Oi, oi — diz Lindsay. — Você vai à festa do Kent hoje?

O rosto de Alex está vermelho e manchado. Pelo menos, está envergonhado de ser visto com Anna tão descaradamente. Ou talvez seja apenas uma reação à comida. Isso não me surpreenderia.

— Humm... Não sei. Talvez. Tenho que ver... — Ele para de falar.

— Vai ser muito legal. — Lindsay faz uma voz ainda mais ousada. — Você vai levar Bridget? Ela é *tão* boazinha...

Na verdade, nós duas achamos Bridget irritante — ela vive alegre e usa roupas com frases como: *A não ser que você seja o cão líder, a vista é sempre a mesma* (sério) —, mas Lindsay despreza Anna. Certa vez rabiscou $AC = LH$ por todo o banheiro ao lado do refeitório, aquele que todo o mundo usa. LH significa lixo humano.

A situação está mais do que embaraçosa, então digo: — Frango com gergelim?

Aponto para a carne fria com molho acinzentado na vasilha sobre a mesa, ao lado de dois biscoitos da sorte e uma laranja solitária.

— Carne com laranja — diz Alex, aparentemente aliviado por mudar de

assunto.

Lindsay me lança um olhar irritado, mas continuo falando.

— Vocês deveriam tomar cuidado com a comida daqui. Uma vez Elody passou mal com o frango. Ficou uns dois dias vomitando. Se é que *era* frango. Ela jura que achou uma bola de pelo no prato.

Assim que digo isso, Anna pega os hashis e enche a boca, olhando para mim e sorrindo enquanto mastiga, de modo que consigo ver a comida lá dentro. Não sei bem se ela só está fazendo isso para me deixar com nojo, mas é o que parece.

— Que horror, Kingston! — diz Alex, mas agora ele está sorrindo.

Lindsay revira os olhos, como se Alex e Anna fossem uma completa perda de tempo.

— Vamos, Sam.

Ela põe um biscoito da sorte no bolso e o quebra quando chegamos ao lado de fora.

— *A felicidade é encontrada quando não se procura* — ela lê, e eu começo a rir quando ela faz uma careta. Lindsay amassa o papel e joga no chão. — Inútil.

Respiro fundo.

— O cheiro daqui sempre me enjoa. — E é verdade: cheira a carne velha, óleo barato e alho.

As nuvens no horizonte estão tomando conta do céu lentamente, deixando tudo cinzento e embaçado.

— Nem me fale. — Lindsay põe a mão no estômago. — Sabe do que preciso?

— De um copo grande da The Country's Best Yogurt! — digo, sorrindo.

TCBY é outra coisa que não conseguimos abreviar.

— Definitivamente, um copo grande na The Country's Best Yogurt — repete Lindsay.

Apesar de estarmos congelando, pedimos um duplo de chocolate com lascas de chocolate e manteiga de amendoim e acrescentamos granulado. Comemos no caminho de volta para a escola, soprando os dedos para mantê-los aquecidos. Alex e Anna não estão mais no restaurante chinês quando passamos, mas os encontramos novamente no Lounge dos Fumantes. Temos exatamente sete minutos antes que o sinal anuncie o oitavo tempo, e Lindsay me empurra para trás da quadra de tênis, para fumarmos sem ouvir Alex e Anna discutindo. Pelo menos, parece que é isso o que estão fazendo. O cigarro

na mão dele está tão perto do cabelo castanho de Anna que tenho certeza de que vai incendiá-lo, e imagino a cabeça dela toda acesa, como a de um fósforo.

Lindsay termina o cigarro e jogamos os copos de iogurte ali mesmo, por cima das folhas escuras, dos maços de cigarros amassados e dos sacos plásticos com água da chuva acumulada. Estou ansiosa por hoje à noite — metade pavor, metade entusiasmo, como quando você ouve um trovão e sabe que a qualquer momento vai ver o raio riscando o céu, beliscando as nuvens com seus dentes. Não devia ter matado a aula de inglês, isso me deu muito tempo para pensar. E pensar não faz bem a ninguém, independentemente do que digam pais, professores e nerds do clube de ciência.

Atravessamos as quadras de tênis e passamos pela Alameda dos Formandos. Alex e Anna continuam meio escondidos atrás do ginásio. Alex está no segundo cigarro, no mínimo. Definitivamente, é uma briga. Por um instante fico satisfeita: Rob e eu quase nunca brigamos, pelo menos não por nada sério. Isso deve significar alguma coisa.

— Problemas no paraíso — digo.

— Está mais para problemas no camping para trailers — diz Lindsay.

Começamos a cortar caminho pelo estacionamento dos professores quando vemos a Srta. Winters, vice-diretora, passando entre os carros, tentando encontrar fumantes que não têm tempo ou são preguiçosos demais para ir até o Lounge, então, em vez disso, tentam se esconder entre os velhos Volvos e Chevrolets dos professores. A Srta. Winters tem alguma implicância louca com pessoas que fumam. Ouvi dizer que a mãe dela morreu de câncer de pulmão, enfisema ou coisa do tipo. Se ela pega alguém fumando, a pessoa recebe três sextas-feiras de detenção, sem direito a argumentar.

Lindsay procura freneticamente um pacote de Trident na bolsa e coloca dois chicletes na boca.

— Droga, droga.

— Você não pode ser pega só porque está com cheiro de cigarro — digo, apesar de Lindsay saber disso.

Mas ela gosta do drama. É engraçado como você pode conhecer tão bem seus amigos e, mesmo assim, acabar jogando sempre o mesmo jogo com eles.

Ela me ignora.

— Como está meu hálito? — Ela solta ar em cima de mim.

— Como uma fábrica de mentol.

A Srta. Winters ainda não nos viu. Está atravessando as fileiras, e às vezes

para entre elas para olhar debaixo dos carros, como se alguém pudesse estar esmagado ali no chão, tentando acender um cigarro. Há uma razão para todos a chamarem pelas costas de Nazista da Nicotina.

Hesito, olhando novamente para o ginásio. Não gosto tanto de Alex, e não gosto de Anna, mas qualquer um que já passou pelo ensino médio entende que é preciso nos mantermos unidos contra pais, professores e a polícia. É uma regra implícita: somos nós contra eles. Você sabe isso naturalmente, como sabe onde se sentar, com quem falar e o que comer na cantina, sem nem mesmo saber *como*. Se é que isso faz algum sentido.

— Será que devemos voltar e avisá-los? — pergunto a Lindsay, e ela também para, de olhos fechados, com a cabeça virada para o céu, como se estivesse pensando a respeito.

— Danem-se — diz finalmente —, eles podem se cuidar. — Como que para reforçar seu argumento, o sinal do último tempo soa e ela me dá um empurrão: — Vamos.

Lindsay está certa, como sempre. Afinal de contas, não é como se eles já tivessem feito alguma coisa por mim.

AMIZADE: UMA HISTÓRIA

Eu e Lindsay nos tornamos amigas no sétimo ano. Ela me escolheu. Ainda não sei ao certo por quê. Após anos de tentativas, eu só tinha conseguido subir da base até a metade da escala social. Lindsay é popular desde o primeiro ano, quando se mudou para cá. No circo que foi a turma naquele ano, ela era a líder; quando fizemos *O Mágico de Oz* no ano seguinte, ela interpretou Dorothy, e no terceiro ano, quando fizemos *A Fantástica Fábrica de Chocolates*, ela foi Charlie.

Acho que isso já transmite a ideia geral. Ela é o tipo de pessoa que inebria com sua mera presença, como se de repente todo o contorno do mundo ficasse embaçado e as cores girassem misturadas. Nunca disse isso a ela, obviamente. Lindsay iria me zoar dizendo que eu estava dando em cima dela.

Enfim, no verão que antecedeu o sétimo ano, muitos de nós estávamos na festa que Tara Flute deu em sua piscina. Beth Schiff se exibia, dando vários saltos “bomba” na parte funda, mas na verdade queria era mostrar que entre maio e julho havia desenvolvido um enorme par de peitos — definitivamente,

o maior entre todas as garotas presentes. Eu estava dentro de casa pegando um refrigerante, e de repente Lindsay veio até mim, os olhos brilhando. Até então, ela nunca tinha falado comigo.

— Você *tem* que ver isso! — disse, pegando meu braço.

Seu hálito era de sorvete.

Ela me levou até o quarto de Tara, onde todas as meninas tinham empilhado suas bolsas e as roupas para trocar depois. A bolsa de Beth era rosa e tinha suas iniciais bordadas em roxo na lateral. Lindsay obviamente a havia vasculhado, pois se agachou e de cara pegou uma bolsinha com zíper, do tipo que usávamos para guardar canetas no ensino fundamental.

— Olhe! — Ela segurou a bolsa, chacoalhando-a.

Dentro havia dois absorventes internos.

Não lembro como começou, mas de repente Lindsay e eu estávamos correndo pela casa, abrindo armários e gavetas de banheiros, reunindo todos os absorventes internos da mãe e da irmã mais velha de Tara. Eu estava zonga de tão feliz. Lindsay Edgecombe estava *falando* comigo — não só falando, mas rindo, e não apenas rindo, mas rindo tanto que tive de cruzar as pernas para não fazer xixi. Em seguida corremos para a varanda e começamos a atirar montes e montes de absorventes lá embaixo. Lindsay berrava: — Beth! Caíram da sua bolsa!

Alguns absorventes rolaram até a água e todos os meninos de repente começaram a se empurrar e acotovelar tentando sair de água, como se pudessem ser contaminados. Beth estava de pé no trampolim, pingando e tremendo, enquanto o restante de nós quase morria de tanto rir.

Isso me lembrou a vez que meus pais me levaram ao Grand Canyon, no quarto ano, e me fizeram ficar bem na beirada para tirar uma foto. Minhas pernas não paravam de tremer e a sola de meus pés formigava, como se eles estivessem loucos para pular: eu não conseguia parar de pensar em como seria fácil cair e em como aquele lugar era alto. Depois que minha mãe tirou a foto e me deixou sair da beirada, comecei a rir e não conseguia parar.

Ali na varanda com Lindsay tive a mesma sensação.

Depois disso nos tornamos melhores amigas. Ally veio em seguida, depois que Lindsay e ela jogaram na mesma liga de hóquei sobre a grama, no verão antes do oitavo ano. Elody se mudou para Ridgeview no primeiro ano do ensino médio. Em uma das primeiras festas da temporada ela ficou com Sean Morton, e Lindsay estava interessada nele havia seis meses. Todo mundo

pensou que ela fosse matar Elody. Mas, na segunda-feira seguinte, na escola, Elody estava almoçando à nossa mesa, e as duas estavam curvadas sobre um prato de batatas fritas, rindo e agindo como se fossem colegas havia anos. Ainda bem. Apesar de Elody nos fazer passar vergonha algumas vezes, no fundo acho que ela é a mais gentil de nós.

A FESTA

Depois da escola vamos à casa de Ally. Quando éramos mais novas — no primeiro ano e até a metade do segundo —, às vezes ficávamos por lá mesmo, colocávamos máscara de lama e pedíamos toda a comida chinesa que podíamos comer, usando as notas de vinte que pegávamos do pote de biscoitos na terceira prateleira perto da geladeira da casa de Ally, onde o pai dela tem mil dólares reservados para emergências. Chamávamos de nossas noites de “Rolinho primavera de emergência”. Depois nos esticávamos em seu sofá gigante e assistíamos a filmes até pegarmos no sono — a tevê da sala de Ally é grande como uma tela de cinema —, com as pernas enroscadas sob um enorme cobertor de lã. Desde o terceiro ano, porém, acho que não ficamos em casa nenhuma vez, exceto quando Matt Wilde terminou com Ally e ela chorou tanto que no dia seguinte estava com o rosto inchado como o de uma toupeira.

Hoje assaltamos o closet de Ally, para não ter de ir à festa de Kent vestidas iguais. Elody, Ally e Lindsay estão especialmente atentas ao meu visual. Elody pinta minhas unhas com esmalte vermelho brilhante. Suas mãos tremem um pouco, minhas cutículas ficam borradas e parece que eu estou sangrando, mas estou nervosa demais para me importar. Rob e eu vamos nos encontrar na festa de Kent, e ele já me mandou uma mensagem de texto dizendo: *Eu até fiz a cama pra vc.* Deixo Ally escolher minha roupa — uma blusinha metálica dourada, grande demais no peito, e um dos sapatos excêntricos salto 10 de Ally (que ela chama de sapatos de stripper). Lindsay faz minha maquiagem, murmurando uma música e exalando hálito de vodca. Todas nós tomamos duas doses com suco de *cranberry*.

Depois me tranco no banheiro, o calor formigando das pontas dos dedos até a cabeça, tentando memorizar minha aparência ali, naquele segundo. Mas após algum tempo minhas feições parecem estar ali sem mim, como se eu as

estivesse enxergando em uma estranha.

Quando eu era pequena fazia isso com frequência: me trancava no banheiro e tomava banhos tão quentes que o espelho ficava completamente embaçado, depois ficava ali, observando enquanto meu rosto lentamente tomava forma por trás do vapor; primeiro, com contornos irregulares, seguidos por detalhes que apareciam aos poucos. Sempre pensava que, quando meu rosto voltasse, eu veria uma pessoa linda, como se durante o banho tivesse me transformado em alguém melhor. Mas sempre voltava igual.

No banheiro de Ally, sorrio e penso: *Amanhã, finalmente estarei diferente.*

Lindsay é mais ou menos obcecada por música, então ela prepara uma *playlist* para o caminho até a casa de Kent, apesar de ele morar a poucos quilômetros. Ouvimos Dr. Dre e Tupac, em seguida toca “Baby Got Back”, que cantamos juntas.

É estranho: enquanto dirigimos por todas aquelas ruas familiares — ruas que conheço desde sempre, tão familiares que eu mesma poderia tê-las criado —, tenho a sensação de estar flutuando sobre aquilo tudo, pairando acima das casas, das estradas, dos jardins e das árvores, subindo, subindo, acima do Rocky’s, da Rite Aid, do posto de gasolina, do Thomas Jefferson, do campo de futebol e das arquibancadas metálicas onde sentamos e gritamos a cada jogo. Como se tudo fosse pequeno e insignificante. Como se eu já estivesse apenas me lembrando daquilo.

Elody está berrando a plenos pulmões. Ela é quem tem menor tolerância à bebida. Ally guardou o restante da vodca na bolsa, mas não temos nada para acompanhá-la. Lindsay está dirigindo, pois ela consegue beber a noite inteira e não sentir nada.

A chuva começa quando estamos quase chegando, mas é tão fraca que parece suspensa no ar, como uma cortina de vapor branco. Não me lembrava da última vez em que havia ido à casa de Kent — talvez em seu aniversário de 9 anos —, nem de como ela ficava entranhada no bosque. A estrada parece serpentear eternamente. Só o que vemos é a luz fraca dos postes tremeluzindo sobre a trilha sinuosa e coberta de gravetos, os galhos secos das árvores balançando e se fechando sobre nós, os pingos de chuva lembrando diamantes.

— É assim que começam os filmes de terror — diz Ally, ajeitando a blusa.

Nós pegamos suas blusas emprestadas, mas Ally insistiu em ficar com a que tinha os detalhes com pelinhos, apesar de ela própria ter começado com a história de nos trocarmos.

— Tem *certeza* de que a casa dele é a 42?

— É só um pouco mais à frente — digo, mesmo sem saber, e começo a imaginar que viramos cedo demais.

Estou com um nó no estômago, mas não sei ao certo se é bom ou ruim.

O bosque se fecha cada vez mais, até que as árvores praticamente arranham as portas do carro. Lindsay começa a reclamar por causa da pintura. Quando parece que seremos tragadas pela escuridão, o bosque de repente termina e vemos o maior e mais belo gramado que alguém poderia imaginar, com uma casa branca no centro que parece feita de glacê. Tem sacadas e uma longa varanda que contorna as duas laterais. As janelas também são brancas e esculpidas com desenhos que não conseguimos identificar no escuro. Eu não me lembrava de nada disso. Talvez seja efeito do álcool, mas acho que é a casa mais bonita que já vi.

Ficamos em silêncio por um instante, olhando. Parte da casa está às escuras, mas há uma luz calorosa brilhando no segundo andar, que ao chegar aqui embaixo deixa a grama com reflexos prateados.

Lindsay fala primeiro: — É quase tão grande quanto sua casa, Al.

Lamento que ela tenha falado: foi como se o encanto se quebrasse.

— Quase — diz Ally.

Ela tira a vodka da bolsa, toma um gole, tosse, arrota e limpa a boca.

— Me dê um gole disso aí — diz Elody, estendendo o braço para pegar a bebida.

A garrafa está em minhas mãos antes que eu perceba. Tomo um gole, que queima a garganta e tem um gosto horrível, feito tinta ou gasolina, mas assim que desce, curto uma onda. Saltamos do carro e a luz da casa falha e volta, como se desse uma piscadela para mim.

Sempre que entro em festas tenho uma sensação de espasmos na boca do estômago. Mas um sensação boa: a de saber que tudo pode acontecer. Na maioria das vezes nada acontece, é claro. Uma noite dá lugar a outra, uma semana a outra, um mês a outro. E, mais cedo ou mais tarde, todos vamos morrer.

Mas no começo da noite tudo é possível.

A porta da frente está trancada e temos de entrar pelo lado, por uma porta que abre para um corredor estreito revestido de madeira e uma escada íngreme também de madeira. O aroma ali me remete a alguma lembrança de infância, mas não consigo dizer exatamente qual. Ouço o tilintar de vidro

quebrando e alguém grita: “Fogo no buraco!” Então Dujeous ecoa nos altofalantes: “*All MCs in the house tonight, if your lyrics sound tight then rock the mic.*” A escada é tão estreita que temos que nos espremer em fila única, pois há pessoas descendo na direção oposta, segurando copos de cerveja vazios. A maioria tem que passar com as costas encostadas à parede. Cumprimentamos algumas e ignoramos outras. Como sempre, posso sentir todo mundo nos olhando. Esse é outro aspecto positivo sobre ser popular: não é preciso prestar atenção a quem presta atenção em você.

No topo da escada um corredor mal iluminado está cheio de luzes de Natal coloridas penduradas. Há diversos cômodos, que conduzem a outros cômodos, todos aparentemente abarrotados de tecidos, almofadas grandes e sofás, e todos estão lotados de pessoas. Tudo é suave — as cores, as superfícies, a aparência das pessoas —, exceto a música, que ressoa nas paredes e faz o chão vibrar. As pessoas estão fumando do lado de dentro também, então tudo está envolto num denso véu azul. Só fumei maconha uma vez, mas imagino que essa seja a sensação de ficar chapado.

Lindsay se inclina para trás e me diz alguma coisa, que se perde no murmurinho. Depois ela se afasta, passando entre a multidão. Viro, mas Elody e Ally também não estão mais ali, e de repente meu coração está acelerado, a palma das mãos comichando.

Recentemente tenho tido um pesadelo em que estou no meio de uma multidão enorme, sendo empurrada da esquerda para a direita. Os rostos parecem familiares, mas há algo terrivelmente errado com todos eles: alguém que se parece com Lindsay passa por mim, mas sua boca está estranha e caída, como se estivesse derretendo. E ninguém me reconhece.

Obviamente, na casa de Kent isso não acontece, pois conheço quase todo mundo, exceto algumas pessoas do terceiro ano e algumas meninas que, *acho*, devem ser do segundo. Mas, mesmo assim, a lembrança basta para me deixar um pouco neurótica.

Estou a ponto de ir na direção de Emma Howser — ela é superbrega, e, normalmente, nem morta eu lhe dirigiria a palavra, mas estou quase desesperada — quando sinto braços fortes me abraçando e cheiro de erva-cidreira. Rob.

Ele põe a boca molhada na minha orelha.

— Sammy Sexy. Por onde você andou toda a minha vida?

Viro de frente para ele. Seu rosto está completamente vermelho.

— Você está bêbado — digo, e pareço mais acusadora do que gostaria.

— Sóbrio o bastante — ele retruca, tentando sem sucesso erguer uma das sobrancelhas. — E você está atrasada. — O sorriso dele é preguiçoso, apenas metade da boca se curva para cima. — A gente tomou cerveja de cabeça para baixo.

— São dez da noite — assinalo. — Não estamos atrasadas. De qualquer forma, liguei para você.

Ele passa a mão no casaco e na calça.

— Devo ter deixado o celular em algum lugar.

Reviro os olhos.

— Você é um delinquente.

— Gosto quando você usa palavras difíceis.

A outra metade do sorriso está se curvando para cima lentamente e sei que ele vai me beijar. Viro um pouco a cara, procurando minhas amigas, mas elas continuam desaparecidas.

No canto vejo Kent, de gravata e uma camisa social que deve ser uns três tamanhos maior que ele, metade para dentro de uma calça cáqui velha. Pelo menos está sem o chapéu-coco. Ele está falando com Phoebe Rifer, e os dois riem de alguma coisa. Fico um pouco irritada com o fato de que ele ainda não me notou. Estou esperando ele levantar o olhar e vir até mim, como sempre faz, mas ele simplesmente se curva para perto de Phoebe, como se estivesse tentando ouvi-la melhor.

Rob me puxa para perto dele.

— Vamos ficar só por uma hora, tudo bem? Depois a gente vai.

Seu hálito cheira a cerveja e a um pouco de cigarro quando ele me beija. Fecho os olhos e penso no sexto ano, quando o vi beijando Gabby Haynes e fiquei com tanta inveja que passei dois dias sem comer. Fico imaginando se quem olha acha que estou gostando. Gabby pareceu gostar, no sexto ano.

Relaxo pensando em coisas assim, em como a vida é engraçada.

Ainda nem tirei minha jaqueta, mas Rob abre o zíper e passa as mãos pela minha cintura, depois por baixo da blusa. A palma de suas mãos é grande e suada.

Afasto-me o suficiente para dizer: — *Aqui*, no meio de todo mundo, não.

— Ninguém está olhando. — Ele me agarra outra vez.

É mentira. Ele sabe que todo mundo está nos olhando. Ele pode ver. Nem ao menos fecha os olhos.

Suas mãos sobem por minha barriga e seus dedos puxam o arame do meu sutiã. Ele não é muito bom com sutiãs. Ele não é muito bom com peitos em geral, para falar a verdade. Quer dizer, não é como se eu soubesse como deveria ser, mas sempre que ele toca meus seios, simplesmente os massageia em círculos, com força. Meu ginecologista faz a mesma coisa quando me examina, então um dos dois tem que estar fazendo errado. E, para ser sincera, não acho que seja o médico.

Se quer saber meu maior segredo, aqui vai: sei que devemos esperar para transar com alguém que amamos e tudo mais, e eu *amo* Rob — quer dizer, fui mais ou menos apaixonada por ele a vida inteira, então, como poderia não amá-lo? —, mas não é por isso que resolvi ir para a cama com ele hoje à noite.

Decidi transar com ele porque quero acabar logo com esse assunto, e porque sexo sempre me assustou e não quero mais ter medo.

— Mal posso esperar para acordar do seu lado — diz Rob, a boca no meu ouvido.

É algo doce a se dizer, mas não consigo me concentrar com as mãos dele em cima de mim. E de repente me ocorre que nunca pensei na parte de acordar. Não faço ideia do que se conversa no dia seguinte a uma transa, e só nos imagino deitados na cama, lado a lado, sem nos tocarmos, calados, enquanto o sol nasce. Rob não tem cortinas no quarto — ele as arrancou certa vez, bêbado —, e durante o dia parece que um refletor está focado na cama. Um refletor ou um olho.

— Vão procurar um quarto!

Afasto-me de Rob quando Ally aparece a meu lado, fazendo careta.

— Vocês são dois pervertidos — ela diz.

— Isso é um quarto. — Ele levanta os dois braços e gesticula ao redor.

Derrama um pouco de cerveja na minha blusa e eu resmungo, irritada.

— Desculpe, gata... — Ele encolhe os ombros. Sobrou meio dedo de cerveja no copo, e ele fica olhando aquilo fixamente, franzindo o rosto. — Vou pegar mais. Vocês querem?

— Trouxemos nossa própria bebida. — Ally passa a mão na vodca dentro da bolsa.

— Bem-pensado.

Rob levanta o dedo para cutucar a própria cabeça, mas em vez disso quase arranca um olho. Está mais bêbado do que eu tinha imaginado. Ally cobre a

boca e ri.

— Meu namorado é um idiota — digo assim que ele sai.

— Um idiota *bonitinho* — Ally me corrige.

— Isso é a mesma coisa que dizer “um mutante bonito”. Não existe.

— Claro que existe. — Ally está olhando ao redor da sala, fazendo beicinho para deixar os lábios mais beijáveis.

— Aonde você foi?

Estou mais irritada do que deveria, por tudo: por ter sido abandonada por minhas amigas em apenas trinta segundos, por Rob estar completamente bêbado, por Kent ainda estar falando com Phoebe Rifer, mesmo quando deveria ser obsessivamente apaixonado por mim. Não que eu *queira* que ele seja apaixonado por mim, obviamente. É apenas uma constatação que sempre foi reconfortante, de um jeito estranho. Tiro a garrafa da bolsa de Ally e tomo mais um gole.

— Fizemos uma ronda. Tem, tipo, uns 17 cômodos aqui em cima. Você deveria dar uma olhada. — Ally me olha, nota minha expressão e levanta as mãos: — O que foi? Não abandonamos você no meio do nada.

Ela tem razão. Não sei por que estou tão irritada.

— Aonde Lindsay e Elody foram?

— Elody foi sugada para o colo do Muffin. E Lindsay está brigando com Patrick.

— Já?

— Já... Bem, nos três primeiros minutos eles se beijaram. Esperaram até o quarto minuto para começar a discutir.

Isso me faz gargalhar, e ficamos ali, rindo. Começo a me sentir melhor, mais confortável. A vodca preenche minha mente com o calor. Mais pessoas chegam o tempo todo, e o cômodo parece girar um pouco. Mas é uma sensação agradável, como se eu estivesse em um carrossel excessivamente lento. Ally e eu decidimos resgatar Lindsay antes que a briga dela com Patrick se torne algo fora de proporção.

Parece que toda a escola está ali, mas na verdade só tem umas sessenta ou setenta pessoas. É o máximo de gente que aparece em uma festa. Estão presentes o topo e o meio da turma do último ano, em termos de popularidade — Kent está quase no núcleo mais baixo da cadeia, mas ele é o anfitrião, então não tem problema —, alguns dos alunos mais legais do ano anterior e alguns muito legais do segundo ano. Sei que deveria odiá-los, como

nós éramos odiadas no segundo ano quando íamos às festas dos formandos, mas não consigo dar bola para isso. Já Ally lança um de seus olhares gélidos a um grupo enquanto passamos, e fala “piranhas” bem alto. Aparentemente, uma delas, Rachel Kornish, ficou com Matt Wilde há não muito tempo.

Obviamente, ninguém do primeiro ano pode entrar. Os das castas mais baixas de popularidade também não aparecem. Não porque as pessoas fossem tirar sarro da cara deles, o que provavelmente aconteceria. É mais que isso. Eles só tomam conhecimento dessas festas depois que acontecem. Não sabem das coisas que sabemos: da entrada secreta na lateral da casa de hóspedes de Andrew Roberts, que Carly Jablonski colocou um refrigerador na garagem onde ficam as cervejas geladas, que no Rocky’s eles não verificam a identidade com atenção ou que a Mic’s fica aberta 24 horas por dia e faz o melhor ovo com queijo do mundo, pingando óleo e ketchup — perfeito para quando você está bêbado. É como se o colégio abrigasse dois mundos diferentes, um girando ao redor do outro, sem se tocarem: o mundo dos que têm e o dos que não têm. Suponho que isso seja uma coisa boa, já que o colégio deve preparar você para o mundo real.

São tantos corredores pequenos e saletas que a casa parece um labirinto. Todos os cômodos estão cheios de gente e de fumaça. Apenas um está fechado. Tem um enorme sinal de “NÃO ENTRE”, plastificado com um monte de adesivos com dizeres como “VISUALIZE A PAZ MUNDIAL” e “BEIJE-ME. SOU IRLANDÊS”.

Quando achamos Lindsay, Patrick e ela já haviam feito as pazes. Grande surpresa. Ela está sentada no colo dele, e ele fuma um baseado. Elody e Steve Dough estão em um canto. Ele está encostado na parede e ela está meio dançando, meio se esfregando nele. Ela tem um cigarro apagado pendurado na boca, virado ao contrário, e está com o cabelo completamente bagunçado. Steve a ajuda a se equilibrar de pé, escorando-a com um dos braços, mas está conversando com Liz Hummer (esse é o sobrenome dela e, por coincidência, o modelo de seu carro). Ele age como se Elody não estivesse ali, muito menos se esfregando nele.

— Coitada de Elody — digo. Não sei por que, de repente, estou me sentindo mal por ela. — Ela é boazinha demais.

— Ela é uma piranha — diz Ally, mas sem maldade.

— Acha que vamos nos lembrar de alguma coisa? — Não sei ao certo de onde vêm essas palavras. Minha cabeça está leve e confusa, pronta para sair

flutuando. — Acha que daqui a dois anos vamos nos lembrar disso?

— Não vou me lembrar nem amanhã. — Ally ri, dando tapinhas na garrafa que está na minha mão.

Só sobrou um quarto. Não consigo lembrar quando bebemos aquilo tudo.

Lindsay solta um ganido quando nos vê e, tropeçando, sai do colo de Patrick e joga um braço em volta de cada uma de nós, como se não nos víssemos há anos. Tira a vodca que está comigo e toma um gole com o braço ainda no meu ombro, o que me enforca por um momento.

— Aonde vocês foram? — ela grita. A voz sai alta, mesmo com a música e os ruídos de todo mundo conversando e rindo. — Procurei vocês por toda parte.

— Mentira — digo.

— Procurou na boca de Patrick, talvez — Ally emenda logo.

Estamos rindo, porque Lindsay é uma mentirosa, Elody é uma bêbada, Ally tem TOC e eu sou antissocial, quando alguém abre uma janela para deixar a fumaça sair e uma chuva fina entra, com cheiro de grama e coisas frescas, apesar de estarmos no meio do inverno. Sem que ninguém perceba, estendo a mão para trás e me apoio no parapeito, curtindo o ar gelado e a sensação de centenas de alfinetadas de chuva. Fecho os olhos e prometo a mim mesma que jamais me esquecerei daquele momento: do som da risada das minhas amigas, do calor de tantos corpos e do cheiro de chuva.

Quando abro os olhos levo o maior susto da minha vida. Juliet Sykes está na entrada, me olhando.

Olhando para nós, na verdade: Lindsay, Ally, Elody, que acabara de deixar Steve de lado e viera ficar conosco, e eu. O cabelo de Juliet está preso para trás, em um rabo de cavalo, e acho que essa é a primeira vez que realmente vejo seu rosto.

É um choque ela estar ali, mas ainda mais chocante é o fato de ela ser bonita. Tem olhos azuis, distantes um do outro, e as maçãs do rosto altas, como as de uma modelo. Sua pele é perfeita e pálida. Não consigo parar de olhar para ela.

As pessoas a estão empurrando e dando cotoveladas, pois ela está bloqueando a passagem, mas ela simplesmente fica ali parada, o olhar fixo.

Ally é a primeira a reparar e fica de queixo caído.

— Mas que...?

Elody e Lindsay se viram para entender para onde estamos olhando.

Inicialmente Lindsay perde a cor e parece assustada — o que é mais do que estranho —, mas não tenho tempo para pensar nisso, pois, tão rápido quanto empalideceu, seu rosto ficou roxo, e ela parecia pronta para arrancar a cabeça de alguém. Isso se parece mais com ela. Elody começa a rir de forma histérica até se curvar e ter de cobrir a boca com as duas mãos.

— Não dá para acreditar — diz. — Não dá para acreditar.

Ela tenta começar a cantar *Psycho killer, qu'est-ce que c'est*, mas estamos em choque e não conseguimos acompanhá-la.

Sabe nos filmes, quando alguém fala ou faz alguma coisa errada, o disco arranha e, de repente, fica um silêncio total? Bem, não é exatamente o que acontece, mas é quase isso. A música não para, mas quando todos no recinto começam a assimilar que Juliet Sykes — a esquisitona, psicótica, que molha a cama — está no meio de uma festa encarando as quatro garotas mais populares do Thomas Jefferson, a conversa vai cessando e os sussurros tomam conta do ambiente, cada vez mais altos e insistentes até que se tornam um murmúrio constante, como o vento ou o oceano.

Juliet Sykes finalmente se afasta da porta e entra na sala. Ela caminha devagar e de modo confiante em nossa direção — nunca a vi tão calma —, e para a um metro de Lindsay.

— Você é uma cachorra — ela diz.

Sua voz é firme e alta demais, como se estivesse se dirigindo deliberadamente a todos os presentes. Sempre imaginei que tivesse a voz aguda ou ofegante, mas é tão sonora e grave quanto a de um garoto.

Lindsay leva meio segundo para encontrar a própria voz.

— Como? — resmunga.

Juliet não fazia contato visual com Lindsay desde o primeiro ano, e jamais lhe dirigiria uma palavra. Menos ainda *a insultaria*.

— Você ouviu. Uma vaca. Uma garota má. Uma pessoa ruim. — Em seguida Juliet vira para Ally: — Você também é uma vaca. — Para Elody: — Você é uma vaca. — E para mim, quando, por um segundo enxergo algo ali, algo familiar, mas que logo desaparece: — Você é uma vaca.

Ficamos todas tão surpresas que não sabemos como responder. Elody ri novamente, de nervoso, dá um soluço e depois fica em silêncio. Lindsay está abrindo e fechando a boca, como um peixe, mas não consegue falar nada. Ally está de punhos cerrados como se estivesse pensando em acertar a cara de Juliet.

Apesar de estar furiosa e envergonhada, a única coisa em que consigo pensar quando olho para Juliet é: *Eu não sabia que você era tão bonita...*

Lindsay se recompõe. Ela avança um pouco e seu rosto fica a centímetros do de Juliet. Nunca a vi tão furiosa. Parece que seus olhos vão saltar. A boca está retorcida numa careta como se ela rosnasse, como um cachorro. Por um instante ela fica realmente muito feia.

— Prefiro ser vaca a ser psicótica — Lindsay sibila, agarrando Juliet pela blusa.

Está tão irritada que chega a salivar. Ela empurra Juliet, que tropeça em Matt Dorfinan. Empurra novamente, e Juliet cai em cima de Emma McElroy.

Lindsay começa a gritar “Psicótica, psicótica” e a fazer o som agudo das facadas no filme.

“Psicótica!”

De repente, todo mundo está gritando e imitando a cena da faca, empurrando Juliet de um lado para outro. Ally é a primeira a virar uma cerveja na cabeça dela, e todos fazem o mesmo. Lindsay a molha com vodca, e quando Juliet tropeça até perto de mim, toda molhada e com os braços esticados, tentando se equilibrar, pego uma cerveja pela metade no parapeito da janela e jogo em cima dela. Só percebo que também estou gritando quando minha garganta começa a incomodar.

Juliet me olha depois que derramo a cerveja. Não consigo explicar — parece loucura —, mas é quase um olhar de pena, como se *ela* se sentisse mal por *mim*.

De repente fico completamente sem fôlego, e tenho a sensação de ter levado um soco no estômago. Sem pensar, avanço para cima dela e a empurro com toda a minha força. Ela cai sobre uma prateleira, que quase desaba. Empurro-a novamente, em direção à porta, e enquanto todos continuam ganindo e berrando “Psicótica”, ela sai da sala correndo. Precisa se espremer para passar por Kent. Ele acabara de entrar, provavelmente para ver por que todos estavam gritando.

Nós nos olhamos nos olhos por um instante. Não dá para dizer exatamente o que ele está pensando, mas, seja o que for, boa coisa não é. Desvio o olhar, sentindo calor e desconforto. Todos estão agitados agora, rindo e falando sobre Juliet, mas minha respiração não volta ao normal e sinto a vodca queimando meu estômago e voltando até a garganta. A sala está me sufocando, girando mais depressa que antes. Preciso sair para tomar um pouco de ar.

Tento empurrar as pessoas para conseguir passar, mas Kent se aproxima e bloqueia meu caminho.

— Mas o que foi aquilo tudo? — ele pergunta.

— Pode me deixar passar, por favor?

Não estou com humor para lidar com ninguém, principalmente com Kent e aquela porcaria de camisa social.

— O que ela fez a você?

Cruzo os braços.

— Entendi. Você é amigo da Psicótica. É isso?

Ele estreita os olhos.

— Que apelido inteligente. Você pensou nele sozinha ou suas amigas tiveram que ajudar?

— Saia do meu caminho.

Consigo me espremer e passar, mas ele me agarra pelo braço.

— Por quê? — ele pergunta.

Estamos tão perto um do outro que posso dizer, pelo cheiro, que ele acabou de chupar bala de menta, e consigo enxergar o sinal em forma de coração abaixo de seu olho esquerdo, apesar de todo o restante do rosto não passar de um borrão. Ele está me olhando como se estivesse desesperado para entender alguma coisa, e isso é pior, muito pior do que tudo o que houve até ali — pior do que Juliet, pior do que a raiva dele e pior do que a sensação de que vou vomitar a qualquer instante.

Tento me livrar das mãos dele.

— Você não pode simplesmente *agarrar* as pessoas, sabe? Não pode simplesmente *me* agarrar. Eu tenho namorado.

— Fale baixo. Só estou tentando...

— Ouça... — Consigo que ele me solte. Sei que estou falando alto e rápido demais. Sei que pareço histérica, mas não consigo evitar. — Não sei qual é o seu problema, entende? Não vou sair com você. Jamais sairia com você em um milhão de anos. Então você pode parar com essa *obsessão* por mim. Quer dizer, eu nem deveria saber o seu nome. — As palavras voam, e é como se me sufocassem. De repente não consigo mais respirar.

Kent me encara com firmeza. Depois chega mais perto. Por um segundo acho que ele vai tentar me beijar, e meu coração para.

Mas ele simplesmente encosta a boca no meu ouvido e diz: — Enxergo exatamente o que você é.

— Você não me conhece. — Tropeço para trás, tremendo. — Não sabe nada a meu respeito.

Ele levanta as mãos, em sinal de rendição, e recua.

— Você tem razão. Não sei.

Então começa a se virar e murmura mais alguma coisa.

— O que você disse?

Meu coração bate tão forte no peito que acho que vai explodir. Ele vira e olha para mim.

— Eu disse “*Graças a Deus*”.

Giro, desejando não ter pegado os sapatos de salto de Ally emprestados. O cômodo gira comigo e tenho de me apoiar no corrimão.

— Seu *namorado* está lá embaixo, vomitando na pia da cozinha. — Kent grita atrás de mim.

Mostro o dedo por cima do ombro. Não me viro para ver se ele está me olhando, mas tenho a sensação de que não está.

Mesmo antes de descer para ver se o que Kent falou sobre Rob é verdade, eu já sei: hoje não vai ser a noite, afinal. A combinação de decepção e alívio é tão avassaladora que tenho de me apoiar nas paredes enquanto ando, sentindo as escadas rodopiando sob meus pés, como se fossem desaparecer a qualquer instante. Hoje não será a noite. Amanhã vou acordar e será a mesma coisa, o mundo vai parecer igual, tudo será igual, terá os mesmos gostos e os mesmos cheiros. Sinto um nó na garganta e meus olhos começam a arder, e nesse instante só consigo pensar que tudo é culpa de Kent. Dele e de Juliet Sykes.

*

Meia hora depois a festa fica mais tranquila. Do lado de dentro, alguém arrancou as luzes de Natal da parede, e elas estão caídas no chão como uma cobra, iluminando os cantos empoeirados.

Estou me sentindo melhor agora, mais como eu mesma.

*

“Sempre haverá o amanhã”, Lindsay me disse quando contei a ela sobre Rob, e repito a frase mentalmente como se fosse um mantra: *Sempre haverá o amanhã. Sempre haverá o amanhã.*

Passo vinte minutos no banheiro, primeiro lavando o rosto, depois refazendo a maquiagem, apesar de minhas mãos não estarem firmes e eu estar vendo duas de mim no espelho. Toda vez que me maquio me lembro da minha mãe — eu costumava observá-la curvar-se sobre a própria vaidade, se arrumando para sair com meu pai —, e isso me acalma.

Sempre haverá o amanhã.

Aquela hora da noite é a que mais gosto, quando a maioria das pessoas está dormindo e parece que o mundo pertence somente a mim e a meus amigos, como se não existisse nada além do nosso pequeno círculo: todo o restante é escuridão e silêncio.

Saio com Elody, Ally e Lindsay. A multidão diminui à medida que as pessoas vão embora, mas ainda está difícil se locomover. Lindsay não para de gritar: “Com licença, com licença, saiam da frente, emergência feminina!”

Há alguns anos descobrimos, na matinê de um show em Poughkeepsie, que nada é capaz de fazer as pessoas saírem da frente tão rápido quanto a referência a uma “emergência feminina”. É como se fosse algo contagioso.

Na saída passamos por pessoas se agarrando nos cantos e se espremendo na escada. Atrás das portas fechadas ouvimos os risinhos abafados. Elody bate em todas as portas, gritando: “Sem proteção, sem sexo!” Lindsay vira e sussurra alguma coisa para ela, que se cala e me olha com ar de culpa. Tenho vontade dizer a elas que não me importo, nem com Rob, nem com perder minha oportunidade, mas de repente me sinto cansada demais para falar.

Vemos Bridget McGuire sentada na beirada de uma banheira, com a porta entreaberta. Está com a cabeça apoiada nas mãos, chorando.

— O que há com ela? — pergunto, lutando contra a sensação flutuante em minha cabeça, a sensação de que minhas palavras estão vindo de longe.

— Ela terminou com Alex. — Lindsay me agarra pelo cotovelo. Ela parece sóbria, mas está com as pupilas enormes e os olhos vermelhos. — Você não vai acreditar: ela descobriu que a Nazista da Nicotina encontrou Alex e Anna juntos. Ela achava que ele estava no médico. — A música continua tocando, então não conseguimos ouvir Bridget, mas seus ombros sobem e descem como se ela estivesse tendo uma convulsão. — Melhor para ela. Aquele cachorro...

— São todos uns cachorros! — diz Elody, erguendo a cerveja e derrubando um pouco, e acho que ela nem deve saber do que estamos falando.

Lindsay deixa seu copo sobre uma mesa lateral, em cima de um exemplar de *Moby Dick*. Pega uma pastora de cerâmica com cabelos louros cacheados e cílios pintados e põe no bolso. Ela sempre rouba alguma coisa das festas, que chama de suvenires.

— Acho bom que ela não vomite no Tanque — sussurra, sinalizando com a cabeça na direção de Elody.

Rob está esticado em um sofá no andar de baixo, mas consegue agarrar minha mão quando passo e tenta me puxar para cima dele.

— Aonde você vai? — ele pergunta; está com os olhos desfocados e a voz rouca.

— O.k., Rob, me deixe ir.

Eu o empurro. Isso é culpa dele também.

— Mas a gente ia... — A voz dele some. Ele sacode a cabeça, confuso, e em seguida cerra os olhos para mim. — Você está me traindo?

— Não seja idiota!

Eu queria rebobinar a noite inteira, rebobinar as últimas semanas, voltar ao momento em que Rob se inclinou, apoiou o queixo em meu ombro e disse que queria dormir ao meu lado, voltar àquele instante calmo, naquela sala escura com a televisão azul e sem som à nossa frente, e meus pais dormindo no andar de cima, voltar ao instante em que eu abri a boca e disse “Eu também”.

— Está, sim. Você está me traindo. Eu sabia!

Ele se levanta e olha em volta. Chris Harmon, um de seus melhores amigos está no canto, rindo de alguma coisa, e Rob vai aos tropeços até ele.

— Você está me traindo com a minha namorada, Harmon? — ele berra, e empurra Chris, que tropeça e derruba uma prateleira de livros.

Uma estátua de porcelana tomba, quebra e uma garota grita.

— Ficou maluco?

Chris pula em cima de Rob, e de repente eles estão engalfinhados, brigando pela sala, derrubando coisas, rosnando e gritando. De algum jeito, Rob deixa Chris de joelhos, e em seguida os dois estão no chão. As garotas gritam e saem do caminho.

— Cuidado com a cerveja! — alguém berra, logo antes de Rob e Chris rolarem pela entrada da cozinha, onde está o barril.

— Vamos, Sam! — Lindsay, atrás de mim, agarra meus ombros.

— Não posso deixá-lo aqui, assim — digo, apesar de parte de mim querer fazer exatamente isso.

— Ele vai ficar bem. Está vendo, ele está rindo.

Ela tem razão. Ele e Chris já pararam de brigar e estão jogados no chão, rindo descontroladamente.

— Rob vai ficar com muita raiva — digo, e sei que Lindsay sabe que não me refiro só ao fato de largá-lo na festa.

Ela me dá um rápido abraço.

— Lembre-se do que eu disse — ela começa a cantar: — *Just thinkin' bout tomorrow clears away the cobwebs and the sorrow...* Sempre haverá o amanhã.

Por um instante meu estômago trava, achando que ela está tirando sarro da minha cara, mas é uma coincidência. Lindsay não me conhecia quando era pequena, nem sequer teria me dirigido a palavra. Ela não tinha como saber que eu me trancava no quarto com a trilha sonora de *Annie*, berrando aquela música a plenos pulmões até meus pais ameaçarem me jogar na rua.

A melodia começa a se repetir na minha cabeça e sei que vou passar dias cantando. *Tomorrow, tomorrow, I love ya tomorrow*. Amanhã. Uma bela palavra, quando você realmente para e pensa.

— Porcaria de festa, não? — diz Ally, aparecendo do meu outro lado.

Por mais que eu saiba que ela só está contrariada com a ausência de Matt Wilde, fico feliz com o que ela disse.

O som da chuva é mais alto do que eu imaginava, e me espanto. Por um instante ficamos sob as calhas da varanda, assistindo nossa respiração condensar em nuvens, nos abraçando. Está um gelo. A água cai em goteiras constantes das calhas. Christopher Tomlin e Adam Wu estão jogando garrafas de cerveja vazias no mato. Às vezes ouvimos alguma espatifar, e o som voltar como um tiro.

As pessoas estão rindo, gritando e correndo na chuva, que está tão forte que tudo parece derreter. Não há vizinhos que possam ligar para a polícia por vários quilômetros. A grama está detonada, e grandes buracos negros de lama surgiram. Lanternas brilham a distância, rápidas e passageiras à medida que passam carros dirigindo-se à Route 9.

— Vamos correr! — grita Lindsay, e sinto Ally me puxando, em seguida estamos correndo, gritando, e a chuva está nos cegando e encharcando nossas jaquetas, a lama entra nos sapatos; chove tão forte que é como se o mundo

estivesse se desfazendo.

Quando chegamos ao carro de Lindsay eu realmente *não* me importo com a maneira horrível como a noite terminou. Estamos rindo de maneira histérica, ensopadas e tremendo, despertadas pelo frio e pela chuva. Lindsay está resmungando sobre marcas molhadas de bumbum nos assentos de couro e a lama no chão, Elody está implorando para ela ir ao Mic's, para comer ovo com queijo, e reclamando que eu sempre sento na frente, e Ally está gritando com Lindsay para aumentar o aquecedor e ameaçando morrer de pneumonia ali mesmo.

Acho que é assim que a gente começa a falar sobre o assunto: sobre morrer, digo. Concluo que Lindsay está bem para dirigir, mas percebo que ela está indo mais rápido do que o normal por aquele caminho horroroso. As árvores parecem esqueletos em ambos os lados, gemendo ao vento.

— Tenho uma teoria — digo enquanto Lindsay entra na Route 9, cantando pneus. O relógio no painel marca 0h38. — Tenho uma teoria de que antes de morrer você revê seus grandes momentos, sabe? As melhores coisas que você fez.

— Duke, baby — diz Lindsay e tira uma das mãos do volante para dar um soco no ar.

— A primeira vez que fiquei com Matt Wilde — Ally diz imediatamente.

Elody resmunga e se inclina para a frente, tentando alcançar o iPod.

— Música, por favor, antes que eu me mate.

— Me dá um cigarro? — pede Lindsay, e Elody acende um para ela com o que está segurando. Lindsay abre as janelas, e a chuva gelada entra. Ally começa a reclamar do frio outra vez.

Elody coloca “Splinter”, do Fallacy, para irritar Ally, talvez porque esteja de saco cheio de tanta reclamação. Ally a chama de vaca e solta o cinto de segurança, inclinando-se para a frente, tentando pegar o iPod. Lindsay reclama que alguém está lhe dando cotoveladas no pescoço. O cigarro cai de sua boca, aterrissa entre as coxas. Ela se põe a reclamar e a tentar espanar as cinzas do assento, Elody e Ally ainda estão brigando e eu tento falar mais alto, querendo lembrá-las de quando fizemos anjos na neve em maio. O relógio avança: 0h39. Os pneus derrapam um pouco na estrada molhada, e o carro está cheio de fumaça de cigarro, pequenas colunas se erguendo como fantasmas no ar.

Então, de repente, um flash branco passa à frente do carro. Lindsay grita alguma coisa — palavras que não consigo decifrar, algo como “sai” ou “sabe”

ou “saco” — e de repente o carro sai da estrada e cai na boca negra da mata. Ouço um ruído horrível de arranhão — metal contra metal, vidro despedaçando, um carro dobrando em dois — e sinto cheiro de fogo. Tenho tempo de pensar se Lindsay teria apagado o cigarro ou não...

Em seguida...

É quando acontece. O instante da morte é cheio de calor e som, e uma dor maior do que tudo, um calor escaldante me partindo em dois, algo cauterizando, chamuscando e rasgando, e se o grito fosse uma sensação, seria esta.

Depois nada.

Sei que alguns de vocês devem estar pensando que talvez eu mereça. Talvez eu não devesse ter enviado aquela rosa para Juliet, ou jogado bebida nela na festa. Talvez não devesse ter colado do teste de Lauren Lornet. Talvez não devesse ter dito aquelas coisas a Kent. Provavelmente há quem acredite que eu mereça, porque ia deixar Rob ir até o fim — porque não ia me guardar.

Mas antes que comece a me acusar, permita-me fazer uma pergunta: o que fiz foi realmente tão ruim? Tão ruim que eu merecia morrer por isso? Tão ruim que eu merecia morrer assim?

O que fiz foi realmente tão pior do que o que todo mundo faz?

É realmente muito pior do que o que você faz?

Pense a respeito.

Em meu sonho sei que estou caindo, apesar de não haver direção, paredes, laterais ou teto, apenas a sensação de frio e escuridão por todo lado. Estou com tanto medo que poderia gritar, mas quando abro a boca nada acontece, e fico imaginando se cair eternamente, sem nunca chegar a lugar nenhum, poderia ser outra coisa além de realmente estar caindo...

Acho que vou cair para sempre.

Um barulho pontua o silêncio, um choramingo fraco, que aumenta até parecer um aparador de gramas fatiando o ar, me fatiando...

Então acordo.

Meu alarme está disparado há vinte minutos. São 6h50.

Sento na cama e afasto a manta. Estou completamente suada, apesar de o quarto estar gelado. Minha garganta está seca e estou desesperada por beber água, como se tivesse acabado de correr uma maratona.

Por um segundo, quando olho em volta, tudo parece indistinto e levemente distorcido, como se eu não estivesse olhando para meu quarto de fato, mas para uma imagem transparente dele, mal sobreposta ao ambiente real, de modo que os cantos não se encaixam. Então a luminosidade se acomoda e tudo parece normal outra vez.

De uma só vez eu me lembro de tudo, e o sangue começa a latejar em minha cabeça: a festa, Juliet Sykes, a briga com Kent...

— Sammy!

Minha porta é aberta e bate contra a parede. Izzy vem galopando pelo quarto, pisando em todos os meus cadernos, na calça jeans usada e na blusa “Team Pink” da Victoria’s Secret. Algo parece errado, alguma coisa passeia pelos recônditos da minha memória, mas vai embora; então, Izzy pula em minha cama e me abraça. Seus braços estão quentes. Ela segura o colar que sempre uso — uma corrente fina de ouro com um passarinho pendurado, um presente de nossa avó — e dá uma puxadinha.

— Mamãe disse que você precisa se levantar.

O hálito dela cheira a pasta de amendoim, e só quando a empurro para longe percebo quanto estou tremendo.

— Hoje é sábado — digo.

Não faço ideia de como cheguei em casa na noite anterior. Não faço ideia do que aconteceu a Lindsay, Elody e Ally, e só de pensar me sinto mal.

Izzy começa a rir como uma lunática e pula da cama, seguindo em direção à porta. Ela desaparece pelo corredor e a ouço gritar: — Mamãe, Sammy não está levantando! — Ela pronuncia meu nome “Sssshammy”.

— Não me faça ir até aí, Sammy! — A voz de minha mãe ecoa da cozinha.

Ponho os pés no chão. Sentir a madeira fria me traz segurança. Quando mais nova, eu passava o verão inteiro deitada no chão, quando meu pai se recusava a ligar o ar-condicionado. Era o único lugar fresco. Estou tentada a fazer isso agora. Sinto-me febril.

Rob, a chuva, o som de garrafas se espatifando nas árvores.

O visor do meu celular acende e dou um pulo. Estendo a mão e o abro. Tenho uma nova mensagem de Lindsay.

Estou aqui fora. Cadê vc?

Fecho o telefone depressa, mas não antes de ver a data piscando: sexta-feira, 12 de fevereiro.

Ontem.

Acende de novo. Outra mensagem.

Não me atrase no Dia do Cupido, vaca!!!

De repente sinto como se estivesse me movendo embaixo d'água, sem peso, ou como se estivesse me vendo a distância. Tento me levantar, mas meu estômago está embrulhado e tenho de correr para o banheiro no corredor, com as pernas tremendo, certa de que vou vomitar. Tranco a porta e ligo a água da pia e a do chuveiro. Em seguida, me apoio na privada.

Meu estômago se revira, mas nada sai.

O carro, a derrapagem, os gritos...

Ontem.

Ouço vozes no corredor, mas a água corre tão forte que não consigo distingui-las. Só quando alguém começa a bater na porta eu me levanto e grito: — O quê?

— Saia do chuveiro. Não temos tempo.

É Lindsay, minha mãe deixou-a entrar.

Abro um pouco a porta e lá está ela, com sua jaqueta acolchoada abotoada até o queixo, aparentemente irritada. Estou feliz em vê-la, de qualquer forma. Parece tão normal, tão familiar...

— O que aconteceu ontem à noite? — pergunto.

Ela franze o rosto por um segundo.

— Ah, é, desculpe-me. Não consegui ligar de volta. Não desliguei com Patrick até, tipo, umas três da manhã.

— Ligar de volta? — Balanço a cabeça. — Não, quero dizer...

— Ele está surtando porque os pais vão para Acapulco sem ele. — Ela revira os olhos. — Coitadinho. Juro para você, Sam, meninos são como bichinhos de estimação. Dê comida, carinho e coloque para dormir. — Ela se inclina para a frente: — *Por falar nisso...* está animada para hoje à noite?

— O quê?

Não sei nem do que ela está falando. As palavras passam por mim, se misturando, estou apoiada no cabide de toalhas, com medo de cair. O chuveiro está quente demais e o banheiro, tomado pelo vapor, que embaça o espelho e se condensa nos azulejos.

— Você, Rob, um pouco de cerveja e os lençóis de flanela dele. — Ela ri. — Muito romântico.

— Preciso tomar banho.

Tento fechar a porta, mas no último segundo ela coloca o cotovelo no caminho e entra no banheiro.

— Você ainda não tomou banho? — Ela balança a cabeça. — Nã-não. De jeito nenhum. Vai ter que sair assim.

Ela estende o braço no boxe e desliga a água, depois agarra minha mão e me arrasta para o corredor.

— Mas você, definitivamente, precisa de maquiagem — diz, examinando meu rosto. — Você está péssima. Pesadelos?

— É, mais ou menos.

— Estou com minhas coisas da MAC no Tanque.

Ela desabotoa o agasalho e vejo um tufo de pelinhos subindo pelo decote: nossas blusas do Dia do Cupido. De repente, sinto o impulso de me sentar no chão e gargalhar, e preciso me empenhar para não ter um faniquito ali mesmo, enquanto Lindsay me empurra para o quarto.

— Vá se vestir — ela diz, e pega o celular, provavelmente para avisar a Elody que vamos nos atrasar.

Ela me olha por um instante e em seguida suspira, virando-se de costas.

— Espero que Rob não se importe com um pouquinho de cê-cê — ela diz, e enquanto ri disso eu começo a vestir minhas roupas: a blusa, a saia, as botas.

Outra vez.

ESSA CAMISA DE FORÇA DEIXA MEU BUMBUM MUITO GRANDE?

Quando Elody entra no carro, inclina-se para a frente para pegar o café e sinto o cheiro do perfume dela — spray corporal de framboesa, que ela ainda compra religiosamente na Body Shop do shopping, ainda que isso tenha deixado de ser moda no sétimo ano. É tão real, palpável e familiar, que tenho de fechar os olhos, completamente absorvida.

Péssima ideia. De olhos fechados vejo as luzes bonitas e calorosas da casa de Kent desaparecendo no retrovisor, e as árvores negras e sem folhas se avolumando nas laterais do carro como esqueletos. Sinto o cheiro de queimado. Ouço Lindsay gritando e sinto meu estômago se revirar quando o carro é jogado para o lado, os pneus cantando...

— Droga.

Abro os olhos quando Lindsay desvia para não atropelar um esquilo. Ela joga o cigarro pela janela e o cheiro de fumaça, estranhamente, vem em dobro: não sei ao certo se estou sentindo ou me lembrando do cheiro, ou ambas as coisas.

— Você é realmente a pior motorista que existe. — Elody ri.

— Cuidado, por favor — murmuro, e instintivamente estou me agarrando ao assento.

— Não se preocupe. — Lindsay se inclina e afaga meu joelho. — Não vou deixar minha melhor amiga morrer virgem.

Estou desesperada para despejar tudo em Lindsay e Elody, perguntar a elas o que está acontecendo comigo — conosco —, mas não consigo pensar em nenhum jeito de dizer.

Sofremos um acidente de carro depois de uma festa que ainda não aconteceu.

Achei que tivesse morrido ontem. Achei que tivesse morrido hoje à noite.

Elody deve achar que estou quieta por estar preocupada com Rob. Ela abraça meu banco e se debruça para a frente.

— Não se preocupe, Sam. Você vai ficar bem. É como andar de bicicleta.

Tento forçar um sorriso, mas mal consigo manter o foco. Parece que foi há muito tempo que fui dormir imaginando estar ao lado de Rob, imaginando a sensação de suas mãos frias e secas. Pensar nele dói, e um nó ameaça subir até minha garganta. De repente, mal posso esperar para vê-lo, ver seu sorriso torto, o boné dos Yankees e até seu casaco suado, que, mesmo quando a mãe o obriga a lavar, sempre cheira um pouco a suor de garoto.

— É como andar a cavalo. — Lindsay corrige Elody. — Você será a campeã em breve, Sammy.

— Sempre esqueço que você montava. — Elody abre a tampa do café e sopra o vapor que sobe.

— Quando tinha uns 7 anos — digo, antes que Lindsay faça daquilo uma piada.

Acho que, se ela começar a debochar de mim agora, posso até chorar. Eu jamais poderia dizer a verdade: que montar a cavalo era a coisa de que mais gostava no mundo. Adorava ficar sozinha no bosque, principalmente no fim do outono, quando tudo é viçoso e dourado, as folhas têm cor de fogo e o aroma é de coisas se misturando à terra. Adorava o silêncio — só o que ouvia eram as batidas firmes dos cascos e a respiração do animal.

Sem telefones. Sem risadas. Sem vozes. Sem casas.

Sem carros.

Baixo o para-sol, para afastar dos meus olhos a claridade, e pelo espelho vejo Elody sorrindo para mim. *Talvez conte a ela o que está acontecendo*, penso, mas ao mesmo tempo sei que não vou fazer isso. Ela me acharia louca. Todas achariam.

Fico quieta e olho pela janela. A luz do dia está fraca e pálida, como se o sol tivesse simplesmente se derramado no horizonte e fosse preguiçoso demais para se ajeitar. As sombras são afiadas e pontiagudas como agulhas. Observo três corvos negros alçarem voo simultaneamente de um cabo de telefone, e lamento não poder decolar também, subir, subir, subir e observar o chão se afastando, como quando você está em um avião e tudo vai diminuindo e se comprimindo como uma figura de origami, até se tornar um plano colorido, até que o mundo inteiro parece um desenho de si mesmo.

— Música, por favor — diz Lindsay, e procuro pelo iPod até encontrar Mary J. Blige, depois recosto e tento não pensar em nada além da música e do ritmo.

E mantenho os olhos abertos.

*

Quando chegamos à entrada que passa pelo estacionamento de cima e desce até o do corpo docente e a Alameda dos Formandos, já estou me sentindo melhor, apesar de Lindsay estar reclamando e Elody se queixando por que mais um atraso a fará pegar detenção na sexta-feira, e já se passaram dois minutos do primeiro sinal.

Tudo parece *tão normal*... Sei disso porque é sexta-feira, quando Emma McElroy vem da casa de Evan Danzig — e, como é de se esperar, lá está ela, passando por um pedaço arrebitado da cerca. Sei que Peter Kourt vai estar calçado com seu Nike Air Force 1 de um milhão de anos, pois ele usa aquilo todos os dias, mesmo tendo tantos buracos que dá para ver a cor das meias (sempre pretas). Vejo seus pés passando como um raio, enquanto ele vai apressado em direção ao prédio principal.

Ver todas essas coisas me faz sentir mil vezes melhor e começo a pensar que talvez todo o “ontem” — tudo o que aconteceu — não tenha passado de um sonho longo e estranho.

Lindsay atravessa a Alameda dos Formandos, apesar de não haver a menor chance de encontrarmos uma vaga. É como uma religião para ela. Meu estômago se revira quando passamos pela terceira vaga, em frente às quadras de tênis, e lá está o Chevrolet marrom de Sarah Grundel, com o adesivo do time de natação do Thomas Jefferson e outro, menor, que diz MOLHE-SE, me encarando do para-choque. Penso: *ela conseguiu a última vaga porque nos atrasamos muito*, e tenho de cravar as unhas na palma das mãos e repetir para mim mesma que foi apenas um sonho — que nada daquilo tinha acontecido antes.

— Não posso acreditar que vamos ter que andar 354 metros — diz Elody, fazendo beicinho. — Eu nem trouxe casaco.

— Foi você que saiu de casa seminua — diz Lindsay. — Afinal, *estamos* no inverno.

— Não sabia que ia ter que ficar *do lado de fora*.

Passamos pelos campos de futebol à direita ao voltar para o estacionamento de cima. Nessa época do ano, os campos estão completamente destruídos,

reduzidos a lama e alguns montes de grama marrom.

— Parece que estou tendo um *déjà-vu* — diz Elody. — Um flashback do primeiro ano, sabe?

— Tenho tido *déjà-vu* a manhã inteira — solto antes de conseguir me controlar, e na mesma hora me sinto melhor, certa de que são mesmo só isso.

— Deixe-me adivinhar... — Lindsay leva uma das mãos à têmpora e franze o rosto, fingindo se concentrar. — Você está tendo flashbacks da última vez que Elody foi tão irritante antes das nove da manhã.

— Cale a boca! — Elody se inclina para a frente e dá um beijo no braço de Lindsay, e elas começam a rir.

Sorrio também, aliviada por ter dito aquilo em voz alta. Faz sentido: uma vez, em uma viagem ao Colorado, meus pais e eu fizemos cinco quilômetros de trilha até uma pequena cachoeira no meio do bosque. As árvores eram grandes e velhas, eram pinheiros. As nuvens riscavam o céu como algodão-doce. Izzy era nova demais para andar ou falar. Ela estava no canguru nas costas de meu pai e ficava levantando os bracinhos gorduchos na direção do céu, como se quisesse agarrá-las.

Pois bem, enquanto estávamos parados observando a água bater nas pedras, tive a estranha sensação de que aquilo já havia acontecido — tudo, até o cheiro da laranja que minha mãe estava descascando e as sombras das árvores na superfície da água. Eu tinha *certeza*. Isso virou uma grande piada naquele dia, pois eu tinha reclamado por ter de caminhar cinco quilômetros, e quando disse a meus pais que estava tendo um *déjà-vu*, eles riram e falaram que realmente seria um milagre se eu tivesse concordado em andar aquilo tudo numa vida passada.

Acho que o que estou querendo dizer é que, naquele dia, eu tinha *certeza*, do mesmo jeito que tenho *certeza* agora. Acontece.

— Ooooh! — Elody dá um gritinho e começa a catar alguma coisa na bolsa. Ela tira um maço de cigarros, dois tubos vazios de gloss e um curvex amassado. — Quase esqueci seu presente.

Ela joga uma camisinha no banco da frente, e Lindsay bate palmas e se sacode quando pego o preservativo.

— Sem proteção, sem sexo? — digo, forçando um sorriso.

Elody se debruça no banco e me dá um beijo na bochecha, deixando uma marca de gloss cor-de-rosa.

— Vai ser ótimo, garotinha.

— Não me chame assim — digo e coloco a camisinha na bolsa.

Saímos do carro e o ar está tão frio que meus olhos ardem e começam a lacrimejar. Ignoro a sensação ruim que me invade e penso: *Hoje é o meu dia, hoje é o meu dia, hoje é o meu dia*, de modo a não conseguir focar em mais nada.

UM MUNDO DE SOMBRAS

Li certa vez que uma pessoa tem um *déjà-vu* quando as duas metades do cérebro processam as informações em velocidades diferentes: o lado direito alguns segundos antes do esquerdo, ou vice-versa. Minha pior matéria é ciências, por isso, não entendi todo o artigo, mas isso explicaria essa estranha sensação de duplicidade, como se o mundo — ou *você* — estivesse se partindo em dois.

Pelo menos é assim que me sinto: como se houvesse um eu real e um reflexo dele, e eu não soubesse distingui-los.

A questão é que o *déjà-vu* sempre vem e vai com grande rapidez — trinta segundos, um minuto no máximo.

Mas esse não acaba.

Tudo é igual: Eileen Cho dando gritinhos ao receber rosas no primeiro tempo de aula e Samara Phillips se inclinando e sussurrando: “Ele deve amá-la muito, mesmo.” Passo pelas mesmas pessoas, nos mesmos corredores, na mesma hora. Aaron Stern derruba café outra vez, e Carol Lin grita com ele de novo. Até as palavras são as mesmas: “Você por acaso caiu de cabeça no chão muitas vezes ou coisa parecida?” Tenho de admitir que é bem engraçado, mesmo da segunda vez. Mesmo quando acho que estou louca; mesmo quando estou com vontade de gritar.

Mas ainda são mais estranhas as pequenas alterações e variações, as coisas que mudaram. Sarah Grundel, por exemplo. A caminho do meu segundo tempo a vejo apoiada nos armários, rodando os óculos de natação no dedo indicador e conversando com Hillary Hale. Ao passar ouço um trechinho da conversa: — ...muito feliz, quer dizer, o treinador disse que meu tempo ainda pode baixar meio segundo...

— Temos duas semanas antes das semi. Claro que você consegue.

Congelo no lugar ao ouvir isso. Sarah me vê olhando fixamente para ela e fica bastante desconfortável. Ela ajeita o cabelo e a saia, que está alta demais.

Em seguida acena.

— Oi, Sam — ela diz, e mexe na saia outra vez.

— Você estava... — Respiro fundo para não gaguejar como uma idiota. — Você estava falando sobre as semifinais? De natação?

— Estava. — O rosto de Sarah se ilumina. — Você vai assistir?

Apesar de estar completamente assustada, ainda consigo pensar que aquela é *realmente* uma pergunta idiota. Nunca fui a nenhum evento de natação na vida, e a ideia de sentar em um piso de azulejos e ver Sarah Grundel mergulhar de maiô é tão atraente quanto o yakisoba do Hunan Kitchen. Para falar a verdade, o único evento esportivo que frequento é o último jogo do ano escolar e, após quatro anos, ainda não entendi nenhuma das regras. Lindsay geralmente leva uma garrafa de bebida ou algo para nós quatro dividirmos, para nos distrairmos.

— Achei que você não fosse competir. — Tento me esforçar ao máximo para parecer casual. — Ouvi um boato... algo sobre você ter se atrasado e o treinador ter feito um escândalo...

— Você ouviu um boato? Sobre mim?

Os olhos de Sarah se arregalam e a expressão dela é de como se eu tivesse acabado de lhe entregar um bilhete de Loteria premiado. Acho que ela é da filosofia de “falem mal, mas falem de mim”.

— Acho que me enganei.

Lembro-me então de ter visto o carro dela na terceira vaga e sinto meu rosto esquentar. Claro que hoje ela não se atrasou. Claro que vai competir. Ela não teve que andar desde o estacionamento de cima hoje. Ela se atrasou *ontem*.

Minha cabeça começa a latejar e, de repente, quero sair dali.

Hillary está me olhando de um jeito estranho.

— Tudo bem? Você está completamente pálida.

— Tudo, tudo bem. Comi um sushi estragado ontem à noite.

Apoio a mão nos armários para me recompor. Sarah começa a tagarelar sobre a vez em que comeu alguma coisa podre no shopping, mas já estou me afastando, sentindo-me como se o corredor estivesse rodando e se deformando sob mim.

Déjà-vu. É a única explicação.

Se você repete bastante alguma coisa, quase consegue acreditar nela.

Estou tão abalada que quase me esqueço de que Ally está me esperando no banheiro perto da ala de ciências. Entro na cabine, abaixo a tampa da privada e

fico ali sentada, sem prestar muita atenção ao que ela fala. Lembro-me de alguma coisa que a Sra. Harbor disse uma vez em uma de suas divagações loucas durante a aula de inglês: que Platão acreditava que o mundo inteiro — tudo o que podemos ver — era como as sombras na parede de uma caverna. Não conseguimos ver a realidade, aquilo que projeta a sombra. É a sensação que tenho agora, de estar cercada por sombras, como se estivesse vendo a imagem antes da coisa em si.

— Alô? Está me ouvindo?

Ally bate na porta e olho para cima, espantada. Percebo o $AC = LH$ no lado de dentro da porta. Abaixo, uma pequena anotação que diz: *Volte para o trailer, vadia.*

— Você disse que logo teria que comprar sutiãs na seção de maternidade — respondo automaticamente. É claro que não estava ouvindo de verdade. Pelo menos não desta vez.

Fico imaginando, vagamente, por que Lindsay foi até ali para escrever na porta do banheiro — quer dizer, por que isso era tão importante para ela? Ela já havia escrito dúzias de vezes nas cabines do banheiro perto do refeitório, e é naquele que todo mundo vai. Nem sei ao certo por que ela não gosta de Anna, e me lembro de que ainda não sei quando ela começou a odiar Juliet Sykes. É estranho quanto é possível saber sobre alguém sem saber realmente tudo. Você acha que um dia vai descobrir.

Levanto e abro a porta, apontando para a pichação.

— Quando Lindsay fez isso?

Ally revira os olhos.

— Ela não fez. Alguém a imitou.

— Sério?

— ã-hã. Tem um no vestiário das meninas também. Imitação. — Ela prende o cabelo em um rabo de cavalo e começa a beliscar os lábios para fazê-los inchar. — É ridículo. Não podemos fazer nada nesta escola sem que os outros comecem a imitar.

— Ridículo.

Passo os dedos pelas letras. São grossas e pretas, como minhocas, rabiscadas com caneta permanente. Imagino, rapidamente, se Anna utiliza este banheiro.

— Deveríamos processar por plágio. Pode imaginar? Vinte dólares para cada vez que nos copiam. Estaríamos milionárias. — Ela ri. — Balinha?

Ally estica a mão com uma lata de Altoids. Apesar de ela ainda ser virgem

— e continuará sendo pelo futuro próximo (ou pelo menos até ir para a faculdade), considerando a obsessão por Matt Wilde —, ela insiste em tomar pílulas anticoncepcionais, que mantém escondidas junto com as balas de menta. Diz ela que é para o pai não encontrar, mas sabemos que ela gosta de tomar durante a aula para que os outros pensem que ela tem vida sexual. Não que alguém acredite. O Thomas Jefferson é pequeno: todo mundo sabe essas coisas.

Uma vez Elody disse a Ally que ela está com “hálito de gravidez”, e quase morremos de rir. Foi no ano passado, em maio, e estávamos deitadas no trampolim de Ally. Era sábado de manhã, após uma das melhores festas que ela já deu. Estávamos todas com um pouco de ressaca, nossos cérebros vazios, cheios de panquecas e bacon que tínhamos comido no jantar, completamente felizes. Fiquei ali enquanto o trampolim molhava e balançava, fechando os olhos para me proteger do sol, desejando que o dia nunca acabasse.

O sinal toca e Ally solta um gritinho.

— Ooh! Vamos nos atrasar.

Mais uma vez aquele buraco se abre no meu estômago. Parte de mim está tentada a se esconder o dia inteiro no banheiro, mas não posso.

Sei que você sabe o que acontece em seguida. Chego atrasada na aula de química, pego o último lugar vazio, ao lado de Lauren Lornet, e o Sr. Tierney passa um teste com três perguntas.

A pior parte? Já vi o teste e *mesmo assim* não sei as respostas.

Peço uma caneta emprestada. Lauren começa a sussurrar para mim; ela quer saber se a caneta está funcionando. O Sr. Tierney joga o livro sobre a mesa fazendo um barulho.

Todos se assustam, menos eu.

Aula. Sinal. Aula. Sinal.

Louca. Estou ficando louca.

Quando as rosas são entregues na aula de matemática, minhas mãos estão tremendo. Respiro fundo antes de abrir o cartão plastificado preso à rosa que Rob me mandou. Imagino que vá dizer alguma coisa incrível, algo surpreendente, que vá fazer com que tudo melhore.

Você é linda, Sam.

Estou muito feliz por estar com você.

Sam, eu te amo.

Levanto o canto do cartão suavemente e espio o lado de dentro.

Com am...

Fecho o cartão rapidamente e o coloco na bolsa.

— Uau. É linda.

Olho. A menina vestida de anjo está ali parada, observando a flor que acabou de colocar na minha mesa: pétalas rosa e creme, como se fossem feitas de alguma espécie de sorvete. Ela ainda está com a mão esticada e pequenas veias azuis cruzam sua pele como uma teia.

— Tire uma foto. Dura mais tempo. — Irrito-me com ela.

Ela enrubesce, fica tão vermelha quanto as rosas que traz e gagueja um pedido de desculpas.

Não perco tempo lendo a mensagem que está presa à flor e pelo restante da aula, mantenho os olhos grudados no quadro-negro para evitar qualquer sinal de Kent. Estou tão concentrada em não olhar para ele que quase perco o momento em que o Sr. Daimler dá uma piscadela e sorri para mim.

Quase.

Depois da aula, Kent me alcança, segurando a flor rosa e creme, que deixei sobre a mesa de propósito.

— Você esqueceu isso — ele diz. Como sempre, está com o cabelo caindo sobre um dos olhos. — Tudo bem, pode dizer: sou incrível.

— Não esqueci. — Estou lutando para não olhar para ele. — Não quis.

Dou uma olhada para ele e vejo seu sorriso desaparecer por um instante. Em seguida, volta com força total, como um raio laser.

— Como assim? — Ele tenta me entregá-la. — Nunca lhe disseram que quanto mais rosas você ganha no Dia do Cupido, mais popular você é?

— Acho que não preciso de ajuda neste departamento. Principalmente de ajuda sua.

Aí o sorriso some em definitivo. Parte de mim odeia o que estou fazendo, mas só consigo pensar na lembrança, sonho, ou o que quer que seja, quando ele se inclina e penso que vai me beijar, tenho certeza, mas em vez disso ele sussurra: *Enxergo você exatamente como é.*

Você não me conhece. Não sabe nada a meu respeito.

Graças a Deus.

Enfio as unhas nas palmas das mãos.

— Nunca disse que fui eu que mandei a rosa — ele diz. A voz é tão baixa e séria que me espanta. Olho nos olhos dele; são verdes brilhantes. Lembro-me de quando era pequena e minha mãe dizia que Deus misturara a grama e os

olhos de Kent a partir da mesma cor.

— Bem, é bastante óbvio que foi. — Só quero que ele pare de me olhar daquele jeito.

Ele respira fundo.

— Olha só. Vou dar uma festa hoje à noite...

É então que vejo Rob na cantina. Normalmente esperaria até ele me notar, mas hoje não posso.

— Rob! — grito.

Ele se vira, me vê, dá um quase aceno e começa a se virar novamente.

— Rob! Espere aí! — Saio apressada pelo corredor. Não estou correndo, exatamente; eu, Lindsay, Elody e Ally fizemos um pacto, há anos, de nunca correr em território escolar, nem mesmo em aulas de educação física (encaremos a verdade: suor e arfadas não são exatamente atraentes), mas quase isso.

— Uau, Slamster. Onde é o incêndio?

Rob me abraça e enterro o nariz no casaco dele. Está com cheiro de pizza velha — não é o melhor aroma, principalmente quando se mistura a erva-cidreira —, mas não me importo. Minhas pernas estão tremendo tanto que estou com medo de não me aguentarem. Só quero ficar ali para sempre, me segurando nele.

— Senti saudades — digo no peito dele.

Por alguns segundos o braço dele enrijece. Mas quando ele levanta meu rosto, está sorrindo.

— Recebeu meu Namograma? — ele pergunta.

Faço que sim com a cabeça.

— Obrigada. — Minha garganta está tão apertada que temo começar a chorar. É tão bom sentir os braços dele me envolvendo, como se fossem a única coisa que me mantém de pé. — Rob, ouça, sobre hoje à noite...

Nem sei ao certo o que vou dizer, mas ele me interrompe.

— Tudo bem. O que foi agora?

Recuo um pouco para conseguir olhar para ele.

— Eu... eu quero... É que estou... As coisas estão completamente loucas hoje. Acho que estou doente ou... ou outra coisa.

Ele ri e belisca meu nariz com dois dedos.

— Ah, não. Você não vai se safar dessa. — Ele põe a testa dele na minha e sussurra: — Estou ansioso por isso há muito tempo.

— Eu sei, eu também... — Imaginei tantas vezes: a maneira como a lua estará mergulhando atrás das árvores e entrando pelas janelas, desenhando triângulos e quadrados nas paredes; a sensação do cobertor contra minha pele nua enquanto tiro as roupas.

Então, visualizei o momento seguinte, depois que Rob me beijou, disse que me amava e dormiu com a boca aberta, e fui até o banheiro mandar uma mensagem para Lindsay e Ally.

Fiz.

É a cena do meio que tenho dificuldades para imaginar.

Sinto meu telefone tremer no bolso de trás: uma nova mensagem. Meu estômago embrulha. Já sei o que vai dizer.

— Você tem razão — digo a Rob, o envolvendo. — Talvez eu deva ir para a sua casa direto da aula. Podemos ficar juntos a tarde inteira, a noite inteira.

— Bonitinha. — Rob se afasta, ajeita o boné e a mochila. — Mas meus pais não saem até a hora do jantar.

— Não me importo. Podemos ver um filme ou alg...

— Além disso — Rob está olhando por cima do meu ombro agora —, ouvi falar de uma festa na casa daquele cara, como ele se chama, o garoto do chapéu-coco. Ken?

— Kent — respondo automaticamente. Rob sabe o nome dele, obviamente, todo mundo conhece todo mundo aqui, mas é uma questão de poder. Lembro-me de ter dito a Kent: *Eu nem deveria saber o seu nome*, e me sinto enjoada. Vozes ressoam pelo corredor, e pessoas começam a passar por mim e por Rob. Posso sentir que estão nos observando, provavelmente torcendo por uma briga.

— É, Kent. Talvez eu dê uma passada. Podemos nos encontrar lá?

— Você quer mesmo ir? — Estou tentando conter meu pânico dentro de mim. Abaixo a cabeça e olho para ele do jeito que já vi Lindsay fazer com Patrick quando está desesperada por alguma coisa. — Só vai significar menos tempo comigo.

— Teremos tempo suficiente. — Rob beija os próprios dedos e com eles afaga minha bochecha duas vezes. — Pode confiar em mim. Alguma vez já a decepcionei?

Vai me decepcionar hoje à noite. Não consigo conter o pensamento.

— Não — falo, alto demais. Mas Rob não está ouvindo. Adam Marshall e Jeremy Forker acabaram de se juntar a nós, e todos eles estão fazendo aquele

cumprimento em que pulam um no outro e brincam de lutar. Às vezes acho que Lindsay tem razão, que os meninos são como animais.

Pego meu telefone para verificar a mensagem, apesar de não precisar.

Festa @Kent Esquisito hj. Topa?

Meus dedos estão dormentes ao responder *Obv*. Em seguida vou almoçar, sentindo como se o som de trezentas vozes pesasse, como um vento sólido me levantasse, cada vez mais para o alto, e para longe.

ANTES DE ACORDAR

— Então? Está nervosa? — Lindsay levanta uma perna e gira para a frente e para trás, admirando os sapatos que acabou de roubar do closet de Ally.

A música pulsa na sala. Ally e Elody estão cantando “Like a Prayer” a plenos pulmões. Ally nem de longe canta bem. Eu e Lindsay estamos deitadas de costas na cama de Ally. Tudo na casa de Ally é 25 por cento maior do que na de uma pessoa normal: a geladeira, as cadeiras de couro, as televisões — até as garrafas de champanhe que o pai dela guarda na adega (estritamente proibida). Uma vez Lindsay disse que isso tudo fazia com que ela se sentisse como Alice no País das Maravilhas.

Ajeito a cabeça em um travesseiro enorme que diz **A VACA ESTÁ AÍ**. Já tomei quatro doses, achando que fossem me acalmar, e acima de mim as luzes estão piscando e borrando. Abrimos todas as janelas, mas continuo me sentindo febril.

— Não se esqueça de respirar — Lindsay está dizendo. — Não entre em pânico se doer um pouquinho, principalmente no início. Não fique tensa. Só vai piorar.

Estou me sentindo bastante enjoada, e Lindsay não está ajudando. Não consegui comer durante todo o dia, então, quando chegamos à casa de Ally, estava morta de fome e comi uns 25 canapés de pesto e queijo de cabra que Ally preparou. Não sei bem quanto o queijo está se misturando à vodca. Para piorar, Lindsay me fez comer sete tiras de Listerine para melhorar o hálito, pois o pesto tinha alho, e ela disse que Rob ia achar que estava perdendo a virgindade para um menu italiano.

Nem estou nervosa com relação a Rob — quer dizer, não consigo me concentrar em ficar nervosa com relação a ele. A festa, o caminho de carro, a

possibilidade do que vai acontecer lá: é isso que está me embrulhando o estômago. Pelo menos a vodca me ajudou a respirar, e não me sinto mais tão trêmula.

Claro, não posso contar nada disso a Lindsay.

— Não vou entrar em pânico. Quer dizer, todo mundo faz, não é? Se Anna Cartullo consegue... — É o que acabo dizendo.

Lindsay faz uma careta.

— Ai. Seja o que for que você faça, não é o que Anna Cartullo faz. Você e Rob estão “fazendo amor”. — Ela faz sinal de aspas no ar e ri, mas dá para perceber que está falando sério.

— Você acha?

— Claro. — Ela inclina a cabeça para olhar para mim. — Você não?

Quero perguntar: *Como você sabe a diferença?*

Nos filmes sempre é possível saber quando as pessoas devem ficar juntas, pois a música envolve o ambiente — tolo, mas é verdade. Lindsay vive dizendo que não conseguiria viver sem Patrick, e não tenho certeza de se é assim que a pessoa deve se sentir ou não.

Às vezes, quando estou no meio de um lugar cheio, com Rob, e ele põe o braço sobre meus ombros e me puxa para perto — como se não quisesse que alguém esbarrasse ou derrubasse alguma coisa em mim —, sinto um calor no estômago como se tivesse acabado de tomar uma taça de vinho, e fico completamente feliz, por um segundo. Tenho quase certeza de que isso é amor.

— Claro que sim — digo para Lindsay.

Ela ri mais uma vez e me cutuca.

— Então? Ele cedeu e disse?

— Disse o quê?

Ela revira os olhos.

— Que te *ama*.

Detenho-me por um segundo longo demais, pensando no bilhete: *Com amor*. O tipo de coisa que se escreve no livro da turma de alguém quando não se tem mais o que dizer.

Lindsay continua.

— Ele vai dizer. Os meninos são uns idiotas. Aposto que vai dizer hoje à noite. Logo depois que você... — Ela para de falar e mexe os quadris para cima e para baixo.

Bato nela com um travesseiro.

— Você é uma cachorra, sabe disso?

Ela rosna para mim e mostra os dentes. Rimos e depois ficamos deitadas em silêncio por um minuto, ouvindo os uivos de Ally e Elody no cômodo ao lado. Agora estão em “Total Eclipse of the Heart”. É agradável ficar deitada ali: bom e normal. Penso em todas as vezes que ficamos exatamente neste lugar, esperando Ally e Elody acabarem de se arrumar, esperando para sair, esperando alguma coisa acontecer — o tempo correndo, em seguida se perdendo para sempre — e, de repente, desejo que pudesse me lembrar de cada uma das vezes, como se de alguma forma pudesse voltar a elas se conseguisse.

— Você ficou nervosa? Na primeira vez, quero dizer. — Fico um pouco envergonhada de perguntar, então falo baixo.

Acho que a pergunta pegou Lindsay de surpresa. Ela enrubesce e começa a mexer na colcha de Ally, e por um instante sei exatamente o que ela está pensando, apesar de que nunca falaria em voz alta. Lindsay, Ally, Elody e eu somos tão próximas quanto amigas podem ser, mas ainda existem coisas sobre as quais não falamos. Por exemplo, apesar de Lindsay dizer que Patrick foi seu primeiro e único, isso não é exatamente verdade. Tecnicamente, o primeiro foi um cara que ela conheceu em uma festa quando foi visitar o meio-irmão na NYU. Eles fumaram maconha, dividiram uma caixa com seis cervejas e transaram, e ele nunca soube que ela nunca tinha feito aquilo antes.

Não falamos sobre isso. Não conversamos sobre o fato de que não podemos ficar na casa de Elody depois das cinco da tarde, pois a mãe dela estará lá, e bêbada. Não falamos a respeito de Ally nunca comer mais de um quarto do que está no prato, apesar de ela ter obsessão por cozinhar e assistir o Canal Culinário horas a fio.

Não falamos sobre a piada que me perseguiu nos corredores e nas salas de aula, e no ônibus escolar, que invadia meus sonhos: “O que é vermelha e branca e completamente estranha? Sam Kingston!” E, definitivamente, não falamos sobre o fato de que foi Lindsay que a inventou.

Uma boa amiga guarda segredos para você. Uma melhor amiga ajuda você a guardar os próprios segredos.

Lindsay rola para o lado dela e se apoia sobre um cotovelo. Fico imaginando se ela vai finalmente mencionar o cara da NYU (nem sequer sei o nome dele, e nas poucas vezes em que fez referência a ele, o chamou de

Imensionável).

— Não estava nervosa — ela diz, calmamente. Em seguida, respira fundo e sorri. — Estava com tesão, amor. *Excitada* — diz, com um sotaque britânico falso, em seguida pula em cima de mim e começa a fazer movimentos sexuais.

— Você é impossível — digo, empurrando-a para longe de mim, e ela rola da cama, gargalhando.

— Você me ama. — Lindsay se ajoelha e sopra a franja do rosto. Inclina-se para a frente e apoia os cotovelos na cama. De repente, fica séria. — Sam? — Está com olhos arregalados e diminui a voz. Tenho de me aproximar para conseguir ouvir em meio à música. — Posso contar um segredo?

— Claro. — Meu coração acelera. Ela sabe o que está acontecendo comigo. Está acontecendo com ela também.

— Você precisa prometer não contar. Tem que jurar que não vai ter um ataque.

Ela sabe; ela sabe. Não sou só eu. Minha cabeça clareia e tudo se ajeita ao meu redor. Sinto-me completamente sóbria.

— Juro. — As palavras mal saem.

Ela chega para a frente até estar com a boca quase no meu ouvido.

— Eu...

Então, ela vira a cabeça e arrotta, alto, na minha cara.

— Caramba, Lindz! — Abano o ar com a mão. Ela se deita outra vez, chutando o ar e rindo de forma histérica. — Qual é o seu problema?

— Você tinha que ter visto seu rosto.

— *Alguma vez* você fala sério? — falo brincando, mas meu corpo inteiro pesa com a decepção. Ela não sabe. Não entende. O que quer que esteja acontecendo, é só comigo. Um sentimento de completa solidão me envolve, como uma névoa.

Lindsay alisa os cantos dos olhos com o polegar e se levanta.

— Falarei sério quando estiver morta.

Essa palavra provoca um choque em mim. Morta. Tão derradeira, tão feia, tão curta. A sensação de calor que vinha sentindo desde que comecei a beber escapa de mim e me inclino para fechar a janela de Ally, tremendo.

A boca negra da mata se abrindo. O rosto de Vicky Hallinan...

Tento pensar no que vai me acontecer se, na verdade, eu tiver enlouquecido completamente. Logo antes do oitavo tempo de aula fiquei a três metros da diretoria — onde ficam o diretor, a Srta. Winters e a psicóloga

da escola —, querendo entrar e dizer: *Acho que estou enlouquecendo*. Mas então ouvi um barulho e Lauren Lornet entrou no corredor, fungando, provavelmente chorando por causa de algum problema com um menino, uma briga com os pais, ou alguma coisa *normal*. Naquele segundo, todo o trabalho que tive para me enquadrar desapareceu. Tudo está diferente agora. *Eu estou diferente*.

— Então, vamos ou o quê? — Elody entra no quarto à frente de Ally. Ambas estão sem fôlego.

— Vamos. — Lindsay pega a bolsa e a coloca sobre o ombro.

Ally começa a rir.

— Ainda são nove e meia — ela diz —, e Sam já está com cara de quem vai vomitar.

Levanto e espero um segundo enquanto o chão se ajeita debaixo de mim.

— Vou ficar bem. Estou bem.

— Mentirosa — Lindsay diz e sorri.

A FESTA, TAKE DOIS

— É assim que um filme de terror começa — diz Ally. — Tem certeza de que é no número 42?

— Tenho. — Minha voz soa como algo distante. O medo sufocante voltou. Posso senti-lo vindo de todas as direções, me comprimindo, expulsando o ar para fora de mim.

— Acho bom que isso não arranhe a minha pintura — diz Lindsay quando um galho passa pela porta do lado do carona com o som de uma unha raspando um quadro-negro.

O bosque some, e a casa de Kent emerge da escuridão, branca e brilhante, como se fosse feita de gelo. O jeito como surge ali, cercada por escuridão por todos os lados, me faz lembrar a cena em *Titanic* quando o iceberg aparece na água e atinge o navio. Ficamos todas em silêncio por um instante. Pequenas gotas de chuva batem no para-brisa e no teto, e Lindsay desliga o iPod. Uma música antiga toca no rádio. Só consigo ouvir alguns pedaços da letra: *Feel it now like you felt it then... Touch me now and around again...*

— É quase tão grande quanto a sua casa, Al — diz Lindsay.

— Quase — diz Ally.

Sinto uma tremenda onda de afeto por ela naquele instante. Ally, que gosta de casas grandes, automóveis caros, joias da Tiffany, sapatos altos e purpurina no corpo. Ally, que não é muito inteligente e tem consciência disso, e que fica obcecada por meninos que não são bons o suficiente para ela. Ally, que secretamente é uma ótima cozinheira. Eu a conheço. Entendo-a. Conheço todas elas.

Dentro da casa Dujeous ruge pelos alto falantes: *All MCs in the house tonight, if your lyrics sound tight then rock the mic*. As escadas balançam debaixo de mim. Quando chego ao andar de cima, Lindsay tira a garrafa de vodca de mim, rindo.

— Devagar, Esponja. Você tem negócios para tratar.

— Negócios? — Começo a rir um pouco, alguns engasgos. A fumaça é tanta que mal consigo respirar. — Achei que fosse fazer amor.

— O negócio de fazer amor. — Ela se inclina para perto e o rosto fica enorme como uma lua. — Chega de vodca por ora, o.k.?

Sinto minha cabeça fazer sinal afirmativo, e o rosto dela recua. Ela examina a sala.

— Tenho que encontrar Patrick. Você vai ficar bem?

— Ótima — digo, tentando sorrir. Não consigo: é como se os músculos da minha face não respondessem. Ela começa a se virar e a agarro pelo pulso. — Lindz?

— Oi?

— Vou com você, tudo bem?

Ela dá de ombros.

— Tudo, claro. Como quiser. Ele está em algum lugar nos fundos, acabou de me mandar uma mensagem.

Começamos a passar pelas pessoas. Lindsay grita para mim: — É como um labirinto aqui.

As coisas passam por mim em borrões, trechos de conversas e risadas, a sensação de casacos esfregando na minha pele, o cheiro de cerveja, perfume, sabonete líquido e suor, tudo se misturando e girando junto.

Todos estão como ficam em sonhos, familiares, porém não muito nítidos, como se pudessem se transformar em outra pessoa a qualquer instante. *Estou sonhando*, penso. Isto não passa de um sonho: todo o dia de hoje foi um sonho, e quando eu acordar contarei a Lindsay como pareceu real e longo, ela vai revirar os olhos e dizer que sonhos nunca duram mais do que trinta segundos.

É engraçado pensar em contar a Lindsay — que está me puxando pela mão e mexendo no cabelo impacientemente à minha frente — que estou apenas *sonhando* com ela, que não está realmente aqui, e rio, começando a relaxar. É apenas um sonho, posso fazer o que quiser. Posso beijar quem quiser, e ao passarmos por um grupo de meninos — Adam Marshall, Rasan Lucas e Andrew Roberts — imagino que poderia beijar todos eles se quisesse. Vejo Kent no canto falando com Phoebe Rifer e penso: *Poderia ir até lá e beijar o sinal em forma de coração embaixo do olho dele, e não faria a menor diferença.* Nem sei de onde vem essa ideia. Jamais beijaria Kent, nem mesmo em um sonho. Mas poderia, se quisesse. Em algum lugar estou deitada sob um cobertor quente em uma cama grande, cercada por travesseiros, com as mãos embaixo da cabeça, dormindo.

Inclino-me para a frente para dizer isso a Lindsay — que estou sonhando com o dia de ontem, e que talvez ontem também tenha sido um sonho — quando vejo Bridget McGuire em um canto com o braço ao redor da cintura de Alex Liment. Ela está rindo e ele está se curvando para se aproximar do pescoço dela. Ela levanta o olhar naquele instante e me vê observando os dois. Em seguida, pega a mão dele e o arrasta até mim, empurrando outras pessoas para fora do caminho.

— *Ela vai* saber — está dizendo a ele por cima do ombro, em seguida vira o sorriso para mim. Tem dentes tão brancos que brilham. — Sra. Harbor deu as tarefas do texto hoje?

— O quê? — Estou tão confusa que levo um segundo para perceber que ela está falando sobre a aula de inglês.

— As tarefas. Sobre *Macbeth*?

Ela cutuca Alex.

— Perdi o sétimo tempo — ele diz e olha para mim, em seguida desvia o olhar, tomando um gole de cerveja.

Não digo nada. Não sei o que dizer.

— Então, passou as tarefas ou não? — Bridget está com a aparência de sempre: como um cachorrinho esperando um agrado. — Ele *teve* que faltar. Consulta médica. A mãe dele o fez tomar uma vacina contra meningite. Que coisa mais ridícula, não? Quer dizer, quatro pessoas morreram disso no ano passado. Existem mais chances de ser atropelado por um carro...

— Ele deveria tomar uma vacina para prevenir herpes — diz Lindsay, rindo, mas tão baixo que só ouço porque estou colada nela. — Provavelmente,

já é tarde demais para isso.

— Não sei — respondo para Bridget. — Matei aula.

Estou olhando fixamente para Alex, observando a reação dele. Não sei se ele percebeu que eu e Lindsay estávamos do lado de fora do Hunan Kitchen hoje, espiando o lado de dentro. Não parece ter notado.

Ele e Anna estavam curvados sobre uma espécie de carne cinzenta em uma vasilha de plástico, exatamente como esperava que estivessem. Lindsay queria entrar para chateá-los, mas eu ameacei vomitar nas novas botas Steve Madden dela se sentisse aquele cheiro horroroso de carne com cebola do lado de dentro.

Ao sairmos do The Country's Best Yogurt, não estavam mais lá, e só os vimos rapidamente no Lounge dos Fumantes. Estavam saindo na hora que Lindsay acendia um cigarro. Alex deu um beijo rápido na bochecha de Anna, e caminharam em direções opostas: Alex para o refeitório e Anna para o prédio de artes.

Já estavam desaparecidos há tempos quando eu e Lindsay passamos pela Nazista da Nicotina em sua patrulha diária. Hoje não foram pegos.

E Bridget não sabe onde ele *realmente* estava durante o sétimo tempo.

De repente tudo começa a se ajeitar — todos os medos que eu vinha contendo —, um atrás do outro, como dominós caindo. Não posso mais negar. Sarah Grundel estacionando porque nos atrasamos. É por isso que ainda está nas semifinais. Anna e Alex não brigaram, pois convenci Lindsay a continuar andando. Não foram pegos no Lounge dos Fumantes, e por isso Bridget está com Alex e não chorando no banheiro.

Isto não é um sonho. E não é *déjà-vu*.

Está realmente acontecendo. Está acontecendo *novamente*.

Parece que meu corpo inteiro congela naquele segundo. Bridget fala sobre nunca ter matado aula, Lindsay está acenando com a cabeça, parecendo entediada, e Alex bebe cerveja, em seguida não consigo respirar — o medo está me esmagando como um torno, e tenho a sensação de que vou me partir em um milhão de pedaços ali mesmo. Quero sentar e colocar a cabeça entre os joelhos, mas temo que se me mexer, ou fechar os olhos, ou fizer qualquer coisa, vou começar a me desfazer — cabeça saindo do pescoço, saindo do ombro —, todo o meu ser flutuando para o nada.

O osso da cabeça soltou do osso do pescoço, o osso do pescoço soltou da espinha dorsal...

Sinto braços me envolverem por trás, e a boca de Rob no meu pescoço. Mas nem ele pode me aquecer. Estou tremendo incontrolavelmente.

— Sammy Sexy — entoa, me virando para ele. — Por onde você andou durante toda a minha vida?

— Rob. — Estou surpresa por ainda conseguir falar, surpresa por ainda conseguir pensar. — Preciso muito falar com você.

— O que foi, linda?

Os olhos dele estão vermelhos e lacrimejantes. Talvez seja porque estou apavorada, mas certas coisas parecem mais definidas do que nunca para mim, mais claras. Percebo, pela primeira vez, que a cicatriz em forma de meia-lua sob seu nariz o faz parecer ligeiramente com um touro.

— Não pode ser aqui. Temos que... temos que ir para algum lugar. Um quarto, ou coisa do tipo. Algum lugar privado.

Ele sorri e se curva para perto de mim, exalando álcool no meu rosto enquanto tenta me beijar.

— Entendi. É *esse* tipo de conversa.

— Estou falando sério, Rob. Estou me sentindo... — Balanço a cabeça. — ...não estou me sentindo bem.

— Você nunca está se sentindo bem. — Ele se afasta, franzindo o rosto para mim. — Tem sempre alguma coisa, sabe?

— Do que você está falando?

Ele balança um pouquinho e faz uma imitação.

— *Estou cansada hoje. Meus pais estão lá em cima. Seus pais vão ouvir.* — Ele sacode a cabeça. — Estou esperando há meses, Sam.

As lágrimas estão vindo. Minha cabeça lateja com o esforço para contê-las.

— Não tem nada a ver com isso. Juro, eu...

— Então tem a ver com *o quê*? — Ele cruza os braços.

— Eu preciso muito de você, agora. — Mal consigo falar. Fico surpresa por ele escutar.

Ele suspira e esfrega a testa.

— Tudo bem, tudo bem. Desculpe.

Ele põe a mão na minha cabeça.

Aceno afirmativamente. Começo a chorar e ele limpa duas das minhas lágrimas com o polegar.

— Vamos conversar, tudo bem? Vamos para algum lugar sossegado. — Ele balança o copo vazio de cerveja para mim. — Mas posso pelo menos pegar

um refil antes?

— Pode, claro — digo, mesmo querendo implorar para que ele fique comigo, me abrace e nunca mais solte.

— Você é incrível — ele diz, abaixando para beijar minha bochecha. — Sem chorar, estamos em uma festa, lembra? É para ser divertido. — Ele começa a recuar e levanta a mão, com os dedos estendidos. — Cinco minutos.

Apoio-me contra a parede e espero. Não sei mais o que fazer. Pessoas passam por mim, e mantenho o cabelo no rosto, para ninguém ver que as lágrimas continuam descendo. A festa está barulhenta, mas, de algum jeito, distante. As palavras estão distorcidas e a música parece a de um parque de diversões, como se as notas estivessem fora de tom e colidindo umas com as outras.

Cinco minutos se passam, depois sete. Dez minutos se vão, e digo para mim mesma que vou esperar mais cinco minutos, então irei procurá-lo, apesar de a ideia de me mexer parecer impossível. Doze minutos depois mando uma mensagem para o celular dele: *Kd vc?*, mas lembro que ontem ele falou que tinha deixado o telefone em algum lugar.

Ontem. Hoje.

E, desta vez, quando me imagino deitada em algum lugar, não estou dormindo. Agora me vejo esticada em uma laje fria de pedra, com a pele branca como leite, os lábios azuis e as mãos cruzadas no peito como se tivessem sido colocadas ali...

Respiro fundo e me forço a focar em outras coisas. Conto as luzes de Natal que emolduram o pôster do filme *E.T.* — *O Extraterrestre* sobre o sofá, em seguida os brilhos vermelhos das guimbas de cigarro passando pelo escuro como vagalumes. Não sou nenhuma nerd da matemática, mas sempre gostei de números. Gosto de como é possível continuar empilhando-os, um sobre o outro, até preencherem qualquer espaço, a qualquer hora. Uma vez contei isso às minhas amigas, e Lindsay disse que eu seria a espécie de velha que decora cadernos de telefone e empilha jornais e caixas de cereal do chão até o teto, procurando mensagens extraterrestres nos códigos de barra.

Mas, alguns meses depois, fui dormir na casa dela, e ela confessou que, às vezes, quando está chateada com alguma coisa, recita uma oração católica de dormir que decorou quando pequena, apesar de ser parte judia e não acreditar em Deus.

Agora eu me deito para dormir,

Oro a Deus para minha alma guardar.

Se eu morrer antes de acordar,

Oro a Deus para minha alma levar.

Ela a tinha visto bordada em um travesseiro na casa da professora de piano, e ficamos rindo de como travesseiros bordados eram ridículos. Mas, até dormir naquela noite, não consegui tirar a oração da cabeça. Aquela frase específica continuou se repetindo na minha mente: *Se eu morrer antes de acordar.*

Estou a ponto de me forçar a desencostar da parede quando ouço o nome de Rob. Duas meninas do segundo ano tropeçaram para dentro da sala, dando risadinhas, e me esforço para ouvir o que estão dizendo.

— Não, primeiro foi Matt Kessler.

— Foram os dois.

— Viu como Aaron Stern está, tipo, segurando por cima do barril? *Completamente* de cabeça para baixo.

— Beber de cabeça para baixo é assim, *dã*.

— Rob Cokran é *muito* gato.

— Shhh. Ai, meu Deus.

Uma das garotas dá uma cotovelada na outra ao me ver. Seu rosto fica pálido. Provavelmente está apavorada: estava falando sobre o meu namorado (delito), porém, mais especificamente, falava sobre quanto ele é gato (crime). Se Lindsay estivesse aqui, faria um escândalo, chamaria as meninas de vadias e as expulsaria da festa. Se estivesse aqui, ia querer que eu fizesse um escândalo. Lindsay pensa que inferiores — especificamente meninas do segundo ano — têm que ser postos em seus devidos lugares. Caso contrário, tomarão conta do universo, como baratas, protegidas contra ataques nucleares por uma armadura de joias da Tiffany e cascos de gloss.

Não tenho forças para responder e fico satisfeita por Lindsay não estar presente para não me encher a paciência. Deveria ter imaginado que Rob não ia voltar. Penso em hoje, quando me disse para confiar nele, que nunca me decepcionaria. Deveria ter dito que ele era mentiroso.

Preciso sair. Preciso me afastar da fumaça e da música. Preciso de um lugar para pensar. Continuo morrendo de frio e tenho certeza de que estou com a aparência péssima, apesar de achar que não vou mais chorar. Uma vez assistimos a um vídeo de saúde sobre os sintomas do choque, e sou basicamente a propaganda de todos eles. Dificuldade de respirar. Mãos frias e úmidas. Tonteira. Saber disto faz eu me sentir ainda pior.

O que só comprova que não se deve prestar atenção às aulas de saúde.

As filas para ambos os banheiros têm quatro pessoas e todos os quartos estão cheios. São onze da noite e todo mundo que planejou vir já está aqui. Algumas pessoas falam meu nome, e Tara Flute chega perto e diz: — Meu Deus. Adorei seus brincos. Você comprou na...

— Agora não — interrompo-a, e continuo andando, desesperada para encontrar algum lugar escuro e quieto. À minha esquerda vejo uma porta fechada, a com os adesivos colados. Seguro a maçaneta e giro. Não abre, é claro.

— Esta é a sala VIP.

Viro e Kent está atrás de mim, sorrindo.

— Tem que estar na lista. — Ele se apoia na parede. — Ou subornar o segurança com uma nota de vinte. Um ou outro.

— Eu... eu estava procurando o banheiro.

Kent inclinou a cabeça em direção ao outro lado do corredor, onde Ronica Masters, obviamente bêbada, batia à porta com o punho.

— Anda logo, Kristen! — ela grita. — Preciso fazer xixi.

Kent olha novamente para mim e ergue as sobrancelhas.

— Foi mal — digo, tentando passar por ele.

— Você está bem? — Kent não me toca, exatamente, mas levanta a mão, como se estivesse pensando a respeito. — Você parece...

— Estou bem. — A última coisa no mundo que preciso, agora, é da piedade de Kent McFuller, e volto para o corredor.

Acabo de decidir sair e chamar Lindsay pela varanda — vou dizer a ela que preciso ir embora imediatamente, *tenho* que ir embora — quando Elody aparece no corredor, jogando os braços em volta de mim.

— Por onde você andou? — ela pia, me dando um beijo. Está suando, e penso em Izzy subindo na minha cama e me abraçando, mexendo no meu colar. Nunca deveria ter saído da cama hoje.

— Deixe adivinhar, deixe adivinhar. — Elody deixa os braços em volta de mim e começa a mexer os quadris como se estivéssemos nos esfregando em uma pista de dança. Ela revira os olhos para o teto e começa a gemer. — Ui, Rob, ui, Rob. Isso. Assim mesmo.

— Você é uma pervertida. — Empurro-a para longe de mim. — Você é pior que Shaw.

Ela ri, pega minha mão e começa a me arrastar em direção à sala do fundo.

— Vamos. Todo mundo está aqui.

— Tenho que ir — digo. A música aqui atrás está mais alta e estou gritando. — Não estou me sentindo bem.

— O quê?

— Não estou me sentindo bem!

Ela aponta para a orelha como se dissesse: *Não estou ouvindo*. Não sei se é verdade ou não. Está com as palmas das mãos molhadas, e tento me afastar, mas naquele segundo Lindsay e Ally me veem e começam a ganir, pulando em cima de mim.

— Estou procurando vocês há horas — diz Lindsay, acenando com o cigarro.

— Na boca do Patrick, talvez. — Ally ri.

— Ela estava com Rob. — Elody aponta para mim, balançando sobre os pés. — Olha só para ela. Está com *cara* de culpada.

— Safadinha! — diz Lindsay.

— Danada! — Ally dá a sua contribuição.

— Meretriz! — Elody grita. É uma velha piada nossa: ano passado Lindsay decidiu que vadia era muito sem graça.

— Vou para casa — digo. — Não precisa me levar. Dou um jeito.

Lindsay deve pensar que estou brincando.

— Para casa? Acabamos de chegar aqui há, tipo, uma hora. — Ela se inclina para a frente e sussurra: — Além disso, pensei que você e Rob fossem... *você sabe*. — Como se não tivesse acabado de gritar na frente de todo mundo que já tínhamos feito.

— Mudei de ideia.

Faço o possível para soar como se não me importasse, e o esforço é exaustivo. Estou com raiva de Lindsay sem saber por quê — por não ter ignorado a festa comigo, acho. Estou irritada com Elody por ter me arrastado de volta para cá e com Ally por nunca ter noção de nada. Estou com raiva de Rob por não se importar com o fato de que estou chateada e de Kent *por* se importar. Estou com raiva de tudo e de todos e, naquele segundo, fantasio sobre o cigarro que Lindsay segura pegando as cortinas, sobre o fogo se propagando pela sala e consumindo a todos. Em seguida, imediatamente, sinto-me culpada. A última coisa que preciso é me transformar em uma daquelas pessoas que vivem vestindo preto e desenhando armas e bombas no caderno.

Lindsay está me encarando como se pudesse enxergar meus pensamentos.

Em seguida, vejo que olha por cima do meu ombro. Elody fica rosa. A boca de Ally começa a abrir e a fechar como a de um peixe. O barulho da festa diminui, como se alguém tivesse acabado de pausar a trilha sonora.

Juliet Sykes. Sei que é ela antes de me virar, mas mesmo assim me surpreendo ao vê-la, ainda atingida pelo mesmo senso de espanto.

Ela é bonita.

Hoje, quando a vi passando pelo refeitório, ela estava como sempre: com os cabelos no rosto, roupas largas, encolhida como se pudesse ser qualquer pessoa, em qualquer lugar, um fantasma ou uma sombra.

Mas, agora, ela está ereta, com os cabelos para trás e os olhos brilhando.

Ela atravessa a sala em nossa direção. Minha boca fica seca. Quero dizer não, mas ela está à frente de Lindsay antes que eu consiga falar. Vejo sua boca se movendo, mas levo um segundo para entender o que diz, como se estivesse ouvindo embaixo d'água.

— Você é uma vaca.

Todos estão sussurrando, encarando nosso grupo: eu, Lindsay, Elody, Ally e Juliet Sykes. Sinto minhas bochechas queimando. O som de vozes começa a aumentar.

— O que você disse? — Lindsay está cerrando os dentes.

— Uma vaca. Uma menina má. Uma pessoa ruim. — Juliet volta-se para Elody. — Você é uma vaca. — Para Ally. — Você é uma vaca. — Finalmente, os olhos dela encontram os meus. São exatamente da cor do céu. — Você é uma vaca.

As vozes transformaram-se em um rugido, agora. As pessoas riam e gritavam.

— Psicótica.

— Você não me conhece — digo, afinal, encontrando minha voz, mas Lindsay já deu um passo à frente e me anulou.

— Prefiro ser vaca a ser psicótica — ela rosna, e coloca as duas mãos nos ombros de Juliet e a sacode. Juliet tropeça para trás, girando os braços, e é tudo horrível e familiar. Está acontecendo novamente; está de fato acontecendo. Fecho os olhos. Quero rezar, mas a única coisa que consigo pensar é: *Por que, por que, por que*.

Quando abro os olhos, Juliet está vindo na minha direção, encharcada, com os braços esticados. Ela olha para mim, e juro por Deus que é como se ela soubesse, como se conseguisse enxergar através de mim, como se isso tudo

fosse, de alguma maneira, *minha* culpa. Sinto-me como se tivesse levado um soco no estômago e o ar tivesse saído de dentro de mim, e a ataco sem pensar, empurrando-a e a jogando para trás. Ela cai em uma estante de livros e gira, agarrando o batente da porta para se ajeitar. Em seguida, vai para o corredor.

— Acredita nisso? — alguém está gritando atrás de mim.

— Juliet Sykes veio cheia de coragem.

— É doida, cara.

As pessoas estão rindo, Lindsay se desloca para perto de Elody.

— Aberração — ela diz. A garrafa vazia de vodca está em sua mão. Ela deve ter derrubado o resto em Juliet.

Começo a abrir meu caminho para fora da sala. Parece que mais pessoas entraram e está quase impossível se mover. Estou realmente empurrando, usando os cotovelos quando preciso, e todos me olham de um jeito estranho. Não me importo. Preciso sair.

Finalmente chego à porta, e lá está Kent, me encarando com a boca em linha. Ele se mexe como se estivesse pretendendo me bloquear.

Levanto a mão.

— Nem pense. — As palavras saem como um rugido.

Sem qualquer ruído ele sai da frente, de modo que consigo passar espremida por ele. Quando estou na metade do corredor, ouço-o gritar.

— Por quê?

— Porque sim — grito de volta. Mas na verdade estou pensando a mesma coisa.

Por que isso está acontecendo comigo?

Por que, por que, por quê?

*

— Por que Sam sempre senta na frente?

— Porque você sempre está bêbada demais para pedir primeiro.

— Não posso *acreditar* que você deu um bolo no Rob daquele jeito — diz Ally. Ela está com o casaco levantado até as orelhas. O carro de Lindsay está tão frio que nossas respirações são como denso vapor branco. — Você estará completamente encrencada amanhã.

Se houver amanhã, quase digo. Saí da festa sem me despedir de Rob, que estava esticado em um sofá, com os olhos quase fechados. Passei meia hora trancada em um banheiro vazio do primeiro andar antes disso, sentada na borda dura e fria de uma banheira, ouvindo a música pulsar nas paredes e no teto. Lindsay insistira para que eu usasse batom vermelho, e quando me olhei no espelho, percebi que meus lábios começavam a ficar borrados, iguais aos de uma palhaça. Retirei-o lentamente, com lenços umedecidos, que larguei flutuando no vaso sanitário, como pequenas flores cor-de-rosa brotando.

Em algum momento seu cérebro parou de tentar racionalizar as coisas. Em certo ponto desistiu, desligou. Mesmo assim, enquanto Lindsay manobra o carro — subindo no gramado de Kent, girando os pneus na lama —, sinto medo.

Árvores, brancas e frágeis como esqueletos, dançam desgovernadamente ao vento. A chuva martela o teto do carro, e fios de água nas janelas fazem com que o mundo pareça estar se desintegrando. O relógio no painel está brilhando: 0h38.

Estou agarrada ao banco enquanto Lindsay acelera pela estrada, com galhos nos arranhando em ambos os lados.

— E a pintura? — digo, com o coração a mil no peito. Tento dizer a mim mesma que estou bem, que nada vai acontecer. Mas não adianta nada.

— Dane-se — ela diz. — O carro já está completamente destruído mesmo. Viu o para-choque?

— Talvez, se você parasse de bater em carros estacionados — Elody diz, com uma gargalhada.

— Talvez, se você *tivesse* um carro. — Lindsay tira a mão do volante e se abaixa, esticando-se para alcançar a bolsa aos meus pés. Ao se inclinar, gira o volante e o carro entra um pouco pelo bosque. Ally desliza no banco de trás, cai sobre Elody, e elas começam a rir.

Estico a mão para tentar agarrar o volante.

— Meu Deus, Lindz.

Ela se ajeita e me afasta com o cotovelo. Lança um olhar e começa a remexer em um maço de cigarros.

— Qual é o seu problema?

— Nenhum. Eu... — Olho pela janela, segurando as lágrimas que de repente ameaçam cair. — Só quero que preste atenção, nada mais.

— É? Bem, eu quero que não mexa no meu volante.

— Vamos, meninas. Sem brigas — diz Ally.

— Dá um cigarro, Lindz. — Elody está meio reclinada no banco de trás e sacode o braço violentamente.

— Só se você acender um para mim — diz Lindsay, jogando o maço no banco de trás. Elody acende dois cigarros e passa um para Lindsay. Lindsay abre a janela e exala uma coluna de fumaça. Ally grita: — Por favor, por favor, sem abrir as janelas. Estou prestes a morrer de pneumonia.

— Está prestes a morrer quando eu matá-la — diz Elody.

— Se você fosse morrer — acabo soltando —, como gostaria que fosse?

— Nunca — diz Lindsay.

— Estou falando sério. — Minhas mãos estão encharcadas de suor e as limpo no assento.

— Dormindo — diz Ally.

— Comendo a lasanha da minha avó — diz Elody, em seguida faz uma pausa e acrescenta: — Ou fazendo sexo. — O que faz com que Ally solte uma gargalhada.

— Em um avião — diz Lindsay. — Se eu tiver que ir, quero que vá todo mundo comigo. — Ela faz um movimento de mergulho com a mão.

— Mas vocês acham que vão saber? — De repente, falar sobre isso é importante para mim. — Quer dizer, vocês acham que vão ter alguma ideia sobre isso... tipo, *antes*?

Ally se ajeita e se inclina para a frente, debruçando-se na parte de trás dos nossos assentos.

— Um dia meu avô acordou e jurou que viu um homem todo de preto ao pé da cama, com um capuz grande, sem rosto. Ele estava segurando uma espada, ou sei lá qual é o nome daquilo. Era a morte, sabe? Depois, mais tarde naquele dia, ele foi ao médico e o diagnosticaram com câncer no pâncreas. *No mesmo dia.*

Elody revira os olhos.

— Mas ele não morreu.

— Poderia ter morrido.

— Essa história não faz o menor sentido.

— Podemos mudar de assunto? — Lindsay freia por um segundo antes de reconduzir o carro para a estrada molhada. — Que coisa mais mórbida.

Ally ri.

— “Mórbido.” Vocabulário de prova.

Lindsay estica o pescoço para trás e tenta soprar fumaça no rosto de Ally.

— Nem todas aqui têm vocabulário de uma menina de 12 anos.

Lindsay vira na Route 9, que se alonga à nossa frente, uma enorme língua prateada. Um beija-flor está batendo as asas na altura do meu peito — subindo, subindo, chegando à minha garganta.

Quero voltar ao que estava dizendo — *Quero falar, você saberia, não saberia? Você saberia antes de acontecer* —, mas Elody empurra Ally para fora do caminho e se inclina para a frente, fazendo tremer o cigarro na boca.

— Música! — Ela alcança o iPod.

— Você está usando o cinto de segurança? — pergunto. Não consigo evitar. O terror está por todos os lados agora, me comprimindo, arrancando o ar de mim, e penso: *se você não respirar, vai morrer*. O relógio avança. 0h39.

Elody nem responde, simplesmente começa a mexer no iPod. Ela encontra “Splinter”, Ally lhe dá um tapa e diz que deveria ser sua vez de escolher a música. Lindsay diz para pararem de brigar e tenta arrancar o iPod de Elody, tirando as duas mãos do volante, prendendo-o com um joelho. Tento segurá-lo novamente e ela grita: — Larga! — Ela está rindo.

Elody derruba o cigarro da mão de Lindsay, que aterrissa entre suas coxas. Os pneus derrapam um pouco na estrada molhada, e o carro está cheio de fumaça de cigarro.

Se você não respirar...

Então, de repente, um flash branco passa à frente do carro. Lindsay grita alguma coisa — palavras que não consigo entender, algo como “sai” ou “sabe” ou “saco” — e de repente...

Bem.

Você sabe o que acontece em seguida.

TRÊS

No meu sonho estou caindo eternamente pela escuridão.

Caindo, caindo, caindo.

Ainda pode ser considerada uma queda, se não tem fim?

Em seguida, um grito. Algo cortando o silêncio, uma lamúria aguda, como um animal, ou um alarme...

Bipbipbipbipbipbip.

Acordo, sufocando um grito.

Desligo o alarme, tremendo, e deito sobre os travesseiros. Minha garganta está queimando e estou completamente suada. Respiro fundo e lentamente e observo meu quarto se iluminar enquanto o sol sobe no horizonte, e as coisas começam a emergir: o suéter da Victoria's Secret no chão, a colagem que Lindsay fez há vários anos com citações das nossas bandas favoritas e cortes de revistas. Ouço os ruídos do andar de baixo, tão familiares e constantes que é como se fizessem parte da arquitetura, como se tivessem sido construídos a partir do chão, junto com as paredes: o tinido do meu pai na cozinha, guardando louças nas prateleiras; o barulho frenético do nosso pug, Pickle, tentando sair pela porta de trás, provavelmente para fazer xixi e correr em círculos; um murmúrio baixo que significa que minha mãe está assistindo ao noticiário da manhã.

Quando estou pronta, respiro fundo e pego meu telefone. Abro-o.

A data brilha.

Sexta-feira, 12 de fevereiro.

Dia do Cupido.

— Acorde, Sammy. — Izzy põe a cabeça para dentro do meu quarto. — Mamãe disse que você vai se atrasar.

— Diga para mamãe que estou doente. — Os cabelos louros de Izzy desaparecem novamente.

Eis o que me lembro: lembro-me de ter estado no carro. Lembro-me de Elody e Ally brigando pelo iPod. Lembro-me do giro desgovernado do

volante e de ter visto o rosto de Lindsay enquanto o carro ia em direção à mata, com a boca aberta e as sobrancelhas erguidas em sinal de surpresa, como se tivesse acabado de encontrar algum conhecido em um lugar inesperado. E depois disso? Nada.

Depois disso, apenas o sonho.

Esta é a primeira vez que realmente penso — a primeira vez que me permito pensar.

Talvez os acidentes — ambos — tenham sido reais.

E talvez eu não tenha sobrevivido.

Talvez, quando a pessoa morre, o tempo se dobre nela, e ela fique dentro dessa bolha para sempre. Como o pós-morte no filme *Feitiço do Tempo*. Não é como imaginei que a morte seria — não é o que imaginei que viria depois —, mas não é como se houvesse alguém por perto para contar.

Fale a verdade: você se surpreendeu por eu não ter percebido isso antes? Surpreendeu-se por ter demorado tanto a sequer pensar na palavra — morte? Morrer? Morta?

Você acha que eu estava sendo tola? Ingênua?

Tente não me julgar. Lembre-se de que somos iguais, eu e você.

Também pensei que fosse viver para sempre.

— Sam? — Minha mãe empurra a porta e se apoia no batente. — Izzy disse que você não está se sentindo bem...

— Acho... acho que estou com uma gripe ou algo parecido. — Sei que estou com uma cara péssima, então, deve dar para enganar.

Minha mãe suspira como se eu estivesse sendo difícil de propósito.

— Lindsay chegará a qualquer instante.

— Acho que não posso ir à aula hoje. — A ideia de ir ao colégio me faz querer me encolher e dormir para sempre.

— No Dia do Cupido? — Minha mãe ergue as sobrancelhas. Ela olha para a camiseta com os detalhes com pelinhos que está cuidadosamente colocada sobre a cadeira da minha escrivaninha; a única peça de roupa que não está no chão, ou pendurada no pé da cama, ou na maçaneta da porta. — Aconteceu alguma coisa?

— Não, mãe. — Tento engolir o nó na minha garganta. O pior de tudo é saber que não posso contar para ninguém o que está acontecendo — ou o que aconteceu — comigo. Nem mesmo para minha mãe. Acho que faz anos desde que conversei pela última vez com ela sobre coisas importantes, mas começo a sentir falta dos dias que acreditava que ela podia resolver tudo. É engraçado,

não é? Quando se é novo, só se quer crescer, e depois só se quer voltar a ser criança.

Minha mãe está examinando meu rosto detalhadamente. Sinto como se a qualquer segundo pudesse abrir a boca e dizer alguma coisa louca, então rolo para longe dela e olho para a parede.

— Você adora o Dia do Cupido — diz minha mãe. — Tem certeza de que não aconteceu nada? Você não brigou com as suas amigas?

— Não, claro que não.

Ela hesita.

— Brigou com Rob?

Isto me faz querer rir. Penso no fato de que ele me largou esperando por ele no segundo andar da festa de Kent e quase digo: *Ainda não*.

— Não, mãe. Meu Deus.

— Não fale comigo nesse tom. Só estou tentando ajudar.

— É, mas não está ajudando.

Eu me enterro ainda mais nas cobertas, mantendo-me de costas para ela. Ouço uma movimentação e penso que ela vai sentar perto de mim. Mas ela não vem. No primeiro ano, depois de uma briga feia, desenhei uma linha com esmalte vermelho perto da entrada do quarto e disse que se um dia ela ultrapassasse a divisa eu nunca mais falaria com ela. Quase todo o esmalte já descascou, mas em alguns pontos ainda dá para ver algumas marcas na madeira, como se fossem sangue.

Na época, falei sério, porém esperava que depois de algum tempo ela fosse se esquecer. Mas desde aquele dia ela nunca mais pôs os pés no meu quarto. Em alguns aspectos, é péssimo, visto que nunca mais me surpreende arrumando minha cama, deixando roupas dobradas ou um vestido novo esticado como quando fazia enquanto eu estava no ensino fundamental. Mas pelo menos sei que ela não está remexendo minhas gavetas enquanto estou no colégio, procurando drogas, brinquedos eróticos ou o que for.

— Se quiser vir até aqui, vou pegar o termômetro — ela diz.

— Acho que estou sem febre. — Vejo algo na parede com a exata forma de um inseto e aperto o polegar contra a parede, esmagando-o.

Quase consigo sentir minha mãe colocando as mãos nos quadris.

— Ouça, Sam. Sei que estamos no segundo semestre e que você acha que isso lhe dá o direito de relaxar...

— Mãe, não é isso. — Enfio a cabeça embaixo do travesseiro, com a

sensação de que poderia gritar. — Já disse, não estou me sentindo bem. — Estou meio com medo de que ela pergunte o que há de errado e meio torcendo para que pergunte.

— Tudo bem. Vou dizer a Lindsay que você está pensando em ir mais tarde. Talvez se sinta melhor se dormir mais um pouco. — É só o que diz.

Duvido.

— Talvez — digo, e um segundo depois ouço a porta se fechar atrás dela.

Fecho os olhos e tento buscar aqueles momentos finais, as últimas lembranças — o olhar de surpresa de Lindsay e as árvores iluminadas como dentes sob a luz, o rugido do motor —, procurando uma luz, um fio que ligue esse momento àquele, uma maneira de costurar os dias para que façam mais sentido.

Mas obtenho apenas escuridão.

Não consigo mais conter as lágrimas. Elas vêm todas de uma vez, e, antes que perceba, estou soluçando e encharcando meus travesseiros Ethan Allen. Um pouco depois ouço um arranhão na porta. Pickle sempre teve sexto sentido canino capaz de identificar quando estou chorando, e, no sexto ano, quando Rob Cokran disse que eu era otária demais para ele sair comigo — bem no meio do refeitório, na frente de todo mundo —, Pickle sentou-se na minha cama e lambeu as lágrimas, uma por uma.

Não sei por que esse é o exemplo que me vem à cabeça, mas pensar naquele momento faz uma nova onda de raiva e frustração inflar dentro de mim. É estranho quanto a lembrança me afeta. Nunca toquei no assunto com Rob — duvido que ele se lembre —, mas sempre gostei de pensar nele quando estamos andando pelo corredor com os dedos entrelaçados, ou quando estamos todos no porão de Tara Flute e Rob olha para mim e dá uma piscadela. Gosto de pensar em como a vida é engraçada: como tanta coisa muda. Como as *pessoas* mudam.

Mas, agora, só consigo pensar em quando me tornei legal o suficiente para Rob Cokran.

Depois de um tempo os arranhões na minha porta cessam. Pickle finalmente percebeu que não vai entrar, e ouço suas patas tocando o chão enquanto ele se afasta. Acho que nunca me senti tão sozinha na vida.

Choro até parecer inacreditável que alguém consiga verter tantas lágrimas. A sensação é de que elas estão sendo extraídas até das pontas dos meus dedos dos pés.

Então, durmo sem sonhar.

TÁTICA DE FUGA

Acordo pensando em um filme que vi uma vez. O personagem principal morre de alguma forma — esqueci como —, mas ele só está semimorto. Parte dele está em coma e outra parte vaga pelo mundo, como se estivesse no limbo. A questão é, enquanto não estivesse completamente morto, cem por cento, um pedaço dele ficaria preso nesse local intermediário.

Isto me dá esperança pela primeira vez em dois dias. A ideia de que posso estar em coma em algum lugar, com minha família curvada sobre mim e todos se preocupando e enfeitando meu quarto de hospital com flores, faz eu me sentir *bem*.

Pois, se não estiver morta — pelo menos não *ainda* —, pode haver uma maneira de fazer isso parar.

Minha mãe me deixa no estacionamento de cima pouco antes do início do terceiro tempo de aula (354 metros ou não, não serei vista saindo do Accord vermelho 2003 da minha mãe, que ela se recusa a trocar, pois diz que é “econômico em termos de combustível”). Agora mal posso esperar para chegar à escola. Tenho a sensação de que encontrarei as respostas lá. Não sei como ou por que estou presa a esse ciclo de tempo, mas, quanto mais penso no assunto, mais convencida estou de que haja uma razão.

— Até mais tarde — digo e começo a descer do carro.

Mas alguma coisa me freia. A ideia que vem me incomodando há 24 horas, o assunto que tentei discutir com as minhas amigas no Tanque: sobre a possibilidade de não se saber de fato. Sobre a chance de estar andando pela rua um dia e... *bum!* Escuridão.

— Está frio, Sam. — Minha mãe se inclina sobre o banco do passageiro e gesticula para que eu feche a porta.

Viro e abaixo para olhar para ela. Levo um segundo para pronunciar as palavras, mas balbucio.

— Euteamo.

Sinto-me tão estranha dizendo isso que soa mais parecido com *piano*. Nem sei se ela entendeu. Bato a porta depressa, antes que ela possa responder. Normalmente não digo “Eu te amo” para nenhum dos meus pais, exceto em

Natais e aniversários, quando eles dizem primeiro e a recíproca já é esperada. Fico com uma sensação estranha no estômago, parte alívio, parte vergonha e parte arrependimento.

Enquanto caminho para o colégio faço um juramento: não vai haver nenhum acidente hoje.

E, seja o que isso for — essa bolha ou solução no tempo —, vou sair fora.
Eis outra coisa a se lembrar: a esperança o mantém vivo. Mesmo quando você está morto, é a única coisa que o mantém vivo.

*

O sinal já tocou para a terceira aula, então, vou para a aula de química. Chego bem a tempo de arranjar um lugar — surpresa — ao lado de Lauren Lornet. O teste começa, o mesmo de ontem e do dia anterior — só que agora sei responder à primeira pergunta sozinha.

Caneta. Tinta. Funcionando? Sr. Tierney. Livro. Batida. Pulo.

— Pode ficar — Lauren sussurra para mim, praticamente dando piscadas tolas para mim. — Você vai precisar de uma caneta.

Começo a tentar devolver, como sempre, mas alguma coisa na expressão de Lauren acende uma memória. Lembro-me de voltar para casa depois da festa na piscina na casa de Tara Flute no sétimo ano e de ter visto meu rosto brilhar exatamente daquele jeito no espelho, como se alguém tivesse me entregado um bilhete premiado e dito que minha vida estava prestes a mudar.

— Obrigada. — Coloco a caneta na bolsa. Ela continua com aquela expressão, vejo com o canto do olho, e após um instante viro e digo: — Você não deveria ser tão gentil comigo.

— O quê? — Agora ela parece completamente espantada. Definitivamente, uma melhora.

Tenho de sussurrar, pois Tierney recomeçou a aula. Reações químicas, blá-blá-blá. Transfiguração. Dois líquidos formam um sólido. Dois mais dois não são quatro.

— Gentil comigo. Você não deveria ser.

— Por que não? — Ela franze o rosto de modo que seus olhos quase desaparecem.

— Porque eu não sou gentil com você. — São palavras surpreendentemente difíceis de dizer.

— Você é gentil — diz Lauren, olhando para as próprias mãos, mas, obviamente, não está sendo sincera. Ela levanta os olhos e tenta novamente. — Você não...

Ela para de falar, mas sei o que vai dizer. *Você não precisa ser gentil comigo.*

— Exatamente — digo.

— Meninas! — berra o Sr. Tierney, dando um soco na bancada. Juro que ele quase fica com uma cor neon.

Eu e Lauren não nos falamos até o final da aula, mas saio da sala de química me sentindo bem, como se tivesse feito a coisa certa.

*

— É isso que gosto de ver. — O Sr. Daimler batuca com os dedos na minha mesa enquanto passa pelas fileiras no final da aula recolhendo os deveres de casa. — Um sorriso. O dia está lindo...

— Vai chover mais tarde — Mike Heffner interrompe, e todo mundo ri. Ele é um idiota.

O Sr. Daimler não perde um segundo.

— ...e é Dia do Cupido. O amor está no ar. — Ele olha diretamente para mim e meu coração para por um segundo. — *Todo mundo* deveria estar sorrindo.

— Só para você, Sr. Daimler — digo, deixando minha voz extradoce. Mais risadas e uma gargalhada do fundo. Viro e vejo Kent, com a cabeça abaixada, rabiscando furiosamente a capa do caderno.

O Sr. Daimler ri e diz: — E eu achando que a tinha deixado animada com as equações diferenciais.

— Você a deixou animada com *alguma coisa* — murmura Mike. Mais risadas na turma. Não sei se o Sr. Daimler escuta, não parece ter ouvido, no entanto, fica com as pontas das orelhas enrubescidas.

A aula inteira foi assim. Estou de bom humor, certa de que tudo vai ficar bem. Já sei como vai ser. Terei uma segunda chance. Além disso, o Sr. Daimler está prestando atenção extra em mim. Depois que os Cupidos vieram, ele deu

uma olhada nas minhas quatro rosas, ergueu as sobrancelhas e disse que eu devia ter admiradores secretos por todos os cantos.

— Não tão secretos — falei, e ele deu uma piscadela.

Depois da aula reúno minhas coisas e saio pelo corredor, parando apenas um instante para olhar por cima do ombro. Evidentemente, Kent está vindo atrás de mim, com a camisa para fora da calça, bolsa carteiro semiaberta se esfregando em sua coxa. Uma bagunça. Começo a andar em direção ao refeitório. Hoje olhei com mais atenção para o bilhete dele: a árvore foi desenhada em tinta preta, cada ponto e sombra de casca executados com perfeição. As folhas são pequenas e têm forma de diamante. Deve ter demorado horas para fazer aquilo. Guardei entre duas páginas do livro de matemática para não amassar.

— Ei — ele diz, me alcançando —, recebeu meu bilhete?

Quase digo a ele: *Está ótimo*, mas algo me contém.

— “Se beber, não ame?” É alguma espécie de frase feita que eu não conheço?

— Considero meu dever cívico espalhar por aí. — Kent põe a mão no coração.

Um pensamento passa — *você não estaria falando comigo se lembrasse...* —, mas o deixo de lado. Este é Kent McFuller. Ele tem sorte por eu estar falando com ele. Além disso, não estou planejando ir à festa hoje: nada de festa, nada de Juliet Sykes, nada de motivos para Kent brigar comigo. E o mais importante: nada de acidente.

— Espalhar a esquisitice — digo.

— Tomo como um elogio. — Kent, de repente, parece sério. Ele franze o rosto, de forma que todas as pequenas sardas que tem no nariz formam uma constelação. — Por que você flerta com o Sr. Daimler? Ele é um pervertido, caso não saiba.

Fico tão surpresa com a pergunta que levo um segundo para responder.

— O Sr. Daimler *não* é um pervertido.

— Confie em mim, ele é.

— Está com ciúme?

— Nenhum.

— De qualquer jeito, eu não *flerto* com ele.

Kent revira os olhos.

— Claro.

Dou de ombros.

— Por que você está tão interessado?

Kent fica vermelho e olha para o chão.

— Por nada — resmunga.

Meu estômago se contrai um pouco, e percebo que parte de mim queria que a resposta fosse diferente — mais pessoal. É claro que, se Kent confessasse *de fato* seu amor inabalável por mim aqui, no corredor, seria desastroso. Apesar de sua esquisitice, não tenho nenhum desejo de humilhá-lo publicamente — ele é legal, fomos amigos na infância e tudo mais —, mas eu nunca, nunca, nunca poderia sair com ele, nem em um milhão de vidas. Não *nesta* vida, pelo menos: a que eu quero de volta, em que ontens são seguidos por hojes e, depois, amanhã. O chapéu-coco por si só impossibilita qualquer coisa.

— Ouça — Kent me olha com o canto do olho —, meus pais vão viajar neste fim de semana, e convidei algumas pessoas para irem lá em casa hoje à noite...

— Arrã. — À frente vejo Rob indo em direção ao refeitório. A qualquer instante ele vai me ver. Não posso lidar com isso agora. Meu estômago embrulha e pulo na frente de Kent, ficando de costas para o refeitório. — Humm... onde é mesmo a sua casa?

Kent olha para mim de um jeito estranho. Basicamente, acabei de me colocar como um muro humano.

— Saindo da Route 9. Você não se lembra? — Não respondo e ele desvia o olhar, dando de ombros. — Acho que não lembraria mesmo. Você só foi lá algumas vezes. Nos mudamos logo antes do ensino fundamental. De Terrace Place. Você se lembra da minha casa antiga em Terrace Place, certo? — O sorriso voltou. É verdade: os olhos dele são exatamente da cor da grama. — Você ficava na cozinha e roubava todos os biscoitos bons. E eu a perseguia em volta daqueles bordos no jardim da frente. Lembra?

Assim que ele fala dos bordos uma lembrança ressurgiu, crescendo, como algo surgindo na superfície da água e vindo à tona. Estávamos sentados em um pequeno espaço entre duas raízes enormes que se curvavam para fora do solo como espinhas de animais. Lembro que ele dividiu duas sementes de bordo e colocou uma no meu nariz e outra no dele, dizendo que desta forma todos saberiam que estávamos apaixonados. Eu, provavelmente, tinha 5 ou 6 anos.

— Eu.. eu... — A última coisa de que preciso é que ele me lembre dos bons e velhos tempos, quando eu era toda joelhos, nariz e óculos, e ele era o

único menino que se aproximava de mim. — Talvez. Todas as árvores parecem iguais para mim, entende?

Ele ri, apesar de eu não estar tentando ser engraçada.

— Então, você acha que vai hoje à noite? À minha festa?

Isso me traz de volta à realidade. A festa. Balanço a cabeça e começo a recuar.

— Não. Acho que não.

O sorriso dele se reduz um pouco.

— Vai ser legal. Grande. Memórias de formandos. Melhor época das nossas vidas e essas bobagens todas.

— Certo — respondo com sarcasmo. — O paraíso do colégio.

Viro e começo a andar para longe dele. O refeitório está lotado, e enquanto me aproximo das portas duplas — uma das quais está sendo mantida aberta por um tênis velho — o ruído dos alunos me recebe com um rugido.

— Você vai — ele diz atrás de mim. — Sei que vai.

— Não prenda a respiração — respondo, e quase acrescento: *É melhor assim.*

AS REGRAS DA SOBREVIVÊNCIA

— Como assim, você *não pode* sair?

Ally está me olhando como se eu tivesse acabado de dizer que queria ir para a festa de formatura com Ben Farsky (ou Fart-sky, como o temos chamado desde o quarto ano).

Suspiro.

— Só não estou com vontade, tudo bem? — Mudo de tática e tento novamente. — A gente sai todo fim de semana. Eu só... não sei, quero ficar em casa, como fazíamos antigamente.

— A gente ficava em casa porque não conseguia entrar em nenhuma festa do último ano — diz Ally.

— Fale por si — diz Lindsay.

Está sendo mais difícil do que pensei.

Lembro-me de minha mãe perguntando se eu tinha brigado com Rob.

— É o Rob, tá bom? Estamos... estamos com problemas — acabo soltando, sem pensar muito.

Abro o telefone, verificando se tenho novas mensagens pela milionésima vez. Logo que entrei no refeitório, Rob estava atrás da caixa, enchendo as batatas fritas de ketchup e molho barbecue (o preferido dele). Não consegui ir até ele, então me apressei para a nossa mesa na área dos formandos e mandei uma mensagem: *Precisamos conversar*.

Ele respondeu na hora: *Sobre?*

Hj, respondi, e desde então meu telefone permaneceu silencioso. Do outro lado, Rob está apoiado nas máquinas de lanches conversando com Adam Marshall. Ele está com o boné para o lado. Ele acha que assim parece mais velho.

Eu adorava colecionar esses pequenos fatos a seu respeito, armazenando-os e os mantendo dentro de mim, como se reunindo todos esses detalhes e me lembrando de tudo — o fato de que ele gosta de molho barbecue, mas não gosta de mostarda, que seu time preferido é o Yankees, apesar de gostar mais de basquete do que de beisebol, que uma vez, quando era pequeno, ele quebrou a perna tentando pular sobre um carro —, o compreenderia totalmente. Costumava pensar que amor era isso: conhecer alguém tão bem que é como se ele fosse parte de você.

Mas sinto cada vez mais que *não* o conheço.

Ally fica de queixo caído, literalmente.

— Mas vocês iam... *você sabe*.

Ela parece um pouco um peixe empalhado com a boca aberta daquele jeito, então, viro a cara, lutando contra o impulso de gargalhar.

— Íamos, mas... — Nunca fui boa mentirosa, e meu cérebro congela totalmente.

— Mas? — pergunta Lindsay.

Ponho a mão na bolsa e pego o bilhete que ele me mandou, que agora está amassado e tem um pedaço de chiclete, meio aberto, grudado. Empurro pela mesa.

— Mas isso.

Lindsay franze o nariz e abre o bilhete com as pontinhas das unhas. Ally e Elody se inclinam e as duas leem. Todas ficam em silêncio, por um instante.

Finalmente, Lindsay dobra o cartão e o empurra de volta para mim.

— Não é tão ruim assim — ela diz.

— Também não é tão bom. — Eu só estava tentando forjar uma desculpa para não irmos à festa hoje, mas assim que começo a falar sobre Rob, começo

a me agitar. — *Com amor?* Que porcaria é essa? Estamos namorando desde outubro.

— Ele provavelmente só está esperando para falar — diz Elody. Ela tira a franja dos olhos. — Steve não fala para mim.

— É diferente. Você não espera que ele diga.

Elody desvia o olhar rapidamente, e me ocorre que talvez, apesar de tudo, ela espere.

Há uma pausa constrangedora, e Lindsay interfere.

— Não entendo qual é o trauma. Você sabe que Rob gosta de você. Não é como se fosse ser por uma noite apenas ou coisa parecida.

— Ele *gosta* de mim, mas... — Estou prestes a confessar que não tenho certeza se somos bons juntos, mas no último segundo não consigo. Elas pensariam que eu estava louca. Eu mesma não entendo, para falar a verdade. É como se a ideia dele fosse melhor do que o *ele* real. — Gente, eu não vou transar com ele só para ele dizer que me ama, entendem?

Nem queria dizer aquilo, e por um segundo eu mesma fico tão chocada que não consigo falar mais nada. Não era por isso que eu estava planejando transar com Rob — para ouvir as palavras, quero dizer. Só queria acabar logo com isso. Eu acho. Na verdade, não tenho tanta certeza do porquê de parecer algo tão importante.

— Falando no diabo — murmura Ally.

Em seguida sinto cheiro de erva-cidreira e Rob está me dando um beijo molhado na bochecha.

— Olá, meninas. — Ele estica a mão para pegar uma batata frita de Elody e ela puxa a bandeja para fora do alcance dele. Ele ri. — Oi, Slammer. Recebeu meu bilhete?

— Recebi. — Olho para a mesa. Tenho a sensação de que se meus olhos encontrarem os dele me esquecerei de tudo: do bilhete, de como me largou sozinha e de como ele me beija com os olhos abertos.

— Então? O que perdi? — Rob se inclina para a frente e põe a mão na mesa, com um pouco de força, acho. A Coca-Cola diet de Lindsay pula.

— A festa na casa de Kent e o fato de que Sam não quer ir — declara Ally. Elody lhe dá uma cotovelada nas costelas e Ally solta um uivo.

Rob gira a cabeça e olha para mim. Seu rosto está completamente sem expressão.

— Era sobre isso que você queria falar comigo?

— Não... bem, mais ou menos. — Não estava esperando que ele fosse mencionar a mensagem de texto, e me desorienta o fato de não conseguir dizer o que ele está pensando. Seus olhos estão mais escuros do que nunca, quase sombrios. Tento sorrir para ele, mas é como se minhas bochechas estivessem cheias de algodão. Não consigo deixar de visualizá-lo se balançando sobre os pés, levantando a mão e dizendo: “Cinco minutos.”

— Então? — Ele se levanta e dá de ombros. — O que foi?

Lindsay, Ally e Elody estão me encarando. Posso sentir os olhares como se emitissem calor.

— Não posso falar sobre isso aqui. Quero dizer, não agora. — Inclino a cabeça na direção delas.

Rob ri: um som curto e pesado. Agora dá para perceber que ele está irritado e disfarçando.

— Claro que não. — Ele recua, com as duas mãos levantadas, como se estivesse afastando alguma coisa. — Que tal assim? Você me avisa quando estiver *pronta* para conversar. E eu *espero* até você querer falar. Eu jamais ia querer *pressioná-la*, entende! — Ele prolonga algumas palavras, e posso ouvir o sarcasmo na voz dele; quase imperceptível, mas está presente.

É óbvio — pelo menos para mim — que ele está falando sobre muito mais do que apenas termos uma conversa, mas antes que eu possa responder ele faz um floreio com a mão, uma espécie de reverência, em seguida, vira as costas e se afasta.

— Nossa! — Ally larga o sanduíche de peito de peru no prato. — O que foi isso?

— Vocês não estão brigando de verdade, estão, Sam? — Elody pergunta, com olhos arregalados.

Antes que eu tenha de responder, Lindsay faz uma espécie de ruído sibilado e levanta o queixo, gesticulando para trás de mim.

— Alerta psicótico. Escondam as facas e as crianças.

Juliet Sykes acabou de entrar no refeitório. Estive tão focada no dia de hoje — em consertá-lo, na ideia de que posso ajeitá-lo — que me esqueci completamente de Juliet. Mas agora viro, mais curiosa do que nunca a seu respeito. Observo enquanto ela passa. Está com o cabelo caído no rosto, tapando-o: cabelo macio e desgrenhado, tão branco que parece neve. Aliás, é com isso que ela se parece — um floco de neve sendo carregado pelo vento, rodando e balançando nas correntes de ar. Ela nem sequer olha em nossa

direção, e fico imaginando se já está planejando nos seguir hoje à noite e nos constranger na frente de todo mundo. Não me parece capaz.

Estou tão concentrada em olhar para ela que levo um segundo para perceber que Ally e Elody acabaram de concluir uma rodada de *Psycho killer, qu'est-ce que c'est?* e estão rindo histericamente. Lindsay está com os dedos levantados, cruzados, como se estivesse afastando uma maldição.

— Oh, Deus, mantenha as trevas afastadas — ela não para de repetir.

— Por que você odeia Juliet? — indago a Lindsay. É estranho que não tenha pensado em perguntar até recentemente. Sempre aceitei, simplesmente.

Elody solta uma gargalhada e quase se engasga com a Coca-Cola diet.

— Está falando sério?

Lindsay claramente não esperava essa pergunta. Ela abre a boca, fecha, em seguida mexe no cabelo e revira os olhos como se não pudesse acreditar no que eu estava perguntando.

— Não a odeio.

— Odeia, sim.

Foi Lindsay que descobriu que Juliet não recebeu nenhuma rosa no primeiro ano, e foi dela a ideia de mandar um Namograma. Foi Lindsay que a apelidou de psicótica, e que, anos atrás, espalhou a história sobre Juliet ter feito xixi na calça na viagem de acampamento de escotismo.

Lindsay me encara como se eu estivesse louca.

— Desculpe — ela diz, dando de ombros. — Sem desconto para pacientes mentais.

— Não diga que se sente mal por ela, ou coisa parecida — diz Elody. — Você sabe que ela deveria estar trancada.

— Hospício Bellevue. — Ally ri.

— Só estava pensando — digo, enrijecendo quando Ally fala a palavra com H. É claro que ainda resta a possibilidade de que eu tenha enlouquecido, completamente, mas de algum jeito não acho mais que seja o caso. Uma vez li um artigo que dizia que as pessoas loucas não se preocupam com serem loucas, o problema todo é esse.

— Então, vamos *mesmo* ficar em casa hoje? — pergunta Ally, fazendo beicinho. — A noite *inteira*?

Prendo a respiração e olho para Lindsay. Ally e Elody olham para ela também. É dela a palavra final em todas as decisões importantes. Se ela estiver decidida quanto a ir para a casa de Kent, será difícil convencê-la a não ir.

Lindsay se inclina na cadeira e me encara. Vejo algo nos seus olhos, e meu coração para, achando que ela vai me dizer para não encher o saco e que uma festa vai me fazer bem.

Mas, em vez disso, ela sorri e dá uma piscadela.

— É só uma festa — ela diz. — E, provavelmente, vai ser uma porcaria.

— Podemos alugar um filme de terror — diz Elody. — Sabe, como costumávamos fazer.

— É Sam que decide — diz Lindsay. — O que ela quiser.

Poderia beijá-la ali mesmo.

*

Mato a aula de inglês com Lindsay novamente. Passamos por Alex e Anna no Hunan Kitchen, mas hoje ela nem para, provavelmente porque está tentando ao máximo ser legal comigo, e ela sabe que detesto discussão.

Hesito, no entanto. Penso em Bridget colocando os braços em volta de Alex e olhando para ele, como se fosse o único homem do mundo. Tudo bem, ela é irritante, mas merece coisa melhor do que ele. É uma pena.

— Alô? Perseguindo? — diz Lindsay.

Percebo que estou parada olhando além das propagandas rasgadas que anunciam especiais de almoço a 5 dólares, grupos de teatro locais e salões de cabeleireiros. Alex Liment me viu pela janela. Ele está retribuindo o olhar fixo.

— Estou indo. — É uma pena, mas, realmente, o que posso fazer? Cada um cuida da própria vida.

No The Country's Best Yogurt, eu e Lindsay compramos iogurtes duplos de chocolate com lascas de manteiga de amendoim e chocolate, e acrescento granulado e cereal. Meu apetite voltou, isto é certo. Tudo está funcionando de acordo com meus planos. Não haverá festa nenhuma hoje à noite, pelo menos não para nós; não vai haver saídas de carro. Tenho certeza de que isso vai consertar tudo — que a repetição do tempo vai cessar, que vou acordar do pesadelo que ando vivendo. Talvez me sente, engasgando, em uma cama de hospital, em algum lugar, cercada por amigos e familiares. Posso imaginar perfeitamente a cena: minha mãe e meu pai com olhos lacrimejantes, Izzy

chorando enquanto se pendura no meu pescoço, Lindsay, Ally, Elody e...

Uma imagem de Kent me passa pela cabeça e a afasto imediatamente.

...E Rob. Rob, é claro.

Mas essa é a chave, tenho certeza. Viver o dia até o fim. Seguir as regras. Ficar longe da festa de Kent. Simples.

— Cuidado. — Lindsay sorri, colocando uma colher enorme de iogurte na boca. — Você não quer ficar gorda e virgem.

— Melhor do que gorda e com gonorreia — digo, jogando uma raspa de chocolate nela.

Ela joga outra, de volta.

— Está brincando? Sou tão limpinha que você poderia comer de mim.

— O Buffet Lindsay. Patrick sabe que você está distribuindo assim?

— Eca.

Lindsay está lutando com o copo de iogurte, tentando montar a colherada perfeita. Mas nós duas estamos rindo, e ela acaba jogando uma colher de iogurte em mim. Acerta acima do meu olho esquerdo.

Ela arfa e coloca a mão por cima da boca. O iogurte desliza pelo meu rosto e cai diretamente na pele que cobre meu seio esquerdo.

— Desculpe, mil desculpas — diz Lindsay com a voz sufocada pela mão. Está com os olhos arregalados, e é óbvio que está se esforçando para não rir. — Você acha que estragou a blusa?

— Ainda não — respondo e encho uma colher enorme de iogurte, que jogo nela. Acerto bem no lado da cabeça, exatamente no cabelo.

Ela berra.

— Vagaba! — Em seguida estamos desviando o corpo e nos escondendo atrás das cadeiras e mesas do TCBY, lançando pedaços de iogurte de chocolate e utilizando as colheres como catapultas para acertarmos uma à outra.

NUNCA JULGUE UM PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA PELO BIGODE GUIDOM DE BICICLETA

Eu e Lindsay não conseguimos parar de rir no caminho de volta para a escola. É difícil de explicar, mas estou mais feliz do que jamais estive em muitos anos, como se percebesse tudo pela primeira vez: o penetrante aroma do inverno, a

luz estranha e oblíqua, a maneira como as nuvens estão desenhando lentamente o céu. O tecido de nossas blusas está completamente sujo e nojento, e estamos com manchas molhadas por todo o corpo. Os carros não param de buzinar para nós, e acenamos e mandamos beijos para todos eles. Um Mercedes preto passa, Lindsay se curva e bate no bumbum.

— Dez dólares! Dez dólares! — grita.

Dou um soco no braço dela.

— Poderia ser meu pai.

— Sinto informar, mas seu pai *não* dirige um Mercedes. — Lindsay tira o cabelo do rosto. Está pegajoso e molhado. Tivemos de lavá-lo no banheiro enquanto a mulher do TCBY gritava conosco e ameaçava chamar a polícia, se voltássemos a colocar os pés na loja outra vez.

— Você é impossível — digo.

— Você sabe que me ama — ela diz, agarrando meu braço e se acomodando ao meu lado. Nós duas estamos congelando.

— Amo mesmo — digo, e é verdade. Amo Lindsay, amo os tijolos horrorosos cor de mostarda do Thomas Jefferson e os corredores pintados de magenta. Adoro Ridgeview por ser pequena e monótona, e tudo e todos daqui. Amo a minha vida. Quero a minha vida.

— Também te amo, baby.

Quando voltamos ao colégio, Lindsay quer fumar um cigarro, apesar de saber que o sinal do oitavo tempo vai tocar a qualquer instante.

— Duas tragadas — diz Lindsay, arregalando os olhos, eu rio e permito que ela me puxe, pois ela sabe que nunca consigo dizer não quando faz aquela cara. O Lounge dos Fumantes está vazio. Estamos ao lado das quadras de tênis, quase grudadas, enquanto Lindsay tenta acender um fósforo.

Finalmente consegue e dá uma tragada longa, soltando uma coluna de fumaça pela boca.

Um segundo depois ouvimos um grito do estacionamento.

— Ei! Você! Com o cigarro!

Congelamos. A Srta. Winters. A Nazista da Nicotina.

— Corra! — Lindsay grita após um segundo, largando o cigarro. Ela corre por trás das quadras, mesmo após o meu grito.

— Por aqui! — Vejo o coque louro e enorme da Srta. Winters passando entre os carros; não sei ao certo se ela nos viu, ou só nos ouviu rindo. Abaixo atrás de um Range Rover e corto caminho pela Alameda dos Formandos até

uma das portas de trás do ginásio, enquanto ela continua gritando.

— Ei! Ei!

Seguro a maçaneta e giro, mas a porta está dura. Por um segundo meu coração para, e tenho certeza de que está trancada, mas bato com força e ela abre em um armário de depósito. Pulo para dentro e fecho a porta atrás de mim, com o coração explodindo no peito. Um minuto depois ouço passos fortes passando pela porta. Então, ouço a Srta. Winters murmurar: — Droga! — E os passos começam a recuar.

A coisa toda — o dia, a guerra no The Country's Best Yogurt, a quase encrenca que arrumamos, a ideia de Lindsay encolhida em algum lugar da mata de saia e com as novas botas Steve Madden — é tão engraçada que preciso apertar a boca com a mão para não rir. O recinto em que me encontro tem cheiro de chuteiras de futebol, camisas e lama, e, com os cones laranjas e os sacos cheios de bolas de basquete no canto, mal tenho espaço para ficar em pé. Um dos lados tem uma janela com vista para um escritório: o de Shaw, provavelmente, considerando que ele, basicamente, mora no ginásio. Nunca vi o escritório dele. A mesa é coberta de papéis, e tem um computador com um protetor de tela que parece uma foto brega de uma praia. Aproximo-me da janela, pensando em como seria engraçado flagrar alguma coisa imprópria, como uma calcinha em uma gaveta, uma revista pornográfica ou alguma coisa, e neste instante a porta se abre, e lá está ele.

Instantaneamente me jogo no chão. Tenho de me encolher, e mesmo assim fico paranoica, achando que meu rabo de cavalo pode estar aparecendo sobre o parapeito. Parece uma bobagem perto de tudo que vem acontecendo, mas a única coisa em que consigo pensar naquele instante é: *Se ele me vir, aí, sim, estou morta. Adeus casa de Ally; olá detenção.*

Meu rosto está esmagado perto de uma sacola de pano semiaberta, que parece estar cheia de velhas camisas de basquete. Não sei se nunca foram lavadas ou o quê, mas o cheiro me faz querer vomitar.

Ouçó Shaw se movendo ao redor da mesa, e estou rezando — *rezando* — para que ele não chegue perto o suficiente para me ver abaixada sobre um monte de equipamentos esportivos. Já posso até ouvir os boatos: Samantha Kingston foi encontrada se esfregando em cones da aula de educação física.

Há um minuto ou dois de hesitação, e começo a ter câibras na perna. O primeiro sinal do oitavo tempo já tocou — menos de três minutos para a aula —, mas não tenho como sair daqui. A porta faz muito barulho, além disso, não

tenho como saber para onde ele está olhando. Ele pode estar virado para a porta.

Minha única esperança é de ele ter aula agora, mas não parece estar com a menor pressa de ir a lugar algum. Fico me imaginando presa aqui até o fim do dia. Só o cheiro me mataria.

Ouço a porta de Shaw se abrir novamente e levanto um pouco, pensando que ele pode estar saindo. Mas, então, escuto uma segunda voz: — Droga. Elas escaparam.

Reconheceria aquela voz nasalada em qualquer lugar. A Srta. Winters.

— Fumantes? — pergunta Shaw. Ele tem a voz quase tão aguda quanto a dela. Eu nem imaginava que eles se conheciam. As únicas vezes em que os vi no mesmo recinto foram nas assembleias escolares, quando a Srta. Winters senta perto do diretor Beneter, com uma cara de quem está cheirando uma bomba de fedor colocada diretamente abaixo da cadeira dela, e Shaw senta com os professores de educação especial, o instrutor de saúde, o especialista de direção para alunos especiais e todas as outras aberrações que fazem parte do corpo docente, mas não são professores de verdade.

— Você sabia que os alunos chamam aquela pequena área de Lounge dos Fumantes? — Quase posso ouvir a Srta. Winters beliscando o nariz.

— Conseguiu ver quem eram? — Shaw pergunta, e meus músculos se contraem.

— Não muito bem. Consegui ouvir e senti o cheiro de fumaça.

Lindsay tem razão: Winters é, definitivamente, metade cão farejador.

— Na próxima vez — diz Shaw.

— Devem ter umas duas mil pontas de cigarro lá — ela diz. — Com todos os vídeos que mostramos para eles...

— São adolescentes. Fazem o contrário do que se diz. Faz parte do pacote. Espinhas, pelos pubianos e mau comportamento.

Quase me descontrolo quando Shaw diz *pelos pubianos* e penso que a Srta. Winters vai lhe passar um sermão.

— Às vezes nem sei por que perco tempo. — É só o que ela diz.

— Está sendo um dia daqueles, não? — indaga Shaw, e ouço o som de alguém batendo contra uma mesa, e um livro caindo no chão. A Srta. Winters dá uma risadinha.

Em seguida, juro por Deus, ouço os dois *se beijarem*. E não é beijinho à toa não. É beijo do tipo boca aberta, barulhento, gemido.

Ai, droga. Literalmente, tenho de morder minha própria mão para não gritar, chorar, soltar uma gargalhada ou vomitar — ou, todas as opções acima. *Isto. Não pode. Estar. Acontecendo.* Estou desesperada para pegar meu telefone e mandar uma mensagem para as meninas, mas não quero me mexer. Agora, realmente, não quero ser pega, visto que Shaw e a Nazista vão pensar que eu estava espionando a festinha sexual dos dois. Eca.

Bem quando sinto que não posso mais suportar um segundo espremida ao lado de camisas suadas, ouvindo Shaw e Winters se engolirem como se estivessem em um filme pornô ruim, o segundo sinal toca. Estou oficialmente atrasada para o oitavo tempo.

— Ai, meu Deus. Tenho que me encontrar com Beanie — diz a Srta. Winters. Beanie é o apelido que os alunos puseram no Sr. Beneter, o diretor. De todas as coisas chocantes que ouvi nos últimos dois minutos, a mais chocante de todas é ela saber o apelido — e utilizá-lo.

— Vá — diz Shaw, então eu juro, *juro*, que o ouço dando um tapa na bunda dela.

Ai. Meu. Deus. Isso é melhor do que a vez em que Marcie Harris foi pega se masturbando no laboratório de ciências (com um tubo de ensaio você sabe onde, se acredita em boatos). É melhor do que quando Bryce Hanley foi suspenso por ter um site pornográfico. É melhor do que qualquer escândalo que já atingiu o Thomas Jefferson.

— Você tem aula? — pergunta a Srta. Winters, quase cantarolando.

— Já terminei por hoje — diz Shaw. Meu coração afunda. Não há maneira de aguentar ficar aqui durante mais 45 minutos. O problema não são as câibras nas pernas e coxas: tenho uma fofoca incrível para espalhar. — Mas tenho que me preparar para os testes do time de futebol.

— O.k., baby. — *Baby?* — Vejo você hoje à noite.

— Oito horas.

Ouçó a porta se abrir e sei que a Srta. Winters saiu. Graças a Deus! Do jeito que estavam com conversinhas de travesseiro, temi ser agraciada com a sinfonia de outra sessão de amassos. Acho que minha coxa e meus pensamentos não aguentariam.

Após alguns segundos de movimentação e algumas tecladas no computador, ouço Shaw se dirigir à porta. A sala ao lado escurece. Em seguida, a porta abre e fecha, e sei que posso sair.

Solto um “aleluia” silencioso e me levanto. Os pinos e as agulhas nas

minhas pernas estão tão ruins que quase tropeço, mas vou andando até a porta e me apoio. Quando chego do lado de fora, paro, batendo os pés e aspirando fundo o ar puro. Finalmente, descarrego: jogo a cabeça para trás e solto uma risada histérica, gargalhando e roncando, sem sequer me importar se pareço uma louca.

A Srta. Winters e o Sr. Shaw. Quem poderia imaginar em um milhão, um trilhão de anos?

Ao sair do ginásio penso em como as pessoas são estranhas. Você pode vê-las todos os dias — e pensar que as conhece — e depois descobrir que não conhece nada. Sinto-me completamente animada, como se estivesse girando em um redemoinho, circulando ao redor das mesmas pessoas e dos mesmos acontecimentos, mas vendo as coisas a partir de ângulos diferentes.

Ainda estou rindo quando chego ao prédio principal, mesmo sabendo que o Sr. Kummer fará um escândalo por eu estar atrasada, e que ainda tenho de passar no meu armário para pegar meu livro de espanhol (ele nos disse no primeiro dia que deveríamos tratar nossos livros como se fossem crianças. Obviamente, ele não tem filhos). Estou apertando “enviar” em uma mensagem de texto para Elody, Ally e Lindsay — *vcs n vão acreditar no q acabou d acontecer* — quando, *bum!*, esbarro em Lauren Lornet.

Nós duas cambaleamos para trás, e meu telefone voa da minha mão e desliza pelo corredor.

— Droga! — O esbarrão é tão forte que levo um segundo para recuperar o fôlego. — Veja por onde anda.

Começo a ir em direção ao telefone, imaginando se posso pedir para ela pagar se a tela estiver quebrada ou coisa do tipo quando Lauren agarra o meu braço. Com força.

— Mas o quê...?

— Conte para eles — ela diz descontrolada, aproximando o rosto do meu. — Você tem que contar para eles.

— Do que você está falando? — Tento afastá-la, mas ela agarra meu outro braço também, como se quisesse me sacudir. Seu rosto está vermelho e manchado, e está com uma expressão inteiramente pegajosa. É óbvio que andou chorando.

— Conta para eles que não fiz nada de errado. — Ela joga a cabeça por cima do ombro. Estamos exatamente na frente da diretoria, e a vejo naquele instante como ela estava ontem, com o cabelo no rosto, chorando pelo

corredor.

— Juro que não sei do que você está falando — digo, da maneira mais gentil possível, porque ela está me assustando. Ela, provavelmente, vai à psicóloga da escola duas vezes por semana, para controlar a paranoia, ou o transtorno obsessivo compulsivo, ou qualquer que seja o problema.

Ela respira fundo. Está com a voz trêmula.

— Eles acham que coleí de você na prova de química. Beanie me chamou... mas eu não coleí, juro por Deus que não coleí. Estou estudando...

Chego para trás, mas ela continua me segurando. A sensação de estar no redemoinho volta, mas desta vez é horrível: estou sendo sugada para baixo, cada vez mais, como se houvesse um peso sobre mim.

— Você colou de mim? — Minhas palavras parecem estar vindo de um lugar distante. Nem sequer soo como eu mesma.

— Não coleí, juro por Deus, eu... — Lauren suspira. — Ele vai me reprovar. Ele disse que me reprovaria se minhas notas não melhorassem, arranjei um professor particular e agora eles acham que eu... ele disse que vai ligar para a Penn State. Não vou conseguir passar para a faculdade e eu... você não entende. Meu pai vai me matar. Ele vai me matar. — Então, ela me sacode mesmo. Seus olhos estão completamente em pânico. — Você tem que contar para eles.

Finalmente consigo me desvencilhar. Sinto calor e náusea. Não quero saber disso. Não quero saber de nada disso.

— Não posso ajudar — digo, recuando, ainda com a sensação de que não estou de fato dizendo essas palavras, apenas escutando-as serem ditas em voz alta em algum lugar.

Lauren está com uma expressão de como se eu tivesse acabado de lhe dar um tapa na cara.

— O quê? Como assim, você não pode me ajudar? É só contar para eles...

Minhas mãos estão tremendo, quando vou pegar meu telefone. Ele escorrega duas vezes e em ambas cai no chão com um barulho. Não é para ser assim. Sinto como se alguém tivesse apertado um botão de um aspirador de pó e toda a sujeira voltasse ao chão para que eu possa ver.

— Você deu sorte por não ter quebrado meu telefone — digo, me sentindo completamente dormente. — Custou 200 dólares.

— Você *ouviu* alguma coisa do que eu disse? — A voz de Lauren está aumentando histericamente. Não consigo olhar nos olhos dela. — Estou

ferrada, acabada...

— Não posso ajudar — digo outra vez. É como se eu não conseguisse me lembrar de mais nenhuma palavra.

Lauren solta algo entre um grito e um engasgo.

— Você disse que eu não deveria ser gentil com você hoje. Quer saber? Você tinha razão. Você é horrível, você é uma vaca, você...

De repente é como se ela se lembrasse de onde estamos: quem ela é e quem eu sou. Ela põe a mão na boca tão depressa que emite um som abafado, que ecoa no corredor.

— Meu Deus! — Agora a voz de Lauren sai como um sussurro. — Desculpe. Não quis dizer nada disso.

Nem respondo. Aquelas palavras — *você é uma vaca* — fazem meu corpo inteiro gelar.

— Desculpe. Eu... por favor, não fique com raiva.

Não consigo suportar — não consigo suportar vê-la pedindo desculpas para mim. E antes que pudesse perceber, estava correndo — a toda velocidade pelo corredor, com o coração acelerado, sentindo necessidade de gritar, chorar, ou socar alguma coisa. Ela grita atrás de mim, mas não ouço o que diz, não me importo, não posso saber, e quando entro no banheiro feminino, encosto na porta e escorrego até os meus joelhos pressionarem meu peito, minha garganta estava tão apertada que até respirar doía. Meu telefone não para de zumbir, e depois que me acalmo um pouco abro e encontro mensagens de Lindsay, Ally e Elody: *O quê? Fala. Conta. Fez as pazes c Rob?*

Jogo o telefone na bolsa e apoio a cabeça nas mãos, esperando minha pulsação voltar ao normal. Toda a felicidade que senti mais cedo desapareceu. Mesmo a situação entre Shaw e Winters não parece mais tão engraçada. Bridget, Alex, Anna e Sarah Grundel com a porcária da vaga, Lauren Lornet e o teste de química — parece que estou presa em uma enorme teia, e para todos os lados que olho vejo que estou presa a alguém, todos nós tentando escapulir da mesma rede. E não quero saber de nada daquilo. Não é problema meu. Não me importo.

Você é uma vaca.

Não ligo. Tenho coisas mais importantes com as quais me preocupar.

Finalmente, levanto. Desisti de ir à aula de espanhol. Em vez disso jogo água fria no rosto, em seguida refaço minha maquiagem. Meu rosto está tão pálido sob as luzes fluorescentes que mal me reconheço.

APENAS O SONHO

— Vamos, animação. — Lindsay bate na minha cabeça com um travesseiro. Estamos no sofá na saleta da casa de Ally.

Elody come o último rolinho apimentado de atum, o que não tenho certeza se é uma boa ideia, considerando que já estava jogado na otomana há três horas.

— Não se preocupe, Sammy. Rob vai superar.

Todas elas pensam que Rob é a razão por eu estar quieta. Mas é claro que não é. Estou quieta porque assim que o relógio se aproximou da meia-noite o medo voltou. Está me preenchendo lentamente, como areia caindo em uma ampulheta. A cada segundo me aproximo mais do Momento. Ponto de detonação. Hoje de manhã tive certeza de que seria simples — que bastava ficar longe da festa, longe do carro. Que o tempo voltaria ao normal. Que eu seria salva.

Mas agora é como se meu coração estivesse sendo esmagado entre as costelas, e está cada vez mais difícil respirar. Estou morrendo de medo de que em um segundo — no espaço entre respirações — tudo vá evaporar em escuridão, e mais uma vez me encontrarei sozinha no meu quarto em casa, acordando com a campainha do alarme. Não sei o que farei se isso acontecer. Acho que meu coração se parte. Acho que meu coração para.

Ally desliga a televisão e joga o controle de lado.

— O que faremos agora?

— Deixe-me consultar os espíritos. — Elody desliza para fora do sofá, para o chão, onde mais cedo colocamos um tabuleiro Ouija empoeirado, em nome dos velhos tempos. Tentamos jogar, mas todo mundo estava empurrando, e o indicador não parava de apontar palavras como *pênis* e *vara*, até Lindsay começar a gritar.

— Espíritos pervertidos! Molestadores de crianças!

Elody empurra o indicador com dois dedos. Ele gira uma vez antes de se ajustar sobre a palavra *SIM*.

— Olhe. — Ela levanta as mãos. — Sem as mãos.

— Não foi uma pergunta para sim ou não, burrinha. — Lindsay revira os olhos e toma um gole grande do Châteauneuf-du-Pape que pegamos da

adega.

— Esta cidade é um saco — diz Ally. — Nunca acontece nada.

Meia-noite e trinta e três. Meia-noite e trinta e quatro. Nunca vi segundos e minutos passarem tão depressa, tropeçando uns sobre os outros. Meia-noite e trinta e cinco. Meia-noite e trinta e seis.

— Precisamos de um pouco de música, ou alguma coisa — diz Lindsay, levantando-se. — Não podemos ficar aqui paradas como bebedoras.

— Música, definitivamente — diz Elody. Ela e Lindsay correm para a sala ao lado, onde fica a caixa de som Bose do iPod.

— Sem música — resmungo, mas já era tarde demais. Já está tocando Beyoncé. Os vasos começam a tremer nas prateleiras de livros. Minha cabeça parece que vai explodir, e sinto calafrios. Meia-noite e trinta e sete. Afundo ainda mais no sofá, puxando uma manta sobre os joelhos e cobrindo as orelhas.

Lindsay e Elody voltam para a saleta. Estamos todas com shorts velhos e camisetas. Lindsay, obviamente, acabou de atacar o armário depósito de Ally, pois ela e Elody agora estão usando óculos de esqui e gorros de lã. Elody está mancando com um sapato de neve de criança.

— Ai, meu Deus! — grita Elody. Ela põe a mão na barriga e se curva, rindo.

Lindsay gira com um bastão de esqui entre as pernas, movimentando-o para a frente e para trás.

— Oh, Patrick! Patrick!

A música está tão alta que mal consigo ouvi-la, mesmo quando tiro as mãos dos ouvidos. Meia-noite e trinta e oito. Um minuto.

— Vamos! — Elody grita, estendendo a mão para mim. Estou tão apavorada que não consigo me mexer, não consigo sequer balançar a cabeça, e ela se inclina para a frente e grita: — Viva um pouco!

Muitos pensamentos e palavras passam pela minha cabeça. Quero gritar: *Não, pare*, ou *Sim, viva*, mas só o que consigo fazer é fechar os olhos com força e imaginar os segundos correndo como água em uma piscina infinita, e imagino todas nós nos lançando violentamente contra o tempo e penso: *Agora, agora, é agora...*

Então, tudo silencia.

Estou com medo de abrir os olhos. Um vazio profundo se abre dentro de mim. É assim que é estar morta.

Em seguida ouço uma voz: — Está alto demais. Vocês vão estourar os

tímpanos antes dos 20.

Abro os olhos. A Sra. Harris, mãe de Ally, está na entrada com uma capa de chuva molhada, ajeitando o cabelo. Lindsay está ali parada com os óculos e gorro de esquí, e Elody está embaraçosamente tentando se livrar do sapato de neve.

Consegui. Funcionou. Alívio e alegria me inundam com tanta força que quase choro.

Mas, em vez disso, rio. Dou uma gargalhada no silêncio, e Ally me lança um olhar fulminante, como: *Agora você decide achar graça?*

— Vocês estão bêbadas? — A mãe de Ally olha fixamente para cada uma de nós alternadamente, em seguida franze o rosto ao ver a garrafa de vinho praticamente vazia no chão.

— Claro que não. — Ally se joga no sofá. — Você acabou com o clima.

Lindsay levanta os óculos para a cabeça.

— Estávamos fazendo uma festa dançante, Sra. Harris — ela diz alegremente, como se dançar seminua com equipamentos de esporte de inverno fosse uma atividade obrigatória no escotismo.

A Sra. Harris suspira.

— Não mais. Hoje foi um dia longo. Vou dormir.

— Mããããe — resmunga Ally.

A Sra. Harris lança um olhar para ela.

— Chega de música.

Elody, finalmente, liberta o pé e tropeça para trás, caindo em uma das prateleiras de livros. O *Martha Stewart's Homekeeping Handbook* voa e cai no pé dela.

— Ops. — Ela fica inteiramente vermelha e olha para a Sra. Harris como se esperasse apanhar a qualquer instante.

Não consigo evitar. Começo a rir outra vez.

A Sra. Harris revira os olhos para o teto e balança a cabeça.

— Boa noite, meninas.

— Muito bem. — Ally se inclina e belisca minha coxa. — Retardada.

Elody começa a rir e imita a voz de Lindsay.

— Estávamos fazendo uma festa dançante, Sra. Harris.

— Pelo menos eu não caí em uma prateleira de livros. — Lindsay se curva e balança o bumbum para nós. — Beija.

— Talvez eu beije. — Elody se joga na direção dela, fingindo que vai beijá-

la. Lindsay grita e desvia. Ally sibila.

— *Shhhh!* — Exatamente quando ouvimos a Sra. Harris gritar lá de cima:

— *Meninas!*

Logo estão todas rindo. É ótimo rir com elas.

Voltei.

*

Uma hora depois, eu, Lindsay e Elody estamos acomodadas no sofá em forma de L. Elody está na parte de cima e eu e Lindsay, deitadas cada uma em uma ponta. Meus pés estão pressionando os de Lindsay, e ela fica mexendo os dedos para me irritar. Mas nada pode me aborrecer, agora. Ally arrastou o colchão de ar e as cobertas do andar de cima (ela insiste em que não consegue dormir sem o edredom). É exatamente como no primeiro ano. Ligamos a televisão em volume baixo, pois Elody gosta do som, e no quarto escuro o brilho da tela me faz lembrar verões passados, invadindo a piscina do clube para nadar à noite, da maneira como a luz refletia na água escura, da quietude e da sensação de ser a única pessoa viva no mundo.

— Meninas? — sussurro. Não sei ao certo quem ainda está acordada.

— Hum — resmunga Lindsay.

Fecho os olhos, deixando a sensação de paz me dominar, me satisfazer da cabeça aos pés.

— Se vocês tivessem que reviver um dia várias vezes, qual escolheriam?

Ninguém me responde, e logo em seguida ouço Ally roncar no travesseiro. Estão todas dormindo. Ainda não estou cansada, estou empolgada demais por estar aqui, por estar segura, por ter rompido qualquer que fosse a bolha de tempo e espaço que vinha me confinando. Mas fecho os olhos assim mesmo, para tentar imaginar que tipo de dia escolheria. Lembranças passam velozes — dezenas e dezenas de festas, passeios de compras com Lindsay, comendo feito uma porca em festas do pijama e chorando ao ver *O Diário de uma Paixão* com Elody, e, mesmo antes disso, férias em família, minha festa de 8 anos e a primeira vez que mergulhei da plataforma alta da piscina, a água entrou no meu nariz e me deixou tonta —, mas todas pareciam imperfeitas de alguma forma, manchadas ou sombreadas.

Em um dia perfeito não teria aula, isso é certo. E no café da manhã teria panquecas — panquecas da minha mãe. Meu pai faria seus famosos ovos fritos e Izzy colocaria a mesa, como às vezes faz nos feriados, com pratos descombinados, frutas e flores que cata pela casa, coloca no meio da mesa e chama de “cccentrodemezzza”.

Fecho os olhos e me sinto relaxando, como se me pendurasse na beira de um abismo, com a escuridão me envolvendo para me levar embora...

Ringringring.

Sou trazida de volta do sonho e por um segundo horrível penso: *é o meu despertador, estou em casa, está acontecendo outra vez.* Dou um chute, um espasmo, e Lindsay grita.

— Ai!

O som daquela palavra solitária faz meu coração parar e minha respiração voltar ao normal.

Ringringring. Agora que estou completamente alerta, percebo que não é o despertador. É o telefone, tocando um som agudo em diversos cômodos, criando um eco estranho. Verifico o relógio. Uma e cinquenta e dois.

Elody resmunga. Ally rola e murmura: — Desliguem. — O telefone para de tocar e depois começa outra vez, e de repente Ally senta, ereta, inteiramente acordada.

— Droga. Droga. Minha mãe vai me matar — ela diz.

— Faça parar, Al — diz Lindsay, por baixo do travesseiro.

Ally tenta se livrar dos lençóis, ainda murmurando: — Droga. Cadê a porcaria do *telefone*? — Ela escorrega e acaba caindo da cama e atingindo o chão com o ombro. Elody resmunga outra vez, agora mais alto.

— Estou tentando dormir, gente — diz Lindsay.

— Preciso do telefone. — Ally sibila de volta.

Mas já é tarde demais. Ouço passos no andar de cima. A Sra. Harris, obviamente, acordou. Um segundo depois o telefone para de tocar.

— Graças a Deus! — Lindsay se mexe, se enfiando ainda mais entre as cobertas.

— São quase duas horas. — Ally se levanta; dá para ver o seu vulto mancando de volta para a cama. — Mas quem é que liga às duas da manhã?

— Vai ver é Matt Wilde, confessando seu amor — diz Lindsay.

— Muito engraçada — diz Ally. Ela volta para a cama, e ficamos todas quietas. Ouço apenas um murmúrio baixo da voz da Sra. Harris acima de nós,

seus passos rangendo enquanto anda. Em seguida, com grande clareza, ouço-a falar: — Oh, não! Oh, meu Deus!

— Ally... — começo.

Mas ela também ouviu. Ela se levanta e acende a luz, em seguida desliga a televisão, que ainda está ligada em volume baixo. O brilho repentino faz eu me retrair. Lindsay pragueja e puxa a coberta por cima da cabeça.

— Alguma coisa está errada. — Ally se abraça, piscando rapidamente. Elody alcança os óculos, em seguida se levanta, apoiando-se nos dois cotovelos. Finalmente, Lindsay percebe que a luz não vai se apagar e sai do casulo.

— Qual é o problema? — Com as mãos em punhos, ela esfrega os olhos.

Ninguém responde. Todas temos uma crescente sensação agora: alguma coisa está *muito* errada. Ally simplesmente está ali parada no meio da sala. Em sua camisa grande demais e short largo, ela parece mais jovem do que é.

Em um dado momento a voz no andar de cima cessa, e os passos se movem diagonalmente pelo chão, em direção às escadas. Ally volta para o colchão de ar, encolhendo as pernas e roendo as unhas.

A Sra. Harris não parece surpresa em nos encontrar sentadas, esperando por ela. Ela está com uma camisola longa de seda e uma máscara de dormir na cabeça. Nunca vi a Sra. Harris com uma aparência abaixo da perfeição, e isso faz o meu estômago se encher de medo.

— O quê? — A voz de Ally é semi-histórica. — O que aconteceu? É o papai?

A Sra. Harris pisca os olhos e parece se concentrar na gente como se tivesse acabado de ser invocada de um sonho.

— Não, não. Não é o seu pai. — Ela respira fundo, em seguida solta o ar sonoramente. — Ouçam, meninas. O que vou contar a vocês é muito perturbador. Só vou contar porque vocês vão descobrir de qualquer maneira.

— Fale logo, mãe.

A Sra. Harris meneia a cabeça lentamente.

— Todas vocês conhecem Juliet Sykes.

Isto é um choque: olhamos umas para as outras, completamente aturdidas. Dentre todas as palavras que a Sra. Harris poderia ter dito agora, tenho certeza de que “Todas vocês conhecem Juliet Sykes” são as mais inesperadas possíveis.

— Conhecemos. E daí? — Ally dá de ombros.

— Bem, ela... — A Sra. Harris se interrompe, ajeitando a camisola com as

mãos, e começa outra vez: — Era Mindy Sachs ao telefone.

Lindsay ergue as sobrancelhas, e Ally suspira, indicando compreensão. Todas nós também conhecemos Mindy Sachs. Ela tem 50 anos, é divorciada, mas ainda se veste e se comporta como se estivesse no segundo ano. Ela gosta mais de fofoca do que qualquer menina do colégio. Sempre que a vejo me lembro da brincadeira que fazíamos quando éramos crianças, em que uma pessoa sussurra um segredo para a próxima e a próxima repete e assim por diante, exceto que em Ridgeview a Sra. Sachs é a única que sussurra. Ela e a Sra. Harris fazem parte do quadro da escola, então a Sra. Harris sempre sabe sobre os divórcios e sobre quem perdeu todo o dinheiro, ou sobre quem está tendo um caso.

— Mindy mora ao lado da família Sykes — prossegue a Sra. Harris. — Aparentemente, a rua está cheia de ambulâncias há mais ou menos meia hora.

— Não estou entendendo — diz Ally, e talvez seja o horário e o estresse dos últimos dias, mas também não estou entendendo.

A Sra. Harris está com os braços cruzados sobre o peito, e se abraça um pouco, como se estivesse com frio.

— Juliet Sykes morreu. Ela se matou hoje à noite.

Silêncio. Silêncio total. Ally para de roer as unhas, e Lindsay está sentada, mais parada do que nunca. Realmente, acho que por vários segundos, meu coração para de bater. Sinto uma estranha sensação de aprisionamento, como se tivesse caído de paraquedas do meu próprio corpo e estivesse olhando para ele de longe, como se por alguns instantes fôssemos apenas fotografias de nós mesmas.

De repente me lembro de uma história que meus pais me contaram uma vez: do tempo que o Thomas Jefferson era chamado de Colégio Suicídio, um rapaz se enforcou no próprio armário, entre casacos com cheiro de naftalina, sapatos velhos e tudo mais. Ele era um otário, tocava na banda da escola, tinha pele ruim e quase nenhum amigo. Então, ninguém achou nada de mais quando ele morreu. Quer dizer, as pessoas ficaram tristes e tal, mas *entenderam*.

Mas no ano seguinte — no ano seguinte ao dia —, um dos meninos mais populares do colégio se matou *exatamente da mesma maneira*. Tudo foi igual: o método, a hora, o lugar. Exceto que este cara era o capitão do time de natação e do time de futebol, e aparentemente, quando a polícia entrou no armário, havia tantos troféus nas prateleiras que parecia que ele tinha sido sepultado em um cofre de ouro. Ele apenas deixou um bilhete de uma linha: *Somos todos*

Carrascos.

— Como? — pergunta Elody, quase num sussurro.

A Sra. Harris sacode a cabeça, e por um segundo acho que ela vai chorar.

— Mindy ouviu um tiro. Ela achou que fossem fogos. Pensou que fosse uma brincadeira.

— Ela deu um tiro em si mesma? — Ally pergunta, de forma quase reverencial, e sei que estamos todas pensando a mesma coisa: este é o pior dentre todos os jeitos.

— Como eles... — Elody ajeita os óculos e molha os lábios. — Sabem por quê?

— Não havia bilhete — diz a Sra. Harris, e juro que posso ouvir algo passar pela sala: um pequeno bafo. Um suspiro de alívio. — Só achei que vocês deviam saber. — Ela vai até Ally e se inclina, beijando sua testa. Ally recua, talvez pela surpresa. Nunca tinha visto a Sra. Harris beijar Ally antes. Nunca tinha visto a Sra. Harris se parecer tanto com uma *mãe*.

Depois que a Sra. Harris sai, todas nós permanecemos sentadas, enquanto o silêncio se estende em enormes anéis ao nosso redor. Sinto como se todas estivéssemos esperando alguma coisa, mas não sei ao certo o quê. Finalmente, Elody fala.

— Vocês acham que... — Elody engole em seco, olhando para a frente e para trás, para cada uma de nós. — Vocês acham que foi por causa da nossa rosa?

— Não seja tola — irrita-se Ally. Contudo, dá para perceber que ela está chateada. Seu rosto está pálido, e ela gira e solta a ponta da coberta. — Não é como se tivesse sido a primeira vez.

— Isso só piora as coisas — diz Ally.

— Pelo menos sabíamos quem ela era. — Lindsay percebe que estou olhando para suas mãos, e as coloca firmemente no colo. — A maioria das pessoas agia como se ela fosse invisível.

Ally morde o lábio.

— Mesmo assim, no último dia dela... — Elody para de falar.

— Ela está melhor assim — diz Lindsay. Isso foi baixo, até para ela, e todas a encaramos. — O quê? — Ela levanta o queixo e nos olha de volta, de forma provocadora. — Vocês sabem que estamos todas pensando a mesma coisa. Ela era completamente infeliz. Escapou. Acabou.

— Mas... quer dizer, as coisas poderiam ter melhorado — digo.

— Não teriam — diz Lindsay.

Ally sacode a cabeça e leva os joelhos ao peito.

— Meu Deus, Lindsay.

Estou chocada. O mais estranho de tudo é a arma. Parece um jeito tão severo, tão sonoro, tão físico de se fazer. Sangue, cérebro e calor. Se ela tinha de fazer — de morrer —, deveria ter se afogado, deveria ter andado pela água até que a cabeça estivesse coberta. Ou deveria ter pulado. Imagino Juliet flutuando de um jeito ou de outro, como se estivesse sendo sustentada por correntes de ar. Posso imaginá-la abrindo os braços e saltando de uma ponte ou desfiladeiro, em algum lugar, mas na minha cabeça ela começa a subir com o vento assim que seus pés deixam o chão.

Não uma arma. Armas são para romances policiais, assaltos a lojas de conveniências, viciados em crack e brigas de gangues. Não para Juliet Sykes.

— Talvez devêssemos ter sido mais gentis com ela — diz Elody. E olha para baixo, como se sentisse vergonha de dizer.

— Por favor. — A voz de Lindsay é alta e dura em comparação. — Você não pode maltratar uma pessoa a vida inteira e depois se sentir mal quando ela morre.

Elody levanta a cabeça e olha fixamente para Lindsay.

— Mas eu *estou* me sentindo mal. — Sua voz está ficando mais forte.

— Então você é uma hipócrita — diz Lindsay. — E isso é pior do que tudo.

Ela se levanta e apaga a luz. Ouço-a subir de volta no sofá e se mexer nas cobertas, se ajeitando.

— Se me dão licença — ela diz —, tenho que recuperar o sono perdido.

Faz-se total silêncio por um tempo. Não sei ao certo se Ally está deitada ou não, mas quando meus olhos se ajustam à escuridão vejo que não: ela continua sentada, abraçando os joelhos, olhando para a frente.

Após um minuto, ela fala: — Vou dormir lá em cima. — Ela junta os lençóis e as cobertas, fazendo mais barulho que o normal, provavelmente para se vingar de Lindsay.

Um instante depois Elody diz: — Vou com ela. O sofá está muito rugoso. — Ela, obviamente, também está chateada. Há anos que dormimos neste sofá.

Depois que ela sai, fico algum tempo sentada ouvindo Lindsay respirar. Pergunto-me se ela está dormindo. Não vejo como poderia. Sinto-me mais acordada do que nunca. Mas Lindsay sempre foi diferente da maioria das

pessoas, menos sensível, mais preto no branco. Meu time, seu time. Este lado da linha, aquele lado da linha. Destemida e descuidada. Sempre a admirei por isso — todas nós admiramos.

Sinto uma ansiedade, como se precisasse de respostas a perguntas que não sei exatamente como fazer. Levanto-me do sofá lentamente, tentando não acordar Lindsay, mas ela não está dormindo, afinal. Ela rola, e no escuro consigo ver a pele pálida e os buracos profundos nos seus olhos.

— Você não vai subir, vai? — sussurra.

— Banheiro — sussurro em resposta.

Vou apalpando o caminho até o corredor e paro ali. Em algum lugar um relógio está fazendo barulho, mas, fora isso, o silêncio é total. Está tudo escuro, e o piso de pedras contra meus pés está gelado. Passo a mão na parede para me orientar. O som da chuva parou. Quando olho para o lado de fora vejo que a chuva se transformou em neve, milhares de flocos derretem na janela gradeada, deixando o luar que entra pela janela pálido e cheio de movimento, sombras girando e borrando o chão, vivas. Tem um banheiro aqui, mas não é para lá que estou indo. Abro lentamente a porta que leva até o porão de Ally e vou Tateando meu caminho pelas escadas, segurando os dois corrimãos.

Assim que meus pés pisam o tapete na base da escada, toco a parede à minha esquerda, encontrando o interruptor finalmente. O porão de repente é revelado, grande, rígido e comum: sofás de couro bege, uma velha mesa de pingue-pongue, outra televisão de tela plana e uma área circular com uma esteira, um transport e um espelho de três faces no centro. Aqui está mais frio, e tem cheiro de produtos químicos e tinta fresca.

Além da área de exercício há outra porta, que leva ao cômodo que sempre chamamos de o Altar de Allison Harris. O quarto é coberto por desenhos antigos de Ally, nenhum dos quais é bom, e a maioria é da escola fundamental. As prateleiras de livros são lotadas de fotos dela: Ally vestida como um polvo para a festa de Halloween do primeiro ano, Ally usando um vestido de veludo verde e sorrindo na frente de uma enorme árvore de Natal completamente ornamentada, Ally cerrando os olhos, de biquíni, Ally rindo, Ally franzindo o rosto, Ally pensativa. E na prateleira mais baixa, cada um dos antigos anuários escolares dela, desde o jardim de infância. Ally uma vez nos mostrou como a Sra. Harris tinha cuidado de cada um dos livros, um por um, colocando etiquetas coloridas em cada um dos amigos dela de um ano e de outro (“Para você se lembrar do quanto sempre foi popular”, dissera sua mãe).

Caio de joelhos. Não sei exatamente o que procuro, mas há uma ideia se formando na minha cabeça, uma antiga lembrança que desaparece sempre que quero que apareça, como aqueles jogos de Olho Mágico em que só se consegue ver as formas escondidas quando os olhos não estão focados.

Começo com o anuário do primeiro ano. Abro direto na turma do Sr. Christensen — que sorte a minha — e lá estou, um pouco afastada do grupo. O flash refletiu nos meus óculos, tornando impossível a visualização dos meus olhos. Meu sorriso parece mais um retraimento, como se o esforço doesse. Passo rapidamente pela foto. Detesto ver antigos anuários, eles não trazem exatamente uma enchente de memórias agradáveis. Os meus estão em algum lugar do sótão, junto com todas as outras porcarias que minha mãe insiste em guardar, “Pois você pode querer em algum momento”, como minhas velhas bonecas, e um carneirinho de pelúcia esfarrapado que eu costumava levar para todo canto.

Duas páginas depois encontro o que estou procurando: a turma do primeiro ano da Sra. Novak. E lá está Lindsay, à frente e ao centro como sempre, sorrindo para a câmera. Ao seu lado uma menina bonita e magrinha com um sorriso tímido e cabelos tão louros que poderiam ser brancos. Ela e Lindsay estão tão próximas que os braços estão se encostando dos cotovelos até as pontas dos dedos.

Juliet Sykes.

No anuário do segundo ano, Lindsay está ajoelhada na fileira da frente da turma. Mais uma vez, Juliet Sykes está ao seu lado.

No do terceiro ano, Juliet e Lindsay estão separadas por diversas páginas. Lindsay estava na turma da Sra. Derner (comigo — foi neste ano que ela inventou a piada: “O que é vermelha, branca e completamente estranha?”). Juliet estava na turma da Dra. Kuzma. Páginas diferentes, turmas diferentes, poses diferentes — Lindsay está com as mãos fechadas na frente do corpo; Juliet está com o corpo levemente inclinado para o lado — e mesmo assim parecem exatamente as mesmas, com camisetas Petit Bateau azuis e calças capri brancas, cortadas logo abaixo do joelho; cabelos louros e brilhantes, partidos impecavelmente no meio; o brilho de uma pequena corrente de prata em ambos os pescoços. Aquele foi o ano em que era legal se vestir igual aos amigos — aos melhores amigos.

Pego o anuário do quarto ano em seguida, com os dedos pesados e dormientes e o frio passando por mim. Há um grande retrato colorido do

colégio na capa, tudo em rosa e vermelho neon, provavelmente pintado por um professor de artes. Levo algum tempo para encontrar a turma de Lindsay, mas assim que o faço meu coração acelera. Lá está ela, com o mesmo sorriso largo, como se desafiasse a câmera a fotografá-la aparentando estar menos que perfeita. E ao seu lado está Juliet Sykes. Bonita, feliz, Juliet Sykes, sorrindo como se tivesse um segredo. Cerro os olhos, focando em um ponto borrado entre elas, e acho que por pouco consigo perceber que estão com os indicadores suavemente entrelaçados.

Quinto ano. Encontro Lindsay facilmente, à frente e ao centro da turma da Srta. Krakow, com um sorriso tão largo que parece que está mostrando os dentes. Demoro mais para encontrar Juliet. Passo por todas as fotografias procurando por ela e tenho de começar outra vez, antes de encontrá-la, no alto, no canto direito, espremida entre Lauren Lornet e Eileen Cho, encolhendo-se, como se quisesse sair do enquadramento da foto. Seu cabelo está na frente do rosto como uma cortina. Ao seu lado, tanto Lauren quanto Eileen estão inclinadas ligeiramente para longe, como se não quisessem ser associadas a ela, como se ela tivesse alguma doença contagiosa.

Quinto ano: o ano da viagem do acampamento de escotismo, quando ela fez xixi no saco de dormir e Lindsay a apelidou de Amarelo Marmelo.

Guardei os anuários cuidadosamente, certificando-me de estar colocando-os na ordem certa. Meu coração bate violentamente, um tambor fora de ritmo. De repente quero sair do porão o mais rápido possível. Apago as luzes e subo Tateando o caminho em um voo cego. A escuridão parece girar com formas e sombras, e o terror se aloja na minha garganta. Tenho certeza de que se virar de costas vou vê-la, toda de branco, tropeçando com as mãos esticadas, tentando me pegar, com o rosto sangrando e dilacerado.

Então, chego ao andar de cima, e lá está ela: uma visão, um pesadelo. Seu rosto está completamente imerso na sombra — um buraco —, mas posso perceber que está me encarando. A sala inclina e agarro-me à parede para me manter de pé.

— Qual é o seu problema? — Lindsay entra no corredor, com a luz do luar caindo de forma diferente, de modo que suas feições se destacam. — Por que você está me olhando assim?

— Jesus! — Ponho a mão no peito, tentando apertar o coração para fazê-lo voltar ao ritmo normal. — Você me assustou.

— O que você estava fazendo lá embaixo? — Está com os cabelos

bagunçados, e com o short e a camiseta branca, ela poderia ser um fantasma.

— Você era amiga dela — digo. Sai como uma acusação. — Foi amiga dela durante anos.

Não sei ao certo qual resposta estou esperando, mas ela desvia o olhar, em seguida olha para mim outra vez.

— Não é nossa culpa — ela diz, como se estivesse me desafiando a contradizê-la. — Ela surtou completamente. Você sabe disso.

— Eu sei — digo. Mas tenho a sensação de que ela nem está falando comigo.

— E ouvi dizer que o pai dela é um alcoólatra — continua Lindsay, sua voz rápida e nervosa de repente. — A *família* inteira é pirada.

— É — digo. Por um instante ficamos ali paradas em silêncio. Meu corpo parece pesado, inútil, como às vezes fica em pesadelos quando se precisa correr e não se consegue. Após um tempo, algo me ocorre e digo: — Era.

Apesar de estarmos em silêncio, Lindsay respira fundo, como se eu tivesse acabado de interrompê-la no meio de um discurso longo.

— O quê?

— Ela *era* pirada — digo. — Não está mais aqui.

Lindsay não responde. Passo por ela no corredor escuro e vou até o sofá. Ajeito-me sob as cobertas, e após um tempo ela volta e se junta a mim.

Deitada ali, convencida de que não vou conseguir dormir, me lembro de uma ocasião no ano passado, quando eu e Lindsay demos uma escapada no meio da semana — uma terça ou uma quinta — e ficamos dando voltas de carro, pois não havia mais nada para fazer. Em algum momento ela entrou violentamente na Fallow Ridge Road e avançou o sinal, esperando, até que outro carro começou a vir em nossa direção na via de mão única. Em seguida roncou o motor, aumentou os faróis e foi em direção a ele. Eu estava berrando a plenos pulmões, os faróis cresciam como sóis enormes, certa de que íamos morrer, e ela estava segurando o volante e gritando sobre meus berros.

— Não se preocupe: eles sempre desviam primeiro.

E ela tinha razão. No último segundo o outro carro virou brutalmente para o fosso.

É disto que me lembro pouco antes de o sonho me dominar.

No meu sonho, estou caindo pela escuridão.

No meu sonho, caio para sempre.

QUATRO

Mesmo antes de acordar, o despertador está em minhas mãos, e interrompo o sono completamente no instante em que o lanço contra a parede. Ele solta um uivo final antes de se espatifar.

— Uau — diz Lindsay, quando entro no carro quinze minutos depois. — Abriram uma vaga na rua das prostitutas em Amsterdã e eu não fiquei sabendo?

— Apenas dirija. — Mal consigo olhar para ela. A raiva ferve em mim como um líquido. Ela é uma fraude: o mundo inteiro é uma fraude, um verdadeiro golpe. E, de algum modo, quem está pagando por isso sou *eu*. Sou eu que estou morta.

Eis a verdade: não deveria ser eu. É Lindsay que dirige como se estivesse em uma versão real do Grand Theft Auto. É ela que vive pensando em maneiras de pregar peças e humilhar os outros, que vive criticando todo mundo. Ela foi quem mentiu sobre ter sido amiga de Juliet Sykes e depois a torturou durante todos aqueles anos. Eu não fiz nada. Só fui no embalo.

— Você vai congelar. — Lindsay acende um cigarro e abre a janela.

— Obrigada, mãe. — Abro o espelho para me certificar de que meu batom não borrou. Dobrei a saia umas duas vezes, então, mal cobre meu bumbum quando sento, e estou usando saltos de doze centímetros que comprei com Ally de brincadeira em uma loja que, tenho quase certeza, só atende a prostitutas. Mantive a blusa com os pelinhos, mas acrescentei um colar de imitação de diamante, mais uma vez, comprado como uma piada em um Halloween quando todas nós nos vestimos de enfermeiras safadas. Diz VADIA em letras grandes e brilhantes.

Não me importo. Estou a fim de ser olhada. Sinto-me como se pudesse fazer qualquer coisa agora: dar um soco na cara de alguém, roubar um banco, ficar bêbada e fazer alguma bobagem. É o único benefício de se estar morta. Não há consequências.

Lindsay não percebe meu sarcasmo, ou o ignora.

— Estou surpresa por seus pais terem deixado você sair de casa assim.

— Não deixaram. — Outro problema agravando meu humor foi a gritaria de dez minutos que tive com minha mãe antes de sair de casa. Mesmo quando Izzy foi se esconder no quarto, e meu pai ameaçou me deixar de castigo para o resto da vida (*Ha!*), as palavras continuaram. Foi tão bom gritar, como quando você tira a casquinha de uma ferida e o sangue começa a sair outra vez.

Você não vai sair por essa porta a não ser que suba e se vista um pouco mais. Foi o que minha mãe disse. *Você vai pegar pneumonia. E, mais importante, não quero que as pessoas do colégio tirem conclusões erradas a seu respeito.*

E, de repente, tudo se partiu dentro de mim, quebrou e se partiu.

— *Agora você se importa?* — Ela foi para trás ao ouvir o som da minha voz, como se eu tivesse esticado a mão e a estapeado. — *Você quer me ajudar agora? Você quer me proteger agora?*

O que realmente queria dizer era: *Onde você estava há quatro dias? Onde você estava quando meu carro estava derrapando pela beira da estrada no meio da noite? Por que você não estava pensando em mim? Por que não estava lá?* Odeio meus pais agora: por sentarem quietos em casa, enquanto na escuridão meu coração bate o tempo de vida que perco a cada segundo, passando até que meu tempo acabe; por deixarem o laço entre nós se esgarçar e enfraquecer tanto que quando se rompeu de vez eles nem sequer sentiram.

Ao mesmo tempo, sei que não é culpa deles, pelo menos não completamente. Também tive minha parcela de responsabilidade. Tive culpa em centenas de dias, de milhares de maneiras, e sei disso. Mas isso só aumenta a raiva, em vez de reduzi-la.

A obrigação dos pais é manter os filhos em segurança.

— Nossa, qual é o seu problema? — Lindsay me olha de um jeito estranho por um segundo. — Acordou do lado errado da cama ou coisa parecida?

— Já faz alguns dias.

Estou me cansando desta meia-luz, do céu azul pálido e doentio — sequer um azul de verdade — e do sol, uma bagunça insípida no horizonte. Uma vez li que pessoas famintas começam a ter fantasias com comida, ficam paradas durante horas sonhando com purê de batatas quente e manteiga, carne com sangue vermelho correndo nos pratos. Agora entendo. Estou com fome de uma luz diferente, um sol diferente, um céu diferente. Nunca tinha pensado nisto antes, mas é um milagre a quantidade de luzes que existe no mundo, a

quantidade de céus: o brilho claro da primavera, quando parece que o mundo inteiro está ruborizando; o arrojo brilhante e luxuoso da lua de julho; céus roxos de tempestade e uma náusea esverdeada logo antes de um raio rabiscar a atmosfera, e pores do sol multicoloridos, que parecem uma viagem de ácido.

Eu deveria tê-los aproveitado mais, deveria ter memorizado cada um. Deveria ter morrido em um dia com um pôr do sol maravilhoso. Deveria ter morrido em um dia de férias de verão, ou de recesso de inverno. Deveria ter morrido em qualquer outro dia. Apoiando a cabeça na janela, fantasio sobre dar um soco no vidro e lançar o punho até o céu e observá-lo se espatifando como um espelho.

Penso no que farei se sobreviver aos milhões e milhões de dias que serão exatamente como este, dois espelhos, um na frente do outro, multiplicando o reflexo ao infinito. Começo a formular um plano: vou parar de ir à escola, vou roubar o carro de alguém e seguir para mais longe possível a cada dia. Leste, oeste, norte, sul. Permito-me fantasiar sobre ir tão longe, tão rápido que decolo como um avião, subindo para algum lugar que o tempo se desmonta como areia sendo soprada da superfície pelo vento.

Lembra-se do que falei sobre esperança?

— Feliz Dia do Cupido! — Elody entoa quando entra no Tanque.

Os olhos de Lindsay correm de Elody para mim.

— O que é isso? Alguma espécie de competição para Menos Vestida?

— Tudo que é bonito é para se mostrar. — Elody olha para a minha saia enquanto se inclina para a frente para pegar seu café. — Esqueceu as calças, Sam?

Lindsay ri em silêncio.

— Muito ciúme? — indago, sem me afastar da janela.

— O que há de errado com ela? — Elody se inclina para trás.

— Alguém se esqueceu de tomar as pílulas da alegria hoje de manhã.

Com o canto do olho vejo Lindsay olhar para Elody e fazer uma cara como se dissesse *Deixa*. Como se eu fosse uma criança com a qual precisam lidar. Penso nas fotos antigas em que ela está grudada em Juliet Sykes, em seguida imagino a cabeça de Juliet estourada e espalhada em uma parede de porão. Novamente, a fúria retorna, e preciso me concentrar para não olhar para ela e dizer que é uma falsa, mentirosa, que sei exatamente como ela é.

Sei exatamente como você é... Meu coração pula quando me lembro das palavras de Kent.

— Sei de uma coisa que vai animá-la. — Elody começa a remexer na bolsa, parecendo satisfeita consigo mesma.

— Juro por Deus, Elody, se você estiver prestes a me dar uma camisinha agora... — Pressiono as têmporas com os dedos.

Elody congela e franze o rosto, segurando uma camisinha entre dois dedos.

— Mas... é o seu presente. — Ela olha para Lindsay, procurando apoio.

Lindsay dá de ombros.

— Você é quem sabe — ela diz. Não está me olhando, mas posso perceber que meu humor está começando a irritá-la, e, para falar a verdade, estou feliz com isso. — Se quiser ser um antro de DSTs...

— Disso você entende. — Eu nem queria dizer isso, simplesmente sai.

Lindsay vira o rosto para mim.

— O que você disse?

— Nada.

— Você disse...

— Não disse nada. — Encosto a cabeça no vidro.

Elody ainda está sentada ali com a camisinha entre os dedos.

— Vamos, Sam. Sem proteção, sem sexo, certo?

Perder a virgindade me parece uma coisa absurda agora, a sinopse de um filme diferente, uma personagem diferente, uma vida diferente. Tento pescar na memória e me lembrar do que gosto em Rob — do que gostava nele —, mas só o que encontro é uma coleção aleatória de imagens sem ordem aparente: Rob desmaiando no sofá de Kent, agarrando meu braço e me acusando de traição; Rob apoiando a cabeça no meu ombro no porão dele, sussurrando que quer dormir ao meu lado; Rob virando as costas para mim no sexto ano; Rob levantando a mão e dizendo: *Cinco minutos*; Rob pegando minha mão pela primeira vez enquanto passávamos pelo corredor, uma sensação de orgulho e força me atravessando. Parecem lembranças de outra pessoa.

É aí que penso: nada disso importa mais. Nada mais importa.

Viro no meu assento, esticando o braço para pegar a camisinha de Elody.

— Sem proteção, sem sexo — digo, sorrindo para ela.

Elody se alegra.

— Essa é a minha menina!

Estou virando outra vez quando Lindsay pisa fundo no freio em um sinal vermelho. Sou lançada para a frente e tenho de esticar a mão para não bater no painel, e, em seguida, quando o carro para de se mover, caio de volta para

trás. O café no suporte pula por cima da tampa e respinga na minha coxa.

— Oops. — Lindsay ri. — Desculpe.

— Você é realmente uma ameaça. — Elody ri e estica a mão para afivelar o cinto de segurança.

Toda a raiva que senti durante a manhã inteira é derramada em uma torrente.

— Mas qual é o seu problema?

O sorriso de Lindsay congela no rosto.

— Como?

— Eu disse: *Mas qual é o seu problema?* — Pego alguns guardanapos no porta-luvas e começo a limpar a perna. O café nem está tão quente assim, Lindsay tirou a tampa para ele esfriar, mas fico com uma mancha vermelha na coxa, e me dá vontade de chorar. — Não é tão difícil assim. Sinal vermelho: parar. Sinal verde: seguir. Sei que o amarelo pode ser um pouquinho mais complicado para você entender, mas pensei que com um mínimo de prática você pudesse começar a se acostumar.

Lindsay e Elody estão me encarando em silêncio, espantadas, mas prossigo, sem conseguir parar: é tudo culpa de Lindsay, ela e sua falta de talento para a direção.

— É possível treinar macacos para dirigir melhor do que você. Como é? Qual é? Você precisa provar que não está nem aí? Que não se importa com nada? Que não se importa com ninguém? Bate um para-lama aqui, arranha o retrovisor ali, oops, graças a Deus temos air bags, é para isso que existem os para-choques, continue indo, continue dirigindo, ninguém nunca vai saber. A gente já sabe que você está pouco se lixando para qualquer um que não seja você. A gente *sempre* soube.

Fico sem ar, e durante um segundo, depois que paro de falar, faz-se silêncio total. Lindsay nem sequer olha para mim. Ela está olhando para a frente, com as duas mãos apoiadas no volante, as juntas brancas pela força com que o aperta. O sinal fica verde, e ela pisa no acelerador, com força. O motor ronca, soando como um trovão distante.

Lindsay leva algum tempo para falar, e quando o faz, sua voz sai baixa e engasgada.

— Quem você pensa que é...?

— Gente! — Elody se intromete, nervosa, do banco de trás. — Sem brigas, o.k.? Relaxem.

A raiva ainda me atravessa, como uma corrente elétrica. Deixando-me mais agressiva e alerta do que estive em anos. Viro para olhar para Elody.

— Por que você nunca se defende? — questiono. Ela se encolhe um pouco, com os olhos fixos em Lindsay, depois em mim. — Você sabe que é verdade. Ela é uma vaca. Vá em frente, diga.

— Deixe-a fora disso — sibila Lindsay.

Elody abre a boca e passa um minuto sacudindo a cabeça.

— Eu sabia — falo, me sentindo triunfante e nauseada ao mesmo tempo. — Você tem medo dela. Eu sabia.

— Já disse para deixá-la em paz. — Lindsay finalmente levanta a voz.

— Eu tenho que deixá-la em paz? — A perspicácia, o senso de clareza desaparecendo. Em vez disso, parece que está tudo rodando, fora do meu controle. — É você que a trata como lixo o tempo todo. É *você*. Elody é tão patética! Olhe Elody subindo em cima do Steve: ele nem gosta dela. Veja, Elody está destruída outra vez. Espero que não vomite no meu carro, não quero o couro com cheiro de alcoólatra.

Elody respira fundo ao som da última palavra. Sei que passei dos limites. Assim que digo, quero voltar atrás. Meu espelho ainda está aberto, e consigo ver Elody olhando pela janela, com a boca tremendo, como se estivesse tentando não chorar. Regra número 1 das melhores amigas: existem certas coisas que você nunca, nunca diz.

De repente, Lindsay pisa no freio. Estamos no meio da Route 120, a mais ou menos oitocentos metros do colégio, mas há uma fila de carros atrás de nós. Um carro tem de desviar para a pista ao lado para não bater em nós. Graças a Deus não há tráfego em sentido contrário. Até Elody grita.

— Meu Deus! — Meu coração está acelerado. O carro passa por nós, buzinando furiosamente. O passageiro abre a janela e grita alguma coisa, mas não consigo ouvir; só vejo de relance um boné e olhos furiosos. — O que você está fazendo?

As pessoas nos carros de trás começam a buzinar incessantemente também, mas Lindsay puxa o freio de mão e não se mexe.

— Lindsay — Elody diz, ansiosa —, Sam tem razão. Não tem graça.

Lindsay vem para cima de mim, e penso que vai me bater. Em vez disso, ela se inclina e abre a porta.

— Fora — ela diz, calma, com a voz carregada de raiva.

— O quê? — O ar frio entra no carro como um soco no estômago, me

deixando desanimada. O restante da raiva e da coragem sai junto, e me sinto apenas cansada.

— Lindz. — Elody tenta rir, mas o som sai agudo e histérico. — Você não quer que ela vá andando. Está um gelo.

— Fora — Lindsay repete.

Os carros começam a desviar, agora, todos buzinando, e abrindo os vidros para gritar conosco. As palavras se perdem nos roncoss de motor e no ruído das buzinas, mas ainda assim é humilhante. A ideia de saltar agora, de ser forçada a andar na sarjeta enquanto aquelas dezenas de carros passam por mim, com todas aquelas pessoas *olhando*, faz com que me encolha de volta no banco. Olho para Elody, buscando mais apoio, mas ela desvia o olhar.

Lindsay se inclina.

— Eu. Disse. Para. Sair — ela sussurra, e está com a boca tão perto do meu ouvido que se não fosse possível ouvi-la poderia se pensar que ela estava me contando um segredo.

Pego minha bolsa e desço para o frio. O ar gélido nas minhas pernas quase me paralisa. Assim que salto do carro, Lindsay arranca, com a porta ainda aberta.

Começo a andar no fosso cheio de folhas e sujeira que fica ao lado da estrada. Meus dedos das mãos e dos pés ficam dormentes quase instantaneamente, e bato os pés nas folhas cobertas de gelo para manter o sangue circulando. A longa fila de carros leva um minuto para começar a se desfazer, as buzinas continuam fazendo barulho, o ruído parece o uivo enfraquecido de um trem que está de passagem.

Um Toyota azul encosta ao meu lado. Uma mulher se inclina para fora — grisalha, provavelmente uns sessenta e poucos anos — e balança a cabeça.

— Menina maluca — ela diz, franzindo o rosto para mim.

Por um instante fico ali parada, mas quando o carro começa a se afastar, lembro que não tem importância, então levanto o dedo do meio, torcendo para que ela veja.

Durante todo o caminho até o colégio repito as palavras — não tem importância, nada tem importância —, até as próprias palavras perderem o significado.

Eis uma das coisas que aprendi naquela manhã: se você ultrapassa um limite e nada acontece, o limite perde o sentido. É como aquele velho enigma sobre uma árvore caindo em uma floresta, e se ela faz ou não barulho, se não há ninguém por perto para ouvir.

Você estende o limite cada vez para mais longe, e o ultrapassa todas as vezes. É assim que as pessoas se afastam da Terra. Você se surpreenderia com a facilidade que é sair de órbita, girar para um local onde ninguém o pode tocar. Perder-se — ficar perdida.

Ou, talvez, não se surpreendesse. Talvez alguns já saibam.

A esses só posso dizer: sinto muito.

Mato os quatro primeiros tempos de aula simplesmente porque posso, e passo algumas horas andando pelos corredores sem destino ou propósito. Quase torço para que alguém me pare — um professor, a Srta. Winters, um assistente ou *alguém* — e pergunte o que estou fazendo, e até me acuse de matar aula na cara de pau e me mande para a sala do diretor. Brigar com Lindsay me deixou insatisfeita, e ainda sinto um desejo vago, porém premente, de *fazer* alguma coisa.

Mas a maioria dos professores apenas acena com a cabeça ou sorri, ou dá um meio aceno. Não têm como saber do meu horário, não têm como saber se tenho tempo livre ou se minha aula foi cancelada, e fico decepcionada com a facilidade que é possível quebrar as regras.

Quando entro na aula do Sr. Daimler, não olho para ele deliberadamente, mas posso sentir seus olhos em mim, e depois que me sento ele vem direto até a minha mesa.

— Está um pouco cedo para roupas de praia, não acha? — Ele sorri.

Normalmente, quando ele me olha por mais de alguns segundos, fico nervosa, mas hoje me forço a manter os olhos nos dele. Sinto calor se espalhando por todo o meu corpo; me lembra a sensação de ficar sob as lâmpadas de calor na casa da minha avó quando tinha menos de 5 anos. É incrível que olhos consigam fazer isso, consigam transformar luz em calor. Nunca me senti assim com Rob.

— Tudo que é bonito é para se mostrar — digo, com a voz suave e firme. Vejo algo brilhar nos olhos dele. O surpreendi.

— Acho que sim — ele murmura, tão baixinho que tenho certeza de que só eu ouço. Em seguida ele enrubesce, como se não conseguisse acreditar em si mesmo. Ele acena com a cabeça para a minha mesa, que está vazia exceto por uma caneta e um pequeno caderno quadrado que eu e Lindsay passamos uma para a outra entre as aulas, escrevendo bilhetinhos. — Nenhuma rosa? Ou o seu buquê ficou pesado demais para carregar?

Não fui a nenhuma das aulas, então, não recebi nenhum Namograma. Nem

me importo. No passado preferiria morrer a ser vista nos corredores do Thomas Jefferson no Dia do Cupido sem nenhuma rosa. No passado teria considerado um destino *pior* do que a morte.

É claro, isso foi antes de eu saber.

Balanço a cabeça, dando de ombros.

— Já cansei disso. — É como se a confiança fluísse para dentro de mim de outra pessoa, uma pessoa mais velha e linda, como se eu só estivesse desempenhando um papel.

Ele sorri para mim, e, mais uma vez, vejo algo tocante em seus olhos. Em seguida ele volta para a mesa e bate palmas, avisando a todos para tomarem seus lugares. Como sempre, o velho colar de maconha aparece sob o colarinho, e me permito pensar sobre colocar o dedo no cordão, puxando-o para perto de mim, e lhe dar um beijo. Ele tem lábios grossos — mas não grossos demais — e no formato exato que deve ter a boca de um homem, e se ele separasse os lábios o mínimo, sua boca caberia exatamente na dele. Penso na foto do anuário escolar, em que ele está com o braço ao redor da menina que foi com ele na festa de formatura. Ela era magra, cabelos castanhos compridos, sorriso firme. Como eu.

— Muito bem, pessoal — ele diz, enquanto as pessoas se mexem e sentam, rindo e balançando os buquês. — Sei que é Dia do Cupido e que o amor está no ar, mas adivinhem só? As derivadas também.

Algumas pessoas resmungam. Kent bate à porta, quase atrasado, com a mochila aberta e papéis literalmente se espalhando atrás dele, como se ele fosse João ou Maria e tivesse que se certificar de que alguém poderia seguir seu rastro de desenhos esboçados e anotações até a aula de matemática. Os tênis xadrez branco e preto aparecem sob as calças excessivamente grandes.

— Desculpe — ele sussurra arfante para o Sr. Daimler. — Emergência no *Tribulation*. Problemas com a impressão. Tumor maligno de papel na bandeja dois. Tive que operá-la imediatamente, ou corria risco de perdê-la. — Assim que ele percorre metade da fileira até o lugar dele, seu livro de matemática, que estava cada vez mais alto na onda de papéis amassados dentro da mochila aberta, pula e cai no chão, e todo mundo ri. Sinto uma onda de irritação. Por que ele é sempre tão atrapalhado? Qual é a dificuldade de fechar a mochila?

Ele me vê o observando, e acho que ele confunde minha expressão facial com preocupação, pois sorri e sussurra, sem som: *Desastre ambulante*. Como se sentisse orgulho disso.

Volto a atenção novamente para o Sr. Daimler. Ele está na frente da sala com os braços cruzados, fingido uma expressão séria. Essa é mais uma coisa que gosto dele: ele nunca se irrita de verdade.

— Que bom que a impressora se salvou — ele diz, erguendo as sobrancelhas. Está com as mangas dobradas e com os braços bronzeados. Ou talvez seja apenas sua cor de pele: como mel queimado. — Como eu ia dizendo, sei que há grande animação no Dia do Cupido, mas isso não quer dizer que podemos ignorar...

— *Cupidos!* — alguém gane, e a turma se desfaz em risos. Definitivamente, lá estão: a diabinha, a gata e a anja branca e pálida com seus olhos grandes.

O Sr. Daimler joga as mãos para o alto e se apoia na mesa.

— Desisto — ele diz. Em seguida vira o sorriso para mim por apenas um segundo; um segundo, mas foi tempo suficiente para fazer meu corpo inteiro acender como uma vitrine de Natal.

A anja entrega três das minhas rosas — as de Rob, Tara Flute e Elody —, em seguida continua procurando pelo buquê, virando cada cartão e procurando meu nome. Há algo de cuidadoso e sincero em seus movimentos, como se estivesse inteiramente concentrada em fazer tudo certo. Ao ler o nome do destinatário ela o diz em silêncio para si própria, admirada, como se não pudesse acreditar que houvesse tantas pessoas no colégio, tantas flores para entregar, tantos amigos. É doloroso assistir, então levanto repentinamente, pegando a flor rosa e creme das mãos dela. Ela dá um salto para trás, espantada.

— É minha — digo. — Estou reconhecendo.

Ela faz que sim com a cabeça, de olhos arregalados. Duvido que algum formando já tenha falado com ela antes. Ela começa a abrir a boca.

Inclino-me para que mais ninguém consiga ouvir.

— Não diga — falo, e ela arregala os olhos ainda mais. Não posso suportar ouvi-la dizer que é linda. Não posso suportar quando a rosa, e tudo mais, não passa de lixo agora, completamente sem sentido. — Vai tudo para o lixo.

E estou falando sério. Assim que o Sr. Daimler acompanha os Cupidos para fora da sala — todos na turma ainda estão rindo e exibindo os bilhetes que os amigos escreveram, tentando prever quantas rosas irão receber até o fim do dia —, pego minhas flores e vou para a frente da sala, jogando-as na lata de lixo ao lado da mesa do Sr. Daimler.

Instantaneamente, os risos param. Duas pessoas se sobressaltam e Chrissy

Walker faz, de verdade, o sinal da cruz, como se eu tivesse acabado de defecar na Bíblia ou coisa parecida. É o quão importante as rosas são. Becca Roth quase levanta da cadeira, como se quisesse mergulhar atrás das flores e resgatá-las do destino de serem esmagadas por papéis e pontas de lápis, provas ruins e latas de refrigerante vazias. Nem sequer olho na direção de Kent. Não quero ver o rosto dele.

Becca se pronuncia:

— Você não pode simplesmente jogar fora as suas rosas, Sam. Alguém mandou para você.

— É — diz Chrissy. — Isso não se faz.

Dou de ombros.

— Pode ficar com elas, se quiser. — Aponto para a lata de lixo, e Becca olha ansiosa naquela direção. Provavelmente, está tentando decidir se o impulso social que a levaria a adicionar quatro rosas ao buquê justifica o tapa no ego que levaria ao catá-las do lixo.

Sr. Daimler sorri e dá uma piscadela para mim.

— Tem certeza de que quer fazer isso, Sam? — Ele levanta as mãos. — Você está partindo corações.

— Ah, é? — Tudo isso passará, desaparecerá, será apagado amanhã, e o amanhã apagará no dia seguinte, e o dia seguinte no outro, tudo limpo e perfeito. — E o seu?

A sala fica completamente silenciosa; alguém tosse. Posso perceber que o Sr. Daimler não sabe se estou ou não tentando seduzi-lo deliberadamente.

Ele molha os lábios e passa a mão no cabelo.

— O quê?

— Seu coração. — Me recomponho, de modo que estou sentada no canto da mesa dele, minha saia levantando quase até a calcinha. Meu coração está batendo com tanta força que é quase um zumbido. Sinto-me como se estivesse flutuando. — Estou partindo?

— Muito bem. — Ele olha para baixo, mexendo em uma das mangas. — Vá sentar, Sam. Está na hora de começar.

— Pensei que você estivesse gostando da vista. — Me inclino para trás um pouco, e estico os braços por cima da cabeça. Há uma espécie de eletricidade no ar, uma tensão sonora, zunindo, correndo em todas as direções; parece como o instante que precede uma tempestade, como se cada partícula de ar estivesse excessivamente carregada e vibrando. Um aluno no fundo da sala ri,

outro murmura: “Meu Deus.”

Talvez seja apenas minha imaginação, mas acho que foi a voz de Kent.

O Sr. Daimler olha para mim, com o rosto sombrio.

— Sente-se.

— Se você insiste. — Deslizo para fora da mesa e vou até a cadeira dele, em seguida sento e cruzo as pernas lentamente, apoiando as mãos sobre o colo. Risadinhas e suspiros emergem pela sala, explosões de som. Não sei de onde vem essa sensação de completo e total controle. Até poucos meses atrás, ainda me derretia como gelatina cada vez que um menino falava comigo, inclusive Rob. Mas isso parece tão fácil, natural, como se estivesse na pele que me pertence pela primeira vez na vida.

— Na *sua* cadeira. — O Sr. Daimler está praticamente rosnando, com o rosto vermelho-escuro, quase roxo. Eu o fiz perder o controle, fato provavelmente inédito na história do Thomas Jefferson. Sei que qualquer que seja o jogo que estamos jogando, acabei de ganhar um ponto. Essa conclusão faz meu estômago se contrair um pouco, não de um jeito ruim, mais como no instante em que você atinge o ponto mais alto da montanha-russa, quando sabe que a qualquer segundo estará no topo do parque, olhando tudo de cima, congelando ali uma fração de segundo, prestes a fazer a jornada da sua vida. É o nó em seu estômago, antes de tudo flutuar com o vento completamente. A risada na sala cresce e se transforma em uma gargalhada estrondosa. Se você estivesse do lado de fora, poderia confundir com aplausos.

Durante o restante da aula fico quieta, mesmo com as pessoas sussurrando ou rindo, e recebo três bilhetinhos. Um deles é de Becca, e diz: *Você é o máximo*; um outro é de Hannah Gordon, e diz: *Ele é muuuuuuito gato*. Outro aterrissa no meu colo, amassado em uma bola, como se fosse lixo, antes que eu possa ver quem o lançou em minha direção. Diz: *Vadia*. Por um instante sinto uma onda quente de constrangimento, como enjoo, ou tontura. Mas logo passa. Nada disso é real. Nem *eu* sou real.

Um quarto bilhete chega logo antes do fim da aula. Sob a forma de um miniavião, e, literalmente, viaja até mim, pousando na minha mesa com um sussurro exatamente quando o Sr. Daimler vira para a turma após escrever uma equação no quadro. É tão perfeito que detesto ter de tocá-lo, mas desdobro as asas e vejo uma mensagem escrita em nítidas letras maiúsculas.

Você é boa demais para isso.

Apesar de não ter assinatura, sei que é de Kent, e por um segundo algo

afiado e profundo me atravessa, algo que não consigo entender ou descrever, uma lâmina passando sob as minhas costelas e me deixando quase sem fôlego. Eu não devia estar morta. Não devia ser eu.

Pego o bilhete com todo o cuidado, rasgo no meio e, depois, o rasgo no meio outra vez.

Passamos a aula inteira agitados, e o Sr. Daimler nos libera dois minutos antes do sinal.

— Não se esqueçam: teste na segunda-feira. Limites e assíntotas. — Ele vai até a mesa e se apoia nela, parecendo exaurido. Há suspiros em massa, um murmúrio coletivo de casacos sendo vestidos e cadeiras arranhando o linóleo. — Samantha Kingston, por favor, venha falar comigo depois da aula.

Ele nem sequer está olhando para mim, mas o tom de voz me deixa nervosa. Pela primeira vez me ocorre que posso estar realmente encrencada. Não que tenha alguma importância, mas se o Sr. Daimler me fizer aturar um sermão sobre responsabilidade, vou morrer de vergonha. Vou morrer *outra vez*.

Boa sorte, Becca faz com a boca ao passar por mim na saída. Nem somos amigas — Lindsay a chama de Babaca do Peru, pois ela come sanduíche de peru todos os dias —, mas o fato de ela falar comigo diminui um pouco o nó no meu estômago.

O Sr. Daimler espera até o último aluno sair — vejo, com o canto do olho, Kent rondando a entrada — e caminha lentamente para a porta, fechando-a. Algo sobre a maneira como ele a fecha — tão definitiva, tão rápida — faz meu coração parar por um instante. Fecho os olhos por um segundo, com a sensação de estar de volta no carro com Lindsay na Fallow Ridge Road, com os faróis nebulosos de outro carro nos iluminando no escuro, uma acusação. Eles sempre desviam primeiro, ela dissera, mas naquele segundo entendo com clareza total e perfeita que não foi por isso que fez aquilo — que faz aquilo. Ela faz por aquele instante eletrizante em que você não sabe, quando se vê contra alguém que não desvia, e mergulha fora da estrada, em direção à escuridão.

Quando abro os olhos o Sr. Daimler está com as mãos no quadril. E olha fixamente para mim.

— O que deu em você?

A severidade da voz dele me espanta. Nunca levei bronca de um professor.

— Eu... eu não sei do que você está falando. — Minha voz soa mais fina, mais jovem do que eu gostaria.

— Aquela idiotice de antes, bem ali, na frente de todo mundo. O que deu em você?

Levanto para não ficar ali olhando para ele como se fosse uma criança. Minhas pernas estão trêmulas, e preciso me firmar com a mão apoiada na mesa. Respiro fundo, tentando me recompor. Não tem importância: tudo isso será apagado, lavado.

— Desculpe — digo, me sentindo um pouco mais forte. — Eu realmente não sei do que está falando. Fiz alguma coisa errada?

Ele olha para a porta e um músculo se contrai em sua mandíbula. Apenas isso, esta pequena contração, devolve toda a minha confiança. Quero esticar o braço e tocá-lo, passar os dedos em seus cabelos.

— Você pode se encenar de verdade, sabia? — ele pergunta, sem me olhar. — Você pode *me* encenar de verdade.

O primeiro sinal toca: a aula está oficialmente encerrada agora. A sensação cantante retorna ao meu sangue, ao ar. Passo cuidadosamente pela minha mesa e vou direto para a frente da sala. Paro quando estamos a apenas alguns centímetros um do outro. Ele não recua. Em vez disso, finalmente olha para mim. Seus olhos são tão profundos e tão cheios de alguma coisa que quase me espantam. Mas não o fazem.

Encosto-me casualmente contra a mesa de Becca, inclinando-me para trás, apoiada nos cotovelos, de modo que fico completamente estendida diante dele: busto, pernas, tudo. Minha cabeça parece ter voado para fora do meu corpo; meu corpo parece ter voado para longe do meu sangue, como se eu estivesse me dissolvendo em energia e vibração.

— Não tenho medo de encenar — digo, com minha voz mais sexy.

O Sr. Daimler está olhando nos meus olhos, sem olhar para o restante de mim, mas de algum jeito sei que isso é resultado de um esforço.

— O que você está fazendo?

Minha saia está subindo tanto que sei que minha calcinha está aparecendo. É uma fio dental rosa, uma das primeiras que tive. Tangas sempre fizeram eu me sentir como se estivesse com um elástico no bumbum, mas no ano passado eu e Lindsay compramos calcinhas iguais na Victoria's Secret e juramos vesti-las.

As palavras me vêm de um roteiro, de um filme: — Posso parar se você quiser. — Minha voz sai soprosa, mas não de propósito. Não estou mais respirando; tudo, o mundo inteiro congela naquele instante, enquanto espero a

resposta dele.

Mas ao falar ele parece cansado, irritado — nada como eu esperava.

— O que você *quer*, Samantha?

Seu tom de voz me espanta, e por um segundo minha mente gira, vazia. Ele está me encarando com um olhar de impaciência, como se eu tivesse acabado de pedir que mudasse minha nota. O segundo sinal soa. Sinto como se a qualquer instante ele fosse me dispensar, lembrando-me sobre o teste da segunda-feira. Em algum momento perdi o controle da situação, e não sei como consertar. A vibração no ar continua presente, mas agora parece ameaçadora, como se o ar estivesse cheio de coisas afiadas, prontas para caírem.

— Eu... eu quero você. — Não queria que soasse tão incerta. É *de fato* o que quero. É o que quero há algum tempo: o Sr. Daimler. Minha mente gira em um pânico cego, e não consigo me lembrar do primeiro nome dele, sinto vontade de gargalhar de forma histérica; estou estirada e seminua na frente do meu professor de matemática e não sei como ele se chama. Em seguida me vem à mente. Evan. — Quero você, Evan — digo, com um pouco mais de coragem. É a primeira vez que uso o primeiro nome dele.

Ele me encara por um longo tempo. Começo a ficar nervosa. Quero desviar o olhar, ou abaixar a saia e cruzar os braços, mas me forço a me manter parada.

— No que você está pensando? — Finalmente pergunto, mas em vez de responder ele simplesmente caminha até mim e coloca os braços nos meus ombros, me empurrando para trás, me derrubando sobre a mesa de Becca. Em seguida, ele está se curvando sobre mim, me beijando, lambendo meu pescoço e minha orelha, emitindo gemidos que me lembram Pickle quando está com vontade de fazer xixi. Pressionada contra ele, me sinto pequena; seus braços são fortes, tocando meus ombros e braços. Ele desliza a mão sob a minha blusa e envolve meus seios, um após o outro, com tanta força que quase grito. A língua dele é grande e espessa. Penso: *Estou beijando o Sr. Daimler, Lindsay nunca vai acreditar*, mas não é nada como imaginei. A barba dele é áspera contra a minha pele, e tenho o pensamento horrível de que é isso que minha mãe sente quando beija meu pai.

Quando abro os olhos, vejo as cerâmicas pontilhadas do teto — as que passei tantas horas encarando neste semestre —, e minha mente começa a circular por elas, contando-as, como se eu fosse uma mosca zumbindo em

algum lugar exterior ao meu corpo. Penso: *Como o mesmo teto pode estar aqui enquanto isso está acontecendo? Por que o teto não está caindo?* De repente, não vejo mais graça: todas aquelas coisas afiadas caem do ar de uma vez só, e ao mesmo tempo algo se parte dentro de mim. Sinto-me como se estivesse ficando sóbria depois de ter passado a noite inteira bebendo.

Ponho as mãos no peito dele e tento empurrá-lo, mas ele é pesado demais, forte demais. Posso sentir seus músculos sob as pontas dos meus dedos — ele jogava lacrosse no colégio, eu e Lindsay descobrimos — e, acima deles, uma fina camada de gordura. Ele está se apoiando em mim com todo o peso, e não consigo respirar. Estou esmagada sob ele, com as pernas abertas, uma em cada lado dos seus quadris, seu abdome quente, grande e pesado sobre o meu. Luto para afastar minha boca da dele.

— Nós... nós não podemos fazer isso aqui.

As palavras simplesmente saem, sem que eu queira. O que eu queria dizer era: *Nós não podemos fazer isso. Não aqui. Nem em qualquer lugar.*

O que eu queria dizer era: *Pare.*

Ele está arfando, ainda olhando para a minha boca. Há uma pequena gota de suor na cabeça dele, e a observo escorrer pela testa até a ponta do nariz. Finalmente ele se afasta, passa a mão pelo queixo, e faz que sim com a cabeça.

Assim que ele sai de cima de mim, me levanto e puxo a saia para baixo, não querendo que ele note que minhas mãos estão tremendo.

— Você tem razão — ele diz lentamente. Ele balança a cabeça rapidamente, como se tentasse espantar o sono. — Você tem razão.

Ele dá alguns passos para trás e fica de costas para mim. Por um segundo, apenas ficamos ali, sem falar. Meu cérebro está estático. Ele está a poucos centímetros de mim, mas parece completamente distante, como alguém que mal consigo enxergar, uma silhueta no meio de uma nevasca.

— Samantha? — Ele finalmente olha para mim, esfregando os olhos e suspirando, como se eu o tivesse exaurido. — Ouça, o que aconteceu aqui... acho que não preciso dizer que deve ficar estritamente entre nós.

Ele está sorrindo para mim, mas não o sorriso normal, despreocupado. Não há qualquer humor nesse sorriso.

— Isso é importante, Samantha. Você entende? — Ele suspira outra vez. — Todo mundo comete erros... — Ele para de falar, me observando.

— Erros — repito, a palavra silvando na minha cabeça. Não tenho certeza se ele acha que cometeu um erro, ou eu. Erro, erro, erro. Uma palavra

estranha: pungente, de alguma forma.

A boca, os olhos, o nariz do Sr. Daimler — todo o rosto parece estar se reorganizando em padrões desconhecidos, como um quadro de Picasso.

— Preciso saber que posso contar com você.

— Claro que pode. — Eu me ouço dizer, e ele me olha, aliviado, como se, se pudesse, fosse afagar minha cabeça e dizer: *Boa menina*.

Depois disso fico ali por algum tempo. Não sei se ele vai mudar de ideia e me beijar ou me abraçar — parece uma loucura simplesmente sair, pegar minhas coisas e me retirar como se nada tivesse acontecido. Mas, após piscar para mim por um tempo, ele finalmente fala: — Você está atrasada para o almoço. — E agora sei que realmente estou sendo dispensada. Então, pego a bolsa e saio.

Assim que chego ao corredor, me encosto na parede, grata pela sensação da pedra nas minhas costas. Algo borbulha dentro de mim, e não sei se devo saltitar, rir ou gritar. Felizmente os corredores estão vazios. Todo mundo já foi almoçar.

Pego o telefone para mandar uma mensagem para Lindsay, mas me lembro de que estamos no meio de uma briga. Não tenho mensagem nenhuma dela me perguntando se quero ir à festa de Kent. Ela ainda deve estar com raiva. Não sei se também estou brigada com Elody. Lembrar-me do que disse no carro me deixa péssima.

Penso em mandar uma mensagem para Ally — tenho quase certeza de que ao menos ela não está chateada comigo — e passo um bom tempo tentando decidir como colocar em palavras. Parece estranho escrever *Beijei o Sr. Daimler*, mas se colocar *Evan* ela não vai saber a quem estou me referindo. *Evan Daimler* também parece errado, e, além disso, fizemos mais do que beijar. Ele estava *em cima* de mim.

No fim das contas coloco o telefone de volta na bolsa sem escrever nada. Concluo que vou esperar até ter feito as pazes com Lindsay e Elody e contarei pessoalmente. Será mais fácil assim, mais simples de fazer com que pareça melhor do que foi, e vou poder ver a reação de cada uma. Pensar em como Lindsay ficará ciumenta faz tudo valer mais que a pena. Ponho um pouco de base no queixo para cobrir os pontos vermelhos onde o Sr. Daimler fez uma esfoliação desnecessária, e sigo para o almoço.

NUNCA JULGUE UM LIVRO PELAS BOTAS DE GUERRA COM BIQUEIRA DE AÇO

Quando entro no refeitório, dez minutos atrasada, nossa mesa de sempre está vazia, e sei que fui oficial e deliberadamente excluída.

Por uma fração de segundo posso sentir todos os olhares se levantarem na minha direção, me encarando. Levo a mão ao rosto involuntariamente, com um medo repentino de que todos vejam as marcas no meu queixo e saibam o que eu estava fazendo.

Volto para o corredor. Preciso ficar sozinha, preciso me recompor. Vou em direção aos banheiros, mas ao chegar mais perto duas meninas do segundo ano (Lindsay as chama de biscoitos recheados *s'more*, pois vivem grudadas, e porque mais de duas provocam náuseas) saem lá de dentro, rindo, de braços dados. A hora do almoço é a que o banheiro fica mais cheio — todo mundo precisa retocar o gloss, reclamar por se sentir gorda, ameaçar vomitar em uma das cabines —, e a última coisa da qual preciso, agora, é de uma corrente de burrice.

Vou até o antigo banheiro no fim da ala de ciências. Quase ninguém o utiliza desde que um banheiro mais novo — com privadas que não passam o dia inteiro entupindo — foi instalado no ano passado entre os laboratórios. Quanto mais me afasto do refeitório, mais o som de vozes recua, até soarem como um oceano distante. Eu me acalmo a cada passo. Meus saltos batem em ritmo firme na cerâmica do piso.

A ala de ciências está vazia, como era de se esperar, e cheira, como sempre, a limpadores químicos e enxofre. Mas hoje há mais alguma coisa: o cheiro de fumaça e alguma coisa mais terrenal, mais pungente. Empurro a porta e por um segundo nada acontece. Empurro com mais força e ouço um barulho horrível; lanço o ombro contra a porta, que finalmente se abre, carregando-me para dentro. Instantaneamente bato o joelho contra uma cadeira que tinha sido colocada contra a maçaneta, e sinto uma dor horrível na perna. O cheiro no banheiro é mais forte.

Derrubo a bolsa e me inclino, apoiando o joelho.

— Merda.

— Mas que diabos?

A voz me faz saltar. Não tinha percebido que havia mais alguém no banheiro. Levanto os olhos e Anna Cartullo está ali, segurando um cigarro na

mão.

— Meu Deus — digo. — Você me assustou.

— *Eu* assustei *você*? — Ela se recosta na bancada e joga a cinza na pia. — Você, tipo, *forçou* a entrada. Não aprendeu a bater? — Como se eu tivesse acabado de invadir a casa dela.

— Desculpe por ter atrapalhado sua festa. — Faço menção de ir até a porta.

— Espere. — Ela levanta a mão, parecendo estar nervosa. — Você vai contar?

— Contar o quê?

— Sobre isso. — Ela traga e libera uma nuvem de fumaça. O cigarro que está fumando é extrafino e parece ter sido enrolado por ela mesma. Aí é que me toco: é um baseado. A erva deve estar misturada a *um monte* de tabaco, pois não reconheci o cheiro imediatamente, e volto para casa com roupas fedendo a maconha depois de todas as festas. Elody disse uma vez que eu tinha sorte por minha mãe nunca entrar no meu quarto, ou ela pensaria que eu estava traficando maconha do meu cesto de roupa suja.

— Qual é? Você simplesmente vem aqui e fuma o almoço? — Não estou dizendo para ser má, mas é o que parece. Seus olhos desviam para o chão por um segundo, e em seguida noto um embrulho vazio de sanduíche e um saco de batatas meio comido repousando sobre a cerâmica. Ocorre a mim que nunca a vi no refeitório. Ela deve comer aqui todos os dias.

— É. Gosto da decoração. — Ela me vê olhando para o embrulho de sanduíche, apaga a ponta do baseado e cruza os braços. — Mas que diabos você está fazendo aqui? Você não tem...? — Ela se contém, mas sei o que está prestes a dizer. *Você não tem amigos?*

— Precisei ir ao banheiro — digo. Isto é obviamente uma mentira, visto que não fiz qualquer esforço para usá-lo, mas estou cansada demais para pensar em alguma desculpa diferente, e ela não me pede nenhuma.

Ficamos ali em um silêncio desconfortável por alguns instantes. Nunca falei uma palavra com Anna Cartullo na vida, pelo menos na vida que tinha antes do acidente de carro — exceto por uma única vez: — Não a chame de meretriz do mal — disse eu, depois de ter chamado Lindsay de meretriz do mal. Mas prefiro ficar aqui com ela a ter de sair no corredor. Finalmente penso: *Dane-se*, sento na cadeira e ponho a perna em uma das pias. Os olhos de Anna estão ligeiramente fora de foco agora, e ela está mais relaxada, se

apoiando em uma das paredes. Ela aponta com a cabeça para o meu joelho.

— Parece inchado.

— É, bem, alguém colocou uma cadeira na porta.

Ela começa a rir. Definitivamente, está chapada.

— Gostei dos sapatos. — Ela ergue as sobrancelhas olhando para os meus pés, que estão pendurados sobre uma das pias circulares. Não dá para dizer se está sendo sarcástica. — Díficeis de andar, não?

— Eu consigo — digo rápido demais. Em seguida dou de ombros. — Pequenas distâncias, pelo menos.

Ela dá uma bufada e em seguida cobre a boca.

— Comprei de brincadeira. — Não sei por que sinto necessidade de me justificar para Anna Cartullo, mas suponho que nada esteja como deveria estar hoje. Todas as regras foram, basicamente, jogadas fora. Anna também está relaxando. Está agindo como se não fosse estranho o fato de estarmos em um banheiro do tamanho de uma cela quando deveríamos estar no almoço.

Ela pula na bancada e sacode os pés na minha direção. Não está vestindo nada relativo ao Dia do Cupido, o que não é nenhuma surpresa. Tops pretos sobrepostos e um casaco aberto, de capuz. Seus jeans estão rasgados na bainha, e há um alfinete na braguilha, onde falta um botão. Calça botas enormes de bico redondo que parecem Doc Martens drogados.

— Você precisa de um par destes daqui. — Ela bate um salto no outro, uma Dorothy punk tentando voltar para casa em Oz. — São os sapatos mais confortáveis que já tive.

Olho para ela com cara de *Até parece*. Ela dá de ombros.

— Não descarte sem antes experimentar.

— Tudo bem, então, passe para cá.

Anna me olha por um segundo, como se não tivesse certeza de que eu falava sério.

— Ouça. — Tiro os sapatos, que atingem o chão com uma batida. — A gente troca.

Anna se curva sem saber o que falar, abre o zíper das botas e fica descalça. Suas meias são listradas com as cores do arco-íris, o que me surpreende. Eu imaginaria que fossem caveiras ou coisa do tipo. Ela as tira em seguida, as amassa em uma das mãos e as passa para mim.

— Ui. — Enrugo o nariz. — Não, obrigada. Prefiro descalça.

Ela dá de ombros, rindo.

— Que seja.

Quando calço as botas percebo que ela tem razão. São superconfortáveis, mesmo sem meias. O couro é fresco e muito macio. Admiro-os nos meus pés.

— Sinto-me como se devesse estar aterrorizando criancinhas. — Bato uma das pontas de aço contra a outra, o que causa um ruído metálico satisfatório.

— E eu como se devesse estar faturando na noite. — Anna calçou meus sapatos de salto e está desfilando experimentalmente pelo banheiro, com os braços abertos, como se estivesse em uma corda de equilibrista.

— Temos o mesmo tamanho — destaco, apesar de óbvio.

— Trinta e oito. É bem comum. — Ela me olha por cima do ombro, como se considerasse dizer mais alguma coisa, em seguida põe a mão embaixo da pia, puxa a bolsa, de patchwork, surrada e vagabunda que parece ter sido feita por ela mesma. Ela pega uma lata pequena de Altoids. Dentro há uma bolsinha de erva — acho que Alex Liment serve para alguma coisa —, seda e alguns cigarros.

Ela começa a enrolar outro baseado, equilibrando cuidadosamente o guia de estudos da vida no colo para utilizá-lo como bandeja (observação: até hoje já vi o guia sendo utilizado como (1) um guarda chuva, (2) uma toalha artesanal, (3) um travesseiro e, agora, isso. Nunca vi ninguém utilizar para fins de estudo, o que quer dizer que todos que se formam pelo Thomas Jefferson estarão completamente despreparados para a vida, ou que certas coisas não podem ser aprendidas por orientações escritas). Seus dedos são finos e se movem com rapidez. Ela, obviamente, tem prática. Imagino se é isso que ela e Alex fazem depois que transam — se ficam deitados, um ao lado do outro, fumando. Imagino se ela alguma vez pensa em Bridget quando estão fazendo. Estou tentada a perguntar.

— Pare de olhar para mim — ela diz, sem levantar os olhos.

— Não estou olhando. — Inclino a cabeça para trás e olho para o teto cor de vômito, me lembro do Sr. Daimler e volto o olhar novamente para ela. — Não existem muitas opções.

— Ninguém pediu para você entrar aqui. — Um pouco da firmeza retorna à sua voz.

— Local público. — Por um segundo seu rosto fica sombrio, e tenho certeza de que ela vai dar um ataque e será o fim do nosso momento alegre e feliz. — Não é tão ruim aqui. Para um banheiro — apresso-me em dizer.

Ela me olha desconfiada, como se tivesse certeza de que só estava juntando

munição para tirar sarro da cara dela depois.

— Você podia arrumar algumas almofadas para o chão. — Olho em volta.
— Fazer uma decoração, ou coisa do tipo.

Ela desvia a cabeça, se concentrando nos dedos.

— Tem um artista de quem sempre gostei, um cara que faz todas as escadas subindo e descendo ao mesmo tempo...

— M. C. Escher?

Ela olha para mim, claramente surpresa por eu saber de quem ela está falando.

— É, ele. — Um sorriso se forma em seu rosto. — Eu estava pensando em, sei lá, pendurar uma gravura dele aqui. Só colar, sabe, para ter alguma coisa para a qual olhar.

— Eu tenho, tipo, uns dez livros dele na minha casa — solto, feliz por ela não ficar irritada e me expulsar do banheiro. — Meu pai é arquiteto. Ele gosta dessas coisas.

Anna enrola o baseado, lambe a ponta e termina com alguns giros de dedo. Ela acena com a cabeça para a cadeira.

— Se você for sentar aí, pode ao menos bloquear a porta. Assim se torna local *privado*.

A cadeira raspa o chão enquanto a empurro para a porta, e nós duas franzimos o rosto, percebemos que a outra está fazendo o mesmo, e rimos. Anna pega um isqueiro roxo com flores estampadas — não era o modelo que esperava dela — e tenta acender o baseado. O isqueiro crepita algumas vezes, e ela o joga no chão, praguejando. Na vez seguinte que remexe na bolsa ela puxa um outro, em forma de um torso feminino nu. Ela aperta a cabeça e pequenas chamas azuis surgem dos mamilos. *Esse* sim é o tipo que esperaria que Anna Cartullo tivesse.

O rosto dela fica sério, e ela dá uma longa tragada no baseado, em seguida me olha através da nuvem de fumaça azul.

— Então — diz —, por que vocês me odeiam?

Dentre todas as coisas que eu esperava que ela pudesse dizer, essa não era uma delas. E ainda mais inesperadamente ela segura o baseado na minha direção, me oferecendo um tapa.

Hesito por apenas um segundo. Só porque estou morta não significa que eu seja santa.

— Nós não a odiamos. — Não soa convincente. A verdade é que não

tenho certeza. Não a odeio, sinceramente; Lindsay sempre disse que odeia, mas é difícil saber quais são as razões de Lindsay para qualquer coisa. Dou uma tragada. Só fumei maconha uma vez antes, mas já vi pessoas fumando centenas de vezes. Trago e meus pulmões se enchem de fumaça: um gosto pesado, como mastigar musgo. Tento prender a respiração, como deve ser feito, mas a fumaça faz cócegas na minha garganta. Começo a tossir e devolvo o baseado.

— Então, qual é a razão? — Ela não diz: *Para todas as babaquices que vocês já fizeram*. Pela pichação no banheiro. Pelo e-mail mentiroso no segundo ano: *Anna Cartullo tem clamídia*. Não precisa. Ela me devolve o baseado.

Dou mais uma tragada. As coisas já estão se deformando, certos objetos borrando e outros se afiando, como se alguém estivesse mexendo no foco de uma câmera fotográfica. Não é à toa que as pessoas ainda falam com Alex, apesar de ele ser um idiota. Ele vende coisa boa.

— Não sei. — Porque é fácil. — Acho que as pessoas precisam descontar as coisas em alguém.

As palavras saem da minha boca antes que eu possa perceber que são a mais pura verdade. Dou mais um tapa e devolvo o baseado para Anna. Sinto como se tudo tivesse sido amplificado, como se pudesse sentir o peso dos meus braços e pernas, ouvir meu coração bombeando e o sangue correndo pelas veias. E no fim do dia tudo será silenciado, pelo menos até o tempo voltar e começar tudo outra vez.

O sinal toca. Acabou o almoço.

— Droga, droga, tenho um compromisso — Anna diz e começa a tentar juntar as coisas. Ela acidentalmente derruba a lata de Altoids. A bolsa de erva voa para baixo da pia e a seda, por todos os lados. — Droga!

— Eu ajudo — digo. Nós duas abaixamos apoiadas nas mãos e nos joelhos. Meus dedos parecem dormentes e inchados. E estou tendo dificuldades para pegar os papéis do chão. Acho isso hilário, e eu e Anna começamos a rir, nos apoiando uma na outra, engasgando para respirar. Ela fica repetindo “Droga” em intervalos. — É melhor se apressar — digo. Toda a raiva e a dor dos últimos dias estão desaparecendo, me deixando com uma sensação de liberdade, despreocupação e felicidade. — Alex vai ficar irritado.

Ela congela. Nossas testas estão tão próximas que quase se tocam.

— Como você sabe que vou me encontrar com ele? — pergunta. A voz sai clara e baixa.

Percebo tarde demais que fiz besteira.

— Já vi vocês passando pelo Lounge dos Fumantes depois da sétima aula algumas vezes — respondo vagamente, e ela relaxa.

— Você não vai contar para ninguém, vai? — pergunta ela, mordendo o lábio inferior. — Eu não gostaria... — Ela para de falar, e imagino se iria dizer alguma coisa sobre Bridget. Mas ela simplesmente balança a cabeça e continua a juntar os papéis, trabalhando depressa agora.

A ideia de fofocar sobre Anna Cartullo transando com Alex depois do que acabei de fazer — depois do Sr. Daimler — é hilariante. Não tenho qualquer direito de dizer nada a ninguém. Estou fumando maconha no banheiro, não tenho nenhum amigo, meu professor de matemática enfiou a língua na minha garganta, meu namorado me odeia porque não transo com ele. Estou morta, mas não consigo parar de viver. O absurdo de tudo me atinge naquele segundo e começo a rir outra vez. Anna ficou séria. Seus olhos são bolas de gude grandes e brilhantes.

— O quê? — ela pergunta. — Você está rindo de mim?

Balanço a cabeça, mas não consigo responder imediatamente. Estou rindo demais para conseguir respirar. Estou agachada ao lado dela, mas tremendo excessivamente, as gargalhadas me sacodem, e caio para trás, aterrissando de bunda com um barulho alto. Anna sorri novamente.

— Você é doida — ela diz, rindo.

Respiro com dificuldade.

— Pelo menos não me tranco em banheiros.

— Pelo menos não fico chapada com meio baseado.

— Pelo menos não transo com Alex Liment.

— Pelo menos não tenho amigas insuportáveis.

— Pelo menos tenho amigas.

Estamos rebatendo, rindo cada vez mais. Anna ri tanto que se curva para o lado e se apoia em um cotovelo. Em seguida, gira completamente, de modo que fica deitada no chão do banheiro fazendo barulhos hilariantes que me lembram um poodle. Às vezes ronca, o que só me faz gargalhar outra vez.

— Deixe eu contar uma coisa — digo, assim que consigo proferir alguma palavra.

— Atenção, atenção. — Anna finge bater um martelo, em seguida funga na própria palma.

Adoro a sensação de densidade ao meu redor. Estou nadando nas trevas. As paredes verdes são água.

— Eu beijei o Sr. Daimler. — Assim que digo, morro de rir outra vez. — Essas devem ser as palavras mais ridículas da língua.

Anna se levanta sobre um cotovelo.

— Você fez *o quê*?

— *Shhhhh*. — Sacudo a cabeça para cima e para baixo. — A gente se beijou. Ele colocou a mão por dentro da minha blusa. Ele colocou a mão... — Gesticulo entre as pernas.

Ela balança a cabeça de um lado para o outro.

— Não é possível. Não é possível. Não é possível.

— Juro por Deus.

Ela se inclina para a frente, tão perto que posso sentir seu hálito no meu rosto. Ela estava chupando uma Altoid.

— Isso é nojento. Você sabe disso, não sabe?

— Sei.

— Nojento, nojento, nojento. Ele foi aluno daqui, há, tipo, dez anos.

— Oito. Nós verificamos.

Ela solta um uivo de risada e por um segundo encosta a cabeça no meu ombro.

— São todos uns pervertidos — ela diz, as palavras são discretas e direcionadas ao meu ouvido. Em seguida recua e diz: — Droga! Estou ferrada.

Ela se levanta, apoiando a mão na parede. Balança por um instante enquanto se ajeita à frente do espelho, arrumando o cabelo. Pega um pequeno frasco no bolso de trás e derruba algumas gotas em cada olho. Eu ainda estou no chão, olhando para ela. Ela parece a quilômetros e quilômetros de distância.

— Você é boa demais para o Alex. — Acabo soltando.

Ela já passou por cima de mim no caminho para a porta. Vejo sua coluna enrijecer e penso que vai se irritar. Ela para, com a mão apoiada na cadeira.

Mas, quando vira, está sorrindo.

— Você é boa demais para o Sr. Daimler — ela diz, e nós duas começamos a rir novamente. Em seguida retira a cadeira do caminho e abre a porta, deslizando para o corredor.

Depois que ela sai, sento com a cabeça para trás, curtindo a maneira como o banheiro parece estar girando. *É assim que é ser o sol*, penso, e em seguida penso em quanto estou chapada e em como é engraçado a pessoa saber que está chapada e não conseguir parar de ter pensamentos chapados.

Vejo alguma coisa branca sob a pia: um cigarro. Curvo-me e encontro mais

um. Anna se esqueceu de pegá-los. Então, ouço uma batida forte à porta, pego os dois cigarros e me levanto. Assim que fico em pé a sensação de estar embaixo d'água piora. Pareço levar uma eternidade para tirar a cadeira do caminho. Tudo é muito pesado.

— Você se esqueceu destes aqui — digo, segurando os cigarros entre dois dedos enquanto abro a porta.

Mas não é Anna. É a Srta. Winters, parada no corredor com os braços cruzados e o rosto tão empinado que parece que seu nariz é um buraco negro e o restante da face está sendo lentamente sugado para lá.

— Fumar nas dependências do colégio é proibido — ela diz, pronunciando cada palavra cuidadosamente. Em seguida sorri, mostrando todos os dentes.

AS PUGS

O Manual de Regras e Regulamentações do Thomas Jefferson diz que *qualquer aluno que for pego fumando nas dependências do colégio estará sujeito a três dias de suspensão*. (Sei de cor, pois todos os fumantes gostam de rasgar essa página do manual e queimá-la no Lounge dos Fumantes, às vezes se agachando e colocando o cigarro na chama para acendê-lo enquanto as palavras na página se curvam, escurecem e se transformam em fumaça.) Mas escapo apenas com uma advertência. Acho que a administração abre exceções para alunos que têm informações sobre certa vice-diretora e certo professor de educação física/técnico de futebol/fã de bigodes. A Srta. Winters parecia que ia ter um infarto fulminante quando comecei a falar em *modelos* e *minha pobre mente impressionável* — adoro esta expressão, como se todas as pessoas com menos de 21 anos tivessem a capacidade mental de um molde dental — e *a responsabilidade da administração em estabelecer um exemplo*, principalmente quando a lembrei da página 69 no manual: *é proibido participar em atos libidinosos ou sexualmente indevidos dentro ou próximo das dependências escolares*. (Esta eu sei de cor, pois a página já foi arrancada e pendurada milhares de vezes em diversos banheiros do colégio, com as margens decoradas com desenhos de uma natureza decididamente libidinoso e sexualmente indevida. Mas a administração estava pedindo. Quem põe uma regra destas na página 69?) Pelo menos a hora e meia que passei com a Srta. Winters serviu para que eu recuperasse a sobriedade. O último sinal acabou de soar, e ao meu redor todos

os alunos estão saindo das salas, fazendo muito mais barulho do que o necessário — ganindo, rindo, batendo as portas dos armários, derrubando fichários, empurrando uns aos outros —, um barulho ansioso, negligente, incansável e peculiar às tardes de sexta-feira. Estou me sentindo bem, poderosa, e penso: *Preciso encontrar Lindsay*. Ela não vai acreditar. Ela vai morrer de rir. Depois vai colocar o braço em volta do meu ombro e falar comigo: “Você é uma estrela do rock, Samantha Kingston”, e tudo vai ficar bem. Estou de olhos abertos para a presença de Anna Cartullo também — enquanto estava na sala da Srta. Winters me ocorreu que não destrocamos os sapatos. Ainda estou com aquelas botas pretas monstruosas.

Saio do prédio principal. O frio faz meus olhos arderem, e sinto uma dor aguda no peito. Fevereiro é, definitivamente, o pior mês. Meia dúzia de ônibus está parada em uma fila perto do refeitório, com os motores engasgando e tossindo, produzindo uma espessa parede de fumaça preta. Através das janelas sujas, os rostos pálidos de diversos alunos mais novos — todos largados em suas poltronas, torcendo para não serem vistos — não possuem feições e são intermutáveis. Começo a passar pelo área do corpo docente em direção à Alameda dos Formandos, mas estou na metade do caminho quando vejo um Range Rover prateado imenso — suas paredes vibrando com o som do baixo de “No More Drama” — cortar pelo beco e partir em direção ao estacionamento de cima. Paro, toda a sensação agradável escoando para fora de mim rapidamente e de uma vez. É claro, não achava que Lindsay estaria esperando por mim, mas no fundo acho que torcia para que estivesse. Em seguida, me toco: não tenho carona, nem tenho para onde ir. O último lugar onde quero estar é em casa. Apesar de estar congelando de frio, sinto ondas de calor pelos dedos, subindo pela minha coluna.

É a coisa mais esquisita. Sou popular — muito popular —, mas não tenho tantos amigos. O que é mais estranho é que é a primeira vez que percebo isso.
— Sam!

Viro e vejo Tara Flute, Bethany Harps e Courtney Walker vindo em minha direção. Elas sempre andam em bando, e, apesar de sermos mais ou menos amigas de todas elas, Lindsay as chama de Pugs: bonitas de longe, feias de perto.

— O que você está fazendo? — Tara sempre tem um sorriso permanente, como se estivesse o tempo todo em um teste para um comercial de pasta de dentes, e o direciona para mim agora. — Está, tipo, uns mil graus abaixo de

zero.

Jogo o cabelo por cima de um ombro, tentando parecer indiferente. A última coisa de que preciso é que as Pugs saibam que fui dispensada.

— Tinha que falar uma coisa com Lindsay. — Aponto vagamente na direção da Alameda dos Formandos. — Ela e as meninas precisaram sair sem mim, um negócio de serviço comunitário que precisam fazer uma vez por mês. Uma droga.

— Muita droga — diz Bethany, mexendo a cabeça vigorosamente. Até onde posso perceber, seu único papel na vida é concordar com o que quer que tenha sido dito.

— Vem com a gente. — Tara encaixa o braço no meu e aperta. — Estamos indo fazer compras no La Villa. Depois estamos pensando em ir à festa do Kent. Que tal?

Rapidamente penso sobre minhas opções: ir para casa, obviamente, está fora de cogitação. Não serei bem-recebida na casa de Ally. Lindsay deixou bem claro. E tem Rob... ficar sentada no sofá enquanto ele joga Guitar Hero, dar uns amassos, fingindo que ele não arrebitou outro sutiã porque não sabe abrir. Conversas inúteis e acenos enquanto os pais dele preparam o carro para o fim de semana. Pizza e cerveja quente do esconderijo da garagem assim que eles saírem. Depois mais amassos. Não, obrigada.

Passo os olhos no estacionamento mais uma vez, procurando por Anna. Sinto-me um pouco mal por sair com as botas dela — mas não é como se ela tivesse feito algum esforço para *me* encontrar. — Além disso, Lindsay sempre disse que um par de sapatos novos pode mudar a sua vida. E se algum dia precisei de uma mudança séria na vida — ou na morte, que seja —, é agora.

— Parece ótimo — digo, e, se é possível, o sorriso de Tara alarga ainda mais, dentes tão brancos que parecem ossos.

*

Enquanto saímos do colégio conto às Pugs — não consigo evitar pensar nelas assim — sobre minha ida à diretoria, sobre como a Srta. Winters tem se divertido com o Sr. Shaw e sobre eu ter escapado sem detenção, pois prometi a ela que apagaria uma foto de uma das sessões de amor na sala de Shaw, tirada

com o celular (mentira, é claro — jamais guardaria evidências daquilo, ainda mais em formato digital de alta qualidade). Tara está engasgando de tanto rir, Courtney está me olhando como se eu tivesse acabado de descobrir a cura do câncer ou desenvolvido um comprimido capaz de aumentar os seios, e Bethany cobre a boca e fala: — Santa Mãe do Senhor do Cereal.

Não sei ao certo o que isso significa, mas certamente é a coisa mais original que já a ouvi dizer. Faz com que me sinta bem e confiante outra vez, e lembro a mim mesma de que hoje é meu dia e de que posso fazer o que quiser.

— Tara? — Chego para a frente. O carro dela é um Civic pequeno de duas portas, e eu e Bethany estamos esmagadas no banco de trás. — Podemos passar um segundo na minha casa antes de irmos para o shopping?

— Claro. — Lá está o sorriso dela, refletido no retrovisor como um pedaço do céu. — Precisa deixar alguma coisa?

— Preciso *pegar* uma coisa — corrijo, retribuindo com meu maior sorriso.

São quase três horas da tarde, então, concluo que minha mãe já deve ter voltado da ioga, e, como era de se esperar, o carro dela está na entrada quando nos aproximamos. Tara começa a estacionar atrás do Accord, mas cutuco o ombro dela e sinalizo para que continue dirigindo. Ela guia o carro pela rua até estarmos escondidas atrás de uma aglomeração de pinheiros que minha mãe mandou o paisagista plantar anos atrás, após descobrir que nosso vizinho na época, o Sr. Hoferly, gostava de fazer passeios à meia-noite em sua propriedade completamente despido. Essa é, basicamente, a solução para qualquer problema que se encontre nas áreas residenciais: plante uma árvore e torça para não ver as partes íntimas de ninguém.

Salto do carro e passo pela lateral da casa, rezando para a minha mãe não estar olhando por uma das janelas da saleta ou do escritório do meu pai. Estou apostando no fato de que ela está no banheiro, tomando um de seus famosos banhos longos antes de sair para buscar Izzy na ginástica olímpica. Como não podia deixar de ser, quando ponho a chave na porta dos fundos e entro na cozinha, ouço o barulho de água correndo no andar de cima e algumas notas agudas em gorjeios: minha mãe está cantando. Hesito por uma fração de segundo, o suficiente para identificar a música — Frank Sinatra, “New York, New York” — e dou graças a Deus por as Pugs não testemunharem o show da minha mãe. Em seguida, vou para a entrada, onde, como sempre, minha mãe deixou a bolsa enorme. Está com o peso concentrado na lateral. Diversas

moedas e um pacote de bala de hortelã que caiu na máquina de lavar, e um canto de sua carteira verde da Ralph Lauren está aparecendo sob a espessa alça. Tiro a carteira cuidadosamente, com ouvidos atentos o tempo todo para a água lá em cima, pronta para parar e correr se o fluxo for cortado. A carteira da minha mãe é uma bagunça, cheia de fotos — Izzy, eu, Izzy e eu, Pickle com uma fantasia de Natal —, recibos, cartões de visita. E cartões de crédito.

Principalmente cartões de crédito.

Pego o Amex, com cuidado. Meus pais só o usam para compras grandes, então minha mãe nunca vai perceber que sumiu. Minhas palmas das mãos estão coçando por causa do suor, e meu coração bate com tanta força que dói. Fecho a carteira cuidadosamente e a guardo novamente na bolsa, certificando-me de que está exatamente na mesma posição de antes.

Acima de mim há uma torrente final de água, um ruído agudo enquanto os canos secam, em seguida silêncio. A versão da minha mãe do Sinatra cessa. Acabou o banho. Por um segundo fico tão apavorada que não consigo mexer os pés. Ela vai me ouvir. Vai me pegar. Vai me ver com o Amex na mão. Então, o telefone começa a tocar e ouço passos saindo do banheiro, atravessando o corredor.

— Estou indo, estou indo — ouço-a entoando.

Naquele segundo me retiro, saindo da entrada, atravessando a cozinha, pela porta dos fundos — e correndo, correndo, correndo pela lateral da casa, o gelo sobre a grama me furando a panturrilha, tentando não rir, seguro o plástico frio do Amex com tanta força que, quando abro a mão depois, vejo que ficou uma marca.

*

Normalmente, no shopping, tenho um limite de gastos absolutamente rígido: duas vezes ao ano meus pais me dão quinhentos dólares para comprar roupas novas, e, além disso, posso gastar tudo que ganhar com serviços de babá da Izzy ou com outras coisas estilo servidão que meus pais me pedem para fazer, como embrulhar presentes para os vizinhos no Natal, ou varrer as folhas em novembro, ou ajudar meu pai a desentupir os ralos das tempestades. Sei que quinhentos dólares parecem muito, mas é preciso manter em mente que as

galochas da Burberry de Ally custam quase isso — e ela as usa na chuva. *Nos pés.* Então, nunca fui de fazer grandes compras. Simplesmente não é tão divertido assim, especialmente quando suas melhores amigas são Ally Cartão de Crédito Sem Limite Harris e Lindsay Meu Padrasto Tenta Comprar Meu Afeto Edgecombe.

Hoje, esse problema está resolvido.

A primeira parada é na Bebe, onde escolho um vestido maravilhoso de alcinhas que é tão justo que preciso me encolher inteira só para caber. E mesmo assim Tara tem de entrar no provador e me ajudar a fechar o último centímetro do zíper. Gostei mais ou menos de como as botas de Anna combinaram com o vestido, para falar a verdade, pareço sexy e valente, como se eu fosse uma assassina de videogame ou uma heroína. Faço poses das *Panteras* no espelho por um tempo, formando uma arma com os dedos, apontando para o meu reflexo e com a boca fazendo mímica: *Desculpe.* Puxando o gatilho e imaginando uma explosão.

Courtney quase se descontrola quando entrego o cartão de crédito sem sequer olhar o valor. Não que eu não repare. É difícil não perceber o \$302.10 verde flamejando na caixa registradora, piscando para mim como se me acusasse de alguma coisa. Meu estômago faz uma breve apresentação de hula-hula quando a vendedora me passa o recibo para assinar, mas acho que todos aqueles anos falsificando bilhetes do meu próprio médico e desculpas por atrasos compensaram, pois executo uma cópia perfeita da assinatura da minha mãe, e a vendedora sorri.

— Obrigada, Srta. Kingston — ela diz. Como se *eu* tivesse acabado de fazer um favor a *ela*. E assim saio com o vestido preto mais perfeito do mundo embrulhado em papel de seda no fundo de uma sacola branca. *Agora* entendo porque Ally e Lindsay gostam tanto de fazer compras. É muito melhor quando se pode comprar o que quiser.

— Você tem tanta sorte por seus pais lhe darem um cartão de crédito — diz Courtney, trotando atrás de mim enquanto saímos da loja. — Há anos que imploro para os meus. Eles dizem que eu tenho que esperar até entrar na faculdade.

— Eles não me deram, exatamente — digo, erguendo uma sobrancelha para ela. Ela fica de boca aberta.

— Não é possível. — Courtney balança a cabeça com tanta rapidez que seus cabelos castanhos vão como um chicote de um lado para o outro em um

borrão. — Não é possível. Você não... você está querendo dizer que *roubou*...?

— Shhhhh. — O shopping La Villa tem temática italiana: enormes chafarizes de mármore e grandes passagens de pedra. O som ressalta e se mistura de forma que é impossível saber o que as pessoas estão dizendo, a não ser que estejam exatamente ao seu lado, mas mesmo assim. Não há motivo para evitar o assunto agora que estou no embalo. — Prefiro pensar que estou pegando emprestado.

— Meus pais me estrangulariam. — Courtney está com os olhos tão arregalados que estou com medo que saltem fora. — Eles me matariam até que eu estivesse morta.

— Totalmente — diz Bethany.

Vamos à loja da MAC em seguida, e faço uma maquiagem completa com um cara chamado Stanley, que é mais magro do que eu, enquanto as Pugs experimentam tons diferentes de delineador e levam bronca por abrirem brilhos labiais fechados. Compro tudo que Stanley usa em mim: base, corretivo, pó bronzeador, três tons de sombra, duas cores de delineador (um branco, para baixo do olho), rímel, contorno labial, gloss, quatro pincéis e um curvador de cílios. Vale muito a pena. Saio de lá parecendo uma modelo famosa e sinto as pessoas me encarando enquanto andamos pelo La Villa. Passamos por um grupo de meninos que devem estar no mínimo na faculdade.

— Gostosa. — Um deles murmura.

Tara e Courtney estão me ladeando e Bethany vem atrás. Penso: *Deve ser assim que Lindsay se sente o tempo todo.*

Em seguida, Neiman Marcus: uma loja na qual nunca entro, a não ser que Ally me arraste, pois tudo custa um bilhão de dólares. Courtney experimenta uns chapéus estranhos de velha, e Bethany tira fotos que ameaça colocar na internet. Pego um bolero verde de pele falsa incrível, que faz com que eu pareça alguém que deveria estar participando de festas exclusivas em algum lugar, e um par de brincos de prata e granada.

A única chateação vem quando a mulher da caixa — *Irma*, de acordo com o crachá — pede para ver minha identidade.

— Identidade? — Pisco inocentemente para ela. — Nossa, eu nunca trago comigo. Foi roubada ano passado.

Ela me encara por um longo tempo como se estivesse pensando em deixar passar, depois estoura a bola do chiclete e me dá um sorriso cerrado. Em

seguida empurra o bolero e os brincos para trás do balcão.

— Desculpe, *Ellen*. Precisamos checar a identidade em qualquer compra acima de 250 dólares.

— Prefiro Srta. Kingston, para falar a verdade. — Retribuo o sorriso cerrado. Vaca. Esse truque do chiclete? Foi *Lindsay* que inventou.

Mas eu também seria uma vaca se meus pais tivessem me registrado como Irma.

Repentinamente inspirada, cato na bolsa até encontrar minha carteira da Hilldebridge Swim and Tennis, a academia da minha mãe. Juro, a segurança lá é mais forte que a de um aeroporto — como se a obesidade nos Estados Unidos fosse de algum jeito um plano terrorista, e as próximas vítimas em massa fossem os elípticos da nação — e o cartão tem uma pequena foto minha, o número do título e meu último nome e iniciais: KINGSTON, S. E.

Irma franze o rosto.

— O que quer dizer o S?

Minha mente faz aquele negócio em que soluça, em seguida apaga por inteiro.

— Hum... Severus.

Ela me encara.

— Como em *Harry Potter*?

— É alemão, na verdade. — Eu nunca deveria ter me oferecido para ler aqueles livros idiotas para Izzy. — Você pode ver porque uso meu nome do meio.

Irma ainda hesita, mordendo o canto do lábio. Tara cerra os olhos um pouco, como se estivesse se esforçando para ler o nome no crachá a uns quinze centímetros.

— Irma, certo?

Courtney vem atrás de nós, vestindo um chapéu de aba larga com um pássaro gigante na lateral.

— Alguma vez já a chamaram de *Firma* quando você era pequena? Ou de *Rima*?

Irma vinca a boca em uma linha fina e branca, pega meu cartão e passa.

— *Guten Tag* — digo enquanto saímos: é a única coisa que sei falar em alemão.

*

Tara e Cia. ainda estão rindo de Irma quando saímos do estacionamento do La Villa.

— Não posso acreditar — Courtney não para de repetir, inclinando-se para a frente para me olhar, como se eu fosse desaparecer de repente. Desta vez me deixaram ir no banco da frente automaticamente. Nem precisei pedir.
— Não posso acreditar.

Permito-me um sorriso discreto enquanto me viro para a janela e fico momentaneamente embasbacada com o reflexo que vejo: olhos escuros enormes, enfumaçados, e sombra, lábios vermelhos. Em seguida me lembro da maquiagem. Por um segundo não me reconheço.

— Você é incrível — diz Tara, em seguida bate no volante e pragueja porque perdemos o sinal.

— Por favor. — Aceno vagamente no ar. Me sinto muito bem. Estou quase satisfeita por ter brigado com Lindsay hoje de manhã.

— Droga, não é possível. — Courtney bate no meu ombro enquanto um Chevrolet Tahoe, vibrando, breca ao nosso lado. Mesmo com o frio que está fazendo, todas as janelas estão abaixadas: são os universitários do La Villa, os que nos olharam mais cedo. Que *me* olharam. Estão rindo e brigando por causa de alguma coisa no carro.

— Mike, você é um boiola — um deles grita, e estão fingindo que não nos veem, como fazem os meninos quando na verdade estão loucos para olhar.

— Eles são muito gatos — diz Tara, se curvando sobre mim para enxergar melhor, em seguida desvia a cabeça rapidamente para o volante.

— Você deveria pedir o telefone deles.

— Acorda! São quatro.

— Os *telefones*, então.

— Total.

— Vou mostrar os peitos para eles — digo, e de repente me sinto animadíssima com a simplicidade pura e perfeita disso: vou fazer. Tão mais fácil e honesto do que *talvez eu devesse* ou *não arrumaremos problemas?* Ou: *Meu Deus, jamais conseguiria*. Sim. Três letras. Viro para olhar para Courtney. — Duvida?

Os olhos dela estão fazendo aquela coisa estranha novamente. Tara e

Bethany me olham como se eu tivesse criado tentáculos.

— Você não faria isso — diz Courtney.

— Não pode — diz Tara.

— Posso, faria e farei. — Abro o vidro, e o frio me agride, faz tudo parecer manchado, deixa meu corpo inteiro dormente de modo que me sinto em pedaços, um cotovelo pendurado aqui, uma coxa com câibras, dedos formigando. A música vibrando no carro dos meninos é tão alta que machuca meus ouvidos, mas não consigo ouvir nenhuma letra ou melodia, só o ritmo, pulsando, pulsando, tão alto que não é nem mais um som, apenas vibração, sensação.

— Ei. — Primeiro só consigo cacarejar a palavra, então limpo a garganta e tento outra vez. — Ei. Meninos.

O motorista vira a cabeça na minha direção. Mal consigo focar, de tão agitada que estou, mas naquele segundo vejo que ele não é tão bonito, para falar a verdade — ele tem dentes mais ou menos tortos e um brinco de diamante falso em uma orelha, como se fosse cantor de rap, ou coisa parecida —, mas então ele fala.

— Oi, gracinha. — E vejo os três amigos se inclinarem em direção à janela para olharem, uma, duas, três cabeças surgindo como se fossem um brinquedo no Dave & Buster's, *um, dois, três*, e estou levantando a blusa, ouço um rugido e uma agitação, ressoando em meus ouvidos: risadas? Gritos? E Courtney está berrando: — Vai, vai, vai. — Então nossos pneus cantam e o carro dá uma arrancada, deslizando um pouco, o vento ferindo meu rosto, e o cheiro de borracha queimada e gasolina atacando o ar. Meu coração afunda lentamente da garganta para o peito, e o calor e a sensibilidade retornam ao meu corpo. Fecho a janela. Não consigo explicar as sensações que sinto, uma onda que você só sente quando ri muito, ou gira demais em círculo. Não é exatamente felicidade, mas aceito.

— Não tem preço! *Lendário!* — Courtney está batendo nas costas do meu assento, e Bethany está simplesmente sacudindo a cabeça e esticando o braço para me tocar, com os olhos arregalados, embasbacada, como se eu fosse uma santa e ela tentasse se curar de alguma doença. Tara está gritando de tanto rir. Mal consegue olhar para a estrada, está com os olhos cheios de lágrimas. E engasga.

— Você viu a *cara* deles? Você *viu*?

E percebo que não vi. Não consegui ver nada além do barulho em volta de

mim, alto e pesado, e me ocorre que não sei ao certo se é isso que significa estar viva de verdade, ou se isso significa estar morta, e percebo que acho hilariante. Courtney me cutuca mais uma vez, e vejo seu rosto surgindo atrás de mim no espelho retrovisor, vermelho como um sol, e começo a rir também, e nós quatro vamos gargalhando até Ridgeview, mais de trinta quilômetros, enquanto o mundo passa por nós em uma mistura de pretos e cinzas, como um retrato ruim de si mesmo.

*

Paramos na casa de Tara para que todas possam trocar de roupa. Tara me ajuda a colocar o vestido outra vez, depois coloco o bolero de pele, os brincos e deixo o cabelo solto — que está todo ondulado por ter passado o dia inteiro enrolado em um coque —. Olho para o espelho e meu coração dispara no peito. Pareço ter no mínimo 25 anos. Pareço outra pessoa. Fecho os olhos, lembro de quando ficava no banheiro quando pequena enquanto o vapor do banho sumia dos espelhos, rezando por uma transformação. Lembro-me do gosto amargo da decepção cada vez que meu rosto ressurgia, tão simples quanto sempre fora. Mas, desta vez, quando abro os olhos, funciona. Lá estou: linda e diferente, não como eu.

O jantar é por minha conta, claro. Vamos ao Le Jardin du Roi, um restaurante francês supercaro em que todos os garçons são gatos e franceses. Escolhemos a garrafa de vinho mais cara do cardápio, e ninguém nos pede identidades, então pedimos uma rodada de champanhe. Está tão bom que pedimos outra, mesmo antes de as entradas serem servidas. Bethany fica logo bêbada e começa a flertar com os garçons em um francês ruim, só porque no ano passado passou o verão em Provence. Pedimos quase metade do cardápio: minifolhados de queijo que derretem na boca, tábuas de patê que provavelmente têm mais calorias do que a pessoa deve consumir em um dia inteiro, salada de queijo de cabra, mariscos ao vinho branco, carne com molho *béarnaise* e um robalo inteiro, com cabeça e tudo, e crême *brûlée* e musse de chocolate. Acho que é a melhor comida que já provei e como até quase não conseguir mais respirar, e se desse mais uma garfada arrebentaria o vestido. Depois, quando estou assinando a conta, um dos garçons (o mais bonitinho)

traz quatro minicálculos de licor de rosas *para a digestão*, exceto, é claro, que ele fala *parra a digestiao*.

Não percebo quanto bebi até a hora em que me levanto e o mundo balança por um segundo, como se estivesse lutando para encontrar equilíbrio, e penso que talvez o *mundo* esteja bêbado, não eu, e começo a rir. Saímos para o ar gelado, e isso me ajuda a recuperar um pouco da sobriedade.

Verifico meu telefone e vejo uma mensagem de Rob. *O q há c vc? A gente tinha um plano pra hj.*

— Vamos, Sam — Courtney diz. Ela e Bethany entraram no banco de trás do Civic. Estão me esperando sentar na frente outra vez. — Hora da festa.

Rapidamente escrevo de volta para Rob. *Tá de pé. Vejo você daqui a pouco.*

Em seguida entro no carro, e vamos para a festa.

*

A festa está apenas começando quando chegamos, e vou direto para a cozinha. Como ainda está cedo e não tem quase ninguém, percebo diversos detalhes nos cômodos que não tinha notado antes. O lugar é tão cheio de pequenas estátuas de madeira esculpida, pinturas a óleo e livros velhos que poderia ser um museu.

A cozinha é iluminada, e tudo aqui parece acentuado e separado. Há dois barris alinhados diretamente na entrada da porta, e a maioria das pessoas está reunida aqui. A essa altura são basicamente meninos e algumas meninas do segundo ano. Estão reunidos em grupos, agarrando seus copos de plásticos como se eles contivessem as forças vitais, e os sorrisos são tão forçados que posso perceber que as bochechas estão doendo.

— Sam. — Rob me vê e tem uma reação lenta assim que entro. Ele abre caminho com os ombros até mim, em seguida me apoia contra a parede, colocando uma mão em cada lado da minha cabeça de modo que me deixa presa. — Pensei que você não viesse.

— Eu disse que viria. — Ponho as mãos no peito dele, sentindo as batidas nervosas do coração dele sob meus dedos. Fico triste por alguma razão. — Recebeu minha mensagem?

Ele dá de ombros.

— Você estava estranha o dia todo. Pensei que talvez você não tivesse gostado da minha rosa.

Com amor. Tinha me esquecido disso; me esquecido de como fiquei chateada. Nada disso importa agora. De qualquer jeito, são apenas palavras.

— Nada de errado com a rosa.

Rob sorri e põe a mão na minha cabeça, como se eu fosse um bichinho de estimação.

— Você está demais, gata — ele diz. — Quer uma cerveja?

Faço que sim com a cabeça. O efeito do vinho que tomei no restaurante já está acabando. Sinto-me sóbria demais, ciente demais a respeito do meu corpo, meus braços pendurados como pesos mortos. Rob começa a se virar quando de repente para, olhando para os meus sapatos. Ele levanta o olhar para o meu rosto, meio entretido, meio confuso.

— O que é isso? — Ele aponta para as botas de Anna.

— Sapatos. — Levanto um dos dedos do pé e o couro nem se mexe. Isto me agrada por algum motivo. — Gostou?

Rob faz uma cara.

— Parecem botas de exército ou coisa parecida.

— Bem, *eu* gosto.

Ele balança a cabeça.

— Não se parecem com você, gata.

Penso em todas as coisas que fiz hoje que deixariam Rob chocado: matei todas as aulas, beijei o Sr. Daimler, fumei maconha com Anna Cartullo, roubei o cartão de crédito de minha mãe. Coisas que não se *parecem comigo*. Nem sei ao certo o que isso significa; não sei como alguém sabe. Mentalmente, tento somar todas as coisas que fiz na vida, mas nenhuma imagem clara emerge, nada que me dirá o tipo de pessoa que sou — apenas muita imprecisão e bordas maldefinidas, lembranças confusas de gargalhadas e passeios de carro. Sinto-me como se estivesse tentando tirar uma foto no sol: todas as outras pessoas nas minhas lembranças saem sem feições.

— Você não sabe tudo sobre mim — digo.

Ele dá uma risadinha.

— Sei que você fica uma graça quando está brava. — Ele põe o dedo entre os meus olhos. — Não franza tanto o rosto. Vai ficar com rugas.

— E aquela cerveja? — digo, agradecida quando Rob vira as costas. Esperava que vê-lo fosse me relaxar, mas em vez disso está me estressando.

Quando Rob volta com a cerveja, pego o copo e subo.

No alto da escada quase entro em colisão com Kent. Ele dá um rápido passo para trás quando me vê.

— Desculpe — nós dois dizemos ao mesmo tempo, e posso sentir que estou enrubescendo.

— Você veio — ele diz. Está com os olhos mais verdes do que nunca. Há uma expressão estranha no rosto dele, a boca está toda curvada, como se ele estivesse mastigando alguma coisa azeda.

— Parece que é o lugar da vez. — Desvio o olhar, desejando que ele pare de me encarar. De algum jeito sei que ele vai dizer alguma coisa horrível. Vai dizer que me enxerga como eu realmente sou outra vez. E tenho uma vontade louca de perguntar o que ele vê, como se ele pudesse *me* ajudar a *me* entender. Mas tenho medo da resposta.

Ele olha para baixo.

— Sam, queria dizer...

— Não. — Levanto a mão. Em seguida cai a ficha: ele sabe o que aconteceu com o Sr. Daimler. Consegue perceber. Sei que estou sendo paranoica, mas a certeza é tão forte que faz minha cabeça girar, e tenho de esticar o braço e segurar o corrimão. — Se for sobre o que aconteceu na aula de matemática, não quero ouvir.

Ele olha para mim outra vez, com a boca formando uma reta.

— E o que *aconteceu*?

— Nada. — Mais uma vez sinto o peso do Sr. Daimler sobre mim, o calor da boca dele na minha. — Não é da sua conta.

— Daimler é um nojento, sabia? Você deveria ficar longe dele. — Ele me olha de lado. — Você é boa demais para isso.

Penso no bilhete que voou para a minha mesa mais cedo. *Sabia* que era dele. A ideia de Kent McFuller com pena de mim, me condenando, faz alguma coisa romper dentro de mim.

Minhas palavras saem em um impulso.

— Não tenho que explicar nada a você. Nem somos amigos. Nós... nós não somos nada.

Kent dá um passo para trás, solta um ruído que é algo entre um suspiro e uma risada.

— Você é realmente inacreditável, sabia disso? — Ele balança a cabeça. Parecendo enojado ou triste, talvez ambos. — Talvez todos tenham razão a seu

respeito. Talvez você não passe de uma... — Ele para.

— O quê? Uma *o quê*? — Sinto vontade de estapeá-lo, para que olhe para mim, mas ele continua com os olhos voltados para a parede. — Uma vaca superficial, não é? É isso que você acha?

Seus olhos se voltam novamente para mim, claros, firmes e rígidos, como uma pedra. Agora gostaria que ele não tivesse me olhado.

— Talvez. Talvez seja como você falou. Não somos amigos. Não somos nada.

— É? Bem, pelo menos eu não ando por aí fingindo ser melhor do que todo mundo. — Ele sai antes que eu possa controlar. — Você não é perfeito, sabe. Tenho certeza de que faz coisas ruins. — Mas, assim que digo isso, tenho a sensação de que não é verdade. Simplesmente sei, de algum jeito. Kent McFuller não faz coisas ruins. Pelo menos, não faz coisas ruins com outras pessoas.

Agora Kent *realmente* ri.

— Sou *eu* que finjo ser melhor do que todo mundo? — Ele cerra os olhos. — Isso é muito engraçado, Sam. Alguém já disse quanto você é engraçada?

— Não estou brincando. — Estou cerrando os punhos contra as coxas. Não sei por que estou tão irritada com ele, mas poderia sacudi-lo, ou chorar. Ele sabe sobre o Sr. Daimler. Ele sabe tudo sobre mim, e me odeia por isso. — Você não deveria fazer as pessoas se sentirem mal só porque elas não são, sei lá, perfeitas, ou coisa parecida.

Ele abre a boca.

— Eu nunca disse...

— Não é culpa minha que não posso ser como você, entende? Não acordo achando que o mundo é um grande lugar, feliz e iluminado, entende? Não é assim que funciono. Acho que não tenho conserto. — Queria dizer: *Acho que não tem conserto*, mas sai errado, e de repente estou a ponto de chorar. Tenho de respirar fundo para tentar conter as lágrimas. Viro as costas para Kent, para que ele não as veja.

Faz-se um instante de silêncio que parece durar para sempre. Em seguida Kent segura meu cotovelo só por um segundo, seu toque parece uma asa passando em mim. Só esse leve toque me dá arrepios.

— Eu ia dizer que você está linda com o cabelo solto. — A voz de Kent é firme e baixa. Ele se move ao redor de mim para a escada, parando exatamente no topo. Quando ele olha novamente para mim, parece triste,

apesar de esboçar um leve sorriso. — Você não precisa de conserto, Sam.

Ele diz as palavras, mas é como se eu não as ouvisse; é como se passassem por todo o meu corpo ao mesmo tempo, como se as estivesse absorvendo do ar. Ele deve saber que não é verdade. Abro a boca para dizer isto a ele, mas ele já está desaparecendo escada abaixo, derretendo na multidão de pessoas que percorrem a casa. Eu não sou uma pessoa, sou uma sombra, um fantasma. Mesmo *antes* do acidente não sei se era alguém, é o que estou percebendo agora. E não tenho certeza de quanto ao local de origem do estrago.

Tomo um longo gole de cerveja, desejando que pudesse simplesmente ficar inconsciente. Quero que o mundo desapareça. Tomo outro gole grande. A cerveja está gelada, ao menos, mas tem gosto de água mofada.

— Sam! — Tara está subindo as escadas, seu sorriso é como um raio de luz. — Estávamos procurando por você. — Quando chega ao andar de cima, arfa um pouco, colocando a mão direita na barriga e se curvando. Na mão esquerda tem um cigarro, fumado pela metade. — Courtney fez o reconhecimento. Ela encontrou as coisas boas.

— Coisas boas?

— Uísque, vodca, gim, licor de cassis, tudo. Bebida. As boas.

Ela pega minha mão e descemos a escada, que lentamente está ficando lotada de pessoas. Todos estão se movendo na mesma direção: da entrada para a cerveja e, depois, para as escadas. Na cozinha, passamos por um grupo de pessoas reunidas perto do barril. No lado oposto à cozinha há uma porta com um bilhete escrito à mão. Reconheço a letra de Kent.

Diz: POR FAVOR, NÃO ENTRE.

Há uma nota de rodapé escrita em letras minúsculas na base da folha: SÉRIO, PESSOAL. ESTOU DANDO A FESTA E É A ÚNICA COISA QUE PEÇO. VEJAM! TEM UM BARRIL ATRÁS DE VOCÊS.

— Talvez não devêssemos... — começo a dizer, mas Tara já passou pela porta, então vou atrás dela.

Está escuro do outro lado da porta, e frio. A única luz vem de duas janelas enormes com vista para o jardim.

Ouçõ risadas de algum lugar mais no meio da casa, em seguida o som de alguém batendo em alguma coisa.

— Cuidado — alguém sibila, em seguida ouçõ Courtney.

— Quero ver *voce* servir no escuro.

— Por aqui — Tara sussurra.

É estranho como as vozes das pessoas ficam mais doces no escuro, como se não pudessem evitar.

Estamos na sala de jantar. Há um lustre pendurado no teto como uma flor exótica, e cortinas pesadas em cada lado das janelas. Eu e Tara passamos pela mesa de jantar — minha mãe teria um infarto de excitação, deve ter capacidade para pelo menos doze pessoas — e chegamos a uma espécie de recanto na parede. É onde fica o bar. Além do recanto há outra sala escura: pelos sofás e prateleiras de livros parece uma biblioteca ou uma sala de estar. Fico imaginando quantos cômodos serão. A casa parece se estender eternamente. É ainda mais escuro aqui, mas Courtney e Bethany estão vasculhando uns armários.

— Deve haver umas cinquenta garrafas aqui — diz Courtney. Está escuro demais para ler rótulos, então ela abre cada garrafa e cheira, tentando adivinhar o conteúdo. — Isso é rum, eu acho.

— Que casa estranha, hein? — diz Bethany.

— Não me incomodo — digo rapidamente, sem saber ao certo por que me sinto na defensiva. Aposto que é linda durante o dia: uma sala após a outra, cheias de luz. Aposto que a casa de Kent é sempre quieta, ou sempre tem música clássica tocando, ou coisa parecida.

Vidro se espatifa perto de mim, e alguma coisa molhada respinga na minha perna. Dou um salto enquanto Courtney sussurra: — O que você fez?

— Não fui eu — digo.

— Foi sem querer — Tara diz ao mesmo tempo.

— Foi um vaso?

— Eca. Caiu um pouco no meu sapato.

— Vamos pegar a garrafa e sair daqui.

Voltamos para a cozinha exatamente quando RJ Ravner grita.

— Fogo no buraco!

Matt Dorfinan pega um copo de cerveja e começa a virar. Todo mundo ri e Abby McGail bate palmas quando ele esvazia o copo. Alguém aumenta a música, e Dujeous começa e todos cantam junto. *All MCs in the house tonight, if your lyrics sound tight then rock the mic...*

Ouçõ risadas altas. Em seguida uma voz vem da frente do corredor: — Meu Deus, acho que chegamos na hora certa.

Meu estômago sobe para a garganta. Lindsay está aqui.

EXISTEM CERTAS COISAS QUE VOCÊ NÃO DEVE DIZER

Eis o grande segredo de Lindsay: quando ela voltou de uma visita que fez ao meio-irmão na NYU, no ano passado, ela passou quatro dias péssima — dando foras em todo mundo, tirando sarro de Ally por ter problemas estranhos com alimentos, gozando Elody por ser pingüça e frouxa, rindo de mim por ser sempre a última a fazer as coisas, desde ceder à moda até passar a mão por dentro da calça de um menino (coisa que não fiz até quase o fim do segundo ano). Eu, Elody e Ally sabíamos que alguma coisa devia ter acontecido em Nova York, mas Lindsay não contou quando perguntamos, e não forçamos. Não se força as coisas com Lindsay.

Então, uma noite perto do fim do ano escolar, estávamos no Rosalita's, um restaurante mexicano em uma cidade próxima, onde não pedem identidade, tomando *margaritas* e esperando nossos jantares chegarem. Lindsay não estava comendo — não comia desde que voltara de Nova York. Não estava tocando nas batatinhas grátis, dizendo que não estava com fome, em vez disso colocava o dedo no sal que envolvia seu copo de *margarita* e comia os cristais, um por um.

Não lembro sobre o que falávamos, mas de repente Lindsay disse: — Fiz sexo.

Assim, simplesmente. Todas nós a encaramos em silêncio, e ela se inclinou para a frente e nos contou de uma vez só que estava bêbada, e como o meio-irmão não estava querendo ir embora da festa, o cara, o Imensionável, se ofereceu para acompanhá-la ao dormitório onde estava hospedada com o irmão. Eles transaram na cama do meio-irmão de Lindsay, com ela desmaiando e acordando, e o cara, o Imensionável, já tinha ido embora antes mesmo que o irmão chegasse da festa.

— Só durou, tipo, uns três minutos — ela disse no final, e lá mesmo percebi que estava arquivando na pasta Coisas Sobre As Quais Nunca Falaremos e guardando em algum recôncavo da mente e construindo outras histórias para cobrirem essa, histórias melhores: fui para Nova York e me diverti muito. Super vou me mudar para lá algum dia. Beije um cara, e ele queria ir para casa comigo, mas eu não deixei.

Logo depois disso nossa comida chegou. Lindsay ficou imensamente aliviada depois de nos contar — apesar de ter nos feito jurar segredo absoluto sob pena de morte —, e seu humor mudou instantaneamente. Ela devolveu a

salada que tinha pedido (“Como se eu quisesse engolir essa porcaria de comida de coelho”) e pediu *quesadillas* de queijo e cogumelo, *burritos* de porco com molho extra e guacamole, *chimichangas* para a mesa e outra rodada de *margaritas*. Foi como se um peso tivesse sido tirado de cima dela, e tivemos nosso melhor jantar em anos. Todas nós estávamos comendo absurdamente, até Ally, e bebendo uma *margarita* atrás da outra, cada uma de um sabor — manga, framboesa, laranja —, e rindo tão alto que pelo menos uma mesa pediu para trocar de lugar, para outra parte do restaurante. Nem me lembro sobre o que estávamos falando, mas em algum momento Ally tirou uma foto de Elody com uma *tortilla* na cabeça e segurando uma garrafa de molho picante. No canto da foto é possível ver um terço do perfil de Lindsay. Ela está gargalhando, rindo, com o rosto roxo. Uma mão na barriga.

Depois do jantar Lindsay lançou mão do cartão de crédito da mãe para pagar a conta inteira. Ela só deve utilizá-lo em emergências, mas ela se inclinou para a frente sobre a mesa e nos fez dar as mãos como se estivéssemos rezando.

— Isso, minhas amigas, foi uma emergência — disse, e todas nós rimos, pois ela estava sendo melodramática como sempre. O plano era irmos para uma festa no viveiro de plantas: uma tradição do primeiro fim de semana quente do ano. Tínhamos a noite toda diante de nós. Estávamos todas de bom humor. Lindsay estava normal outra vez.

Ela foi ao banheiro retocar a maquiagem, e cinco segundos após deixar a mesa todas aquelas *margaritas* e gargalhadas bateram de uma vez só: nunca tinha tido tanta vontade de fazer xixi na vida. Fui ao banheiro correndo, ainda rindo, enquanto Elody e Ally me atacavam com batatas mordidas e guardanapos amassados, gritando: — Não deixe de mandar cartões-postais das Cataratas do Niágara. — E: — Se for amarelo, mantenha-o singelo! — De modo que mais um grupo pediu para trocar de mesa.

O banheiro era individual, e me apoiei na porta, pedindo para Lindsay me deixar entrar, forçando a maçaneta ao mesmo tempo. Acho que ela estava com muita pressa de entrar, pois a porta não estava trancada direito e acabou se abrindo quando me apoiei. Tropecei para dentro do banheiro, ainda rindo, esperando encontrar Lindsay em pé à frente do espelho com os lábios estendidos, aplicando duas camadas de gloss Vixen da MAC.

Em vez disso, ela estava ajoelhada no chão à frente da privada, e os restos das *quesadillas* e dos *burritos* flutuavam na superfície da água. Ela puxou a

descarga, mas não foi rápida o suficiente. Vi dois pedaços de tomate não digeridos girando no vaso sanitário.

Toda a risada se esvaiu de mim instantaneamente.

— O que está fazendo? — perguntei, apesar de ser óbvio.

— Feche a porta — sibilou ela.

Fechei rapidamente, o barulho do restaurante ficou para trás, deixando apenas o silêncio.

Lindsay se levantou, lentamente.

— Então? — ela disse, olhando para mim como se já estivesse preparando seus argumentos, como se esperasse que eu fosse acusá-la de alguma coisa.

— Precisei vir ao banheiro — respondi.

Ridículo, mas não consegui pensar em mais nada. Havia um pedacinho de comida pendurado em um fio de cabelo, e vê-lo me deu vontade de chorar. Ela era Lindsay Edgecombe: era nossa armadura.

— Vá, então — ela disse, parecendo aliviada, apesar de eu ter tido a sensação de ver um indício de mais alguma coisa, talvez tristeza.

Fui. Fiz xixi enquanto Lindsay se inclinou sobre a pia, fazendo conchinha com as mãos e tomando água delas, bochechando e gargarejando. É engraçado: você pensa, quando coisas horríveis acontecem, tudo mais simplesmente para, como se você fosse se esquecer de ir ao banheiro, comer ou sentir sede, mas não é verdade. É como se você e seu corpo fossem duas coisas separadas, como se o corpo a estivesse traindo, pedindo, idiota ou animalesco, solicitando água e sanduíches, e intervalos para ir ao banheiro enquanto seu mundo se desfaz.

Observei Lindsay pescar uma tira de Listerine e colocá-la na boca, fazendo uma careta. Em seguida, ela foi cuidar da maquiagem, retocando o rímel e reaplicando o gloss. O banheiro era pequeno, mas ela parecia muito longe.

Finalmente falou:

— Não é um hábito nem nada parecido. Acho que simplesmente comi rápido demais.

— Tudo bem — falei. E desde então nunca soube se ela dizia a verdade ou não.

— Não conte para Al ou Elody, tá? Não quero que façam escândalo por nada.

— Óbvio — respondi.

Ela pausou, pressionou os lábios um contra o outro, mostrando-os para o

espelho. Em seguida, voltou-se para mim: — Vocês são minha família. Você sabe disso, não sabe?

Ela disse de maneira casual, como se estivesse elogiando minha calça jeans, mas sabia que era uma das coisas mais sinceras que já havia me dito. Sabia que ela realmente estava *falando sério*.

Fomos para a festa no viveiro de plantas conforme planejado. Elody e Ally se divertiram, mas eu tive dor de estômago e precisei me curvar no capô do carro de Ally. Não sei se foi a comida ou o quê, mas parecia que alguma coisa estava tentando sair de mim.

Lindsay teve uma grande noite: naquela festa ficou com Patrick pela primeira vez. Três meses depois, no final do verão, eles transaram. Quando nos contou sobre ter perdido a virgindade com o namorado — as velas, o cobertor no chão, as flores, tudo — e sobre como tinha sido bom sua primeira vez ter sido tão romântica, nenhuma de nós questionou nada. Todas nós nos agrupamos e demos os parabéns a ela, perguntamos por detalhes, dissemos que estávamos com inveja. Fizemos por Lindsay, para deixá-la feliz. Ela teria feito o mesmo por nós.

Essa é a questão com melhores amigas. É o que elas fazem. A impedem de enlouquecer.

ONDE COMEÇA

Lindsay, Elody e Ally devem ter subido assim que chegaram — considerando que estão trazendo a própria vodca, é a aposta garantida —, pois não as vejo novamente até mais ou menos uma hora depois. Tomei três doses de rum, que me atingiram de uma vez: o cômodo está girando, borrando as cores e os sons do mundo. Courtney acabou com a garrafa de rum, então pego uma cerveja. Preciso me concentrar a cada passo e, quando chego ao barril, fico parada por um segundo, esquecendo a razão pela qual fui até lá.

— Cerveja? — Matt Dorfinan enche um copo e o oferece para mim.

— Cerveja — digo, satisfeita por a palavra ter saído tão claramente, feliz por ter me lembrado de que era isso que eu queria.

Vou até o segundo andar. As coisas se registram aos solavancos, um filme editado: a sensação do corrimão de madeira; Emma McElroy se apoiando contra uma parede, com a boca aberta e engasgando — talvez rindo? — como

um peixe em um anzol; luzes de Natal piscando, luz borrada. Não sei para onde estou indo, ou quem estou procurando, mas de repente lá está Lindsay do outro lado da sala, e percebo que fui até o fundo da casa, a sala para fumantes. Eu e Lindsay olhamos uma para a outra por um segundo, e torço para que ela sorria para mim, mas ela simplesmente desvia o olhar. Ally está ao lado dela. Ela se curva para a frente e sussurra alguma coisa para Lindsay, em seguida vem até mim.

— Oi, Sam.

— Você teve que pedir permissão para falar comigo? — Estas palavras não saem com tanta clareza.

— Não seja uma vaca. — Ally revira os olhos. — Lindsay está muito chateada com o que você disse.

— Elody está brava? — Elody está no canto com Steve Dough se esfregando nele enquanto ele conversa com Liz Hummer, como se ela nem estivesse ali. Quero ir até lá e abraçá-la.

Ally hesita, olha para mim sob a franja.

— Ela não está brava. Você a conhece.

Dá para perceber que Ally está mentindo, mas estou bêbada demais para discutir.

— Você não me ligou hoje. — Odeio ter dito isso. Faz com que me sinta como alguém de fora outra vez, como alguém tentando entrar no grupo. Só faz um dia, mas *sinto falta* delas: minhas únicas amigas de verdade.

Ally toma um gole da vodca que está segurando, em seguida franze o cenho.

— Lindsay está tendo um ataque. Eu disse, ela está muito irritada.

— Mas é verdade, não é? O que eu disse.

— Não tem importância se é verdade. — Ally balança a cabeça para mim.

— É Lindsay. Ela é nossa. Somos umas das outras, entende?

Nunca pensei em Ally como alguém inteligente, mas essa é provavelmente a coisa mais inteligente que ouvi em um longo tempo.

— Você deveria se desculpar — ela diz.

— Mas não *tenho* que me desculpar. — Estou definitivamente arrastando as palavras agora. Minha língua está espessa e pesada na boca. Não consigo que faça o que quero que faça. Quero contar tudo para Ally, sobre o Sr. Daimler, Anna Cartullo, a Srta. Winters e as Pugs, mas nem sequer consigo pensar nas palavras.

— É só dizer, Sam. — Os olhos de Ally começaram a circular pela festa. Então, de repente, ela dá um passinho para trás. Em seguida, sua boca fica sem ação e ela a tapa com a mão.

— Meu Deus! — ela diz, olhando por cima do meu ombro. Sua boca está se curvando para cima em um sorriso. — Não acredito.

Parece que o tempo congela quando viro de costas. Li uma vez que na beira de um buraco negro o tempo para completamente, então, se você parar lá alguma vez, ficaria preso para sempre, para sempre dilacerando, para sempre morrendo. É a sensação que tenho naquele segundo. A aglomeração das pessoas ao meu redor, uma boca sem fim, mais e mais pessoas.

E lá está ela na entrada. Juliet Sykes. Juliet Sykes — que ontem estourou os miolos com a arma dos pais.

Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo e não consigo evitar; imagino-o emaranhado e sujo de sangue, com um buraco enorme logo abaixo. Estou morrendo de medo dela: um fantasma na porta, o tipo de coisa com a qual você tem pesadelos quando é criança, ou sobre a qual fazem filmes de terror.

Uma frase ressurge de um noticiário a que tive de assistir sobre os condenados no corredor da morte para minha eletiva de ética: um morto ambulante. Achei horrível quando ouvi pela primeira vez, mas agora realmente *entendo*. Juliet Sykes é uma morta ambulante. Acho que eu também sou, de certa maneira.

— Não — digo, sem ter tido a intenção de falar em voz alta. Dou um passo para trás.

— Esse é o meu pé — Harlowe Rosen gane e diz.

— Não acredito — Ally diz novamente, mas soa distante. Ela já está se afastando de mim, chamando Lindsay por cima da música. — Lindsay, você viu quem é?

Juliet fica parada na entrada. Ela parece calma, mas está com as mãos cerradas em punhos.

Jogo-me para a frente, mas todo mundo escolhe esse exato momento para se aglomerar ainda mais perto de mim. Não posso assistir outra vez. Não quero ver o que acontece em seguida. Não estou muito firme nos pés e não paro de ser empurrada para a frente e para trás, me chocando contra as pessoas como uma bola de pinball, tentando sair da sala desesperadamente. Sei que estou pisando nas pessoas e dando cotoveladas, mas não me importo. Preciso sair.

Finalmente rompo o nó de pessoas. Juliet está bloqueando a entrada. Ela

nem sequer está olhando para mim. Está parada como uma estátua, com os olhos fixos em uma distância sobre meu ombro. Olha para Lindsay. É então que entendo que é Lindsay quem ela realmente quer — É Lindsay que ela odeia mais —, mas não faz com que eu me sinta melhor.

Bem quando estou prestes a passar por ela, um tremor percorre seu corpo e ela troca olhares comigo.

— Espere — ela diz para mim e segura o meu pulso. A mão está fria como gelo.

— Não. — Afasto-me dela e continuo andando, tropeçando para a frente, quase engasgando com meu próprio medo. Imagens embaralhadas de Juliet não param de surgir à minha mente: Juliet curvada, com as mãos esticadas, encharcada de cerveja e tropeçando; Juliet deitada em um chão gelado em uma piscina de sangue. Não estou pensando claramente, e na minha cabeça as duas imagens se fundem e a vejo perambulando pela sala enquanto todo mundo ri, com o cabelo ensopado, pingando, encharcado de sangue.

Estou tão distraída que não vejo Rob no corredor até dar um encontrão nele.

— Ei. — Rob está bêbado agora. Está com um cigarro apagado pendurado na boca. — Ei, você.

— Rob... — Pressiono meu corpo contra o dele. O mundo está girando. — Vamos sair daqui? Vamos para a sua casa. Estou pronta, só eu e você.

— Uou, vaqueira. — Metade da boca de Rob se inclina levemente para cima, mas a outra parte não a acompanha. — Depois do cigarro. — Ele começa a ir em direção ao fundo da casa. — Depois a gente vai.

— Não! — quase grito.

Ele vira outra vez para mim, cambaleando, e antes que possa reagir, já arranquei o cigarro de sua boca, e o estou beijando, segurando as laterais do rosto dele com as mãos, encostando meu corpo no dele. Ele leva um segundo para perceber o que está acontecendo, mas então começa a me apalpar por cima do vestido, rolando a língua em círculos, gemendo um pouco.

Nós dois estamos cambaleando para a frente e para trás no corredor, quase como se estivéssemos dançando. Sinto o chão curvar e girar, e Rob acidentalmente me empurra com força contra a parede, e eu engasgo.

— Desculpe-me, baby. — Seus olhos se embaralham, desembaralham.

— Precisamos de um quarto. — Do fundo da casa posso ouvir o cântico começando. *Psicótica, Psicótica*. — Precisamos de um quarto, *agora*.

Pego a mão de Rob e vamos tropeçando pelo corredor, forçando a passagem entre a maré de pessoas que vai em direção oposta. Estão todos indo verificar a barulheira.

— Aqui. — Rob bate o mais forte que consegue na primeira porta que encontra, a que é cheia de adesivos. Ouvimos um ruído de abertura e tropeçamos para dentro. Eu o beijo novamente e tento me perder na sensação de proximidade dos nossos corpos, e o seu calor, tentando bloquear os uivos de risos que emergem da sala ao fundo. Finjo que não passo de um corpo com uma mente tão vazia e confusa quanto uma televisão cheia de neve. Tento me encolher, me fixar na minha pele, como se a única sensação que existisse fossem os dedos de Rob.

Quando a porta é fechada, a escuridão é total. O negrume ao nosso redor não cedeu em nada — ou não existem janelas aqui, ou estão tapadas por uma cortina. Está tão escuro que é quase *pesado*, e sinto um medo histérico súbito de que estamos presos em uma caixa. Rob está se balançando tanto sobre os pés a essa altura, com os braços apertados tão fortemente em volta de mim, que me deixa tonta. Sinto uma onda de náusea e o empurro para trás até encontrarmos algo macio: uma cama. Ele cai e eu subo em cima dele.

— Espere — murmura ele.

— Não era isso que você queria? — sussurro. Mesmo agora consigo ouvir os sons de risada e os gritos: *Psicótica, Psicótica*, mais altos que a música. Beijo Rob com mais convicção e ele luta contra o zíper do meu vestido. Ouço tecido se rasgando, mas não me importo. Puxo a roupa para a cintura, e Rob começa a lutar com meu sutiã.

— Tem certeza? — ele diz ao meu ouvido.

— Apenas me beije. — *Psicótica, Psicótica*. As vozes estão ecoando pelo corredor. Passo as mãos sob o casaco de Rob e o arranco por cima de sua cabeça, em seguida começo a beijar o pescoço dele por baixo da gola da camisa polo. Sua pele tem gosto de suor, sal e cigarros, mas continuo beijando enquanto ele vai passando as mãos pelas minhas costas em direção à minha bunda. Uma imagem do Sr. Daimler em cima de mim e o teto pontilhado surgem na escuridão, mas os afasto.

Tiro a camisa de Rob, então, agora, estamos nos encostando peito no peito. Nossas peles ficam fazendo uns ruídos estranhos, barulhentos e de sucção enquanto nossas barrigas se juntam e depois se separam. Num determinado momento, as mãos dele caem. Ainda o estou beijando, me movimentando pelo

tórax dele, sentindo a penugem emaranhada ali. Pelo no peito sempre foi algo que me causou nojo; é outra coisa na qual não penso hoje.

Rob ficou quieto. Ele provavelmente está chocado. Nunca fiz isso tudo com ele antes. Normalmente, quando damos uns amassos mais intensos, é ele que assume o controle. Sempre tive medo de fazer alguma coisa errada. É muito estranho agir como se eu soubesse o que estou fazendo. Nunca nem fiquei inteiramente nua com ele.

— Rob? — sussurro, e ele geme discretamente. Meus braços estão tremendo por ter passado tanto tempo sustentando meu peso, então me levanto. — Quer que eu tire meu vestido?

Silêncio. Meu coração está batendo acelerado, e, apesar de o quarto estar frio, sinto que minhas axilas estão suando.

— Rob? — repito.

De repente ele solta um tremendo ronco e rola. Os roncos continuam, em longas ondas.

Por um tempo apenas fico ali ouvindo. Quando Rob ronca sempre me lembro de quando era pequena e sentava na varanda para assistir enquanto meu pai fazia círculos com o cortador de grama da Sears, seis anos de uso, que rugia tão alto que eu precisava cobrir os ouvidos. Mas eu nunca entrava. Adorava ver as trilhas compactas verdes que meu pai deixava, centenas de pequenas lâminas de grama girando pelo ar como bailarinas.

Está tão escuro no quarto que demoro um bom tempo para encontrar meu sutiã e meu bolero de pele falsa; tenho de me apoiar sobre as mãos e joelhos para encontrá-los. Não estou sentindo nada, não estou pensando de verdade, apenas assinalando coisas a fazer. Encontrar o sutiã. Levantar o vestido. Sair pela porta.

Vou para o corredor. A música está tocando em um volume normal, e as pessoas estão entrando e saindo da sala ao fundo. Juliet Sykes já foi.

*

Algumas pessoas me olham de um jeito estranho. Tenho certeza de que estou completamente desajeitada, mas não tenho forças para ligar para isso. É incrível como estou aguentando firme, na verdade, e, apesar de o meu cérebro estar

nebuloso, penso isto com clareza: *É incrível como você está aguentando firme.* Penso: *Lindsay ficaria orgulhosa.*

— Seu vestido não está fechado. — Carly Jablonsky ri para mim.

Atrás dela alguém fala: — O que você estava fazendo ali dentro?

Ignoro. Apenas continuo me movendo — flutuando, na verdade, sem realmente saber para onde estou indo —, vagando pelas escadas e para a varanda, e quando o frio me atinge como um soco, volto para a casa e para a cozinha. De repente a ideia da casa escura e quieta além da placa de NÃO ENTRE, cheia de quadrados iluminados pelo luar e o tilintar de velhos relógios marcando o tempo, parece chamativa. Então, vou por este caminho, depois da porta, pela sala de jantar, pelo recanto na parede onde Tara derrubou o vaso, minhas botas esmagando o vidro, até a sala.

Uma das paredes é quase toda de janelas. Tem vista para o gramado da frente. Lá fora a noite parece prateada e congelada, todas as árvores envolvidas por uma cobertura de gelo, como se fossem construídas de gesso. Começo a imaginar se tudo neste mundo, neste ao qual estou presa, é apenas uma réplica, uma imitação barata do real. Em seguida sento no tapete — exatamente no centro de um quadrado perfeito de luar — e começo a chorar. O primeiro suspiro é quase um grito.

Não sei quanto tempo fico lá — pelo menos quinze minutos, visto que consigo chorar tudo que tenho. Durante o processo meu nariz escorre o tempo todo e meu bolero de pele fica arruinado com rímel e oleosidade do rosto. Mas em um dado momento percebo que há mais alguém ali.

Fico completamente parada. Partes da sala estão perdidas na sombra, mas posso sentir alguma coisa se movendo em seu contorno exterior. Um tênis de estampa xadrez aparece e desaparece de vista.

— Há quanto tempo você está aí? — pergunto, limpando o nariz pela quadragésima vez nas costas do braço.

— Não muito. — A voz de Kent é comedida. Dá para perceber que ele está mentindo, mas não me importo. Na verdade me sinto melhor por saber que não estive sozinha o tempo todo.

— Você está bem? — Ele dá alguns passos para dentro da sala, de modo que o luar o atinge e ele fica prateado. — Quer dizer, obviamente, você não está bem, mas eu só queria saber, sei lá, se posso fazer alguma coisa, ou se você quer conversar sobre algo, ou...

— Kent? — interrompo.

Ele sempre teve hábito de divagar, mesmo quando éramos pequenos. Ele para.

— Oi?

— Você... me daria um copo d'água?

— Sim. Só um segundo. — Ele parece aliviado por fazer alguma coisa, e ouço o ruído dos tênis dele no tapete. Ele volta em menos de um minuto com um copo grande de água. Tem a quantidade perfeita de pedras de gelo.

Depois que tomo alguns longos goles, finalmente falo: — Desculpe por eu estar aqui. A placa e tudo mais.

— Não tem problema. — Kent senta com as pernas cruzadas no chão ao meu lado, não tão próximo a ponto de nos tocarmos, mas o suficiente para que eu sinta sua presença. — Quer dizer, a placa era basicamente para os outros. Sabe, para evitar que as pessoas quebrassem as coisas dos meus pais, ou sei lá o quê. Nunca dei uma festa antes.

— Por que resolveu fazer uma agora? — Indago, só para mantê-lo falando, e ele quase dá uma risada.

— Achei que se fizesse uma festa, você viria.

Sinto uma onda de constrangimento, com calor se espalhando desde os meus dedos dos pés. O comentário é tão inesperado que não sei o que dizer. Mas ele não parece envergonhado. Apenas fica ali sentado, olhando para mim. Típico de Kent. Ele nunca entendeu que a pessoa não pode simplesmente dizer uma coisa dessas.

O silêncio durou um pouco demais. Procuro alguma coisa para dizer.

— Esta sala deve ficar bem-iluminada durante o dia.

Kent ri.

— É como estar no meio do sol.

Silêncio novamente. Ainda conseguimos ouvir a música, mas está abafada, como se precisasse viajar vários quilômetros antes de nos alcançar. Gosto disto.

— Escute. — Só de tentar dizer o que quero faz com que um nó inche na minha garganta. — Sinto muito por antes. Eu realmente... Obrigada por fazer eu me sentir melhor. Desculpe por sempre ter sido... — No último segundo não consigo dizer, afinal. *Desculpe por sempre ter sido péssima. Desculpe por haver alguma coisa errada comigo.*

— Fui sincero sobre o que falei antes — Kent diz calmamente. — Sobre o seu cabelo.

Ele se move singelamente — uma fração de centímetro, se aproximando

—, e percebo que estou sentada no centro de uma sala iluminada pelo luar com Kent McFuller.

— É melhor eu ir. — Levanto. Ainda não estou com os pés muito firmes, e a sala cambaleia comigo.

— Ei. — Kent se levanta, esticando a mão para me ajeitar. — Tem certeza de que está bem?

— Eu... — Ocorre-me que não sei para onde ir e que não tenho ninguém para me levar. Não posso suportar a ideia de Tara sorrindo para mim, e Lindsay obviamente está fora de cogitação. A essa altura é tão horrível que chega a ser engraçado, e solto uma breve gargalhada. — Não quero ir para casa.

Kent não pergunta por quê. Fico agradecida por isso. Ele simplesmente põe as mãos nos bolsos. Os contornos de seu rosto são tocados por luz, como se ele brilhasse.

— Você podia... — Ele engole em seco. — Você podia ficar aqui.

Olho fixamente para ele. Graças a Deus está escuro. Não faço ideia de como está o meu rosto.

Ele gagueja rapidamente: — Não do tipo, *ficar* comigo. Óbvio que não. Só quis dizer... bem, temos alguns quartos de hóspede, com lençóis já arrumados na cama e tudo mais. Lençóis limpos, obviamente, não os mantemos depois que as pessoas...

— Tudo bem.

— ...usam, isso seria nojento. Na verdade temos uma empregada que vem duas vezes por semana e...

— Kent? Eu disse “tudo bem”. Quer dizer, eu gostaria de ficar. Se você não se importar.

Ele fica ali parado por um segundo com a boca aberta como se estivesse certo de que me ouviu mal. Em seguida, tira as mãos dos bolsos, enrola-as e as desenrola, ergue-as e as bate contra as próprias coxas.

— Claro, é, não, não tem problema nenhum.

Mas, por mais um minuto, ele não se mexe. Simplesmente me encara. O calor retorna, só que desta vez está se movendo dentro da minha cabeça, deixando tudo parecer nublado e remoto. Meus olhos de repente estão pesados.

— Você está cansada — ele diz, e sua voz está suave outra vez.

— Foi um longo dia — digo.

— Vamos. — Ele estica a mão e a pego sem pensar. Está morna e seca, e, enquanto ele me guia para dentro da casa, para longe da música, nas sombras, fecho os olhos e me lembro de como ele costumava colocar a mão na minha e sussurrar: *Não dê ouvidos a eles. Apenas continue andando. Mantenha a cabeça erguida.* Parece que nenhum tempo passou. Não parece loucura o fato de eu estar de mãos dadas com Kent McFuller e permitir que ele me leve a algum lugar, parece normal.

A música desaparece completamente. Tudo está quieto demais. Nossos pés mal fazem barulho nos tapetes, e cada sala é uma teia de sombra e luar. A casa tem cheiro de madeira polida e chuva, e um pouco de fumaça de chaminé, como se alguém tivesse acendido uma fogueira recentemente. Penso: *Esta seria uma casa perfeita para se ficar presa durante uma nevasca.*

— Por aqui — diz Kent. Ele abre uma porta, que range nas dobradiças, e o ouço procurando por um interruptor de luz na parede.

— Não — digo.

Ele hesita.

— Sem luz?

— Sem luz.

Lentamente, ele me guia para dentro do quarto quase completamente escuro. Mal consigo identificar os contornos de seus ombros.

— A cama é aqui.

Deixo que ele me puxe para perto. Estamos apenas a alguns centímetros de distância, e é como se eu conseguisse *sentir* sua imagem na escuridão, como se estivesse tomando forma ao seu redor. Ainda estamos de mãos dadas, mas agora ficamos cara a cara. Nunca percebi como ele era alto: pelo menos uns dez centímetros a mais do que eu. Há uma quantidade estranha de calor saindo dele. Está em todo lugar, irradiando para fora, fazendo meus dedos formigarem.

— Sua pele — digo, mais baixo que um sussurro. — Está quente.

— É sempre assim — ele diz. Alguma coisa se move no escuro e sei que ele mexeu o braço. Seus dedos passeiam a um centímetro do meu rosto, e é como se eu conseguisse *vê-los*, queimando, quentes e brancos. Ele abaixa o braço, levando junto o calor.

E é a coisa mais estranha, mas ali com Kent McFuller, em um quarto tão escuro que poderia estar enterrado em algum lugar, sinto algo minúsculo faiscar dentro de mim, uma pequena chama na base do estômago que me

deixa sem medo.

— Tem cobertores extras no armário — ele diz. Os lábios dele estão ao lado da minha bochecha.

— Obrigada — sussurro de volta.

Ele fica até que eu me deite, em seguida puxa as cobertas por cima dos meus ombros como se fosse uma coisa normal, como se tivesse me colocado para dormir todas as noites da minha vida. Típico de Kent McFuller.

CINCO

É o seguinte, eu ainda estava procurando por respostas, então. Ainda queria saber por quê. Como se alguém fosse responder isso para mim, como se alguma resposta pudesse ser satisfatória.

Não naquele momento, mas depois comecei a pensar sobre o tempo e sobre como continua correndo, escoando e fluindo para todo o sempre, segundos se transformando em minutos, em dias, em anos, tudo conduzindo ao mesmo lugar, uma corrente conduzindo eternamente a uma direção. E todos nós estamos indo e nadando o mais rápido possível, ajudando-a.

O que estou querendo dizer é: talvez você possa se dar o luxo de esperar. Talvez para você haja um amanhã. Talvez para você haja mil amanhãs, ou três mil, ou dez, tanto tempo que você pode se banhar nele, girar, deixar correr como moedas entre os seus dedos. Tanto tempo que você pode desperdiçar.

Mas para alguns de nós só existe hoje. E a verdade é que nunca se sabe.

Acordo engasgando, o despertador me arrancando da escuridão, como se me resgatasse das profundezas de um lago. É a quinta vez que acordo em 12 de fevereiro, mas hoje me sinto aliviada. Desligo o alarme e fico deitada na cama, assistindo à luz leitosa se projetando nas paredes, esperando que meu coração volte ao ritmo normal. Uma faixa de sol aponta para cima sobre a colagem que Lindsay fez para mim. Na base ela escreveu em letras rosa e brilhantes: *Té amo para sempre*. Hoje eu e Lindsay somos amigas novamente. Hoje ninguém está com raiva de mim. Hoje não beijei o Sr. Daimler e não fiquei chorando desesperadamente sozinha em uma festa.

Bem, não totalmente sozinha. Imagino o sol enchendo a casa de Kent lentamente, espumando como champanhe.

Enquanto estou ali deitada, começo a fazer uma lista mental de todas as coisas que gostaria de fazer na vida, como se ainda fossem possíveis. A maioria delas não passa de uma grande loucura, mas não penso nisso, apenas sigo listando e listando como se fosse tão fácil quanto escrever uma lista de compras de supermercado. Andar de jatinho. Comer um croissant fresco em

uma casa de pães em Paris. Ir de Connecticut à Califórnia montada em um cavalo, parando nos melhores hotéis no caminho. Outras são um pouco mais simples: levar Izzy a Goose Point, um lugar que descobri na primeira e única vez que tentei fugir. Pedir o Banquete Gordo no jantar — um bacon cheeseburger, um milk-shake, e um prato inteiro de batatas fritas com queijo — e comer sem me estressar, como fazia todos os anos no meu aniversário. Correr pela chuva. Comer ovos mexidos na cama.

Quando Izzy entra no meu quarto e pula na cama, estou calma.

— Mamãe disse que você precisa ir ao colégio — diz Izzy, batendo a cabeça no meu ombro.

— Não vou ao colégio.

É isso: é assim que começa. Um dos melhores — e piores — dias da minha vida começa com essas quatro palavras.

Agarro a barriga de Izzy e faço cócegas nela. Ela ainda insiste em usar sua velha camiseta da Dora, a aventureira, mas é tão pequena que deixa a grande linha rosa da barriga dela — sua única gordura corporal — exposta. Ela gane de tanto rir, rolando para longe de mim.

— Pare, Sam. Eu disse, *Pare!*

Izzy está ganindo, rindo e se sacudindo quando minha mãe vem até a porta.

— São 6h45. — Ela fica parada na entrada, mantendo os dois pés alinhados atrás da linha vermelha de anos atrás. — Lindsay vai chegar a qualquer minuto.

Izzy afasta minhas mãos e senta, com os olhos brilhando. Nunca percebi antes, mas ela realmente se parece com a minha mãe. Fico triste por um minuto. Gostaria que ela fosse um pouco mais parecida comigo.

— Sam estava fazendo cócegas.

— Sam vai se atrasar. Você também, Izzy.

— Sam não vai à escola. E eu também não vou. — Izzy estufa o peito como se estivesse pronta para lutar. Talvez ela se torne parecida comigo, quando crescer. Talvez, quando o tempo for começar a avançar novamente, mesmo que eu seja varrida, como lixo em uma torrente, suas maçãs do rosto subam, ela tenha uma onda de crescimento e os cabelos escureçam. Gosto de pensar que sim. Gosto de pensar que mais tarde as pessoas vão dizer: *Izzy parece com a irmã, Sam.*

Vão dizer: *Lembra-se de Sam? Ela sempre foi bonita. Não sei ao certo o que mais podem dizer: Ela era gentil. As pessoas gostavam dela. Ela faz falta.* Talvez

nenhuma destas coisas.

Expulso o pensamento da minha mente e volto à lista mental. Um beijo que faz toda a minha cabeça parecer que está explodindo. Uma dança lenta no meio de uma sala vazia com uma música ótima. Nadar no mar à meia-noite, nua.

Minha mãe esfrega a testa.

— Izzy, vai tomar café. Tenho certeza de que a essa altura já está pronto.

Izzy se mexe por cima de mim. Aperto a gordurinha que ela tem embaixo do estômago e extraio um último gemido antes que ela pule da cama e saia porta afora. A única coisa capaz de fazer Izzy correr é um pão de passas com canela torrado com pasta de amendoim, e eu me imagino sendo capaz de dar a ela um pão de passas com canela com pasta de amendoim por todos os dias, pelo restante de sua vida, enchendo uma casa inteira com eles.

Quando Izzy sai, minha mãe me olha com rigidez.

— O que foi Sam? Você está se sentindo mal?

— Não exatamente. — Uma das coisas que não está na minha lista é passar um segundo que seja em um consultório médico.

— Então, o que há? Tem que haver alguma coisa. Pensei que o Dia do Cupido fosse um dos seus preferidos.

— É. Ou, quer dizer, era. — Levanto e me apoio nos cotovelos. — Não sei, é um pouco idiota, se parar para pensar.

Ela ergue as sobrancelhas.

Começo a falar, sem pensar sobre o que quero dizer antes de fazê-lo, mas depois percebo que é verdade.

— O único objetivo é mostrar para os outros quantos amigos você tem. Mas todo mundo sabe quantos amigos todo mundo têm. E não é como se a pessoa pudesse arranjar mais amigos assim, ou, sei lá, se aproximar ainda mais dos que já têm.

Minha mãe sorri levemente, com um dos cantos da boca subindo.

— Bem, você tem muita sorte por ter vários bons amigos e saber disso. Tenho certeza de que as rosas são muito importantes para algumas pessoas.

— Só estou dizendo que a coisa toda é um pouco besta.

— Essa não parece Samantha Kingston que conheço.

— É, bem, vai ver estou mudando. — Também não queria dizer essas palavras, até escutá-las. Então, penso que pode ser verdade, e sinto uma ponta de esperança. Talvez ainda haja chance para mim, afinal. Talvez eu *precise*

mudar.

Minha mãe me encara com uma expressão estranha no rosto, como se eu fosse uma receita que ela não consegue acertar.

— Aconteceu alguma coisa, Sam? Alguma coisa com suas amigas?

Hoje não fico tão irritada com a pergunta. Hoje acho um pouco engraçado, para falar a verdade. Gostaria muito que a única coisa me incomodando fosse uma briga com Lindsay, ou alguma besteira que Ally tivesse dito.

— Não são minhas amigas. — Procuro alguma coisa que vá fazê-la ceder.

— É... é Rob.

Minha mãe franze a testa.

— Vocês brigaram?

Desço um pouco na cama, com a esperança de parecer deprimida.

— Ele... ele me deu um pé na bunda. — De certa forma não é mentira. Não é como se ele tivesse terminado comigo, exatamente, mas talvez não fôssemos *sérios*, sérios como acreditei durante tanto tempo. É possível namorar sério alguém que não a conhece de verdade?

Funciona melhor do que eu esperava. Minha mãe põe a mão no peito.

— Oh, meu amor. O que aconteceu?

— Nós queríamos coisas diferentes, eu acho. — Mexo na ponta de edredom, pensando em todas aquelas noites sozinha com ele no porão, banhada por luz azul, me sentindo protegida de todo o mundo. Não preciso me esforçar muito para parecer chateada quando penso a respeito, e meu lábio inferior começa a tremer. — Acho que ele nunca gostou de mim de verdade. Não *de verdade, de verdade*. — Esta é a coisa mais honesta que disse para a minha mãe em anos, e, de repente, me sinto completamente exposta. Tenho um flashback de estar à frente dela quando tinha uns 5 ou 6 anos, tendo que me despir enquanto ela examinava o meu corpo à procura de carrapatos. Entro ainda mais nas cobertas, cerrando os punhos até minhas unhas enterrarem nas palmas das mãos.

Então, a coisa mais louca do mundo acontece. Minha mãe ultrapassa a linha vermelha e vai até a cama, como se não tivesse problema nenhum. Fico tão surpresa que nem sequer protesto enquanto ela se curva e beija minha testa.

— Sinto muito, Sam. — Ela afaga minha testa com o polegar. — Claro que você pode ficar em casa.

Esperava uma discussão e fico sem palavras.

— Quer que eu fique em casa com você? — ela pergunta.

— Não. — Tento sorrir. — Vou ficar bem. De verdade.

— Quero ficar em casa com Sam! — Izzy entrou porta adentro novamente, desta vez quase pronta para a escola. Ela está numa fase amarelo e rosa, não é uma boa combinação, mas é um pouco difícil explicar as paletas de cores para uma criança de 8 anos, e colocou um vestido mostarda sobre uma malha cor-de-rosa. Ela também está usando enormes meias amarelas. Está parecendo alguma espécie de flor tropical. Em parte, estou tentada a ter um ataque com a minha mãe, por ela deixar Izzy vestir o que quiser. As outras crianças, *com certeza* tiram sarro dela.

Mas acho que Izzy não se importa. Eis mais uma coisa que acho engraçada: minha irmã de 8 anos ser mais corajosa do que eu. Ela, provavelmente, é mais corajosa do que a maioria das pessoas do Thomas Jefferson. Fico imaginando se isso um dia vai mudar, se será arrancado dela.

Os olhos de Izzy são enormes e ela junta as mãos como se estivesse rezando.

— Por favor?

Minha mãe suspira, exasperada.

— De jeito nenhum, Izzy. Com você não há nada de errado.

— Estou me sentindo mal — diz Izzy. Soa ligeiramente falso, por ela estar saltitando e dando piruetas enquanto fala, mas Izzy nunca teve talento para mentir.

— Você já tomou seu café da manhã? — Minha mãe cruza os braços e faz cara de “mãe exigente”.

Izzy balança a cabeça afirmativamente.

— Acho que a comida me fez mal. — Ela se curva, põe a mão na barriga e imediatamente se agita e começa a saltitar outra vez. Não consigo evitar: uma risada escapole.

— Vamos, mãe — eu digo. — Deixe que ela fique em casa.

— Sam, por favor, não estimule. — Minha mãe vira para mim, sacudindo a cabeça, mas dá para perceber que ela está hesitando.

— Ela está no terceiro ano — digo. — Até parece que eles aprendem alguma coisa.

— Aprendemos sim! — vangloria-se Izzy, em seguida põe a mão sobre a boca quando lanço um olhar. Minha irmãzinha: aparentemente também não é uma campeã nas negociações. Ela balança a cabeça e logo começa a gaguejar.

— Quer dizer, não fazemos tanta coisa assim.

Minha mãe abaixa a voz.

— Você sabe que ela vai chateá-la o dia todo, certo? Você não prefere ficar sozinha?

Sei que ela está esperando que eu responda que sim. Durante anos esse foi o assunto da casa: Sam só quer ficar *sozinha*. Quer jantar? *Vou levar para o meu quarto*. Para onde você vai? *Só quero ficar sozinha*. Posso entrar? *Me deixe sozinha*. *Saia do meu quarto*. *Não fale comigo quando estou ao telefone*. *Não fale comigo quando estou ouvindo música*. *Sozinha, sozinha, sozinha*.

Mas as coisas mudam depois que você morre — acho que morrer é a coisa mais solitária que se pode fazer.

— Não me importo — digo, e estou sendo sincera.

Minha mãe joga as mãos para o alto e cede.

— Que seja. — Mas mesmo antes que ela acabe de dizer, Izzy já está correndo pelo meu quarto e pulando de barriga em cima de mim, lançando os braços em volta do meu pescoço e gritando: — Podemos ver televisão? Podemos fazer macarrão com queijo? — Ela está com cheiro de cocô, como sempre, e me lembro de quando ela era tão pequena que conseguíamos colocá-la na pia para dar banho, e ela ficava sentada ali rindo e sorrindo, jogando água como se o melhor lugar do mundo fosse um quadrilátero de porcelana 30 x 45 centímetros, como se a pia fosse o maior oceano do mundo.

Minha mãe me lança um olhar que diz: *Você estava pedindo*.

Sorrio por cima de Izzy e dou de ombros.

E é simples assim.

NO BOSQUE

É estranho quanto as pessoas mudam. Por exemplo, quando eu era pequena, adorava várias coisas — como cavalos, Banquete Gordo e Goose Point —, e com o tempo elas simplesmente desapareceram, uma após a outra, e foram substituídas por amigos, chats, celulares, meninos e roupas. É um pouco triste, se parar para pensar. Como se não houvesse qualquer continuidade nas pessoas. Como se algo se rompesse quando você faz 12 anos, ou 13, ou qualquer que seja a idade que você atinja quando não é mais criança, mas um “jovem adulto”, e depois disso você é uma pessoa totalmente diferente. Talvez até

menos feliz. Talvez uma pessoa pior.

Eis como descobri Goose Point: uma vez, antes de Izzy nascer, meus pais se recusaram a me dar uma bicicleta roxa com cestinha rosa de flores e sininho. Não lembro por quê — talvez eu já tivesse uma bicicleta —, mas enlouqueci e decidi fugir de casa. As regras para uma fuga bem-sucedida são: 1. Ir a algum lugar que você conheça.

2. Ir a algum lugar que mais ninguém conheça.

Não conhecia essas duas regras na época, obviamente, e acho que meu objetivo era o oposto: ir a algum lugar que eu não conhecesse e, em seguida, ser encontrada pelos meus pais, que se sentiriam tão mal que concordariam em me dar o que eu quisesse, inclusive a bicicleta (e talvez um pônei).

Era maio e estava quente. A cada dia a luz durava mais e mais. Uma tarde peguei minha bolsa de pano favorita e saí pela porta dos fundos (me lembro de ter pensado em como fui esperta ao evitar o quintal da frente, onde meu pai fazia trabalhos de jardinagem). Também me lembro exatamente do que tinha empacotado: uma lanterna, um casaco, um maiô, um pacote de Oreos, um exemplar do meu livro preferido, *Matilda*, e um colar falso de ouro e pérolas enorme que minha mãe havia me dado para usar no Halloween daquele ano. Eu não sabia para onde estava indo, então, segui reto, passei pelo deck, desci as escadas e atravessei o pátio de trás, no bosque que separava nossa casa da do vizinho. Segui a mata por algum tempo, com pena de mim mesma, e com uma leve esperança de que alguma pessoa muito rica me visse, ficasse com pena de mim, me adotasse e me desse uma garagem inteira de bicicletas roxas de presente.

Mas depois de um tempo comecei a curtir, como as crianças fazem. O sol estava nebuloso e dourado. Todas as folhas pareciam envoltas em luz, havia pequenos pássaros voando por todos os lados e camadas e mais camadas de musgo verde sob meus pés. Todas as casas se afastaram. Eu estava nas *profundezas* do bosque e imaginei ser a única pessoa a já ter ido tão longe. Imaginei que fosse viver ali para sempre, dormir em uma cama de musgo, usar flores no cabelo e viver em harmonia com ursos, raposas e unicórnios. Cheguei a um riacho e tive de atravessá-lo. Subi uma colina altíssima, tão grande quanto uma montanha.

No topo da colina havia a maior pedra que eu já havia visto. Curvava-se para cima e para fora da lateral da colina como um casco barrigudo de um navio, mas tinha um topo tão plano quanto uma mesa. Não tenho muitas

lembranças sobre aquela primeira viagem, além de ter comido os Oreos, um após o outro, e de ter me sentido dona de toda aquela parte do bosque. Também me lembro de que, quando voltei para casa, com dor de barriga depois de tantos biscoitos, fiquei decepcionada por meus pais não terem se preocupado muito comigo. Tinha certeza de que havia ficado longe durante horas e horas, mas o relógio mostrou que eu passara menos de quarenta minutos fora de casa. Foi então que decidi que aquela pedra era especial: que nela o tempo não passava.

Fui até lá muitas vezes naquele verão, sempre que precisava escapar, e no verão seguinte. Uma vez, estava eu estirada no topo da pedra, olhando para o céu todo rosa e roxo, como balas de parque de diversão, e vi centenas de gansos migrando, um V perfeito. Uma pena solitária flutuou pelo ar e aterrissou bem ao lado da minha mão. Batizei o lugar de Goose Point e durante anos guardei a pena em uma pequena caixa decorativa escondida em um dos cumes que corriam pelo contorno da pedra. Então, um dia a caixa sumiu. Concluí que tinha sido carregada durante uma tempestade e procurei pelas folhas e pela vegetação rasteira durante horas, e quando não consegui encontrá-la, chorei.

Mesmo depois que parei de montar, subi até Goose Point algumas vezes, apesar de ter passado a ir cada vez menos. Fui lá uma vez enquanto estava no sexto ano, depois que todos os meninos na educação física taxaram meu bumbum de “quadrado demais”. Fui para lá quando não recebi convite para a festa do pijama de Lexa Hill, mesmo sendo sua dupla na aula de ciências e tendo passado quatro meses rindo junto com ela sobre como Jon Lippincott era bonitinho. Cada vez que eu voltava para casa, menos tempo do que imaginava havia passado. Cada vez, ainda dizia para mim mesma, apesar de saber que era uma tolice, que Goose Point era especial.

Então, um dia Lindsay Edgecombe entrou na cozinha de Tara Flute quando eu estava lá, aproximou o rosto do meu e sussurrou para mim: — Quer ver uma coisa? — E naquele instante minha vida mudou para sempre. Desde aquele dia nunca mais voltei.

Talvez tenha sido por isso que decidi levar Izzy até lá, apesar do frio absoluto que fazia do lado de fora. Quero ver se ainda é igual. É importante para mim, por algum motivo. E, além disso, dentre todas as coisas na minha lista mental, é a mais fácil. Não é como se um jatinho particular fosse pousar do lado de fora da minha casa. E um mergulho pelada agora me colocaria na

cadeia, ou me traria pneumonia, ou ambos.

Então, acho que é minha melhor opção. E acho que é quando começo a me tocar: a questão é, você faz o que pode.

*

— Tem certeza de que esse é o caminho certo? — Izzy está se sacudindo ao meu lado, enrolada em tantas camadas que parece o abominável homem das neves. Como sempre, ela insistiu em usar acessórios e veste protetores de orelha rosa e preto com listras de leopardo, e dois cachecóis diferentes.

— É o caminho certo — digo, apesar de, inicialmente, ter certeza de que estávamos no lugar errado. Tudo é tão *pequeno*! O riacho, um fio de água fino, preto e congelado, cheio de teias de gelo, não é mais largo do que um passo. A colina além se ergue um pouco, apesar de nas minhas lembranças sempre ter sido uma montanha.

Mas a pior parte é a construção nova. Alguém comprou o terreno, e há duas casas em estágios diferentes de conclusão. Uma delas é apenas um esqueleto, erguendo-se do chão, apenas madeira, cavacos e espigões, como um navio naufragado trazido para a terra. A outra está quase pronta. É enorme e inexpressiva, como a casa de Ally, e fica na colina, como se estivesse nos encarando. Levo algum tempo para perceber por quê: não existem cortinas em nenhuma das janelas ainda.

Sinto o enorme peso da decepção. Vir aqui foi obviamente má ideia, e me lembro de algo que minha professora de inglês, a Sra. Harbor, disse uma vez durante um de seus devaneios. Ela disse que a razão pela qual nunca se pode voltar para casa — estávamos estudando uma lista de citações famosas e discutindo os significados, e uma delas, de Thomas Wolfe, “Não se pode voltar para casa” — é que os *lugares* não necessariamente mudam, mas as *pessoas*, sim. Então, nada parece igual.

Estou prestes a sugerir darmos meia-volta, mas Izzy já saltou sobre o riacho e está subindo a colina.

— Vamos! — ela grita por cima do ombro. Então, quando está a apenas quinze metros: — Eu aposto corrida com você!

Pelo menos Goose Point é tão grande quanto me lembro. Izzy sobe no

topo plano, e eu vou atrás dela, com os dedos já dormentes dentro das luvas. A superfície está coberta por folhas congeladas e quebradiças, e uma camada de gelo. Tem espaço suficiente para nós duas nos esticarmos, mas Izzy e eu nos aproximamos para nos mantermos aquecidas.

— Então, que tal? — digo. — Você acha que é um bom esconderijo?

— O melhor. — Izzy inclina a cabeça para trás, para olhar para mim. — Você realmente acha que o tempo passa mais devagar aqui?

Dou de ombros.

— Eu achava isso quando era pequena. — Olho em volta. Detesto o fato de que agora dê para ver casas daqui. Antigamente parecia tão remoto, tão secreto. — Era muito diferente. Muito melhor. Para começar, não havia nenhuma casa. Então, você realmente se sentia como se estivesse no meio do nada.

— Mas desse jeito, se você precisar ir ao banheiro, você pode bater à porta de alguém e pedir. — Ela arrasta tudo que tem som de S: dessssssse, ssssse, vocccê, preccccisar.

Eu rio.

— É, acho que sim. — Ficamos em silêncio por um segundo. — Izzy?

— Oi?

— As... as outras crianças tiram sarro de você? Por causa do jeito como você fala?

Sinto-a enrijecer sob todas aquelas camadas.

— Às vezes.

— Então, por que você não faz alguma coisa a respeito? — pergunto. — Você podia aprender a falar de outro jeito, sabia?

— Mas esta é a minha voz — ela diz, calma, mas com insistência. — Como você saberia quando eu estivesse falando?

Essa é uma resposta tão estranha de Izzy que não consigo pensar em nada para dizer, então apenas estico os braços e a aperto. Existem tantas coisas que eu queria falar para ela, tantas coisas que ela não sabe: sobre como eu me lembro de quando ela veio do hospital, uma bolotinha rosa com um sorriso permanente, que costumava dormir agarrando meu dedo indicador; sobre como ela andava “de cavalinho” nas minhas costas pela praia em Cape Cod e agarrava meu rabo de cavalo para me guiar para um lado ou para o outro; como a cabeça dela era macia e peluda quando ela nasceu; que a primeira vez que for beijar alguém vai se sentir nervosa e achará estranho, e que não vai ser

tão bom quanto ela gostaria que fosse, e que isso não tem problema; como só deveria se apaixonar por pessoas que se apaixonassem por ela também. Mas, antes que eu possa dizer qualquer coisa, ela já está engatinhando para longe de mim, ganindo.

— Olhe, Sam! — Ela desliza para perto da ponta e puxa alguma coisa que está presa em uma fissura na pedra. Ela gira sobre os joelhos, segurando triunfante: uma pena, branca, com as bordas cinza, encharcada de gelo.

Sinto como se meu coração se partisse naquele segundo, pois sei que nunca vou conseguir dizer a ela nenhuma das coisas que gostaria. Não sei nem por onde começar. Em vez disso, pego a pena dela e guardo em um dos bolsos do meu casaco North Face.

— Vou guardar em segurança — digo. Em seguida deito na pedra gelada e olho para o céu, que começa a escurecer enquanto a tempestade se aproxima. — Temos que ir para casa logo, Izzy. Vai chover.

— Logo. — Ela deita ao meu lado, colocando a cabeça no meu ombro.

— Você está suficientemente aquecida?

— Estou bem.

Na verdade não fica tão frio quando estamos abraçadas, e abro um pouco o zíper do casaco no pescoço. Izzy rola e estica o braço, pegando meu colar de ouro de pássaro.

— Por que a vovó não me deu nada? — pergunta ela. É um hábito corriqueiro.

— Você ainda não existia, bobinha.

Izzy não para de se mexer.

— É bonito.

— É meu.

— Vovó era boazinha? — Isso também faz parte da rotina.

— Sim, ela era boazinha. — Também não me lembro muito dela, para falar a verdade, ela morreu quando eu tinha 7 anos, exceto os movimentos que fazia quando penteava meu cabelo, e o fato de que vivia cantarolando trilhas sonoras, independente do que estivesse fazendo. Ela fazia muffins de chocolate com laranja enormes, e o meu era sempre o maior. — Você teria gostado dela.

Izzy sopra ar entre os lábios.

— Eu gostaria que ninguém morresse — ela diz.

Sinto minha garganta se fechar, mas consigo sorrir. Dois desejos conflitantes

passam por mim ao mesmo tempo, cada um tão afiado quanto uma lâmina: *Quero vê-la crescer* e *Nunca mude*. Ponho a mão na cabeça dela.

— Ficaria cheio demais, Fizz — eu digo.

— Eu me mudava para o oceano — Izzy diz, cheia de razão.

— Eu costumava ficar deitada aqui assim durante todo o verão — digo a ela. — Eu vinha aqui e simplesmente ficava olhando para o céu.

Ela rola sobre as costas, de modo que olha para cima também.

— Aposto que essa vista não mudou muito, mudou?

O que ela diz é tão simples que quase rio. Ela tem razão, é claro.

— Não. Isso continua exatamente igual.

Acho que o segredo é esse, se você gostaria que as coisas voltassem a ser como antes. Basta olhar para cima.

PELA ESCURIDÃO

Checo o telefone quando chego em casa: três novas mensagens. Lindsay, Elody e Ally, cada uma me mandou exatamente o mesmo texto: *Dia do Cupido <3 vc*. Provavelmente estavam juntas quando mandaram. É uma coisa que fazemos às vezes, digitamos e enviamos a mesma mensagem, na mesma hora. É uma bobagem, mas me faz sorrir. Mas não respondo. De manhã mandei uma mensagem para Lindsay, dizendo que ela deveria ir ao colégio sem mim, mas, apesar de não estarmos brigadas hoje, me senti estranha ao mandar o tradicional “bjs” no final. Em algum lugar — em um tempo alternativo, ou lugar, ou vida, ou alguma coisa —, ainda estou com raiva dela, e ela de mim.

É impressionante como as coisas mudam com facilidade, como é fácil começar na mesma estrada que sempre pega e parar em um lugar novo. Um passo em falso, uma pausa, um desvio, e você acaba com novos amigos, uma reputação ruim, um namorado, ou um término de namoro. Nunca me ocorreu antes; nunca pude enxergar. E me faz sentir, estranhamente, como se todas essas possibilidades existissem simultaneamente, como se cada momento que vivemos contivesse milhares de outros momentos diferentes.

Talvez eu e Lindsay sejamos melhores amigas e odiemos uma à outra. Talvez eu só esteja a uma aula de matemática de ser uma vadia como Anna Cartullo. Talvez eu seja como ela, no fundo. Talvez todas nós sejamos: um almoço de distância de ter de comer sozinha no banheiro. Fico imaginando se

é possível algum dia saber a verdade sobre outra pessoa, ou se o melhor que podemos fazer é tropeçarmos uns nos outros, com as cabeças abaixadas, torcendo para evitar uma colisão. Penso em Lindsay no banheiro do Rosalita's e fico imaginando quantas pessoas guardam segredos como pequenos punhos, como pedras nos estômagos. Todas elas, talvez.

A quarta mensagem é de Rob e diz simplesmente: *Vc tá doente?* Deleto e desligo o telefone.

Eu e Izzy passamos o restante da tarde assistindo a velhos DVDs, a maioria de filmes da Disney e da Pixar, que nós duas adoramos, como *A Pequena Sereia* e *Procurando Nemo*. Fazemos pipoca com manteiga extra e molho Tabasco, do jeito que meu pai sempre faz, e vamos para a saleta com todas as luzes apagadas enquanto o céu do lado de fora escurece cada vez mais, e as árvores começam a se mexer com o vento. Quando minha mãe volta para casa, nós pedimos uma Sexta-feira Formaggio — costumávamos ir ao mesmo restaurante italiano todas as sextas-feiras e era assim que chamávamos, pois o restaurante (que tinha toalhas de mesa de plástico xadrez vermelho e branco, um tocador de acordeão e rosas de plástico sobre as mesas) era muito brega — e ela diz que vai pensar a respeito, o que significa que vamos.

Faz muito tempo desde a última vez que passei uma noite de final de semana em casa, e quando meu pai chega e me vê com Izzy no sofá, ele passa pela porta, com a mão no coração, como se estivesse tendo um infarto.

— Isso é uma alucinação? — ele pergunta, colocando a pasta no chão. — Poderia ser? Samantha Kingston? Em casa? Numa sexta-feira?

Reviro os olhos.

— Não sei. Você tomou muito ácido nos anos 1960? Será que pode ser um flashback?

— Eu tinha 2 anos em 1960. Cheguei atrasado demais para aquela festa. — Ele se abaixa e me dá um beijo na cabeça. Me afasto por força do hábito. — E não vou nem perguntar como você sabe sobre flashbacks de ácidos.

— O que é um flashback de ácido? — pergunta Izzy.

— Nada. — Eu e meu pai dissemos ao mesmo tempo, e ele sorri para mim.

Acabamos indo para o Formaggio (nome oficial: Luigi's — Cozinha Italiana Caseira), que na verdade não é mais Formaggio (ou Luigi's) há alguns anos. Há cinco anos um sushi bar se mudou para lá e substituiu todos os azulejos de *art déco* e lampiões de vidro por mesas metálicas polidas e um

longo bar de madeira de carvalho. Mas não importa. Sempre será o Formaggio para mim.

O restaurante está supercheio, mas conseguimos uma das melhores mesas, bem ao lado dos grandes aquários de peixes exóticos que ficam perto das janelas. Como sempre, meu pai faz uma piada sem graça sobre quanto gosta de restaurantes em que vê a comida crua, e minha mãe diz para ele continuar com a arquitetura e deixar a comédia para os profissionais. No jantar, minha mãe é mais boazinha do que nunca comigo, pois ela pensa que estou passando por um trauma de término de namoro, e eu e Izzy pedimos metade do cardápio, e nos enchemos de *edamame*, *shumai* de camarão, *tempura* e salada de algas antes mesmo de o prato principal chegar. Meu pai toma duas cervejas, fica um pouco alegre e nos entretém com histórias sobre clientes malucos, minha mãe fica me dizendo para pedir o que eu quiser e Izzy põe um guardanapo na cabeça e finge ser uma peregrina provando rolinho Califórnia pela primeira vez.

Até então, é um bom dia — um dos melhores. Quase perfeito, para falar a verdade, apesar de nada de especial ter acontecido. Acho que provavelmente tive muitos dias como este. Mas, de alguma forma, nunca é desses que você se lembra. Agora isso me parece errado. Penso em ter ficado deitada na casa de Ally no escuro, pensando se já tinha passado um dia digno de ser revivido. Ao que me parece, reviver o de hoje diversas vezes não seria tão ruim, e imagino que é isso que vou fazer — continuar assim, sem parar, até o tempo se esgotar, até o universo parar.

Logo antes de pedirmos a sobremesa, um grupo grande de calouras e alunas do segundo ano que reconheço do Thomas Jefferson entra, enchendo o lugar. Algumas delas ainda estão usando agasalhos do time de natação. Devem ter tido uma reunião tarde. Parecem tão jovens, com os cabelos varridos do rosto, rabos de cavalo, sem maquiagem — totalmente diferente de como ficam quando aparecem nas nossas festas, quando a sensação é a de que passaram uma hora e meia pegando amostras grátis no balcão da MAC. Algumas percebem que estou olhando e abaixam os olhos.

— Sorvete de chá-verde e de feijão-vermelho. — A garçonete coloca uma vasilha grande com quatro colheres na nossa frente. Izzy vai com tudo no de feijão-vermelho.

Meu pai resmunga e põe a mão na barriga.

— Não sei como você ainda pode estar com fome.

— Estou em fase de crescimento. — Izzy abre a boca, mostrando o sorvete derretendo na língua.

— Eca, Izzy. — Com minha colher pego um pouco de chá-verde.

— Sykes! Ei! Sykes!

Giro ao ouvir o nome. Uma das meninas do time de natação está quase em pé, acenando, examino o restaurante, procurando por Juliet, mas há apenas uma pessoa na porta. Ela é magra, pálida e muito loura, está parada e sacudindo os ombros para tirar a chuva da jaqueta. Levo um segundo para reconhecê-la, mas enquanto ela gira em um círculo perfeito procurando pelas amigas, o faço: o Cupido da aula de matemática — a anja que me entregou minhas rosas.

Quando vê o restante das colegas de time, ela levanta a mão com rapidez e balança os dedos singelamente. Em seguida, começa a ir em direção a elas, e ao passar pela nossa mesa vejo o agasalho do time em azul neon e laranja, e é como se o restaurante inteiro congelasse e só restassem aquelas cinco letras, acesas como sinais: SYKES.

A irmã caçula de Juliet.

— Terra para Sammy. — Izzy está me cutucando com o cabo da colher. — Seu sorvete está derretendo.

— Não estou mais com fome. — Ponho a colher na mesa e me afasto.

— Aonde você vai? — Minha mãe estica a mão e segura meu pulso, mas quase não sinto.

— Cinco minutos. — Então estou caminhando para a mesa do time de natação, o tempo todo olhando para a menina pálida e o rosto em forma de coração. Não posso acreditar que não tenha visto a semelhança antes. Elas têm os mesmos olhos azuis separados, a mesma pele transparente e lábios claros. Mas, até recentemente, eu nunca tinha olhado de verdade para Juliet, apesar de a tê-la visto umas dez mil vezes.

As meninas do time de natação receberam seus cardápios e estão rindo e golpeando umas às outras. Claramente, ouço uma delas dizer o nome de Rob — provavelmente dizendo como ele fica lindo com o uniforme de lacrosse (eu sei; costumava dizer isso o tempo todo). Nunca me importei menos com nada na vida. Quando estou a mais ou menos um metro de distância, uma delas me vê e no mesmo instante a mesa toda fica em silêncio. A menina que falava sobre Rob fica da cor do cardápio que está segurando.

A pequena Sykes está espremida na ponta da mesa. Vou diretamente até ela.

— Oi. — Agora que estou aqui não sei exatamente por que vim. A parte mais engraçada é que *eu* é que estou nervosa. — Qual é o seu nome?

— Hum... eu fiz alguma coisa? — Ela está com a voz trêmula. As outras meninas não estão ajudando. Estão olhando para mim como se esperassem que a qualquer instante eu fosse atacar e engolir a cabeça dela ou coisa do tipo.

— Não, não. Eu só... — Dou um leve sorriso. Agora que posso ver, a semelhança entre ela e Juliet me enerva. — Você tem uma irmã mais velha, não tem?

Sua boca enrijece em uma linha fina e seus olhos ficam nublados, como se ela estivesse construindo um muro. Não a culpo. Ela, provavelmente, acha que vou tirar sarro dela por ter uma irmã mais velha esquisita. Deve acontecer muito.

Mas ela ergue o queixo e me olha nos olhos. Me lembra um pouco de algo que Izzy faria. *Sam não vai para a aula, e eu também não.*

— Tenho. Juliet Sykes. — Em seguida espera pacientemente, espera para que eu comece a rir.

Seus olhos estão tão firmes que olho para baixo.

— É. Eu... conheço Juliet.

— Conhece? — Ela ergue as sobrancelhas.

— Bem, mais ou menos. — Todas as meninas estão me olhando agora. Tenho a sensação de que elas estão se controlando para não deixarem o queixo cair. — Ela é... ela é meio que a minha parceira de laboratório.

Concluo que seja uma aposta segura. Ciências é disciplina obrigatória, e todos têm parceiros de laboratório.

O rosto da irmã de Juliet relaxa um pouco.

— Juliet é muito boa em biologia. Quer dizer, ela é muito boa no colégio. — Ela se permite sorrir. — Sou Marian.

— Oi. — Marian é um bom nome para ela: um nome puro, de alguma forma. Minhas palmas das mãos estão suadas. Seco-as na calça jeans. — Sou Sam.

Marian abaixa o olhar e responde com timidez: — Eu sei quem você é.

Dois braços se enrolam na minha cintura. Izzy surgiu atrás de mim. A ponta do seu queixo me cutuca na lateral.

— O sorvete já está quase acabando — ela diz. — Tem certeza de que não quer um pouco?

Marian sorri para Izzy.

— Qual é o seu nome?

— Elizabeth — Izzy responde orgulhosa, em seguida cede um pouquinho.

— Mas todo mundo me chama de Izzy.

— Quando eu era pequena todo mundo me chamava de Mary. — Marian faz uma careta. — Mas agora todos me chamam de Marian.

— Não me importo muito com Izzy — diz ela, mordendo o lábio, como se tivesse acabado de desistir.

Marian olha para mim.

— Você também tem uma irmãzinha?

De repente não aguento olhar para ela. Não aguento pensar no que vai acontecer mais tarde. Eu *sei*: a quietude da casa, o tiro.

E depois... o quê? Ela vai ser a primeira a descer as escadas? Será que aquela imagem final da irmã vai ser a que vai ficar, que apaga todas as outras lembranças que acumulou ao longo dos anos?

Entro em pânico, tentando pensar que lembranças Izzy tem de mim — terá de mim.

— Vamos, Izzy. Vamos deixar as meninas comerem. — Minha voz está falhando, mas acho que ninguém percebe. Acaricio Izzy na cabeça, e ela vai galopando de volta para a mesa.

As meninas à mesa estão ficando mais confiantes agora. Sorrisos surgem, e estão todas me olhando admiradas, como se não pudessem acreditar como estou sendo gentil, como se eu tivesse dado um presente a elas. Detesto isso. Elas deveriam me odiar. Se soubessem o tipo de pessoa que sou, me odiariam, com toda certeza.

Não sei por que Kent surge na minha mente exatamente naquele instante, mas ele surge. Ele também me odiaria se soubesse de tudo. Essa percepção me deixa estranhamente chateada.

— Diga a Juliet para não fazer aquilo — digo impulsivamente, e não consigo acreditar no que falei.

Marian franze a testa.

— Fazer o quê?

— Uma coisa do projeto de ciências — digo rapidamente. Começo a me virar, então acrescento: — Ela vai saber do que estou falando.

— Tudo bem. — Marian está sorrindo para mim. Começo a me virar, mas ela me chama de volta. — Sam!

Giro, e ela põe a mão na boca e ri, como se não acreditasse que teve

coragem de dizer meu nome.

— Vou ter que falar para ela amanhã — ela diz. — Juliet vai sair hoje. — Ela fala como se estivesse dizendo *Juliet vai ser a oradora da turma*. Posso até imaginar a cena. Mãe, pai e irmã no andar de baixo, Juliet trancada no quarto como sempre, ouvindo música, sozinha. Então — milagre dos milagres —, ela desce, com o cabelo para trás, confiante, descolada, anunciando que está indo a uma festa. Eles devem ter ficado tão felizes, tão orgulhosos! Sua menininha solitária se saindo bem no fim do último ano.

Para a festa de Kent. Para encontrar Lindsay — para me encontrar. Para ser empurrada, levar rasteiras e ser encharcada de cerveja.

O sushi não está mais caindo tão bem de repente. Se tivessem ideia...

— Mas amanhã digo para ela, sem dúvida. — Marian irradia alegria, um farol caindo sobre mim no escuro.

*

Durante todo o caminho de volta para casa tento me esquecer de Marian Sykes. Quando meu pai me deseja boa-noite — ele está sempre pronto para desmaiar depois de uma cerveja e hoje ele tomou (ufa!) duas —, estou tentando me esquecer de Marian Sykes. Quando Izzy entra, meia hora depois, de banho tomado e cheirosa, com os velhos pijamas da Dora, e me dá um beijo molhado na bochecha, estou tentando esquecê-la: e uma hora depois disto, quando minha mãe para na minha porta e diz: *Estou orgulhosa de você, Sam*, ainda estou pensando nela.

Minha mãe vai deitar. O silêncio ocupa a casa. Em algum lugar na escuridão profunda há um relógio, e quando fecho os olhos, imagino Juliet Sykes vindo calmamente na minha direção, com os sapatos batendo levemente no chão de madeira, sangue escorrendo de seus olhos...

Sento na cama, com o coração acelerado. Em seguida levanto e encontro meu North Face no escuro.

Hoje de manhã jurei que não havia nada no mundo capaz de me fazer voltar para a festa de Kent, mas cá estou, descendo nas pontas dos pés, andando furtivamente pelos corredores escuros, pegando as chaves da minha mãe na saleta. Mamãe foi incrivelmente humana hoje, mas a última coisa que preciso é

de uma conversa do tipo: o-que-me-faz-pensar-que-eu-posso-matar-aula-e-depois-sair.

Tento dizer a mim mesma que Juliet Sykes não é problema meu, mas fico imaginando como seria horrível se hoje fosse o dia dela. Se ela tivesse que revivê-lo sem parar. Acho que todo mundo — até Juliet Sykes — merece morrer em um dia melhor que este.

As dobradiças das portas dos fundos e da frente rangem tão alto que poderiam ser despertadores (às vezes acho que meus pais fizeram isto de propósito). Na cozinha, ponho um pouco de azeite cuidadosamente em um papel toalha e esfrego nas dobradiças da porta de trás. Lindsay me ensinou esse truque. Ela vive desenvolvendo maneiras novas e melhores de escapar, apesar de não ter hora para voltar, e não tem a menor importância quando ela sai e quando volta para casa. Acho que ela sente falta disso, para falar a verdade. Acho que é por isso que é sempre tão meticulosa com os detalhes — ela gosta de fingir que precisa ser.

A porta com dobradiças temperadas à italiana abre com um leve sussurro, e estou do lado de fora.

*

Na verdade não pensei sobre por que estou indo para a casa de Kent, ou no que vou fazer quando chegar, e em vez de ir diretamente para lá, me vejo dobrando em ruas aleatórias e becos sem saída, circulando para cima e para baixo. As casas ficam em sua maioria afastadas da rua, e as janelas acesas aparecem magicamente no escuro, como luminárias penduradas. É incrível como tudo parece diferente à noite — quase irreconhecível, principalmente na chuva. Casas erguem-se pesadamente em seus gramados, aninhadas e vivas. É tão diferente da Ridgeview durante o dia, quando tudo é limpo, polido e cuidadosamente aparado, quando tudo se desdobra de maneira ordenada, maridos indo para seus carros com canecas de café, mulheres seguindo logo atrás, vestidas com roupas de pilates, menininhas com vestidos Baby Gap, cadeirinhas de carro, utilitários Lexus, copos da Starbucks e *normalidade*. Fico imaginando qual é a versão real.

Quase não há carros na rua. Continuo me arrastando, a 25 quilômetros por

hora. Estou procurando alguma coisa, mas não sei o quê. Passo pela rua de Elody e continuo. Cada poste forma um funil de luz, iluminando brevemente o interior do carro, antes de me deixar novamente na escuridão.

Meus faróis iluminam uma placa de rua verde e torta a quinze metros à frente: Serenity Place. De repente me lembro de estar sentada na cozinha de Ally no primeiro ano enquanto a mãe dela falava ao telefone sem parar, caminhando para um lado e para outro na varanda com pés descalços e calça de ioga.

— Está recebendo a dose diária de fofoca — dissera Ally, rolando os olhos. — Mindy Sachs é melhor do que a *Us Weekly*. — E Lindsay destacou quanto era irônico Sra. Sachs morar em Serenity Place, lugar da serenidade, *como se ela não trouxesse o barulho consigo*, e foi a primeira vez que entendi realmente o significado da palavra irônico.

Giro o volante no último segundo e freio, passando por Serenity Place. Não é uma rua longa — não há mais do que duas dúzias de casas nela —, e como tantas em Ridgeview, desemboca em um beco sem saída. Meu coração pula quando vejo um Saab prateado estacionado cuidadosamente em uma das entradas. A placa: MAE DE4. É o carro da Sra. Sachs. Devo estar perto.

A casa seguinte é número 59. É identificada por uma caixa de correio em forma de galo, que se ergue de um canteiro de flores que nesta época do ano não passa de uma mancha de sujeira preta. SYKES é a palavra impressa na asa do galo, em letras tão pequenas que é preciso procurar antes para conseguir ver.

Não consigo explicar, mas sinto como se fosse reconhecer a casa de qualquer jeito. Não há nada de *errado* com ela — não é diferente de nenhuma outra casa, não é a maior, nem a menor, bem-cuidada, tinta branca, janelas escuras, uma luz solitária acesa no andar de baixo. Mas há algo mais, alguma característica que não consigo identificar de fato que faz com que a casa pareça grande demais, como se algo do lado de dentro estivesse se esforçando para sair, como se o lugar estivesse a ponto de estourar suas junções. É uma casa desesperada, de algum modo.

Viro na entrada. Não tenho de estar aqui, sei disso, mas não consigo evitar. É como se algo estivesse me empurrando. A chuva está caindo forte, e pego um casaco velho no banco de trás — provavelmente de Izzy — e o utilizo para proteger minha cabeça enquanto salto do carro para a varanda da frente, minha respiração formando nuvens de fumaça à minha frente. Antes que possa

pensar muito a respeito do que estou fazendo, toco a campainha.

Demora um bom tempo para alguém atender à porta, e dou alguns pulinhos, tentando me manter aquecida, com a respiração se condensando à minha frente. Finalmente ouço um movimento no lado de dentro, em seguida dobradiças rangendo. A porta se abre, e vejo uma mulher, piscando para mim, confusa: a mãe de Juliet. Ela está com um roupão de banho, que mantém fechado com a mão. Ela é tão magra quanto Juliet, tem os mesmos olhos azuis-claros e a pele pálida que as duas filhas. Olhando para ela, me lembro de um fio de fumaça dançando no escuro.

— Posso ajudá-la? — Sua voz é muito suave.

Fico um pouco espantada. Por algum motivo esperava que fosse Marian que atenderia à porta.

— Meu nome é Sam, Samantha Kingston. Estou procurando por Juliet. — Como funcionou na primeira vez, acrescento: — Ela é minha parceira de laboratório.

Do lado de dentro, um homem — o pai de Juliet, imagino — grita: — Quem é? — A voz é aguda e alta, e tão diferente da voz da Sra. Sykes que chego para trás inconscientemente.

A Sra. Sykes se assusta um pouco, em seguida gira a cabeça para trás, abrindo mais alguns centímetros da porta, sem intenção. O corredor atrás dela está escuro. Sombras verdes e azuis passeiam em uma parede, imagens projetadas por uma televisão em um cômodo que não consigo ver.

— Não é ninguém — ela diz rapidamente, com a voz direcionada para a escuridão atrás dela. — É para Juliet.

— Juliet? Alguém está procurando Juliet? — Ele soa exatamente como um cachorro. *Au, au, au, au.* Luto contra um impulso nervoso e selvagem de rir.

— Eu cuido disso. — A Sra. Sykes se volta novamente para mim. Outra vez a porta se fecha um pouco com o movimento, como se ela estivesse se apoiando nela. Seu sorriso não chega exatamente aos olhos. — Juliet não está em casa agora. Posso ajudá-la com alguma coisa?

— Eu, bem, não fui à aula hoje. Tínhamos um trabalho importante... — Paro de falar, perdida, começando a me arrepender por ter vindo. Apesar do casaco da North Face, estou tremendo como uma louca. Devo *parecer* uma também, oscilando de um pé para outro, segurando um casaco sobre a cabeça como se fosse um guarda-chuva.

A Sra. Sykes parece notar, finalmente, que estou em pé na chuva.

— Por que você não entra — ela diz, e recua para o corredor. Sigo-a para o lado de dentro.

Uma porta aberta à esquerda leva ao final do corredor: é onde está a televisão. Posso ver uma poltrona e a silhueta de alguém sentado, os contornos de um maxilar enorme tocados pelo azul da tela. Lembro-me do que Lindsay dissera, sobre o pai de Juliet ser um alcoólatra. Lembro-me vagamente de ter ouvido esse mesmo boato, e mais alguma coisa também — que havia tido um acidente, algo sobre uma semiparalisia, comprimidos, ou alguma coisa. Gostaria de ter prestado mais atenção.

A Sra. Sykes me vê olhando e rapidamente vai até a porta, fechando-a. Agora está tão escuro que mal consigo ver, e percebo que continuo com frio. Se o aquecedor está ligado na casa, não consigo senti-lo. Ouço o som de um grito de filme de terror da sala de tevê, e o ritmo firme e sincopado de tiros.

Agora estou *definitivamente* arrependida de ter vindo. Por um segundo, tenho uma fantasia de que Juliet vem de uma família inteira de loucos assassinos em série e de que a qualquer instante a Sra. Sykes terá um momento *Silêncio dos Inocentes* comigo. *A família inteira é doida*, foi o que Lindsay dissera. A escuridão está me pressionado por todos os lados, sufocante, e quase dou um grito de gratidão quando a Sra. Sykes acende uma luz e o corredor surge iluminado e normal, e não cheio de troféus humanos mortos ou coisas equivalentes. Há um arranjo de flores secas em um lado da mesa decorado com laços, perto de um porta-retratos com uma foto de família. Gostaria de poder olhar mais de perto.

— Era importante, esse trabalho? — pergunta a Sra. Sykes, quase em um sussurro. Ela lança um olhar nervoso para a sala de televisão, e fico imaginando se acha que está falando alto demais.

— É que eu... eu meio que prometi a Juliet que pegaria algumas coisas para a apresentação de composição na segunda-feira. — Tento abaixar a voz, mas mesmo assim ela franze o rosto. — Pensei que Juliet tivesse dito que estaria em casa hoje à noite.

— Juliet saiu — ela diz, em seguida, como se estivesse desacostumada a dizer essas palavras e as tivesse testando na língua, e repete: — Ela saiu. Mas talvez tenha deixado algo para você?

— Eu poderia procurar — digo. Percebo que quero ver o quarto dela: é por isso que estou aqui. Preciso ver. — Ela, provavelmente, jogou em cima da cama, ou por lá. — Tento soar casual, como se eu e Juliet tivéssemos ótimas

relações, como se não fosse estranho eu aparecer na casa dela às dez e meia da noite de uma sexta-feira e tentar entrar no quarto dela.

A Sra. Sykes hesita.

— Talvez eu possa ligar para o celular dela — ela diz, em seguida acrescenta, desculpando-se: — Juliet detesta que entrem no quarto dela.

— Não precisa ligar para ela — digo rapidamente. Juliet provavelmente vai dizer para a mãe que me entregue para a polícia. — Não é tão importante. Pego amanhã.

— Não, não. Vou ligar para ela. Não levarei mais do que um segundo. — A mãe de Juliet já está desaparecendo para dentro da cozinha. É incrível como ela se move rápida e silenciosamente, como um animal entrando e saindo das sombras.

Considero fugir enquanto ela está na cozinha. Penso em ir para casa, deitar na cama e assistir a filmes velhos no meu computador. Talvez faça um bule de café e passe a noite acordada. Se eu não dormir, talvez hoje *tenha* que se tornar amanhã. Imagino quanto tempo posso passar sem dormir antes de perder a cabeça e começar a correr pela rua com roupas íntimas, tendo alucinações sobre aranhas roxas.

Mas, em vez disso, fico ali, esperando. Não há mais nada a fazer, então dou alguns passos para a frente e me curvo para olhar a fotografia na mesa. Por um segundo, fico confusa: é uma foto de uma mulher nada familiar, provavelmente de 25 ou 30 anos, com os braços envolvendo um rapaz bonito em uma camisa de flanela. As cores são todas saturadas e brilhantes, e o casal parece perfeito, brilhante, dentes brancos e sorrisos deslumbrantes e belos cabelos castanhos. Em seguida, vejo as palavras impressas no canto inferior da foto — ShadowCast Images, Ltda. — e percebo que não é sequer uma foto de família. É uma daquelas fotos genéricas que vêm com o porta-retratos, um anúncio brilhante e feliz para todos os momentos brilhantes e felizes que se pode eternizar na *moldura prateada 10 x 15, com detalhes de borboleta*. Ninguém se incomodou em substituí-la.

Ou talvez a família Sykes não tenha muitos momentos brilhantes e felizes para recordar.

Afasto-me rapidamente, desejando não ter olhado. Apesar de ser somente uma foto de dois modelos, sinto-me, estranhamente, como se tivesse visto alguma coisa pessoal demais, como se acidentalmente tivesse visto a parte interna da coxa, ou pelos no nariz de alguém, ou coisa do tipo.

A Sra. Sykes ainda não voltou, então saio do corredor e entro na sala à direita. É basicamente escura, e toda xadrez, laços e flores secas. Parece não ter sido redecorada desde os anos 1950.

Há uma luz solitária brilhando perto da janela, formando um reflexo circular na vidraça preta, uma versão da sala se desenha em miniatura ali.

E um rosto.

Um rosto berrando contra a janela.

Solto um grito de medo antes de perceber que isto, também, é um reflexo. Há uma máscara sobre a mesa bem à frente da janela, voltada para fora. Vou até ela e a levanto cuidadosamente de seu suporte. É um rosto feminino esculpido em jornal e costura vermelha, que cruza sobre a pele como cicatrizes horríveis. Palavras correm pela ponte do nariz e pela testa, algumas manchetes visíveis, ou quase visíveis, como SOLUÇÃO DE BELEZA e TRAGÉDIA SE ABATE, e pedaços de papel desenrolando de vários pontos no rosto, como se ela estivesse trocando de pele. A boca e os olhos são completamente cortados, e quando levanto a máscara para o meu rosto, se encaixa bem. O reflexo na janela é horrível; pareço algo doente, ou um monstro de um filme de terror. Não consigo desviar o olhar.

— Juliet fez isso.

A voz atrás de mim me faz saltar. A Sra. Sykes reapareceu e está apoiada contra a porta, franzindo o rosto para mim.

Tiro a máscara, devolvo-a rapidamente ao suporte.

— Me desculpe. Eu vi e... quis experimentar — concluo de forma ridícula.

A Sra. Sykes vem até mim e arruma a máscara, endireitando-a, certificando-se de que está alinhada corretamente.

— Quando Juliet era mais nova, ela vivia desenhando, fazendo esboços de coisas, pintando algo, ou costurando os próprios vestidos. — A Sra. Sykes dá de ombros, balançando uma das mãos. — Acho que ela não se interessa muito mais por essas coisas agora.

— Você falou com Juliet? — pergunto nervosa, esperando que ela me expulsa.

A Sra. Sykes pisca diversas vezes para mim, como se estivesse tentando me colocar em foco.

— Juliet... — ela repete, em seguida balança a cabeça. — Liguei para o telefone dela algumas vezes. Ela não atendeu. Ela geralmente não sai nos fins de semana... — A Sra. Sykes me olha desamparada.

— Tenho certeza de que está tudo bem — digo, o mais alegremente que consigo, sentindo como se cada palavra fosse uma faca entrando no meu abdome. — Ela provavelmente não ouviu o telefone tocar.

De repente a coisa que mais quero no mundo é sair dali. Não suporto ter de mentir para a Sra. Sykes. Ela parece tão triste, com sua camisola, pronta para dormir — como se já estivesse dormindo, mais ou menos. É como a casa toda parece, como se estivesse embrulhada em um sono pesado, do tipo que enrijece a pessoa, não permite que acorde, que a arrasta de volta para os lençóis, afogando-a, mesmo quando ela luta contra.

Imagino Juliet entrando furtivamente no quarto, no escuro e no silêncio, pela atmosfera de sono tão espessa que parece sólida, a canção dos tacos rangendo no chão e aquecedores sibilando quietamente, a lenta revolução de pessoas orbitando sem palavras ao redor umas das outras... E então...

Bangue.

A Sra. Sykes me acompanha de volta ao corredor da frente.

— Você pode vir amanhã — ela diz. — Tenho certeza de que até lá Juliet já terá tudo preparado. Ela é normalmente muito responsável. Uma boa menina.

— Claro. Amanhã. — Nem gosto de dizer a palavra e dou um rápido tchau antes de sair novamente pelo escuro até o meu carro.

Está ainda mais frio do que antes. A chuva, metade gelo, pinga no capô do meu carro enquanto fico ali sentada esperando o motor esquentar, soprando as mãos e tremendo, satisfeita por ter saído de lá. Assim que deixo a casa, um peso sai do meu peito, como se a atmosfera e a pressão do lado de dentro fossem diferentes, mais pesadas. Minha primeira impressão estava correta: é de fato uma casa desesperada. Vejo a silhueta da mãe de Juliet pela janela. Fico imaginando se ela está esperando até que eu saia, ou até que a filha chegue.

É quando tomo uma decisão. Sei o que vou fazer. Vou para a casa de Kent e agarrarei Juliet, e, se precisar, *baterei* na cara dela. Farei com que perceba como é idiota a ideia da morte (certamente, não está sendo fácil para mim). Se necessário for, amarro-a na traseira do carro para que ela não *possa* pôr as mãos na arma.

Percebo que nunca fiz nada de bom *de verdade* para alguém, pelo menos há muito tempo não faço. Às vezes atuo como voluntária para o Meals on Wheels, que entrega refeições em domicílio para pessoas incapacitadas, mas isso é porque as faculdades gostam desse tipo de coisa; a BU mencionou

caridade especialmente, no setor de inscrição do site. E, obviamente, sou legal com meus amigos e dou *ótimos* presentes de aniversário (passei um mês e meio colecionando saleiros em forma de vaca para dar para Ally porque ela adora vacas e sal). Mas geralmente não faço coisas boas só por fazer. Essa será minha boa ação.

Então, tenho um vislumbre de uma ideia. Lembro-me de quando estávamos estudando Dante na aula de inglês e Ben Gowan não parava de perguntar se alguma vez as almas do purgatório eram mandadas para o inferno (Ben Gowan uma vez foi suspenso por desenhar a figura de uma bomba explodindo no nosso refeitório, e várias cabeças decapitadas voavam por todos os lados, então, para ele, a pergunta era normal), e a Sra. Harbor embarcou em um de seus devaneios e disse que não, que não era possível, mas que alguns pensadores modernos cristãos acreditavam que era possível evoluir do purgatório para o paraíso uma vez que já tivesse passado tempo suficiente lá. Nunca acreditei de verdade em paraíso. Sempre me pareceu uma ideia louca: todo mundo feliz e reunido, Fred Astaire e Einstein dançando tango nas nuvens, esse tipo de coisa.

Mas também nunca acreditei que pudesse ter de reviver um dia para sempre. Não é mais louco do que o que já me aconteceu. Talvez o objetivo seja que eu tenha de provar que sou uma boa pessoa. Talvez eu precise provar que mereço seguir em frente.

Talvez Juliet Sykes seja a única coisa entre mim e uma eternidade de fontes de chocolate, um amor perfeito, meninos que sempre ligam quando dizem que vão ligar e sundaes de banana que ajudam a queimar calorias.

Talvez ela seja minha passagem.

MUITO ATRASADA

Nem perco meu tempo estacionando na entrada da casa de Kent. Não estou planejando passar muito tempo aqui e não quero que bloqueiem minha saída. Além disso, alguma coisa sobre atravessar o bosque na chuva me atrai. É um teste, mais uma maneira pela qual posso me sacrificar. E pelas minhas lembranças remotas da escola dominical (minha mãe desistiu disso depois que tive um tremendo acesso de raiva quando tinha 7 anos e ameacei me converter ao vodu, apesar de eu não saber ao certo o que era aquilo), sei que é

assim que funciona: você precisa sacrificar alguma coisa.

Encosto na curva da Route 9, pegando o casaco de Izzy novamente, que agora está ensopado. Mesmo assim, é melhor do que nada. Coloco-o sobre a cabeça e salto do carro, detendo-me por apenas um segundo. A estrada está vazia, trechos negros intercalados com poças fracas de luz amarela dos postes da rua. Tento localizar o ponto exato em que o carro de Lindsay derrapou naquela primeira noite, mas tudo parece igual. Pode ter sido em qualquer lugar. Volto mais uma vez, buscando lembranças da vida além da colisão, além da escuridão, mas não vejo nada.

Pego uma lanterna no porta-malas e saio pelo bosque.

É uma caminhada mais longa do que imaginei, e o solo alterna entre uma fina camada de gelo duro e uma substância barulhenta que suga meus tênis New Balance roxos como areia movediça. Após alguns minutos ouço a música fraca da festa, pulsando pela escuridão como se pertencesse a ela, com se o seu ritmo fosse parte da noite. Levo mais dez minutos até ver o brilho fraco de luzes iluminando esporadicamente entre as árvores — graças a Deus, pois já estava começando a pensar que andava em círculos —, e outros cinco antes de o bosque ficar menos denso e eu conseguir ver a casa, uma pilha enorme de bolo de sorvete naquele gramado, brilhando e escurecendo à medida que a chuva se desvia e abafa as luzes da varanda. Estou morrendo de frio e cem por cento arrependida de ter decidido caminhar. Esse é o problema com sacrifícios. São dolorosos, literalmente.

Assim que atravesso a porta, duas meninas riem e um grupo inteiro de pessoas do ano abaixo do meu fica de queixo caído. Não os culpo. Sei que devo estar com uma aparência horrorosa. Antes de sair de casa, nem me incomodei em trocar as calças de malha — uma enorme calça de tecido aveludado que minha mãe me deu quando ainda estava na moda.

Não perco tempo algum com os mais novos. Já estou preocupada com a possibilidade de ter chegado tarde demais.

Tara está descendo as escadas enquanto forço a passagem para cima e a agarro, inclinando-me para perto de seu ouvido.

— Juliet Sykes! — tenho de gritar.

— O quê? — ela grita de volta, sorrindo.

— Juliet Sykes! Ela está aqui?

Tara aponta a orelha para indicar que não está me ouvindo.

— Você está procurando por Lindsay?

Courtney está atrás de Tara e se estica para a frente, colocando o queixo no ombro de Tara.

— Encontramos o esconderijo secreto, rum e tudo mais. Tara quebrou um vaso — ela ri. — Quer um pouco?

Balanço a cabeça. Nunca estive tão sóbria perto de pessoas tão bêbadas e rezo para não ser tão irritante quanto elas quando estou alcoolizada. Continuo a subir as escadas enquanto Tara grita.

— Lindsay está no fundo.

Antes que eu saia completamente do raio de escuta, ouço Courtney ganir: — Você viu a roupa dela?

Respiro fundo e digo a mim mesma que não me importo. O que importa é encontrar Juliet. Pelo menos isso posso fazer.

Mas a cada passo perco a esperança. O corredor de cima está lotado, e, a não ser que ela não tenha vindo para a festa — o que parece ser querer muito —, me parece improvável que ela ainda não tenha ido embora.

Mesmo assim continuo, finalmente chegando à sala dos fundos. Lindsay salta em cima de mim assim que entro — ela pula por cima de cinco pessoas —, e por um segundo fico tão feliz em vê-la, feliz, bêbada e minha melhor amiga, em ser recebida com um de seus famosos abraços, que esqueço a razão pela qual estou aqui.

— Menina má. — Ela bate na minha mão, enquanto se afasta. — Você matou aula, mas veio para a festa. Safadinha, safadinha.

— Estou procurando uma pessoa — digo. Examino a sala: Juliet não está aqui. Não que eu esperasse que estivesse, sei lá, sentada no sofá conversando com Jake Somers, mas é instintivo — e anseio — procurar.

— Rob está lá embaixo. — Lindsay recua e levanta a mão, me enquadrando entre o polegar e o indicador. — Você parece o mendigo que roubou o Wal-Mart. Por acaso está tentando *não* se dar bem ou algo parecido?

A irritação volta. Lindsay, a que sempre tem alguma coisa a dizer.

— Você viu Juliet Sykes? — pergunto.

Lindsay me encara por uma fração de segundo, em seguida começa a gargalhar.

— Você está falando sério?

Uma sensação de enorme alívio cai sobre mim. Talvez ela não tenha aparecido. Talvez tenha tido problemas com o carro, ou perdeu a coragem, ou...

— Ela me chamou de vaca. — Naquele instante Lindsay me destrói. Ela veio. — Você pode acreditar? — Lindsay continua rindo. Ela põe um braço em volta do meu ombro e grita: — Elody! Ally! Sammy está aqui! E está procurando sua melhor amiga, Juliet!

Elody nem se vira; está ocupada demais com Steve Dough. Mas Ally vem na minha direção, sorri e grita: — Oi, amor! — Em seguida levanta a garrafa vazia de vodca. — Se você encontrar Juliet — ela grita —, pergunte que ela fez com o resto da minha bebida! — Ela e Lindsay acham isso hilário, e Lindsay grita de volta: — Psicotini!

Eu *estou* atrasada demais. A percepção do fato me deixa péssima, e minha raiva volta com tudo.

— Minha melhor amiga? — repito. — Engraçado. Achei que *você* fosse amiguinha de Juliet.

— Do que você está falando? — O rosto de Lindsay fica sério.

— Amigas de infância. Melhores amigas. Desde o berço. Viviam grudadas. — Lindsay parece a ponto de dizer alguma coisa novamente, mas a interrompo. — Eu vi as fotos. Então, o que houve? Ela a viu soltando pum ou coisa parecida? Viu você assoar o nariz sem lenço? Descobriu que a famosa Lindsay Edgecombe não é perfeita? O que ela fez de tão grave?

Lindsay abre a boca, em seguida a fecha novamente.

— Ela é uma aberração — sussurra ferozmente, mas vejo algo em seus olhos que nunca vi antes, uma expressão que não consigo identificar.

— Que seja. — Eu *tenho* de encontrar Juliet Sykes.

Luto para descer outra vez, ignorando as pessoas me chamando, cutucando meu ombro e sussurrando sobre o fato de que eu apareci em público com cara de quem está indo dormir — o que, é claro, foi exatamente o que aconteceu. Concluo que se for rápida o suficiente talvez encontre Juliet na saída. Ela deve ter estacionado em algum lugar. Provavelmente seu carro está bloqueado. Vai levar uma hora para fazer as pessoas tirarem os carros do caminho (se é que vai conseguir convencer alguém a ajudar, algo que duvido muito) e mais tempo ainda se decidir andar para casa.

Por sorte chego ao andar de baixo sem encontrar Rob no caminho. A última coisa de que preciso é me explicar para ele. Há um grupo de meninas do segundo ano perto da entrada, com expressões apavoradas e mais ou menos sóbrias, então, tento com elas.

— Vocês viram Juliet Sykes?

Elas me olham confusas.

Suspiro, engolindo a frustração.

— Cabelo louro, olhos azuis, alta. — Continuam me olhando com expressões vazias, e percebo que não sei exatamente como descrevê-la. *Perdedora*, quase digo. Teria dito há três dias. Mas agora não consigo. — Bonita — digo, testando a palavra. Quando não funciona, cerro os punhos. — Provavelmente estava ensopada.

Finalmente as faces das meninas se iluminam em reconhecimento.

— No banheiro — uma delas diz, apontando para o pequeno recanto na parede logo antes da cozinha. Há uma fila de pessoas reunidas na frente de uma porta fechada. Uma delas está cruzando as pernas e pulando. Outra não para de bater à porta. Outra aponta para o relógio e diz algo que não consigo ouvir, mas parece revoltada.

— Ela está lá há, tipo, uns vinte minutos — diz uma menina do segundo ano. Meu estômago embrulha e quase vomito ali mesmo.

Banheiros contêm remédios. Banheiros contêm giletes. As pessoas se trancam no banheiro quando planejam coisas ruins, como fazer sexo ou vomitar. Ou se matar.

Não é para ser assim. Tenho de salvá-la. Vou dando cotoveladas até o banheiro, passando pela fila de pessoas agrupadas ali.

— Saia da frente — digo para Joanne Polerno, e ela abaixa a mão e imediatamente chega para o lado.

Ponho o ouvido contra a porta, tentando escutar ruídos de choro, vômito ou qualquer coisa parecida. Nada. Meu estômago se contrai novamente. Mas está quase impossível escutar com a música tão alta.

Bato suavemente e grito.

— Juliet? Você está bem?

— Talvez ela esteja dormindo — diz Chrissy Walker.

Lanço-lhe um olhar que espero que indique quanto foi idiota e inútil o comentário.

Bato outra vez, apertando o rosto contra a porta. É difícil dizer se escuto um gemido fraco do lado de dentro — naquele segundo a música berra ainda mais alto, sufocando todo o restante. Mas posso imaginá-la lá, apagando, do outro lado da porta, com os pulsos cortados e sangue por todos os lados.

— Vá buscar o Kent — digo, respirando fundo.

— Quem? — diz Joanne.

— Tenho que fazer xixi — diz Rachel, saltitando.

— Kent McFuller. Agora. Vai — berro para Joanne, e ela parece atordoadada, mas segue pelo corredor. Cada segundo parece uma eternidade. É a primeira vez que entendo o que Einstein disse sobre a relatividade, sobre como o tempo gira e se estica como um chiclete.

— Por que você se importa? — diz Rachel, resmungando alto o suficiente para que eu consiga ouvir.

Não respondo. A verdade é que não tenho resposta. Preciso salvar Juliet — sinto isso. É minha boa ação. Preciso *me* salvar.

De repente não tenho certeza se isso me faz melhor ou pior do que alguém que não faz nada, então expulso o pensamento para fora da minha mente.

Joanne volta com Kent. Ele parece preocupado, com a testa enrugada sob o cabelo castanho caído em seus olhos. Meu estômago revira. Ontem estávamos em uma sala escura a não mais do que cinco centímetros de distância um do outro, tão perto que eu podia sentir o calor da sua pele.

— Sam — ele diz e se inclina para a frente para agarrar meu pulso, olhando fundo nos meus olhos. — Você está bem?

Fico tão surpresa com o toque repentino que recuo uma fração, e Kent recolhe a mão de volta. Não sei como explicar a maneira como isso me faz sentir vazia por dentro.

— Tudo bem — digo, totalmente ciente de como pareço ridícula para ele: o cabelo bagunçado, as calças. Ele, em comparação, está bem-alinhado. Há algo de bonitinho nos gastos tênis xadrez e nas calças largas, e as mangas da camisa dobradas, exibindo o bronzado que pegou sabe Deus onde. Certamente, não foi em Ridgeview nos últimos seis meses.

Ele parece confuso.

— Joanne disse que você precisava de mim.

— Preciso mesmo. — Soa estranho e intenso, e sinto um ataque furioso de rubor surgindo. — Quer dizer, não preciso de você. Só preciso... — Respiro fundo. Acho que vejo um brilho momentâneo nos olhos de Kent e me distraio. — Estou preocupada que Juliet Sykes esteja trancada no banheiro. — Assim que acabo de falar, me retraio. Pareço ridícula. Ele provavelmente irá dizer que estou louca. Afinal de contas, ele não sabe o que eu sei.

A centelha some e o rosto dele fica sério. Ele passa por mim e tenta abrir a porta, em seguida se detém por um segundo, pensando. Ele não me diz que

pareço louca, paranoica, ou coisa parecida.

— Não tem chave. Posso tentar abrir a tranca. E podemos sempre arrombar, se precisarmos.

— Vou ao banheiro lá em cima — anuncia Rachel, em seguida dá meia-volta e parte.

Kent põe a mão no bolso e retira um punhado de alfinetes.

— Não me pergunte — ele diz quando ergo as sobrancelhas. Levanto as mãos e não forço o assunto. Estou grata por ele tomar a iniciativa sem fazer perguntas.

Ele se abaixa, dobra o alfinete para trás e o utiliza para abrir a tranca. Ele mantém o ouvido pressionado contra a porta, como se quisesse escutar um clique. Finalmente sou vencida pela curiosidade.

— Você tem um emprego de ladrão de bancos depois da aula?

Ele sorri, tenta abrir a porta, coloca o alfinete de volta no bolso e tira um cartão de crédito da carteira.

— Nada disso. — Ele coloca o cartão na fenda entre o batente e a porta e sacode. — Minha mãe guardava as guloseimas trancadas na despensa.

Ele se levanta e gira a maçaneta. A porta se abre um centímetro, e meu coração dá um salto para a garganta. Parte de mim está torcendo para que o rosto de Juliet apareça, furioso, ou que a porta seja batida novamente pelo lado de dentro. É o que eu faria se alguém tentasse abrir a porta do banheiro quando eu estivesse dentro. Quer dizer, se eu ainda estivesse acordada — viva — para fechá-la.

Mas a porta não se move, fica ali, com aquele centímetro aberto. Eu e Kent simplesmente olhamos um para o outro inicialmente. Acho que nós dois estamos com medo de abrir mais.

Em seguida, Kent empurra a porta com o pé.

— Juliet? — ele chama enquanto a porta se abre.

Novamente, o tempo se estende; parece levar uma eternidade, e, naquele segundo, ou fração de segundo, consigo arrumar tempo para pensar em cada uma das terríveis possibilidades e imaginar o corpo dela estendido no chão.

Então, a porta acaba de abrir, e lá está o banheiro: perfeitamente limpo, perfeitamente normal e perfeitamente vazio. As luzes estão acesas, e há uma toalha de mão molhada na pia. A única coisa ligeiramente estranha é a janela. Está escancarada, e a chuva cai forte sobre os azulejos.

— Ela saiu pela janela — Kent diz, ao mesmo tempo em que penso isso.

Não consigo classificar seu tom de voz. É metade triste, metade admirado.

— Droga. — Claro. Depois de uma humilhação como aquelas, ela teria procurado a saída mais fácil, a que atraísse menos atenção. A janela dá para um gramado lateral, e, é claro, para o bosque. Ela deve ter pulado, planejado dar a volta em direção à entrada.

Corro para fora do banheiro. Kent grita: — Espere! — Mas já passei pelo corredor e pela porta de saída e estou atravessando a varanda.

Pego minha lanterna e o casaco atrás de uma máquina de plantio onde os havia deixado e vou para o gramado. A chuva não está tão ruim naquele instante, está mais para uma bruma gelada caindo em sólidas camadas, mas é o tipo de frio que passa direto por você. Mantenho minha lanterna apontada para o chão enquanto vou para a lateral da casa. Não sou exatamente uma mestra em rastreamento, mas já li romances de mistério o suficiente para saber que sempre se deve procurar por pegadas. Infelizmente a lama está tão grossa que tudo parece remexido. Mesmo assim, ao lado do banheiro encontro uma marca profunda, onde ela deve ter aterrissado, e uma série de marcas desordenadas que se encaminham, como eu havia suspeitado, diretamente para o bosque.

Enrolo o casaco com mais força na cabeça e saio atrás dela. Não consigo enxergar nada além de alguns centímetros de luz se estendendo em um círculo à minha frente. Nunca tive medo do escuro exatamente, mas o barulho interminável de coisas raspando, os gemidos das árvores e as batidas constantes da chuva nos galhos fazem com que a mata pareça estar viva e balbuciando, como uma daquelas pessoas malucas que você vê em Nova York, que estão sempre empurrando carrinhos de compras cheios de sacos vazios.

Não adianta nada seguir as pegadas de Juliet. São totalmente invisíveis no solo encharcado com folhas caídas, lama e galhos apodrecidos. Em vez disso, parto no que espero ser a direção da estrada, torcendo para encontrá-la na caminhada para casa. Tenho quase certeza de que é isto que ela pretende fazer. Se a pessoa está tão desesperada para abandonar uma festa — e as pessoas que nela estão —, que foge pela janela, é bem improvável que volte minutos depois para pedir aos outros que tirem seus Hondas da frente.

A chuva começa a apertar novamente, batendo nos galhos congelados, o som de osso contra osso. Meu peito dói com o frio, e, apesar de eu estar indo o mais rápido possível, meus dedos estão dormentes e estou com dificuldades para segurar a lanterna. Mal posso esperar para entrar no meu carro e ligar o

aquecedor no máximo. Em seguida vou dirigindo pelas ruas, procurando por ela. Na pior das hipóteses, intercepto-a na casa dela. Se eu conseguir sair desta porcaria de bosque.

Vou ainda mais rápido, quase correndo agora, tentando me manter aquecida. Às vezes grito “Juliet!”, mas não espero obter resposta. O barulho da chuva está se tornando mais pesado e constante, gotas grandes batem na minha nuca e me fazem engasgar.

— Juliet! Juliet!

O ruído se transforma em fúria. Adagas de água gelada me cortam. Continuo correndo, a lanterna pesa como chumbo na minha mão. Não consigo mais sentir meus dedos dos pés; nem sei se estou indo na direção certa. Posso estar correndo em círculos, até onde sei.

— Juliet!

Começo a ficar com medo. Dou uma volta completa, apontando a lanterna para a escuridão: nada além de árvores densas se fechando à minha volta. Não levei esse tempo todo para atravessar o bosque quando estava indo para a casa de Kent, tenho certeza. Meus dedos parecem ter o dobro do tamanho do que deveriam ter, e, enquanto giro, a lanterna voa da minha mão. Ouço uma batida e o som de algo se espatifando. A luz pisca e apaga, e fico na escuridão total.

— Droga. Droga, droga, droga. — Xingar em voz alta faz com que eu me sinta melhor. Dou alguns passos hesitantes na direção da lanterna, mantendo os braços esticados à minha frente para não colidir com nada. Após alguns passos confusos, caio de joelhos, destruindo instantaneamente minhas calças de ficar em casa, a umidade penetrando o tecido. Passo a mão na imundice à minha frente, tentando não pensar no que estou tocando. A chuva está caindo nos meus olhos. Meu casaco está grudado na pele e com cheiro de cachorro molhado. Estou tremendo incontrolavelmente. É isto que acontece quando você tenta ajudar os outros. Você se ferra. Sinto um nó se formando na minha garganta.

Para me impedir de ter uma crise completa, penso no que Lindsay diria se ficasse presa comigo no meio da noite, no meio de um bosque que se estende por não sei quantos quilômetros, no meio de uma monção, se me visse chorando no chão como uma toupeira alucinada, completamente coberta de lama.

“Samantha Kingston”, ela diria, sorrindo, “eu sempre soube que no fundo você era uma menina suja.”

O pensamento só me alegra por um segundo. Lindsay não está aqui comigo. Lindsay, provavelmente, está aos beijos com Patrick em uma sala quente e seca agora, ou passando um baseado para alguém e imaginando em voz alta com Ally por que eu estava agindo como louca. Estou completamente perdida, completamente infeliz e completamente sozinha. A minha garganta se comprime até que eu sinto como se tivesse um animal tentando sair dela.

E de repente sinto raiva de Juliet — tanta raiva que poderia socá-la. Não entendo como ela pode ser tão egoísta. Independente do que, independente de como as coisas possam ficar ruins, ela tem uma *escolha*. Nem todo mundo tem tanta sorte.

É então que ouço o som mais bonito que já ouvi em todos os meus 17 anos de vida (e cinco dias de pós-vida).

Ouço uma buzina.

O som está distante e desaparece quase na mesma hora que começa — uma lamúria baixa através da noite enquanto alguém que está acelerando se apoia na buzina. Estou mais perto da estrada do que tinha imaginado.

Levanto e vou o mais rápido possível até a fonte do som, mantendo os braços esticados como uma múmia, afastando galhos e escorregadias sempre-vivas. Meu coração bate acelerado, e me esforço para escutar algum barulho — qualquer outro — para me guiar. Após mais ou menos um minuto ouço outra buzina, esta mais próxima. Poderia chorar de alívio. Mais um minuto e escuto a vibração pulsante de um som, surgindo e desaparecendo enquanto o carro acelera. Mais um minuto e posso ver, fracamente pelo meio das árvores, o brilho da luz dos postes. Achei a estrada.

Enquanto as luzes se aproximam e as árvores diminuem, enxergo um pouco melhor, e começo a registrar. Estou tão ocupada fantasiando sobre pilhas e pilhas de cobertores — queria todos que pudesse encontrar em casa —, chocolate quente, pantufas e *banhos* que não vejo Juliet Sykes até o último segundo, quando quase tropeço nela.

Ela está abaixada há mais ou menos uns dois metros e meio da estrada, abraçando os joelhos. Sua blusa branca está totalmente transparente com a água, e posso ver seu sutiã — listrado — e todos os ossos da espinha. Estou tão surpresa de encontrá-la assim, que me esqueço temporariamente de que ela é a única razão pela qual estou aqui.

— O que você está fazendo? — pergunto, mais alto que a chuva.

Ela dirige o olhar para mim. Os postes de luz iluminam seu rosto. Seus

olhos estão entorpecidos.

— O que você está fazendo? — ela repete para mim.

— Eu, bem, estou procurando por você, para falar a verdade. — Seu rosto não registra qualquer emoção, nenhuma surpresa, nenhum choque, nenhuma raiva, nada. Fico completamente espantada. — Você não está com frio?

Ela balança a cabeça, fracamente, e fica me encarando com aqueles olhos entorpecidos e cansados. Não está sendo nada como imaginei. Pensei que ela fosse ficar feliz por eu ter vindo procurá-la — grata, até. Ou talvez ficasse irritada. De qualquer forma, pensei que fosse ter *alguma reação*.

— Ouça, Juliet... — Mal consigo falar, meus dentes estão batendo demais. — Já é uma da manhã, e está um gelo aqui fora. Você quer vir até a minha casa um pouco? E conversar? Eu sei o que aconteceu lá dentro. — Aponto com a cabeça para a direção da casa de Kent. — E me sinto muito mal por isso. — Só quero que ela entre na porcaria do carro, mas, é verdade, eu *realmente* me sinto mal.

Juliet olha para mim por um longo e duro segundo, a chuva borrando a distância entre nós. Ela começa a se levantar, e tenha certeza de que consegui, mas ela vira de costas e dá vários passos em direção à estrada.

— Sinto muito — ela diz. Mas a voz não tem tom de lamento. É seca.

Estico o braço e a agarro pelo pulso. Parece impossivelmente fino na minha mão, como uma vez em que encontrei um filhote de passarinho perto de Goose Point, o peguei e ele morreu ali, dando os últimos suspiros na palma da minha mão. Juliet não recua, mas olha para a minha mão como se fosse uma cobra prestes a mordê-la.

— Ouça — tento novamente. — Ouça. Sei que isso vai soar como loucura, mas... — O vento passa pelas árvores e libera uma nova rajada de chuva. — Tenho a sensação de que temos algo em comum, você e eu. Se pudéssemos ir a algum lugar para conversar a respeito...

— Não vou a lugar nenhum — diz Juliet. Ela olha para a estrada, e penso ver um pequeno sorriso triste se formando em seus lábios. Depois ele some.

Passei tempo demais do lado de fora. Minha mente está parando. Nada mais faz sentido. Imagens estranhas lampejam em minha cabeça, um carretel bizarro de fantasias com coisas quentes. Uma piscina de chocolate quente soltando vapor. Uma pilha de cobertores que vai até o teto da minha casa. E parte de mim simplesmente pensa: *Dane-se*. Deixe-a fazer o que quer fazer. Amanhã tudo volta ao começo mesmo.

Mas há uma parte maior de mim — meu touro interno, minha mãe costumava chamar — que diz que ela me *deve* isto. Estou coberta de lama, morrendo de frio; e metade da população do Thomas Jefferson acha que eu sou uma aberração de pijama.

— Que tal irmos para a sua casa? — Concluo que ela vai ter de ir para lá no fim. Ela me lança um olhar estranho, e por um segundo sinto como se ela estivesse olhando através de mim.

— Por que você está fazendo isso? — ela questiona.

Tenho de gritar ainda mais alto do que antes. Os carros estão começando a sair da entrada da casa de Kent, passando por nós na estrada molhada.

— Eu... eu quero ajudar.

Ela balança a cabeça, um gesto quase imperceptível.

— Você me odeia.

Ela está se aproximando cada vez mais da estrada e me deixa extremamente nervosa. Um carro passa rugindo por nós, com o som pulsando. Brilha quando passa sob o poste de luz, e consigo identificar a silhueta de alguém rindo. Em algum lugar à minha direita tenho a impressão de ouvir meu nome, mas é difícil dizer, com a chuva barulhenta.

— Eu não a odeio. Eu não a *conheço*. Mas gostaria que isso mudasse. Começar de novo. — Estou praticamente gritando agora. Não tenho certeza de se ela ainda está escutando.

Ela diz alguma coisa que eu não ouço. Outro carro passa, como um flash, uma bala de prata.

— O quê?

Juliet vira a cabeça uma fração de centímetro e fala outra vez, mais alto: — Tem razão. Você não me conhece.

Outro carro. Ouço risadas quando ele passa. Alguém joga uma garrafa de cerveja na mata e ela se espatifa. Em seguida tenho certeza de que ouço chamarem meu nome, mas não consigo dizer exatamente de que direção vem. O vento grita, e de repente percebo que Juliet está a apenas um centímetro da estrada, oscilando sobre a linha estreita onde começa a pavimentação, como se estivesse se equilibrando em uma corda.

— Talvez você devesse se afastar da estrada — digo, mas o tempo todo, no fundo da mente, uma ideia está crescendo, uma percepção horrível e doentia se acumulando e tomando forma como nuvens no horizonte. Alguém chama o meu nome novamente. Em seguida, ainda à distância, ouço o uivo gutural de

“Splinter”, do Fallacy, no carro de alguém.

— Sam! Sam! — Agora reconheço a voz de Kent.

Last night, for the last time... you said you would be mine again...

Juliet vira para me encarar. Ela está sorrindo, mas é o sorriso mais triste que já vi.

— Talvez na próxima — ela diz. — Mas provavelmente não.

— Juliet — tento dizer, mas o nome fica preso na minha garganta. Sinto como se o medo tivesse me transformado em pedra. Quero dizer alguma coisa, me mexer, tentar segurá-la, mas o tempo passa depressa demais. Em seguida a percepção explode enquanto a música dos alto-falantes aumenta e um Range Rover prateado surge da escuridão. Como um pássaro ou um anjo, como se estivesse se atirando de um penhasco, Juliet levanta os braços e se lança violentamente na estrada, e há um grito penetrante no ar e uma batida horrível. Só quando o corpo dela voa do capô do carro de Lindsay para o lado e aterrissa virado para baixo e o Range Rover navega entre as árvores e bate, espatifando-se, chocando-se contra uma árvore é que percebo que sou eu que estou gritando.

ANTES DE ACORDAR

Kent me alcança.

— Sam — ele diz sem fôlego, com os olhos examinando meu rosto. — Você está bem?

— Lindsay — sussurro. É a única coisa que consigo pensar para dizer. — Lindsay, Elody e Ally estão naquele carro.

Ele olha para a estrada. Colunas negras de fumaça se erguem do bosque. De onde estamos, conseguimos ver o para-choque metálico amassado, erguendo-se como um dedo sobre a ponta da terra.

— Espere aqui — ele diz. É um milagre, mas ele parece calmo. Corre para a estrada, pegando o celular, e o ouço gritando instruções para alguém do outro lado da linha. *Aconteceu um acidente. Fogo. Route 9, logo depois da Devon Drive.* Ele se ajoelha ao lado do corpo de Juliet. *Pelo menos uma pessoa ferida.*

Outros carros estão parando ruidosamente agora. As pessoas saltam preocupadas, todos repentinamente sóbrios, conversando aos sussurros, olhando para o pequeno corpo retorcido no asfalto, para a fumaça e o fogo vindo do

bosque. Emma McElroy encosta e sai com as mãos na boca, olhos arregalados, deixando a porta do seu Mini aberta e o rádio tocando. “99 Problems” do Jay-Z ecoa pela noite, e a *normalidade* da situação é a pior parte. Alguém grita: — Pelo amor de Deus, Emma, desligue isso. — Emma volta para o carro, e então, se faz silêncio, exceto pelo barulho da chuva e pelo choro alto de alguém.

Sinto como se estivesse em um sonho. Tento me mover, mas não consigo. Nem sinto mais a chuva. Não sinto meu corpo.

Só há um pensamento girando sem parar na minha cabeça: o flash branco logo antes de cairmos na mata, Lindsay gritando alguma coisa que não consegui entender.

Não foi “sai” ou “sabe” ou “saco”.

Sykes.

Então um uivo longo e penetrante vem do outro lado da mata, e Lindsay cambaleia para o asfalto, com a boca aberta e o rosto coberto de lágrimas. Kent está lá, apoiando Ally, que está mancando e tossindo, mas parece bem.

Lindsay está gritando: — Socorro! Socorro! Elody ainda está ali! Alguém ajude! Por favor! — Ela está tão histérica que as palavras se unem, transformando-se em um uivo animalesco. Ela cai no asfalto e começa a chorar, com a cabeça nas mãos. Em seguida outro grito se junta ao coro: sirenes a distância.

Ninguém se move. Tudo começa a acontecer em explosões curtas e cortadas — ao menos é como me parece —, como se eu estivesse assistindo a um filme enquanto uma luz estroboscópica acende e apaga. Mais e mais alunos se agrupam na chuva, parados e silenciosos como estátuas. As sirenes de polícia estão rodando, iluminando a cena de vermelho, depois branco, depois vermelho, depois branco. Figuras uniformizadas — uma ambulância — uma maca — duas macas. O corpo de Juliet deitado, pequeno e frágil, exatamente como o pássaro de anos antes. Lindsay vomitando enquanto a segunda maca traz um corpo do carro destruído, e Kent esfregando as costas dela. Ally chorando com a boca aberta, o que é estranho, pois não ouço nada. Em algum momento levanto os olhos para o céu e vejo que a chuva se transformou em neve — flocos brancos e gordos girando na escuridão como se fosse mágica. Não faço ideia de quanto tempo se passou desde que estou ali em pé. Fico surpresa quando olho para a rua e não há quase mais ninguém, apenas alguns retardatários, uma viatura policial solitária e Kent, dando pulinhos para se manter aquecido, conversando com um oficial. As ambulâncias se foram.

Lindsay se foi. Ally se foi.

Então, Kent está à minha frente, apesar de eu não tê-lo visto se mover. *Como você fez isso?*, tento dizer, mas não sai nada.

— Sam. — Kent está falando comigo e tenho a sensação de que disse meu nome mais de uma vez. Sinto uma sensação esmagadora e levo um segundo para perceber que ele está com as mãos nos meus braços. Levo outro para perceber que ainda *tenho* braços, e naquele instante é como se eu voltasse para o meu corpo, e a força de tudo que vi me atinge, minhas pernas se curvam e caem bruscamente para a frente. Kent me segura.

— O que aconteceu? — sussurro, atordoada. — Elody está...? Juliet está...?

— *Shhh*. — Os lábios dele estão próximos ao meu ouvido. — Você está congelando.

— Preciso encontrar Lindsay.

— Você está aqui fora há mais de uma hora. Suas mãos parecem gelo. — Ele tira o casaco que está usando com um movimento do ombro e o coloca em cima de mim. Há flocos de neve brancos nos cílios dele. Ele segura gentilmente meus cotovelos e me leva de volta para a entrada da garagem dele. — Vamos, vamos esquentá-la.

Não tenho forças para discutir. Deixo que ele me leve até a casa. As mãos dele não me soltam em momento algum, e, apesar de estar segurando minhas costas suavemente, sinto como se eu fosse cair sem ele.

*

Parece que estamos de volta à casa de Kent sem sequer nos movermos. Em seguida, estamos na cozinha, ele está puxando uma cadeira e me coloca sentada nela. Seus lábios estão se movendo e seu tom é reconfortante, mas não consigo entender o que ele diz. Depois sinto um cobertor espesso sobre meus ombros e uma dor penetrante nos dedos das mãos e dos pés, quando volto a senti-los, como se alguém estivesse enfiando agulhas quentes e afiadas em mim. Mesmo assim, não consigo parar de tremer. Meus dentes estão batendo, fazendo um ruído como o de dados balançando em um copo.

Os barris continuam no canto, e há copos meio vazios por todos os lados, com pontas de cigarro nadando neles, mas a música está desligada e a casa

parece completamente diferente sem ninguém dentro. Minha mente está focada em uma porção de pequenos detalhes, ricocheteando de um para o outro como uma bola de pingue-pongue: a placa bordada por cima da pia que diz MARTHA STEWART NÃO MORA AQUI; as fotos na geladeira de Kent e de sua família na praia em algum lugar, de parentes que não conheço, velhos cartões postais de Paris, Marrocos, São Francisco; fileiras de canecas em armários de vidro, com slogans como CAFEÍNA OU FRACASSO e É HORA DO CHÁ.

— Um marshmallow ou dois? — pergunta Kent.

— O quê? — Minha voz sai rouca e estranha. Todos os meus outros sentidos voltam em uma onda: ouço o sibilo do leite esquentando em uma panela, o rosto de Kent entra em foco, doce e preocupado, com flocos de neve derretendo em seus cabelos castanhos e emaranhados. O cobertor sobre meus ombros tem cheiro de lavanda.

— Vou colocar dois — diz Kent, voltando-se para o fogão. Em um minuto há uma caneca grande (essa diz CASA É ONDE ESTÁ O CHOCOLATE) exalando vapor na minha frente, cheia de chocolate quente espumante; de verdade, não do tipo que vem em um pacote, e marshmallows grandes boiando. Não sei se pedi em voz alta ou se ele leu a minha mente.

Kent senta à minha frente à mesa e me observa tomar um gole. Está delicioso, doce o suficiente e cheio de canela e mais alguma coisa que não consigo identificar, e repouso a caneca com mãos ligeiramente mais firmes.

— Onde está Lindsay? — digo enquanto a cena volta a mim: Lindsay ajoelhada na frente de todo mundo, vomitando. Ela deveria estar fora de si, Lindsay jamais faria algo desse tipo em público. — Ela está bem?

Kent faz que sim com a cabeça, com os olhos fixos no meu rosto.

— Lindsay está bem. Ela teve que ir ao hospital para ser examinada por causa do choque e tudo mais. Mas ela vai ficar bem.

— Ela... Juliet apareceu tão rápido... — Fecho os olhos, visualizando o borrão branco, e quando os abro, Kent está com cara de quem está tendo as vísceras arrancadas. — Ela está... quer dizer, Juliet está...?

Ele balança a cabeça uma vez.

— Não tinha nada que eles pudessem fazer — ele diz, tão baixo que se eu não soubesse o que ele ia dizer, não teria escutado.

— Eu vi... — começo a falar e percebo que não consigo. — Eu poderia ter agarrado ela. Ela estava tão perto!

— Foi um acidente. — Kent olha para baixo.

Não tenho certeza se ele realmente acredita nisso.

Não, não foi, quero dizer. Penso naquele meio sorriso estranho, enquanto ela dizia: *Talvez na próxima, mas provavelmente não*, e fecho os olhos, querendo que a lembrança desapareça.

— E Ally? Ela está bem?

— Ally está bem. Nem um arranhão. — A voz de Kent se fortalece, mas há um som suplicante nela, e entendo que está tentando me fazer parar de falar, ele não quer que eu pergunte o que estou prestes a perguntar.

— Elody? — Minha voz sai em um sussurro.

Kent desvia o olhar. Um músculo se mexe em seu maxilar.

— Ela estava no banco da frente — ele diz afinal, como se cada uma das palavras doesse, e penso em Elody se inclinando para a frente e resmungando: *Por que Sam sempre senta na frente?* —, o lado do passageiro sofreu quase todo o impacto.

Fiquei imaginando se teria sido assim que explicaram para os meus pais no hospital — colisão, lado do passageiro, impacto.

— Ela...? — Não consigo dizer a palavra.

Ele olha para mim como se estivesse prestes a chorar. Parece mais velho do que nunca, seus olhos escuros estão cheios e tristes.

— Sinto muito, Sam — ele diz, plácido.

— O que você está me contando? — Cerro os punhos com tanta força que posso sentir minhas unhas se enterrando na pele. — Você está dizendo que ela... que ela... — Paro, ainda sem conseguir dizer. Falar vai fazer com que seja real.

Kent faz com que cada palavra pareça uma coisa afiada que ele precisa resgatar do estômago.

— Foi... supõe-se que tenha sido instantâneo. Indolor.

— Indolor? — repito, com a voz trêmula. — Indolor? Você não sabe. Você *não pode* saber. — Há um punho na minha garganta. — Foi isso que disseram? Disseram que foi *indolor*? Como se tivesse sido pacífico? Como se estivesse *tudo bem*?

Kent tenta pegar minha mão.

— Sam...

— Não! — Arrasto a cadeira e me levanto. Meu corpo inteiro está vibrando em fúria. — Não. Não me diga que vai ficar tudo bem. Não me diga que não a machucou. Você não sabe, você não faz ideia, nenhum de vocês faz

ideia de como dói. Dói...

Nem sei se estou falando sobre Elody ou sobre mim. Kent se levanta e me envolve com os braços. Me vejo com a cabeça enterrada no ombro dele, aos prantos. Ele me mantém pressionada com força contra seu corpo, e faz barulhinhos no meu cabelo, e antes de me soltar e sucumbir à escuridão que está caindo sobre mim, tenho o pensamento mais estranho e mais idiota — que minha cabeça se encaixa perfeitamente no ombro de Kent.

Em seguida, pensar em Elody e Juliet se torna demais, e um véu pesado cai sobre a minha mente, e eu choro. É a segunda noite seguida em que perdi totalmente o controle na frente de Kent, apesar de, evidentemente, ele não saber disso. Eu deveria estar feliz por ele não conseguir se lembrar de que ontem mesmo nós sentamos juntos em uma sala escura com nossos joelhos quase se tocando, mas, em vez disso, só me sinto mais sozinha ainda. Estou perdida em uma fumaça, uma neblina, e em algum momento quando começo a voltar a mim percebo que Kent está me segurando. Meus pés mal tocam o chão.

A boca dele está enterrada no meu cabelo, e sinto sua respiração perto da minha orelha. Um silvo de energia passa por mim, o que faz com que eu me sinta péssima, e mais confusa do que nunca. Me afasto, colocando um pouco de espaço entre nós. Ele mantém os braços envolta de mim, e fico feliz com isso. Ele é firme e caloroso.

— Você continua gelada — ele diz. E põe as costas da mão contra a minha bochecha por uma fração de segundo, mas quando recua, posso sentir o contorno da mão como se tivesse me escaldado. — Suas roupas estão ensopadas.

— Roupa íntima — disparo.

Ele franze a testa.

— O quê?

— Minha... bem, roupa íntima. Na verdade, minhas calças, casaco e roupa íntima... Está tudo cheio de neve. Bem, basicamente, água derretida agora. Está muito frio. — Estou cansada demais para me preocupar em me sentir constrangida. Kent apenas morde o lábio e faz que sim com a cabeça.

— Espere aqui — ele diz. — E tome tudo. — Ele aponta com a cabeça para o chocolate quente.

E me guia de volta para a cadeira e desaparece. Ainda estou tremendo, mas pelo menos consigo segurar a caneca sem derramar tudo na mesa. Não penso

em nada além do movimento da caneca para os meus lábios, e no branco fluando do outro lado das janelas. Em alguns segundos Kent volta, com um casaco enorme, calças de moletom desbotadas e uma samba-canção listrada dobrada.

— São minhas — ele diz, em seguida fica vermelho. — Quer dizer, não minhas. Ainda não vesti nem nada. Minha mãe comprou para mim... — Ele percebe o que disse e engole em seco. — Quer dizer, eu comprei para mim, tipo, terça-feira. As etiquetas ainda estão aí e tudo.

— Kent? — interrompo-o.

Ele respira fundo.

— Oi?

— Me desculpe, mas... você se importa em ficar calado? — Aponto para a minha cabeça. — Meu cérebro está uma confusão.

— Desculpe — ele desabafa. — Não sei o que fazer. Queria... queria poder fazer mais.

— Obrigada — digo. Sei que ele está se esforçando e consigo esboçar um sorriso fraco.

Ele põe as roupas na mesa, junto com uma toalha branca grande e fofa.

— Eu imaginei... Pensei que se você ainda estivesse com frio poderia tomar um banho. — Ele ruboriza com a palavra *banho*.

Balanço a cabeça.

— Só quero dormir. — Esqueci-me do sono e sinto grande alívio quando digo: tudo que preciso fazer é dormir.

Assim que dormir esse pesadelo acaba.

Mesmo assim, um sentimento ruidoso de ansiedade surge dentro de mim. E se o dia não reiniciar desta vez? E se for isso mesmo? Penso em Elody e sinto o chocolate quente voltando em minha garganta.

Kent deve ter percebido a expressão no meu rosto, pois ele se abaixa, de modo que nossos olhos ficam no mesmo nível.

— Posso fazer alguma coisa? Posso pegar alguma coisa para você?

Balanço a cabeça, tentando não chorar outra vez.

— Vai ficar tudo bem. É só... o choque. — Engulo em seco. — Só quero... quero recomeçar, entende?

Ele faz que sim com a cabeça uma vez e põe a mão na minha. Não puxo.

— Se eu pudesse fazer melhorar, faria — ele diz.

De algumas formas era uma coisa óbvia e estúpida a se dizer, mas a *maneira*

como ele diz, tão honesta e simples, como se fosse a coisa mais verdadeira do mundo, leva lágrimas aos meus olhos. Pego as roupas e a toalha e saio pelo corredor até o banheiro que arrombamos para encontrar Juliet. Entro e fecho a porta. A janela ainda está aberta, e rajadas de neve entram de fora. Fecho a janela. Já faz com que eu me sinta melhor, como se já estivesse iniciando o processo de apagar tudo que aconteceu esta noite. Elody vai ficar bem.

Afinal de contas, *eu* é que tinha de estar no banco da frente.

Penduro a toalha de mão que Juliet deixara perto da pia e tiro as roupas, tremendo. O banho se torna difícil de resistir, afinal, e ligo o chuveiro no máximo, com a temperatura mais alta possível, e entro. É um daqueles banhos de floresta tropical em que a água cai diretamente em você de uma torrente longa e pesada. Quando bate nos azulejos sob meus pés, solta grandes nuvens de vapor. Fico tanto tempo no banho que a pele fica enrugada.

Visto o casaco de Kent, que é supermacio e tem cheiro de sabão de lavanderia, e, por alguma razão, de grama recém-cortada. Em seguida arranco as etiquetas da cueca samba-canção e ponho minhas pernas dentro dela. São grandes demais para mim, obviamente, mas gosto da sensação de limpeza e frescor na minha pele. As únicas outras cuecas samba-canção que já vi foram as de Rob, geralmente amassadas no chão ou enfiadas embaixo da cama e manchadas com coisas que prefiro não identificar. Finalmente, visto a calça de moletom, que sobra perto dos meus pés. Kent me deu meias, também, grandes e fofas. Enrolo todas as minhas roupas e as deixo do lado de fora da porta do banheiro.

Quando volto para a cozinha, Kent está lá, exatamente como o deixei. Alguma coisa se acende em seus olhos quando entro, mas não sei ao certo o quê.

— Seu cabelo está molhado — ele diz suavemente, mas fala como se estivesse dizendo outra coisa.

Olho para baixo.

— Resolvi tomar banho, afinal.

Um silêncio se estende entre nós por alguns segundos. Em seguida, ele fala: — Você está cansada. Eu a levo para casa.

— Não — digo, com mais firmeza do que pretendia, e Kent parece espantado. — Não... quer dizer, não posso. Não quero ir para casa agora.

— Seus pais... — Kent diz, com a voz sumindo.

— Por favor. — Não sei o que seria pior: se meus pais já souberem e

estiverem sentados me esperando, esperando para me dar uma bronca e me encherem de perguntas e conversas sobre hospitais pela manhã e terapeutas para me ajudarem a lidar com aquilo tudo, ou se não souberem ainda e eu voltar para uma casa escura.

— Tem um quarto de hóspedes aqui — diz Kent. Seus cabelos finalmente estão secando em tufos e ondas.

— Nada de quarto de hóspedes. — Balanço a cabeça determinada. — Quero um *quarto*, quarto. Um quarto habitado.

Kent me encara por um segundo e então fala: — Vem comigo. — Ele estica a mão para pegar a minha quando passa, e eu deixo. Subimos as escadas, atravessamos o corredor até o quarto com todos os adesivos na porta. Deveria imaginar que era dele. Ele mexe na porta. — Ela prende — ele explica, e finalmente abre.

Inspiro profundamente. O cheiro é o mesmo de ontem à noite quando entrei aqui com Rob, mas tudo é diferente. A escuridão parece mais suave, de alguma forma.

— Um segundo. — Kent aperta minha mão e recua. Ouço o barulho de cortinas e me espanto: de repente três janelas enormes que vão do chão até o teto e ocupam uma parede inteira são reveladas. Ele não acendeu nenhuma luz, mas é como se o tivesse feito. A lua está enorme e luminosa e se reflete na neve branca, tornando-se cada vez mais brilhante. O quarto inteiro é banhado por uma bela luz prateada.

— É incrível — digo. Expiro; sequer percebi que estava prendendo a respiração.

Kent sorri rapidamente. Seu rosto está contornado pelo luar.

— É incrível à noite. Não tão incrível quanto quando nasce o sol. — Ele começa a fechar as cortinas.

— Deixe abertas — grito, em seguida acrescento: — por favor. — De repente, me sinto tímida.

O quarto de Kent é enorme e tem o mesmo cheiro incrível de lavanderia e grama. É o aroma mais fresco do mundo, o cheiro de janelas abertas e lençóis novos. Ontem à noite não consegui identificar nada além da cama. Agora vejo que o cômodo é completamente rodeado por prateleiras de livros. Há uma escrivaninha no canto, que tem um computador e mais livros. Há fotos emolduradas nas paredes, figuras borradas se movendo, mas não consigo distinguir os detalhes. Um pufe enorme encontra-se espremido em um dos

cantos, e Kent percebe que estou olhando para ele.

— Tenho desde o sétimo ano — ele diz. Parece envergonhado.

— Eu tinha um igualzinho — digo. Não acrescento a razão pela qual me livreí dele: porque Lindsay disse que parecia um peito cheio de carochos. Não posso pensar em Lindsay agora, nem em Ally. E, definitivamente, não posso pensar em Elody.

Kent puxa as cobertas da cama e recua, virando de costas para me dar um pouco de privacidade. Subo na cama e deito, meus membros estão pesados e rígidos, e me sinto um pouco constrangida, mas tão entorpecida que não me importo. Tem uma cabeceira curvada de madeira, e um apoio combinando ao pé da cama, e assim que me estico penso na sensação de estar em uma maca. Inclino a cabeça para ver a neve flutuando, em seguida fecho os olhos, imaginando que estou voando por uma floresta a caminho de algum lugar bom: uma casinha branca arrumadinha a distância, com velas acesas nas janelas.

— Boa noite — Kent sussurra. Ele estava tão quieto que eu tinha me esquecido de que ele estava ali.

Abro os olhos e me apoio sobre um cotovelo.

— Kent?

— Oi?

— Você pode ficar comigo um pouquinho?

Ele faz que sim com a cabeça e puxa a cadeira da escrivaninha para o lado da cama, sem falar. Ele levanta os joelhos até o queixo e olha para mim. O luar que está entrando pelas janelas transforma o cabelo dele em um prateado suave.

— Kent?

— Oi?

— Você acha estranho eu estar aqui com você? — Fecho os olhos ao dizer isso, para não precisar olhar para ele.

— Sou o editor-chefe do *Tribulation* — ele diz. — E já passei 365 dias usando Crocs. Não acho nada estranho.

— Tinha me esquecido da fase Crocs — digo. Finalmente estou aquecida sob as cobertas e sinto o sono me dominando, como se eu estivesse em uma praia quente com uma maré suave tocando meus dedos dos pés. — Kent?

— Oi?

— Por que você está sendo tão legal comigo?

Faz-se um silêncio tão longo que começo a achar que ele não vai

responder. Imagino que posso ouvir a neve caindo sobre a terra, cobrindo o dia, apagando tudo. Estou assustada demais para abrir os olhos, apavorada com a possibilidade de quebrar o feitiço, morrendo de medo de que pareça bravo ou magoado.

— Lembra-se daquela vez no segundo ano logo depois que meu avô morreu? — ele diz afinal, com uma voz baixa e serena. — Comecei a chorar no refeitório e Phil Howell me chamou de boiola. Isso só me fez chorar ainda mais, apesar de eu não saber o que era. — Ele ri suavemente.

Mantenho os olhos completamente fechados, vagando pela voz dele. Ano passado Phil Howell foi pego seminu com Sean Trebor no banco traseiro do BMW do pai. Engraçado como são as coisas.

— Então, quando disse para me deixar em paz, ele derrubou minha bandeja, e a comida voou por todos os lados. Nunca vou me esquecer: tinha purê de batatas e hambúrguer de peru. E você veio, juntou o purê do chão com as mãos e jogou na cara do Phil. Depois pegou o hambúrguer e amassou na camisa dele. Você disse: *Você é pior do que almoço quente*. — Ele ri novamente. — Isso foi um insulto e tanto no segundo ano. E Sean ficou tão surpreso, e ele estava tão ridículo com batata e cebolinha espalhadas em cima dele, que comecei a rir sem parar. E foi a primeira vez que ri desde que tinha recebido a notícia sobre... sobre o meu avô. — Ele pausa. — Lembra o que eu disse a você naquele dia?

A lembrança está lá, um balão inflando em algum lugar tão longínquo dentro de mim que pensei que estivesse perdida, toda a cena era clara e perfeita agora.

— Você é minha heroína — nós dois dizemos ao mesmo tempo. Não ouço Kent se mover, mas de repente sua voz está mais próxima, e ele encontrou minhas mãos no escuro, e as segura nas dele.

— Naquele dia prometi que seria o seu herói também, independente de quanto tempo demorasse — ele sussurra.

Ficamos assim pelo que parecem horas, e o tempo todo o sono me ataca, me afastando dele, mas meu coração está agitado como uma mariposa, afastando os sonhos, a escuridão e a fumaça que ocupam meu cérebro. Quando eu dormir, vou perdê-lo. Perderei esse momento para sempre.

— Kent? — digo, e minha voz parece ter de se erguer de dentro da névoa, levando uma eternidade para passar do meu cérebro para a minha boca.

— Oi?

— Promete que vai ficar aqui comigo? — pergunto.

— Prometo — ele sussurra.

Então, naquele instante, quando não tenho mais certeza se estou sonhando, acordada ou caminhando por um vale intermediário entre as duas coisas, onde tudo o que você deseja se torna realidade, sinto a palpitação dos lábios dele nos meus, mas é tarde demais, estou dormindo, não estou mais lá, e o momento se estende e se encolhe em si como uma flor se recolhendo durante a noite.

Desta vez, quando sonho há som. Enquanto caio pela escuridão há uma música dissonante tocando, o tipo de música que se escuta em consultórios médicos e elevadores, e sem saber como sei, noto que vem do escritório da orientadora do Thomas Jefferson.

Assim que percebo isso, pequenos pontos brilhantes começam a explodir pela escuridão, uma galeria de todos os pôsteres de inspiração que a orientadora, a Srta. Gardner, mantém na parede se aproxima, só que no meu sonho são todos cem vezes maiores, cada um do tamanho de uma casa. Em um deles, Einstein está retratado sobre as palavras A GRAVIDADE NÃO É RESPONSÁVEL POR QUEM CAI DE AMOR. Há um pôster com a citação de Thomas Edison: GÊNIO É 1 POR CENTO INSPIRAÇÃO E 99 POR CENTO TRANSPIRAÇÃO. Estou pensando em me segurar em um deles e cogitando se iria suportar meu peso quando passo pela foto de um gato listrado pendurado no galho de uma árvore pelas unhas. Diz: AGUENTE AÍ.

E o mais engraçado é: assim que o vejo ali, o assobio nos meus ouvidos cessa e a sensação de pavor se dissipa, e percebo que durante todo esse tempo não estive caindo, e sim flutuando.

*

O despertador que me acorda representa o som mais doce que já ouvi. Sento, uma bolha de riso surgindo dentro de mim. Tenho uma vontade impulsiva de tocar em tudo no meu quarto — paredes, janela, colagem, fotos que lotam minha escrivaninha, jeans Tahari esticados no chão e livro de biologia, até mesmo a luz que está entrando pelo parapeito. Se pudesse colocá-la nas mãos e beijá-la, o faria.

— Alguém está de bom humor — minha mãe diz quando desço.

Izzy está à mesa na frente do pão de pasta de amendoim, pegando lentamente pequenos pedaços, como sempre.

— Feliz Dia do Cupido — diz meu pai.

Ele está à frente do fogão, fazendo ovos para o café da manhã da minha mãe.

— Meu preferido — digo, me aproximando para roubar uma mordida do pão de Izzy. Izzy gane e dá um tapa na minha mão. Dou um beijo grande e molhado na testa dela.

— Pare de me babar — ela diz.

— Até mais tarde, Lagartinha — digo.

— Não me chame de Lagarta. — Izzy põe a língua cheia de pasta de amendoim para fora.

— Você parece uma lagarta quando faz isso.

— Quer tomar café da manhã, Sam? — pergunta minha mãe.

Nunca tomo café em casa, mas minha mãe me pergunta todos os dias, pelo menos quando me vê antes que eu saia, e naquele instante percebo quanto gosto das pequenas rotinas diárias da minha vida: o fato de que ela sempre pergunta, o fato de que sempre digo que não porque tem um pão com gergelim me esperando no carro de Lindsay, o fato de que sempre ouvimos “No More Drama” enquanto entramos no estacionamento. O fato de que minha mãe sempre faz espaguete com almôndegas aos domingos, e o fato de que uma vez por mês meu pai assume a cozinha e faz seu “ensopado especial”, que não passa de pedaços de salsicha, feijão e muito ketchup e melaço extra, e que eu jamais admitiria gostar de uma coisa destas, mas na verdade é um dos meus pratos preferidos. Os detalhes que compõem o padrão especial da minha vida, como em colchas de retalhos, que são especiais por causa dos pequenos defeitos na costura, pequenos espaços, altos-relevos e falhas que jamais podem ser reproduzidos.

Algumas coisas se tornam lindas quando você realmente olha.

...

— Não quero café. Mas, obrigada. — Vou até minha mãe e dou um abraço nela. Ela solta um ganido, surpresa. Acho que faz alguns anos que não nos abraçamos, exceto pelos obrigatórios, nos aniversários. — Te amo.

Quando me afasto, ela me encara como se eu tivesse acabado de anunciar que vou abandonar o colégio e me tornar uma contorcionista em um circo.

— O quê? — diz meu pai, derrubando uma panela na pia e secando as

mãos no pano de prato. — E cadê o amor do velho?

Reviro os olhos. Detesto quando meu pai tenta “falar adolescente”, como ele mesmo diz, mas não reclamo. Nada pode me chatear hoje.

— Tchau, pai. — Deixo que ele me envolva em um de seus abraços infames. Estou cheia de amor, da cabeça aos pés, uma sensação efervescente, como se alguém tivesse sacudido minhas entranhas como uma garrafa de Coca-Cola. Tudo — as louças na pia, o pão de Izzy, o sorriso da minha mãe — parece aguçado. Como se fossem feitos de vidro, ou como se eu os estivesse vendo pela primeira vez. É impressionante, e mais uma vez tenho vontade de tocar em tudo, para me certificar de que é real. Se tivesse tempo, o faria. Colocaria as mãos no pomelo semicomido no balcão, e o cheiraria. Passaria os dedos pelo cabelo de Izzy.

Mas não tenho tempo. É o Dia do Cupido, Lindsay está lá fora, e tenho assuntos dos quais tratar. Hoje vou salvar duas vidas: a de Juliet Sykes e a minha.

FAÇA-SE A LUZ

— Bi, biiiii! — Lindsay grita da janela enquanto passo pela calçada congelada, inspirando o ar frio para dentro dos pulmões, amando a maneira como queima, amando até mesmo o mau cheiro amargo do cigarro de Lindsay e do exaustor que polui o ar. — Gostosa! Quanto?

— Se você precisa perguntar — digo, entrando no carona —, não pode pagar.

Ela sorri e me entrega meu café antes que eu tente pegá-lo.

— Feliz Dia do Cupido.

— Feliz Dia do Cupido — digo, e brindamos com os copos de isopor.

Ela também me parece mais clara do que nunca. Lindsay, com seu rosto angelical e cabelos louro-escuro e bagunçados, esmalte preto descascado e bolsa de couro gasto da Dooney & Bourke, que sempre tem um filme de tabaco e um Trident Original meio aberto no fundo. Lindsay, que detesta ficar entediada, sempre se movimentando, sempre correndo. Lindsay que uma vez disse — “É o mundo contra nós, baby” —, bêbada e jogando os braços por cima dos nossos ombros quando estávamos no viveiro, e falando com sinceridade. Lindsay, má, engraçada, feroz, leal e minha.

Inclino-me impulsivamente e dou um beijo na bochecha dela.

— Ei, tá mudando de time? — Lindsay levanta o ombro até a bochecha e limpa meu gloss. — Ou é só treino para hoje à noite?

— Talvez as duas coisas — respondo, e ela ri alto.

Tomo um gole de café. Está escaldante e só pode ser o melhor café em Ridgeview, em todo o mundo. Que Deus abençoe a Dunkin' Donuts.

Lindsay fala sobre quantas rosas espera ganhar e especula se Marcy Posner irá, como sempre, se descontrolar e começar a chorar no banheiro durante o quinto tempo de aula porque Justin Streamer terminou com ela há três anos no Dia do Cupido, consequentemente, selando seu destino permanentemente como apenas meio popular, e eu olho pela janela e assisto Ridgeview passar em um borrão cinza. Tento imaginar como, em apenas alguns meses, as árvores lançarão os pequenos galhos ao céu, o mais puro cheiro de flores e verde exalando sobre tudo como uma névoa. Depois, após alguns meses, a cidade inteira terá uma explosão em verde: tantas árvores e tanta grama que parecerá uma pintura ainda molhada. Posso imaginá-las esperando sob a superfície do mundo, como se os slides só precisassem ser trocados no projetor, e o verão chegaria.

E lá está Elody, balançando-se no gramado sobre seus sapatos, sem casaco e com os braços cruzados por cima do peito. Quando a vejo, viva e radiante, o alívio é tão grande que solto uma gargalhada. Lindsay ergue as sobrancelhas para mim.

— Ela vai congelar — digo, como se estivesse me explicando.

Lindsay gira o dedo próximo da orelha.

— Santa Mãe do Senhor do Cereal.

— Alguém falou em cereal? — pergunta Elody, entrando no carro. — Estou morrendo de fome.

Viro para olhar para ela. É só o que posso fazer para não ir até o banco de trás e pular em cima dela. Sinto um impulso incontrolável de tocá-la, de me certificar de que ela é de fato real, que está aqui e *viva*. De alguma forma, ela é a mais corajosa e a mais delicada de nós. Gostaria de poder dizer isso a ela de algum jeito.

— O quê? — Elody franze o nariz para mim, e percebo que a estou encarando. — O que foi? Estou com pasta de dente no rosto ou algo assim?

— Não — digo, e novamente surge uma risada, uma onda de felicidade e alívio. Penso: poderia ficar para sempre neste momento. — Você está linda.

Lindsay dá risinhos, analisa Elody pelo retrovisor.

— Tem alguns pães embaixo do seu bumbum, *linda*.

— Humm, pães de bumbum. — Elody põe a mão no saco e pega um pão, meio esmagado, em seguida faz questão de dar uma mordida enorme nele. — Tem gosto de Victoria's Secret.

— Tem gosto de fio dental — digo.

— Tem gosto de cofrinho — diz Lindsay.

— Tem gosto de pum — diz Elody, e Lindsay cospe café no painel, eu começo a rir e não consigo parar, e em todo o caminho para o colégio falamos sobre sabores para pães de bumbum, e penso que isto, minha vida, minhas amigas, pode ser imperfeito, defeituoso ou o que seja, mas nunca me pareceu melhor.

*

Enquanto entramos no estacionamento do colégio, grito para Lindsay frear. Ela para e Elody pragueja quando o café respinga em cima dela.

— Mas que diabos? — Lindsay põe a mão no peito. — Você quase me matou de susto.

— Oh... hum. Desculpe-me. Pensei que tivesse visto Rob. — À frente vejo o Chevrolet de Sarah Grundel entrando na Alameda dos Formandos quinze segundos antes de nós. A vaga é um detalhe mínimo, mas hoje não vou fazer *nada* errado. Não quero correr nenhum risco. É como a brincadeira que costumávamos fazer quando éramos pequenas, em que tínhamos que evitar todos os buracos na calçada, caso contrário significaria que mataríamos nossas mães. Mesmo quem não acreditasse se policiava para pisar nos lugares certos, apenas por precaução. — Desculpe. Foi mal.

Lindsay revira os olhos e pisa no acelerador outra vez.

— Por favor, não me diga que virou uma perseguidora psicótica.

— Deixe-a em paz. — Elody se inclina para a frente e afaga meu ombro. — Ela só está nervosa por causa de hoje à noite.

Mordo meu lábio para não rir. Se Lindsay e Elody tivessem alguma *ideia* sobre o que está realmente passando pela minha cabeça, provavelmente mandariam me internar. Por toda a manhã, sempre que fecho os olhos, fico

imaginando a sensação dos lábios de Kent McFuller tocando os meus, tão leves quanto asas de borboletas; a coroa de luz cercando sua cabeça, e o jeito que sentia os braços dele quando ele estava me mantendo em pé. Encosto a cabeça na janela. Meu sorriso está refletido de volta para mim, aumentando cada vez mais enquanto Lindsay circula a Alameda dos Formandos, praguejando porque Sarah Grundel pegou a última vaga.

Em vez de seguir Elody e Lindsay para o prédio principal, me separo delas e vou em direção ao Prédio A, onde fica a sala das enfermeiras, resmungando uma desculpa sobre uma dor de cabeça. Lá é que ficam as rosas no Dia do Cupido, e tenho alguns ajustes a fazer. Tudo bem, talvez não seja cem por cento bondade na Escala das Boas Ações (especialmente a parte sobre mentir para as melhores amigas), mas é por uma causa muito, muito nobre.

A sala das enfermeiras é longa e estreita. Normalmente, uma fila dupla de macas ocupa o espaço, mas as macas foram retiradas e substituídas por enormes mesas dobráveis. As cortinas pesadas que normalmente mantêm o local escuro como um cinema foram abertas, e o local está, literalmente, brilhando. A luz reflete nos acessórios de metal da parede e faz um zigue-zague louco sobre as paredes brancas brilhantes. Há rosas por todos os lados — lotando as bandejas, aglomeradas nos cantos, algumas delas até mesmo espalhadas pelo chão, pétalas pisoteadas —, e se você não soubesse que na verdade havia um princípio de organização em tudo aquilo, e um propósito, simplesmente pensaria que alguém tinha armado alguma espécie de bomba de rosas.

A Srta. Devane, que geralmente coordena o Dia do Cupido, não está por ali, mas há três Cupidos sobre uma das latas, rindo. Elas pulam e recuam quando entro. Estavam lendo os bilhetes, óbvio. É estranho pensar nisso — aqueles papeizinhos, trechos de palavras, quase elogios, elogios sarcásticos, promessas quebradas, semidesejos e quase expressões do que você realmente quer dizer: nunca contam a história inteira, ou nem sequer a metade delas. Uma sala cheia de palavras que são quase a verdade, mas não exatamente, cada bilhete pendurado no caule de sua respectiva rosa é como uma asa quebrada de borboleta. Nenhuma das meninas fala comigo quando começo a passar pela fileira, examinando as etiquetas nas bandejas, procurando pela letra S. Duvido que alguém já tenha entrado na Sala das Rosas, principalmente um aluno do último ano. Finalmente encontro a bandeja marcada: *St-Ta*. Tem cinco ou seis flores para Tamara Stugen, mais meia dúzia para Andrew Svork e três para um

Burt Swortney, que tem o pior nome que já ouvi em muito tempo. E lá está: a rosa solitária para Juliet Sykes com um bilhete enrolado delicadamente no caule. TALVEZ NO ANO QUE VEM, MAS PROVAVELMENTE NÃO. *Talvez na próxima, mas provavelmente não.*

— Hum... posso ajudar em alguma coisa? — Uma das meninas se inclina para a frente. Ela está enrolando as mãos uma na outra e aparenta estar absolutamente petrificada.

A flor de Juliet é fina e nova, delicadamente rosa. Todas as pétalas estão fechadas. Ainda não brotou.

— Preciso de rosas — digo. — Muitas.

CORREÇÕES E AJUSTES

Deixo a Sala das Rosas me sentindo animada e cheia de energia, como se tivesse acabado de tomar três *mocha lattes* na Caffeine Rush no shopping. Substituí a rosa solitária de Juliet por um buquê enorme — paguei quarenta dólares por duas dúzias — e imprimi um bilhete em letras maiúsculas que dizia DO SEU ADMIRADOR SECRETO. Queria estar por perto quando ela recebesse. Tenho certeza de que ela ganhará o dia. Mais do que isso: tenho certeza de que vai consertar tudo. Ela terá mais flores do que Lindsay Edgecombe. Começo a pensar nos olhos de Lindsay saltando do rosto quando ela perceber que Juliet Sykes ganhou dela o título de Mais Namogramas do ano e solto uma gargalhada bem no meio da aula de história americana avançada. Todo mundo vira e olha para mim, mas não ligo. Esta deve ser a sensação de quem usa drogas: a impressão de ladear tudo, de tudo parecer novo, fresco e aceso por dentro. Exceto sem a culpa e a ressaca do dia seguinte. E possível prisão.

Quando o Sr. Tierney distribui o teste, passo os vinte minutos desenhando corações e balões em torno das questões, e quando ele vem recolher, dou um sorriso tão amplo que ele franze o rosto, como se não estivesse acostumado a ver pessoas com aparência feliz.

Entre as aulas vasculho os corredores, procurando por Kent. Nem sei o que direi a ele quando o vir. *Não posso* dizer nada, na verdade. Ele não sabe que passamos as últimas duas noites juntos, e que nas duas ficamos tão perto um do outro que se um de nós tivesse respirado teríamos nos beijado, que ontem à

noite, acho que talvez tenhamos. Mas tenho uma vontade incrível de estar perto dele, de vê-lo fazendo aquelas coisas familiares, típicas dele: tirando o cabelo dos olhos, sorrindo torto, mexendo aqueles tênis xadrez ridículos e colocando as mãos dentro das mangas estupidamente compridas. Meu coração salta para a garganta cada vez que penso ver seu andar galopante, ou que vejo cabelos castanhos desleixados em um garoto — mas nunca é ele, e cada vez que não é, meu coração faz a trajetória inversa, até o abismo do estômago.

É certo de que o verei na aula de cálculo, pelo menos. Depois da aula de habilidades vitais paro no banheiro e passo os três minutos que antecedem o sinal à frente do espelho, ignorando os papos ao redor e tentando não focar no fato de que ficarei frente a frente com o Sr. Daimler em menos de cinco minutos. Meu estômago está fazendo o movimento de montanha-russa com tanta frequência — uma combinação de esperar que Juliet receba as flores, torcer para ver Kent e me decepcionar — que não sei se posso tolerar 45 minutos assistindo o Sr. Daimler sorrindo e dando piscadelas na aula. Tento afastar a lembrança da língua dele na minha boca, molhada e escorregadia.

— *Muito* piranha. — Uma das meninas do segundo ano está saindo de uma cabine no banheiro, sacudindo a cabeça.

Por um segundo paranoico tenho certeza de que está falando de mim — de que, de algum jeito, leu minha mente —, mas em seguida as amigas explodem em gargalhadas.

— Eu sei. Ouvi dizer que ela transou com, tipo, três pessoas do time de basquete — diz outra, e percebo que estão falando sobre Anna Cartullo. A porta da cabine está aberta e a marca de Lindsay é óbvia. $AC = LH$. E embaixo: *Volte para o trailer, vadia*.

— Vocês não deveriam acreditar em tudo que ouvem — digo, e as três meninas se calam no mesmo instante e me encaram.

— É verdade — digo, me sentindo mais corajosa agora que tenho uma plateia tão cativa. — Sabem como começam os boatos?

As meninas balançam as cabeças. Estão tão próximas que por um segundo acho que vão bater as cabeças.

— Porque alguém sente vontade.

O sinal toca, e elas correm para a porta como se tivessem acabado de ser liberadas da aula. Fico ali, querendo que meus pés saiam pela porta, pelo corredor, desçam um andar de escada, virem à direita para a aula de cálculo, mas nada acontece. Em vez disso, fico hipnotizada pelo que está escrito na

parede de uma cabine, pela maneira como Ally riu e falou sobre imitações em todo lugar. $AC = LH$. Tenho certeza de que Lindsay escreveu por capricho — quatro míseras letras, estúpidas, sem qualquer significado —, provavelmente, para testar uma canetinha nova e ver quanta tinta tinha. Teria sido melhor, quase, se ao menos estivesse falando sério. Seria melhor se ela realmente odiasse Anna. Porque importa. Porque sempre *importou*.

Sem pensar no fato de que a essa altura vou me atrasar para a aula de cálculo, molho uma toalha de papel, só para testar, e começo a esfregar a pichação na parede. Nada acontece. Mas, como comecei, não consigo parar. Procuro embaixo da pia e encontro uma esponja de aço seca e uma lata de produto químico abrasivo. Tenho de segurar a porta com um braço e me apoiar com força com o outro, esfregando furiosamente, mas depois de um tempo a tinta clareou, e mais um pouco mal se conseguia ver as letras. Sinto-me tão bem depois que limpei a primeira porta que atravesso a fileira e limpo as outras duas, apesar de o meu braço estar dolorido e com câibras e de eu ter começado a suar em minha blusa, o tempo todo xingando Lindsay mentalmente por seus caprichos e por usar tinta permanente.

Quando termino as três cabines, abro as portas e olho para os reflexos no espelho: brancos, limpos, sem nada escrito, do jeito que portas de banheiros devem ser. E por algum motivo isso me enche de tanto orgulho e felicidade que faço uma dancinha, ali mesmo, batendo com os calcanhares no chão. Parece que voltei no tempo e corriji alguma coisa. Não me sentia tão viva, tão capaz de *fazer* coisas há sabe-se lá quanto tempo.

A essa altura eu realmente arruinei minha maquiagem. Pequenas gotas de suor estão se formando na minha testa e na ponte do meu nariz. Jogo água fria no rosto e seco com uma toalha de papel, e começo tudo outra vez com o rímel e o blush Pétala de Rosa que eu e Lindsay usamos religiosamente. Meu coração está pulando loucamente, em parte pela animação, em parte pelo nervosismo. O próximo tempo é o almoço, e o almoço é a hora do show.

*

— Quer parar de fazer isso? — Elody se inclina para a frente e aperta meus dedos — que estavam tamborilando — na mesa. — Você está me

enlouquecendo.

— Você não está virando rexi, está, Sam? — Lindsay aponta para o meu sanduíche, que apenas belisquei. *Rexi* é a palavra que ela usa para anoréxica, apesar de eu sempre ter achado que era algo mais apropriado para se batizar um cachorro.

— É o que acontece quando se pede a carne misteriosa. — Ally faz uma careta para o meu rosbife, que pedi apesar de ser praticamente inaceitável. *Coisas Que Não Importam Quando Você Viveu o Mesmo Dia Seis Vezes e Morreu em Pelo Menos Dois Deles: carnes de almoço e o grau de aceitação que têm.*

Para minha surpresa, Lindsay me defende.

— Todas as carnes são misteriosas, Al. O peru tem gosto de sola de sapato.

— Nojento — concorda Elody.

— Sempre odiei o peru daqui — admite Ally, e todas nós olhamos umas para as outras e começamos a rir.

Sinto-me bem rindo, e o nó nos meus ombros relaxa. Mesmo assim, meus dedos começam a batucar involuntariamente outra vez, se mexendo por conta própria. Estou examinando cada pessoa que entra no refeitório, procurando por Kent — quer dizer, qual é, ele não *come* agora? — e pelo cabelo assustadoramente louro de Juliet. Até agora, nada.

— ...para Juliet?

Estava completamente desligada, pensando em Juliet, que por um segundo, quando ouço seu nome, penso ter apenas imaginado — ou, pior, ter eu mesma dito em voz alta. Mas então vejo que Lindsay está olhando para Ally, com um estranho sorriso se formando nos lábios, e sei que ela deve ter acabado de perguntar se Juliet recebeu nossa rosa. Tinha me esquecido completamente que Ally e Juliet fazem aula de biologia juntas, e, de repente, fico sem ar. A sala parece tremer enquanto espero Ally responder. *Ai meu Deus, meninas, foi a coisa mais estranha... ela recebeu o maior buquê de flores... ela até sorriu.*

Ally põe a mão na boca, arregalando os olhos.

— Meu Deus, meninas. Me esqueci completamente de contar...

Mãos apertam meus olhos e fico tão agitada que solto um ganido. As mãos têm cheiro de gordura e — é claro — erva-cidreira. Lindsay, Ally e Elody começam a rir enquanto Rob tira as mãos dos meus olhos. Quando olho para ele, está sorrindo, mas há uma rigidez ao redor dos olhos, e posso perceber que está insatisfeito.

— Está me evitando agora? — ele pergunta, puxando a alça da minha blusa como se tivesse 5 anos.

— Não exatamente — digo, tentando soar agradável. — Como assim?

Ele joga a cabeça para trás em direção à máquina de refrigerante.

— Estou ali há, sei lá, uns quinze minutos. — A voz dele está baixa; claramente, não está feliz por ter essa conversa na frente das minhas amigas. — Você não olhou, não foi até lá nem nada.

Você me fez esperar mais do que isso, quero dizer, mas ele, obviamente, não entenderia. Além disso, enquanto observo-o mexendo os velhos tênis New Balance, percebo que ele não é tão horrível. Sim, ele é egoísta, não muito inteligente, bebe demais, flerta com outras meninas, não saberia tirar um sutiã nem que sua vida dependesse disso, sem falar no que vem depois, mas um dia ele vai crescer um pouquinho e fazer uma menina muito feliz.

— Não o estou ignorando, Rob, é que... — Solto ar pela boca, parando. Nunca terminei com alguém antes, e todos os clichês passam pela minha cabeça. *Não é você, sou eu* (Não — é ele. *E eu*). *Somos melhores como amigos* (Nunca fomos amigos). — As coisas entre nós...

Ele cerra os olhos para mim, como se tentasse ler em uma língua estrangeira.

— Você recebeu minha flor, não recebeu? No quinto tempo? Leu o cartão?

Como se isso fosse melhorar alguma coisa.

— Na verdade — digo, tentando conter a impaciência da minha voz —, não recebi sua flor. Matei o quinto tempo.

— Srta. Kingston. — Do outro lado da mesa, Elody põe a mão no peito e finge estar chocada. — Estou muito decepcionada com você. — Mais risadinhas.

Lanço um olhar a ela e volto a atenção para Rob.

— Mas a questão não é essa. A questão é...

— Não recebi uma rosa sua — diz Rob, e posso vê-lo juntar as coisas lentamente: alguma coisa está errada. Quando Rob pensa, é quase possível ver os mecanismos se movendo no seu cérebro.

Hoje de manhã fiz outra mudança na Sala das Rosas. Passei pelo C e cuidadosamente avalei as rosas de Rob — pulei a de Gabby Haynes, a ex-namorada dele, que dizia *Quando vamos sair como você prometeu, gostoso?* — e removi a minha, com o bilheteinho que passei horas agonizando para escrever.

Lindsay dá um tapa no braço de Rob, ainda achando que não passa de uma piada.

— Tenha paciência, Rob — ela diz, dando uma piscadela para ele. — Sua flor já vem.

— Paciência? — Rob franze o rosto como se a palavra tivesse um gosto ruim. Ele cruza os braços e olha fixamente para mim. — Entendi. Não tem rosa alguma, certo? Você esqueceu ou o quê?

Alguma coisa na voz dele faz com que as minhas amigas finalmente percebam. Ficam em silêncio, olhando de Rob para mim, de mim para Rob.

Deixe-me reformular: um dia ele vai fazer uma universitária muito feliz, uma loura chamada Becky, com peitos enormes, que não se importe em ser tratada como carne em salmoura.

— Não *esqueci*... — começo a dizer, mas ele me interrompe.

Sua voz está calma, baixa, mas posso ouvir a raiva contida sob ela — dura, fria e afiada.

— Você faz grande caso do Dia do Cupido. E depois não cumpre com a sua parte. Típico.

Por dentro, meu estômago trabalha como se estivesse tentando digerir uma vaca inteira, mas levanto a cabeça, olhando fixamente para ele.

— Típico? O que você está querendo dizer com isso?

— Acho que você sabe. — Rob passa a mão por cima dos olhos e de repente parece mau, e me lembra um truque que meu pai costumava fazer, em que colocava a mão no rosto, mudando a expressão de feliz para triste, em um instante. — Você não tem exatamente um histórico perfeito de cumprir suas promessas...

— Alerta psicótico — grita Lindsay, provavelmente na esperança de dissipar a tensão.

Quase funciona. Levanto tão depressa que derrubo a cadeira. Rob olha para mim, enojado, depois chuta a cadeira — sem força, mas o suficiente para fazer barulho.

— Me encontre mais tarde — ele diz.

Ele sai pelo refeitório, mas não estou mais olhando. Estou observando Juliet flutuar, pairar, boiar. Como se já estivesse morta e só a estivéssemos vendo em fragmentos, imperfeita.

Não está carregando nada, nem um único caule, apenas um saco marrom amassado, como sempre. Minha decepção é tão grande e real que posso *sentir o*

gosto, um nó amargo no fundo da garganta.

— ...E depois um dos Cupidos entrou, e eu juro, tinha, tipo, umas três dúzias de flores, todas para Juliet.

Viro.

— O que você disse?

Ally franze o rosto um pouco ao ouvir meu tom de voz, mas repete: — Ela simplesmente recebeu, tipo, um buquê enorme de rosas. Nunca vi tantas rosas na vida. — Ela começa a rir. — Talvez a Psicótica tenha um perseguidor.

— Só não entendo o que aconteceu com a *nossa* rosa — diz Lindsay, fazendo beicinho. — Falei especificamente, terceiro tempo, biologia.

— O que fez com elas? — interrompo.

Ally, Elody e Lindsay olham para mim.

— Fez com o quê? — pergunta Lindsay.

— As rosas. Ela... ela jogou fora?

— Por que você se importa? — Lindsay franze o nariz.

— Eu... *não* me importo. É só que... — Estão todas me olhando, confusas. Elody está com a boca aberta, e dá para ver batatas fritas esmagadas dentro. — Acho gentil, tudo bem? Se alguém mandou todas aquelas rosas para ela... Não sei. Só acho gentil.

— Provavelmente, foi ela mesma que as mandou — diz Elody, começando a rir outra vez.

Finalmente me irrita.

— Por quê? Por que você diz isso?

Elody recua como se eu tivesse acabado de bater nela.

— Eu só... é *Juliet*.

— É, exatamente. É *Juliet*. E daí? Ninguém se importa com ela. Ninguém presta atenção. — Me inclino para a frente, pressionando as duas mãos na mesa, com a cabeça latejando de raiva e frustração. — De. Que. Adianta?

Ally franze o rosto para mim.

— Isso tudo é por que você está irritada com Rob?

— É. — Lindsay cruza os braços. — O que foi que houve, afinal? Vocês estão bem?

— Não é por causa do Rob — digo, expulsando as palavras através de dentes cerrados.

Elody intercede.

— Foi uma piada, Sam. Ontem você disse que tinha medo que Juliet a

mordesse se você chegasse perto demais. Disse que ela provavelmente tinha raiva.

É isso que me quebra — bem ali, quando Elody diz isso. Ou, quando ela me lembra de que eu disse aquilo: ontem, há seis dias, há um *mundo*. Como é possível, penso, mudar tanto e não conseguir mudar nada? É a pior coisa nessa história, a sensação de impotência desesperada, e percebo que a minha pergunta para Elody é a que vem me dilacerando o tempo todo. De que adianta? Se estou morta — se não posso mudar nada, se não posso consertar —, *de que adianta?*

— Sam está certa. — Lindsay dá uma piscadela para mim, ainda sem entender. — É o Dia do Cupido, sabe? Um tempo de amor e perdão, mesmo para os psicóticos do mundo. — Ela ergue uma rosa como se fosse uma taça de champanhe. — À Juliet.

Ally e Elody erguem as rosas, rindo.

— À Juliet — dizem, em uníssono.

— Sam? — Lindsay ergue a sobrecelha. — Quer brindar conosco?

Giro a cabeça para o fundo da área dos formandos, para a porta que leva diretamente ao estacionamento. Lindsay grita alguma coisa.

— Ela não jogou fora, o.k.? — diz Ally.

Continuo andando mesmo assim, costurando pelas mesas cheias de comida, rosas e mochilas, todo mundo conversando e rindo, sem desconfiar de nada. Sinto uma pontada no estômago que parece arrependimento. Tudo parece tão estupidamente feliz e normal: todo mundo perdendo tempo, pois têm muito para perder, minutos correndo com *quem está com quem* e *você soube*.

No horizonte há uma linha de nuvens negras, ali paradas, uma cortina prestes a se fechar. Examino o estacionamento, procurando Juliet, balançando sobre os pés para me manter aquecida. Ouço música vindo de um carro na Alameda dos Formandos e reconheço o Taurus prateado de Krista Murphy, partindo em direção à saída. Fora isso, o estacionamento está quieto. Juliet desapareceu em algum lugar na paisagem de metal e asfalto.

Inspiro e expiro uma nuvem, saboreando a ferroada de ar na minha garganta. Estou quase aliviada por Juliet não estar lá. Não sei ao certo o que teria dito. E ela não jogou as flores fora, afinal. É um bom sinal. Fico ali por um segundo mais, me mexendo sobre os pés, pensando: *Hoje é a noite em que vou me livrar disso*. Pensando em tudo que farei com mais frequência na vida. Ir ao Goose Point com Izzy, enquanto ela aguentar. Passar mais tempo sozinha

com Elody. Dirigir para Nova York e ir a um jogo dos Yankees com Lindsay, me encher de cachorro-quente e xingar todos os jogadores.

Beijar Kent. Beijá-lo de verdade, lenta e demoradamente, em algum lugar ao ar livre — talvez quando estiver nevando. Talvez no bosque. Ele vai se inclinar para a frente e estará com pequenos flocos de neve nos cílios novamente, vai tirar o cabelo do meu rosto e colocar a mão calorosa atrás do meu pescoço, tão quente que estará quase queimando...

— Oi, Sam — a voz de Kent.

Viro com um ganido, tropeçando nos meus pés. Assim como com Juliet Sykes, estou tão imersa na fantasia sobre Kent que a própria aparição dele parece um sonho ou um desejo. Ele está usando um velho blazer de veludo com cotoveleiras, como um professor de inglês louco — e adorável. O veludo parece macio, e tenho vontade de esticar o braço e tocá-lo, uma vontade que nada tem a ver com minha percepção geral do dia, nem com a preciosidade das coisas.

As mãos de Kent estão enterradas nos bolsos, e os ombros erguidos para cima, para perto das orelhas, como se ele estivesse tentando se manter aquecido.

— Não foi para a aula de cálculo hoje?

— Hum... não. — Passei o dia esperando para encontrar com ele, mas agora minha mente apagou.

— É uma pena. — Kent sorri para mim, saltitando. — Perdeu algumas rosas. — Ele puxa a mochila para a frente de um dos ombros e a abre, puxando a flor rosa e creme com um cartão dourado em uma ponta. — Algumas delas voltaram para a sala, eu acho. Mas eu... bem, queria entregar esta pessoalmente. Está um pouco amassada. Desculpe.

— Não está amassada — digo rapidamente. — É linda.

Ele morde a ponta do lábio — a coisa mais fofa que já vi. Acho que talvez esteja nervoso. Os olhos dele passeiam pelo meu rosto e desviam, e cada vez que param em mim parece que o mundo está desaparecendo e só restamos nós dois no meio de um campo verde e brilhante.

— Você não perdeu nada na aula de matemática — ele diz, e reconheço um balbúcio Kent McFuller se aproximando. — Quer dizer, passamos algumas coisas do dever de casa de quarta-feira porque algumas pessoas estavam, tipo, surtando por causa do teste de segunda. Mas, no geral, as pessoas estavam um pouco agitadas por causa do Dia do Cupido, e Daimler realmente não se

importa...

— Kent?

Ele pisca e se cala.

— Oi?

— Você me mandou isso? — Levanto a rosa. — Quer dizer, é sua?

O sorriso dele cresce tanto que é como um enorme raio de sol.

— Nunca vou contar — ele diz, dando uma piscadela.

Inconscientemente, dei vários passos na direção dele, então posso sentir o calor vindo do seu corpo. Fico imaginando o que ele faria se eu o puxasse para perto de mim agora, tocasse os lábios dele com os meus, como fizemos — como espero que tenhamos feito — ontem à noite. Mas a simples ideia já faz com que meu estômago se contraia, meu corpo inteiro parece trêmulo e inconstante.

Naquele instante, me lembro do que Ally nos disse no primeiro dia, no dia em que tudo começou: que se um grupo de borboletas voasse na Tailândia, isso poderia provocar tempestades em Nova York. E penso nos milhares de bilhões de passos e passos errados, riscos e coincidências que me trouxeram aqui, de frente a Kent, segurando uma flor rosa e creme, e parece o maior milagre do mundo.

— Obrigada — digo e rapidamente acrescento: — sabe... por ter me trazido isso.

Ele abaixa a cabeça, parecendo satisfeito e envergonhado.

— Sem problemas.

— Eu, bem, soube que você vai dar uma festa hoje à noite. — Estou dando um chute mentalmente em mim mesma por soar tão ridícula. Na minha cabeça isso tudo se passou de um jeito muito mais simples. Na minha cabeça ele iria se inclinar para baixo e fazer aquilo com os lábios outra vez, o toque suave. Estou tão desesperada para consertar tudo, para voltar à sensação que tive ontem à noite — que *nós* tivemos ontem à noite, ele *tem* que ter sentido —, mas temo que qualquer coisa que eu diga possa estragar tudo. Uma tristeza temporária pelo que perdi me domina. Em algum lugar no giro interminável da eternidade aquela minúscula fração de segundo em que nossos lábios se encontraram se perdeu para sempre.

O rosto dele vibra.

— Meus pais estão viajando, sabe. Você vai?

— Definitivamente — digo, de um jeito tão forçado que ele fica um pouco

espantado. — Quer dizer — continuo com um volume normal —, todo mundo vai, não vai?

— Espero que sim. — A voz de Kent sai lenta e calorosa, como calda, e eu gostaria de poder fechar os olhos e apenas ouvi-lo. — Comprei dois barris de cerveja. — Ele gira o dedo no ar, como se estivesse fazendo uma exclamação irônica.

— Eu iria de qualquer jeito. — Mentalmente me chuto: o que isso *quer dizer*?

Kent parece entender, pois fica ruborizado.

— Obrigado — ele diz. — Estava torcendo para você ir. Quer dizer, imaginei que você fosse, porque você sempre vai a festas, você sabe, sempre sai e tudo mais, mas eu não sabia se tinha outra festa ou alguma coisa, ou talvez você e as suas amigas fizessem alguma coisa diferente nas sextas...

— Kent?

Ele faz aquela parada rápida lindinha com a boca.

— Oi?

Molho os lábios, incerta quanto a como dizer o que quero, apertando as mãos em punhos.

— Eu... eu preciso falar uma coisa para você.

Ele franze a testa. Uma graça — como é que eu não percebia quanto ele é fofo? —, e não facilita em nada.

Respiro fundo.

— Vai soar completamente louco, mas...

— Hein? — Ele se inclina ainda mais para perto, até nossos lábios estarem a menos de dez centímetros de distância. Posso sentir o cheiro de bala de menta no hálito dele, e minha cabeça começa a girar incontrolavelmente, como se tivesse se transformado em um carrossel gigante.

— Eu, bem, eu...

— Sam!

Eu e Kent recuamos um passo instintivamente quando Lindsay sai do refeitório dando de ombros, com as bolsas carteiro, dela e minha, penduradas em um braço. Na verdade fico grata pela interrupção, visto que eu estava prestes a confessar ou que tinha morrido há alguns dias, ou que estava me apaixonando por ele.

Lindsay se aproxima, sendo extremamente melodramática pelo fato de estar carregando duas bolsas, como se ambas fossem feitas de ferro.

— Então, vamos?

— O quê?

Os olhos dela momentaneamente contemplam Kent, mas fora isso ela não percebe a presença dele. Ela se planta quase diretamente à frente dele como se ele nem estivesse presente, como se não fosse digno de seu tempo, e quando Kent desvia o olhar e finge não perceber, eu me sinto mal. Quero transmitir, de algum jeito, que não sou como ela — que eu sei que ele é digno do meu tempo. Ele é melhor do que o meu tempo.

— Vamos ao The Country's Best Yogurt ou o quê? — Ela põe a mão na barriga e faz uma careta. — Juro por Deus, aquelas batatas fritas me causaram um inchaço que só pode ser dissolvido com química.

Kent me dá um rápido aceno de cabeça e começa a se afastar, sem se despedir, nem nada, apenas tentando sair dali o mais rápido possível.

Desvio de Lindsay e grito.

— Tchau, Kent! Até mais tarde.

Ele vira rapidamente, surpreso, e sorri para mim.

— Até mais tarde, Sam. — Ele toca a própria cabeça, uma saudação, como um daqueles atores em um velho filme preto e branco, em seguida volta para o prédio principal.

Lindsay o observa por um instante, em seguida olha para mim e franze os olhos.

— O que foi isso? Kent a perseguiu o suficiente para dobrá-la?

— Talvez — digo, porque não me importo com o que Lindsay pensa. Estou eufórica com o sorriso e por ter ficado tão perto dele. Sinto-me leve e invencível, a melhor onda que há.

Ela me encara por um segundo longo demais, em seguida dá de ombros.

— Nada diz “Eu te amo” como um tijolo pela janela. — Ela encaixa o braço no meu. — Iogurte.

Eis aí, apesar de todos os seus um milhão e um defeitos, a razão pela qual amo Lindsay Edgecombe.

A RAIZ E O BROTO

— Vamos, Sam. — Lindsay está olhando gananciosa para a casa de Kent, como se fosse feita de chocolate. — Você está ótima.

Estou verificando a maquiagem pela quinquagésima vez no espelho. Passo uma camada final de gloss e pesco um fragmento de rímel do canto dos cílios, treinando o discurso que ensaiei na cabeça. *Ouça, Kent, isso pode parecer inesperado, mas eu estava pensando se você, sei lá, quer sair alguma hora...*

— Não entendo. — Do banco de trás, Ally se inclina para a frente, seu casaco da Burberry fazendo barulho. — Se você não vai transar com Rob, por que está tendo um troço?

— Eu não estou tendo um troço — digo. Apesar de ter colocado blush em creme, e hidratante, estou pálida como um vampiro.

— Você está tendo um troço — Lindsay, Elody e Ally dizem ao mesmo tempo, em seguida começam a rir.

— Tem certeza de que não quer uma dose? — Ally cutuca meu ombro com a garrafa de vodca.

Balanço a cabeça.

— Estou bem. — Estou nervosa demais para beber, estranhamente. Além disso, hoje é o primeiro dia do meu novo começo. De agora em diante, farei as coisas direito. Serei uma pessoa diferente, uma pessoa boa. Serei o tipo de pessoa que seria bem-lembrada, não apenas lembrada. Venho repetindo isto incessantemente, e a simples ideia me dá forças, algo sólido em que me apoiar, uma linha da vida.

Está me ajudando a combater o medo e a agitação em algum lugar dentro de mim de que me esqueci de fazer alguma coisa, ou de que alguma coisa está errada.

Lindsay me abraça e beija minha bochecha. O hálito dela cheira a vodca e Tic Tac.

— Nossa motorista designada — ela diz. — Estou me sentindo como um especial de pós-aula.

— Você é um especial de pós-aula — diz Elody. — Do tipo alerta.

— Olha quem fala, promíscua — diz Lindsay, virando para jogar um tubo de gloss em Elody.

Elody o pega e solta um gritinho triunfante, em seguida passa um pouco nos lábios.

— Bem, eu sou do tipo congelada — diz Ally. — Podemos entrar, por favor?

— Madame? — Lindsay olha para mim, fazendo um floreio com a mão e uma breve reverência.

— Certo. Vamos. — Continuo passando as falas na minha cabeça: *Sei lá, ver um filme, sair para comer alguma coisa, ou, não sei... Sei que já faz alguns anos que a gente não conversa...*

A festa está barulhenta, um rugido gigante. Talvez seja porque eu estou sóbria, mas todo mundo parece ridiculamente apertado, com calor e desconfortável, e pela primeira vez em um longo tempo me sinto tímida ao entrar, como se todos estivessem olhando para mim. Mantenho em mente o que vim fazer: encontrar Kent.

— Loucura. — Lindsay se inclina para a frente e circula a mão no ar, gesticulando para todas as pessoas espremidas juntas, se movendo um centímetro por vez, como se estivessem todas presas por uma corda invisível.

Forçamos a passagem até o segundo andar. Os olhos de todo mundo parecem brilhantes, como olhos de bonecas, por causa de álcool, e talvez outras coisas. É um pouco repulsivo, para falar a verdade. Apesar de estudar com todas estas pessoas há séculos, todas parecem diferentes, estranhas, e quando sorriem para mim só vejo dentes por todos os lados, como piranhas se preparando para comer. Sinto como se uma cortina tivesse caído e eu estivesse enxergando as pessoas como elas realmente são: diferentes, cruéis e irreconhecíveis. Pela primeira vez em dias penso no sonho que vinha tendo por um tempo, em que estava andando por uma festa e todos pareciam familiares exceto por uma coisa: algo está errado. Fico imaginando se a questão do sonho não era que as outras pessoas estavam se transformando, mas que eu estava. Lindsay mantém um dedo enfiado na minha lombar, me encorajando a continuar andando, e fico satisfeita com isso. Aquele pequeno ponto de conexão me dá coragem.

Vou empurrando até o primeiro cômodo no alto das escadas, um dos maiores, e meu coração vai ao estômago: Kent. Ele está no canto conversando com Phoebe Rifer, e instantaneamente minha cabeça fica nebulosa, tornando-se uma nevasca inútil. Minha boca parece estar cheia de algodão e me arrependo completamente de não ter tomado pelo menos uma dose, para não estar tão ciente de como me sinto estranha, alta e desajeitada, como se eu fosse a Alice no País das Maravilhas e tivesse ficado grande demais para a sala.

Viro para dizer alguma coisa a Lindsay — não sei o quê, mas preciso *falar* com alguém, e não ficar simplesmente parada de boca aberta como uma espécie de vegetal gigante —, mas ela desapareceu. É claro. Deve ter ido encontrar Patrick. Cerro os punhos e fecho os olhos. Isso significa que a

qualquer instante agora, em *três, dois, um...*

— Sam! — Rob não põe o braço ao redor de mim, e quando viro ele está me olhando de cima como se eu estivesse cheirando mal. É insano, mas eu havia me *esquecido* de que ele estaria na festa. Não estava pensando nele, nem um pouco. — Achei que você não viesse.

— Por que eu não viria? — Cruzo os braços por cima do peito depois que Rob desvia os olhos sem a menor sutileza para os meus seios.

— Você estava completamente estranha hoje. — Lá está: a repreensão surgindo. — E, então? Você vai pedir desculpas? — Ele sorri, preguiçoso e desajeitado. — Podemos encontrar uma maneira de você me recompensar.

A raiva ferve dentro de mim. Ele está me olhando da cabeça aos pés, como se seus olhos fossem dedos e ele estivesse tentando tocar todo o meu corpo ao mesmo tempo. Não posso acreditar quantas noites passei no sofá do porão da casa dele deixando ele me babar inteira. Anos e anos de fantasia se desfazem naquele segundo.

— Ah, é? — Estou lutando para me controlar, mas não consigo conter a irritação na voz. Felizmente Rob está bêbado demais para notar. — Eu adoraria. Recompensá-lo, quero dizer.

— É? — O rosto de Rob se ilumina, e ele dá um passo na minha direção, colocando os braços na minha cintura. Estremeço por dentro, mas me forço a manter a compostura.

— Hummm. — Passo os dedos pelo peito dele, dando uma olhada em Kent, que ainda conversa com Phoebe. Fico momentaneamente distraída — Phoebe tem a personalidade de um macarrão, pelo amor de Deus —, mas volto o olhar para o rosto de Rob e me forço a flertar. — Acho que precisamos de um tempo sozinhos, só nós dois, você não acha?

— Certamente. — Rob se curva um pouco para o lado. — No que você estava pensando?

Fico nas pontas dos pés e sussurro no ouvido dele: — Tem um quarto neste andar. Cheio de adesivos na porta. Entre e me espere. Me espere *pelado*. — E eu recuo, com meu sorriso mais sexy para ele. — E prometo que vou me desculpar da melhor maneira possível.

Os olhos de Rob estão quase fora da cabeça.

— Agora?

— Agora.

Ele sai de cima de mim e dá um passo cambaleante na direção do

corredor, em seguida alguma coisa ocorre a ele e ele se vira.

— Você vai chegar logo, não vai?

Desta vez não há nada de forçado no meu sorriso.

— Cinco minutos — eu digo, levantando a mão direita com os dedos esticados. — Prometo.

Quando me afasto de Rob tenho de lutar para não começar a gargalhar, e todo o nervoso que eu sentia para falar com Kent se dissipa. Estou pronta para voltar até ele e enfiar minha língua em sua garganta se precisar.

Exceto que ele não está mais lá.

— Bosta — resmungo.

— Isso não é jeito de uma dama falar. — Ally surge por trás de mim, erguendo as sobrançelas enquanto toma um gole da garrafa. — O que há de errado com você. Ataque da Crise Cokran?

— Algo do tipo. — Esfrego a testa. — Você, humm, viu Kent McFuller?

Ally franze os olhos para mim.

— Quem?

— Kent McFuller — digo um pouco mais alto, e duas meninas do segundo ano viram e me encaram. Encaro-as de volta até que desviam o olhar.

— Nosso grande anfitrião. — Ally levanta a garrafa. — Por que, você já quebrou alguma coisa? A festa está boa, não acha?

— É, a festa está boa. — Tento não revirar os olhos. Ela está alegrinha demais para ter alguma utilidade. Gesticulo em direção ao fundo da casa. Lindsay e Elody devem estar na sala de trás, e Kent provavelmente está perto. — Vamos circular.

Ally pega o meu braço.

— Sim, senhora.

Vejo Amy Wess — provavelmente a maior fofoca do colégio — ficando com Oren Talmadge na entrada, como se ela estivesse morrendo de fome e a boca dele estivesse cheia de Cheetos. Arrasto Ally na direção deles.

— Você quer circular com *Amy Weiss*? — Ally sibila ao meu ouvido.

No primeiro ano Amy espalhou o boato de que Ally deixara Fred Dannon e outros dois meninos tocarem os peitos dela atrás do ginásio em troca de um mês de dever de casa de matemática. Nunca tive certeza se a história é verdadeira ou não, Ally jura que não, Fred jura que sim e Lindsay acha que Ally só deixou olharem, sem tocar, mas, de qualquer forma, Ally e Amy se tornaram inimigas mortais extraoficialmente desde então.

— Pit stop. — Cutuco o ombro de Amy e ela se afasta da boca de Oren.

— Oi, Sam. — O rosto dela se ilumina. Ela olha rapidamente para Ally, depois novamente para mim, colocando os braços ao redor do pescoço de Oren. Oren parece extremamente confuso, provavelmente imaginando o que aconteceu com o peixe sugador no rosto dele. — Desculpe. Estou bloqueando o corredor?

— Seu traseiro é que está — Ally diz alegremente. Aperto o braço dela e ela uiva. A última coisa de que preciso é que Ally e Amy comecem a brigar.

— Sabe, tem um lugar melhor — digo —, se você e Oren quiserem... você sabe, mais *privacidade*.

— Queremos privacidade — diz Oren.

Sorrio para ele.

— Quarto aberto. Cheio de adesivos na porta. Cama *supermacia*. — Levanto os dedos para os lábios e sopro um beijo para Amy. — Divirtam-se.

— O que foi isso? — Ally explode assim que saímos do alcance auditivo. — Desde quando você é amiguinha da Amy?

— Longa história. — Estou me sentindo bem, poderosa, e no controle. As coisas estão voltando a ser como deveriam. Ponho a mão na porta do quarto de Kent quando passo por ele. *Desculpe, Rob*.

Eu e Ally passamos pelo corredor. Estou vasculhando a multidão, procurando Kent, colocando a cabeça para dentro de vários cômodos, me frustrando cada vez que não o vejo.

Ouvimos alguém gritar, e há uma explosão de riso. Por um instante meu coração para e eu penso: *Não pode ser, hoje não, de novo não, Juliet não*, mas em seguida ouço Oren gritar.

— Cara, veste a *calça*, pelo amor de Deus. — Ally põe a cabeça para fora da porta pela qual entramos e olha na direção do quarto de Kent. Os olhos dela ficam tão grandes e redondos que ela parece uma personagem de desenho animado.

— Humm, Sam? Você pode querer dar uma olhada nisso.

Olho para o corredor. Rob vai em direção às escadas — ou pelo menos tenta. Está um pouco difícil para ele se mover com rapidez visto que ele está (a) absolutamente cercado por pessoas olhando para ele e (b) mais do que sem firmeza nos pés — usando nada além da cueca samba-canção e os tênis New Balance com meias descombinadas. E o boné, é claro. Ele está com o restante das roupas à frente do corpo, e não para de grunhir para os outros.

— O que é que *você* tá olhando?

Eu teria me sentido mal por ele se não fossem os ténis. Como assim, ele não podia ter se dado o trabalho de tirá-los? Estava ocupado demais planejando a estratégia para arrancar meu sutiã ou coisa parecida? Além do mais, quando ele está quase na escada, cai acidentalmente sobre uma menina do segundo ano, mas em vez de se afastar ele a envolve em um abraço bêbado. Mal posso esperar para ouvir o que ele vai dizer, mas quando ele se solta dela, posso ver que ela está sorrindo, como se ser amassada por um formando seminu e suado, completamente fora de si, fosse a melhor coisa que acontecera em seu dia.

— É — digo para Ally. — Estamos definitivamente terminados. É oficial. Ela está me olhando de um jeito estranho.

— Kent.

Meu coração palpita.

— O quê?

— É o Kent.

Meu cérebro falha novamente. Ela sabe. É óbvio que estou obcecada por ele; talvez Lindsay tenha dito alguma coisa depois que nos viu juntos do lado de fora do refeitório.

— Eu... a coisa com Rob não tem nada a ver com...

Ally balança a cabeça e aponta um dedo sobre o meu ombro.

— Kent. Atrás de você. Você não estava procurando por ele?

Sou banhada pela sensação de alívio. Ela não sabe. Em seguida uma pontinha de decepção também. Ela não sabe porque não há nada *para* saber. Nem *ele* sabe. Viro e procuro por ele no corredor.

— Ali dentro. — Ally aponta para uma porta a três metros no corredor. Do nosso ângulo é impossível ver mais do que alguns centímetros do interior do cômodo, que, pela mesa enorme bloqueando mais da metade da entrada, parece ser um espaço de armazenamento ou um escritório. Pessoas estão entrando e saindo.

— Vamos. — Puxo Ally novamente, mas ela se liberta.

— Vou procurar Lindsay. — Ela claramente se cansou de qualquer que seja minha missão. Meneio a cabeça, e ela sai em direção à sala ao fundo, utilizando a garrafa de vodka como uma espécie de vara de gado, cutucando as pessoas para fora do caminho. Uma mão agarra meu braço e dou um salto.

Viro: Bridget McGuire e Alex Liment.

— Você é da turma da Sra. Harbor na aula de inglês, não é? — Ela não me espera responder para começar a lenga-lenga. — Você sabe se ela passou os trabalhos sobre *Macbeth*? Alex perdeu. Consulta médica.

Porque acabei não indo tomar iogurte com Lindsay — alguma coisa estava me incomodando, me fazendo querer ficar perto do colégio, do centro das coisas — quase me esqueci de Bridget, Anna e Alex. E agora o olhar no rosto de Alex — aquele sorrisinho torto que surgia nos lábios de Rob toda vez que ele conseguia algum adiantamento de algum professor por algum motivo completamente falso — me faz querer bater nele. Penso em Anna com sua maquiagem preta de olho e seu local de almoço improvisado no chão do banheiro abandonado. Mesmo Bridget não é tão ruim assim. Irritante, sim, mas bonita, gentil, e o tipo de pessoa que provavelmente dedica o tempo livre a fazer trabalhos voluntários com crianças doentes.

Não aguento. Não posso deixar que ele escape.

Bridget continua tagarelando sobre a mãe de Alex ser obcecada por assuntos de saúde. Interrompo-a.

— Alguém está sentindo cheiro de comida chinesa?

Bridget franze o nariz, claramente desapontada porque eu não estava ouvindo.

— Comida *chinesa*?

Faço uma cena ao inspirar.

— É. Tipo, tipo — olho diretamente para Alex —, tipo uma grande vasilha de carne com molho de laranja.

O sorriso dele se desfaz um pouco, mas ele dá de ombros.

— Não estou sentindo cheiro de nada — ele diz.

— Meu Deus! — Bridget põe a mão à frente da boca. — Não é meu hálito, é? Eu supercomi comida chinesa ontem à noite.

Continuo olhando fixamente para Alex.

— Qual é o seu problema? — pergunto, sem nem sequer me incomodar em conter a irritação da voz.

Ele pisca.

— O quê?

Bridget parece confusa, e por um instante nós três ficamos ali, sem dizer nada. Alex e eu olhamos um para o outro, e Bridget olha para mim e para ele tão rapidamente que temo que o pescoço dela vá se soltar.

Em seguida sorrio.

— Então, por uma questão de *saúde*. Por que você teve que ir ao médico?
Alex relaxa visivelmente.

— Nada de mais. Minha mãe queria que eu tomasse uma vacina estranha. E, você sabe, checkup geral e tudo mais.

— Arrã. Espero que tenham examinado com cuidado. — Lanço um olhar para a virilha dele. Felizmente Bridget estava olhando para ele, assistindo-o enrubescer, e não vê.

— Hum. F-foi. Muito bem. — Ele cerra os olhos para mim, como se tivesse me notado pela primeira vez.

— Estou procurando um médico — continuo. Sinto-me mal por Bridget, mas, ao mesmo tempo, ela merece saber o que o namorado lamentável dela anda fazendo. — É *tão* difícil encontrar um bom, sabe? Principalmente um que também trabalhe em um restaurante que sirva um almoço especial a 4,99 dólares. É raro.

— Do que você está falando? — A voz de Bridget é um ganido. Ela olha novamente para Alex. — Do que ela está falando?

Um músculo palpita no maxilar de Alex. Dá para perceber que ele quer me xingar, mas sabe que isso só pioraria as coisas, então ele simplesmente fica ali me encarando.

Ponho a mão no braço de Bridget.

— Sinto muito, Bridget. Mas o seu namorado não vale nada.

— Do que ela está falando?

A voz de Bridget sobe um tom, e, enquanto me afasto, ouço Alex tentando acalmá-la, sem dúvida nenhuma alimentando-a com mentiras o mais rápido que consegue inventá-las. Eu deveria me sentir bem com o que fiz — ele merece, afinal, e de um jeito estranho, estou apenas consertando as coisas —, mas assim que me afasto me sinto estranhamente vazia. A sensação de controle desaparece, e em seu lugar surge um leve toque de ansiedade. Passeio pelos eventos do dia como se olhasse uma tela de computador, tentando encontrar algum lapso, algo que tenha me esquecido de dizer ou fazer. Talvez eu devesse ter ido à casa de Juliet mais cedo, para ver como ela estava. Mas não sei o que teria dito. *Oi. Você poderia me confirmar que não vai se atirar à frente de nenhum carro hoje à noite? Isso seria ótimo. E nada de explosivos, também. É com a minha vida que você está brincando.*

A música está alta demais, as notas são quase imperceptíveis. Fantasio sobre pegar a mão de Kent e puxá-lo para algum lugar quieto e escuro. A sala do

andar de baixo, talvez, ou o bosque, ou algum lugar mais afastado. Talvez apenas entrássemos no carro e dirigíssemos.

— Sam! Sam!

Levanto o olhar. Na sala ao fundo, Lindsay está em um dos sofás, acenando para mim sobre a maré de cabeças em movimento. Ally está ao lado dela, e vários centímetros à frente vejo Elody sussurrando alguma coisa para Steve Dough.

Hesito, uma sensação de desespero caindo sobre mim. É ridículo falar com Kent. Não tenho palavras para descrever como estive enganada a respeito dele, de Rob, de todos. Acho que não posso explicar para ele quanto venho mudando. E, de qualquer forma, talvez seja apenas uma mentira. Talvez seja impossível mudar.

Naquele instante, enquanto oscilo entre duas entradas, as pessoas ao redor ficam quietas e silenciosas, com os rostos relaxando. No sofá Lindsay vacila, com a mão descendo inutilmente para o seu lado. Ao lado dela, Ally começa a abrir e fechar a boca como um peixe. A efervescência está por todo o meu corpo agora, como o zumbido de um fio elétrico.

E lá está ela, marchando pelo corredor. Depois de tudo isso: Juliet Sykes em uma missão.

Em um segundo o desespero, o desânimo, a sensação de esquecer as coisas ou não captar o objetivo de algum jeito, tudo se transforma em raiva. Quando vê Lindsay, ela para e abre a boca, entrando diretamente na coreografia de “você é uma vaca”, mas não deixa nem a primeira palavra escapar da boca de Juliet, antes de avançar com tudo, agarrando-a pelo braço e arrastando-a para o corredor.

Ela está surpresa demais para lutar contra mim.

Coloco-a no banheiro mais próximo.

— Fora — ordeno a duas garotas que estão na frente do espelho, e fecho a porta e tranco. Quando viro para encará-la, ela está me olhando como se *eu* fosse a psicótica.

— O que você está fazendo?

Ela não deve ter entendido a minha pergunta.

— É uma festa — ela diz com suave ênfase. Quando não está ocupada tendo ataques e me chamando de vaca, ela tem uma voz bonita, musical como a de Elody. — Tenho o direito de estar aqui, como todo mundo.

— Não. — Balanço a cabeça, apertando os dedos nas têmporas para

impedi-las de latejar. — Quer dizer, o que você está *realmente* fazendo? Por que você está aqui?

Os olhos dela desviam para a maçaneta atrás de mim. Me mexo de modo que o puxador fica na minha lombar. Se ela quiser sair, vai ter de me tirar do caminho.

Aparentemente ela não gosta das possibilidades, pois respira fundo lentamente.

— Vim falar uma coisa. Para você, Lindsay, Elody e Ally.

— Ah, é? O quê?

— Você é uma vaca — ela diz calmamente, em nada uma acusação, mais como alguma coisa pela qual lamente.

Ao mesmo tempo em que ela diz, falo junto: — Eu sou uma vaca.

Ela me encara.

— Ouça, Juliet — passo as mãos pelo cabelo —, sei que nem sempre fomos legais com você nem nada. E me sinto muito mal por isso, de verdade. Sinto mesmo. — Tento determinar o que ela está pensando, mas é como se algo houvesse se fechado atrás de seus olhos, e ela apenas fica ali me encarando entediada. Continuo: — É o seguinte: nunca quisemos nada com isso, sabe? Não acho que eu, que nós realmente paramos para pensar. É simplesmente o tipo de coisa que acontece. As pessoas costumavam tirar sarro de mim o tempo todo. — Ela está me deixando nervosa, me encarando daquele jeito, e passo a língua nos lábios. — O tempo *todo*. E, tipo, não acho que fosse porque as pessoas fossem más, ou ruins, ou o que seja. Só acho... Eu só acho... — Luto para encontrar as palavras. Lembranças colidem na minha mente: o som de pessoas cantando enquanto eu atravessava o corredor, o cheiro de sorvete no hálito de Lindsay no dia que jogamos os absorventes internos de Beth pela janela, cavalgando por um borrão de árvores. — Eu só acho que as pessoas *não* pensam. Elas não sabem. Nós... *eu*... não sabia.

Sinto bastante orgulho de mim mesma por ter dito aquilo tudo. Mas Juliet não se moveu, nem sorriu ou teve um ataque. Ela está tão imóvel que poderia ser uma estátua de pedra. Finalmente um tremor passa por ela, um terremoto pessoal, e seus olhos parecem focar em mim.

— Vocês nem sempre foram legais comigo — ela diz secamente, e meu estômago se contrai. Ela não ouviu nada do que eu disse.

— Eu... é. E sinto muito por isso.

Suas pálpebras se mexem.

— No sétimo ano você e Lindsay roubaram todas as minhas roupas do vestiário e eu tive que passar o dia com as roupas suadas da educação física. Depois me chamaram de Sykes Fedida.

— Eu... eu sinto muito. Não me lembro disso. — O jeito como me olha é horrível, como se enxergasse dentro, através e além de mim para um vazio.

— Isso foi antes de vocês inventarem o Psicótica, é claro. — A voz de Juliet perdeu a característica musical. Está completamente sem tom. Ela levanta o braço e faz a mímica de esfaquear o ar, emitindo uma série de gritos agudos que enviam calafrios pelos meus braços, e por um instante penso que talvez ela *seja* louca. Em seguida abaixa o braço. — Muito engraçado. *Psycho killer, qu'est-ce que c'est*. Cativante.

— As pessoas faziam uma brincadeira ridícula comigo. Do tipo cantar quando eu passava. O que é vermelha e branca e completamente estranha... — Estou procurando fazê-la rir, ou contrair um músculo, ou qualquer coisa, mas ela fica me encarando com aquele olhar vazio e animalesco no rosto, um branco.

— Eu nunca cantei — ela diz, e em seguida, como se fosse forçada a continuar recitando tudo que já fizemos, continua: — Vocês tiraram fotos de mim enquanto eu tomava banho.

— Foi Lindsay — digo automaticamente, ficando cada vez mais desconfortável. Se ela ficasse irritada, seria uma coisa, mas é como se ela nem estivesse me vendo, como se lesse uma lista que já tivesse visto um milhão de vezes.

— Vocês colocaram as fotos por todo o colégio. Onde os *professores* podiam ver.

— Nós tiramos em, tipo, uma hora. — Me sinto envergonhada assim que digo as palavras. Como se o fato de termos tirado melhorasse as coisas.

— Vocês invadiram minha conta do Yahoo. Publicaram meus... meus e-mails particulares.

— Isso não foi a gente — digo rapidamente, sentindo uma onda de alívio de que isso, pelo menos, não era nossa culpa. Até hoje não sei ao certo quem invadiu a conta dela e fez circular uma troca de e-mails entre Juliet e um cara chamado Path2Pain118, que ela obviamente havia conhecido em um bate-papo. Havia dúzias de e-mails, todos longos discursos retóricos sobre como o colégio era uma droga, assim como todo mundo. O hacker encaminhara os e-mails para quase todo mundo da escola após intitulá-los com uma nova frase:

Futuros atiradores de escola dos Estados Unidos. Estremeço, pensando em como é fácil se enganar completamente a respeito dos outros — de ver uma pequena parte deles e confundir com o todo, de ver a causa e confundir com o efeito e vice-versa. E, apesar de agora já ter estado na casa de Kent cinco vezes em seis dias, me sinto desorientada, confusa com a luz brilhante do banheiro e o rosto frio de Juliet e os ruídos da festa atravessando a porta.

Juliet continua como se eu não tivesse falado nada.

— Vocês começaram o boato de que perdi minha virgindade por um maço de cigarros.

Ally. Isso foi Ally. Não posso falar. E, de qualquer forma, não faz a menor diferença. Fomos nós. Todos nós. Todos os que repetiram a história, sussurraram “vadia” e fizeram o som de uma tosse de fumante toda vez que ela passava.

— Eu nem fumo. — Ela diz isso com um sorriso, como se fosse a coisa mais engraçada do mundo. Como se isso, toda a sua vida, fosse uma piada.

— Juliet...

— Minha irmã ouviu esse boato. E contou para os meus pais. Eu... — Finalmente ela se descontrola um pouco, cerrando as mãos em punhos e as comprimindo contra as coxas. — Eu nunca nem beijei ninguém. — Isso sai como um sussurro feroz, uma confissão, e a intensidade, a tristeza e o arrependimento fazem um poço negro de raiva se formar em algum lugar dentro de mim.

— Eu sei, tá? Eu sei que fizemos coisas horríveis. Sei que fomos péssimas, e as coisas estão ruins e... — Paro, as palavras ficam presas na minha garganta. Estou prestes a chorar, cheia de uma fúria cega que me atinge como uma nuvem, obscurecendo tudo menos um único ponto de frustração: não posso fazê-la enxergar, não posso fazê-la entender que estou tentando corrigir as coisas. Sinto como se estivesse assistindo a ambas as nossas vidas descerem pelo ralo, a minha e a dela, enroladas uma à outra. — O que eu estou dizendo é que eu quero recompensá-la. Estou tentando *pedir desculpas*. As coisas... as coisas vão melhorar.

Ela pressiona os lábios um contra o outro, me encarando muda e pálida, e preciso conter todos os músculos dos meus braços para não esticá-los e sacudi-la.

— Quer dizer... — Continuo em um voo cego agora, pegando, agarrando palavras e ideias à medida que surgem através da minha raiva, tentando fazê-la

entender. — Você recebeu umas rosas hoje, certo? Um monte delas?

Um tremor enorme passa por ela. E agora uma luz surge em seus olhos novamente, mas em vez de gratidão há ódio queimando.

— Eu sabia. Eu sabia que tinham sido vocês. — A voz dela está tão cheia de raiva e de dor que recuo como se ela tivesse me batido. — O que foi aquilo? Mais uma das suas piadinhas?

Sua reação é tão inesperada que levo alguns segundos para pensar em uma resposta.

— O quê? *Não*. Aquilo não foi...

— Pobre Psicótica. — Juliet cerra os olhos, quase sibilando para mim. — Nenhum amigo. Nenhuma rosa. Vamos gozá-la mais *uma* vez.

— Eu não queria gozá-la. — Não faço ideia do que esteja acontecendo, nem de como as coisas deram tão errado. — Era para ser gentil.

Nem sei se ela me ouve. Ela se inclina mais para perto.

— Então, qual era o plano? O que vocês iam fazer com aquela palhaçada de “admirador secreto”? Subornar algum dos seus amigos para fingir gostar de mim? Me convidar para sair? Talvez até para ir à formatura? E depois, o quê? Na noite em que deveríamos ir, ele simplesmente não apareceria? E seria tão *incrivelmente engraçado* se eu fizesse um escândalo, enlouquecesse e chorasse ou me descontrolasse nos corredores quando o visse no colégio? — Ela se afasta. — Sinto muito em desapontá-la, mas vocês estão se repetindo. Já estive lá, já fiz isso. Oitavo ano. Festa de Primavera. Andrew Roberts.

Ela chega para a frente como se estivesse exaurida pelo discurso, a raiva e a luz flamejante desaparecem simultaneamente, toda a expressão deixando seu rosto, as mãos se soltando.

— Ou talvez vocês não tivessem um plano — ela diz, de maneira plácida desta vez, quase doce. — Talvez não houvesse qualquer objetivo. Talvez só quisessem me lembrar de que eu não tenho ninguém, nenhum amigo, nenhum admirador secreto. “Talvez no próximo ano, mas provavelmente não”, certo? Ela sorri para mim novamente, e é pior do que raiva.

A essa altura estou tão frustrada e desnorteada que tenho de lutar para conter as lágrimas.

— Eu juro, Juliet, que esse não era o objetivo. Eu só... achei que fosse ser legal. Achei que a faria se sentir melhor.

— Faria me sentir melhor? — Ela repete as palavras como se nunca as tivesse ouvido antes, e agora seus olhos têm um brilho distante e sonhador.

Todos os traços de raiva e emoção desapareceram. Ela até parece apaziguada, e fico espantada com como ela é bonita. De perto, parece uma modelo, com aquela pele pálida e enormes olhos azuis, da cor do céu pela manhã.

— Você não me conhece — ela diz, com pouco mais do que um sorriso.
— Você nunca me conheceu. E não pode fazer com que eu me sinta melhor. Ninguém pode fazer eu me sentir melhor.

Isso me lembra do que eu disse para Kent há apenas dois dias — *Acho que não tenho conserto* —, mas agora sei que estava errada. *Todo mundo* tem conserto; tem que ser assim, é a única coisa que faz sentido. Estou tentando encontrar uma maneira de dizer isso a Juliet, de convencê-la, mas muito calmamente, e com aquela graça flutuante que sempre teve, ela põe a mão em um dos meus braços e me move gentil mas firmemente para fora do caminho, e me vejo saindo de lado e a deixando alcançar a maçaneta da porta. As lágrimas estão comprimindo o fundo da minha garganta, e luto para encontrar palavras, e o tempo todo é como se o rosto dela estivesse empalidecendo cada vez mais, quase brilhando, como a ponta branca de uma chama; e tenho essa ideia de que já a estou vendo se apagar, sua vida piscando à minha frente, uma tevê com chuveiros.

Ela se detém com a mão na porta, olhando para a frente.

— Sabe, eu era amiga de Lindsay. — Ela ainda está falando com aquela voz calma e horrível, como se estivesse conversando a uma distância de quilômetros e mais quilômetros. — Quando éramos mais novas, nós fazíamos tudo juntas. Ainda tenho um colar de amizade que ela me deu, um daqueles corações divididos ao meio. Quando você juntava as duas peças ficava escrito “Melhores Amigas Para Sempre”.

Quero perguntar o que aconteceu, por que deixaram de ser amigas, mas as palavras estão presas atrás do nó na minha garganta. E estou com medo de interrompê-la. Enquanto Juliet estiver falando comigo, estará segura.

— Foi logo antes de os pais dela se divorciarem. — Juliet lança um rápido olhar na minha direção, mas seus olhos parecem passar diretamente pelo meu rosto, sem de fato registrá-lo. — Ela ficava muito triste o tempo todo. Eu ia dormir na casa dela, e os pais dela discutiam tanto que tínhamos que nos esconder embaixo da cama e colocar travesseiros por todos os lados para abafar o som. Ela chamava de “construir um forte”. Ela sempre foi assim, sabe, sempre tentando extrair o melhor das coisas. Mas, quando pensava que eu estava dormindo, ela chorava, chorava, chorava. Ela também começou a ter

pesadelos. Horríveis. Ela acordava gritando no meio da noite.

Juliet está olhando para a porta outra vez, sorrindo um pouco. Gostaria de poder caminhar por suas lembranças e ver o que ela está vendo, consertar o que estiver estragado ali.

— Ela começou a fazer xixi na cama outra vez, sabia? Porque as coisas estavam muito ruins com a mãe e o pai. Ficou humilhada, obviamente. Me fez jurar segredo, disse que nunca mais falaria comigo outra vez se eu contasse para alguém. A gente acordava de manhã e alguns dos travesseiros do forte estavam úmidos. Eu fingia que não percebia. Numa manhã eu entrei no banheiro para escovar os dentes e ela estava sentada na banheira, esfregando um travesseiro com tanto alvejante que fazia meus olhos arderem. Ela devia estar esfregando há meia hora. O travesseiro estava todo branco, manchado e estragado, e os dedos dela vermelhos e em carne viva. Estavam quase queimados. Mas era como se ela nem pudesse notar. Ela só queria que ficasse *limpo*.

Fecho os olhos, sentindo o chão embaixo de mim, lembrando-me de ter entrado no banheiro do Rosalita's e de ter visto Lindsay ajoelhada, e os pedaços de comida na privada. A mistura de vergonha, raiva e desafio em seu rosto.

— Teve uma vez que a briga ficou tão feia que fugimos da casa dela. Só tínhamos 7 ou 8 anos, mas fomos andando até a minha casa. Era março, e estava muito frio. O plano era que Lindsay se mudasse para o meu quarto. Eu não ia contar para ninguém, apenas a manteria segura e lhe daria comida. Basicamente, ela queria balas de goma e chocolates Snickers. Ela adorava chocolate e bala. Qualquer coisa doce, na verdade.

Sem qualquer intenção, solto um ruído curto e sufocado. Não sei se consigo mais ouvir. Tenho a sensação de que é isso: esse banheiro, essa história. Que essa é a raiz e o broto de tudo. O começo e o fim.

Mas Juliet continua naquele tom estranho e comedido, como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

— Claro que não deu certo. Nós subimos, entramos no quarto, mas começamos a discutir sobre quem ia dormir na cama de rodinhas e quem ia dormir na grande, e minha mãe ouviu. Ela ficou horrorizada por termos andado aquele caminho todo. Ela gritava e chorava que poderíamos ter sido sequestradas, assassinadas ou sei lá o quê. Me lembro de ter ficado envergonhada. — Juliet vira as mãos para cima, olhando para as palmas. —

Não foi nada em comparação ao ataque de Lindsay quando minha mãe disse que ela tinha que ir para casa. Nunca vi ninguém gritar tão alto.

Ela fica calada por tanto tempo que acho que acabou. As palavras dela ficam zumbindo na minha cabeça, voando e se arranjando como dicas em palavras cruzadas. *Ela sempre foi assim, sabe, sempre tentando extrair o melhor das coisas... Ela devia estar esfregando há meia hora... Os dedos dela vermelhos e em carne viva.* Sinto como se estivesse prestes a entender alguma coisa que não tenho certeza se quero saber. O banheiro parece pequeno e sufocante. Há um peso esmagador no meu peito. Estou tentada a fugir correndo, passar por ela e voltar para a festa, pegar uma cerveja e me esquecer de Juliet, me esquecer de tudo. Mas estou enraizada no lugar. Não *consigo* me mover. Fico observando a escuridão infinita do meu sonho se erguendo na minha frente. Não posso voltar para ela.

— É engraçado quando você para e pensa — diz Juliet. — Fazíamos tudo juntas, eu e Lindsay. Até entramos juntas no grupo de escotismo. Foi ideia dela. Eu não queria fazer aquilo tudo, biscoitos, fogueiras e tudo mais. Partimos em uma viagem de acampamento no começo do quinto ano. Ficamos na mesma barraca, é claro.

Observo as mãos de Juliet, que tremem levemente, mas tão rapidamente que mal se consegue perceber, como as asas de um beija-flor. Com o canto do olho, Juliet vê que estou olhando e leva as mãos às coxas, graciosa, mas com decisão.

— Se lembra do apelido que me deram no quinto ano, certo? O nome que Lindsay me deu? Amarelo Marmelo? — Ela balança a cabeça. — Eu *sonhava* com esse nome, de tanto que o ouvia. Às vezes esquecia qual era meu nome de verdade.

Ela se vira para mim e está com o rosto radiante, quase brilhando, lindo.

— O mais engraçado é que nem fui eu. Foi Lindsay quem fez xixi no saco de dormir. De manhã a barraca inteira cheirava mal. Mas quando a Srta. Bridges entrou e perguntou o que tinha acontecido, Lindsay simplesmente apontou o dedo para mim e gritou: *Foi ela*. Nunca vou me esquecer do rosto dela quando gritou: *Foi ela!* Apavorada. Como se eu fosse um cão selvagem que ia mordê-la.

Encosto na porta, grata por ter onde me apoiar. Faz todo sentido, é claro. *Tudo* faz todo sentido agora: a raiva de Lindsay, a maneira como levanta os dedos em formato de cruz para espantar Juliet Sykes. Ela não odeia Juliet. Ela

tem medo. Juliet Sykes, a guardiã do segredo mais antigo, talvez o pior de Lindsay.

E tudo parece absurdo agora, a aleatoriedade e o acaso de tudo. Uma pessoa atira e a outra cai, fortuito e insignificante. Tão simples quanto estar no lugar certo, ou no lugar errado, como queiram encarar. Tão simples quanto ter desejo de tomar Pepsi Diet um dia em uma festa de piscina e ficar devastada; tão simples quanto não dizer não.

— Por que você não disse nada? — pergunto, apesar de já saber a resposta. Minha voz sai rouca por causa do esforço de conter as lágrimas.

Juliet dá de ombros.

— Ela era a minha melhor amiga, sabe? E vivia triste naquela época. — Juliet emite um ruído que pode ser uma risada ou uma lamúria. — Além disso — ela diz, mais serena —, achei que fosse passar.

— Juliet... — começo a dizer.

Ela sacode os ombros como se estivesse se livrando do peso de tudo, da conversa, do passado.

— Não importa agora — ela diz rapidamente, abre a porta e sai.

— Juliet!

Há um enorme aglomerado de pessoas perto da porta, e quando saio sou empurrada de volta enquanto duas meninas do terceiro ano brigam para entrar no banheiro, gritando, bêbadas.

— Eu cheguei primeiro!

— Não, eu que cheguei!

— Você acabou de chegar!

Algumas pessoas me lançam olhares vis, em seguida Bridget McGuire passa por todo mundo, com o rosto vermelho e manchado de lágrimas. Quando me vê, suspira.

— Você... — Mas não acaba a frase, apenas passa pelas meninas do terceiro ano e se tranca no banheiro.

— Jesus Cristo, de novo não — alguém grita.

— Eu vou fazer xixi nas calças — uma delas resmunga, cruzando as pernas e dando saltos.

Alex Liment está logo atrás de Bridget. Ele empurra as pessoas até chegar à porta do banheiro e começa a bater, gritando para que ela saia. Estou esmagada contra a parede, espremida por pessoas, paralisada por quanto tudo aquilo é errado. Lembro-me de uma história que ouvi uma vez sobre se

afogar: que quando você cai em água fria, não se afoga na hora, o frio o desorienta e o faz pensar que embaixo é em cima, e que em cima é embaixo, então, você nada sem parar na direção errada para se salvar, até o fundo, até afundar. E é assim que estou me sentindo, como se tudo estivesse ao avesso.

— Você é realmente inacreditável.

De repente percebo que Alex está falando comigo. Seus lábios estão contraídos, mostrando todos os dentes.

— Você sabe o que você é? — Ele põe as mãos em cada lado da minha cabeça de modo a me bloquear. Posso ver o suor na testa dele e sentir o cheiro de maconha e cerveja no hálito. — Você, Samantha Kingston, é uma vaca.

Ouvir aquilo me sacode, me desperta. Tenho de me concentrar. Juliet está em algum lugar na mata, no frio. Provavelmente, indo em direção à estrada. Ainda posso encontrá-la, conversar com ela, fazer com que *enxergue*.

Ponho as duas mãos no peito de Alex e o empurro. Ele cambaleia para trás.

— Já ouvi isso antes — digo. — Pode acreditar em mim.

Forço a passagem pelo corredor e estou na metade do caminho da descida da escada quando alguém grita o meu nome. Paro onde estou, e as pessoas atrás de mim batem umas nas outras como dominós e começam a me xingar.

— Jesus Cristo, *o quê?* — Viro e vejo Kent, que salta sobre o corrimão e vem pelas escadas, quase derrubando Hanna Gordon.

— Você veio. — Ele aterrissa a dois degraus acima de mim, um pouco sem fôlego. Está com olhos brilhantes e felizes. O cabelo caído na testa, reluzindo o brilho das luzes de Natal penduradas por todos os lados, alguns pedaços cor de chocolate, outros de caramelo. Tenho uma vontade quase incontrollável de esticar a mão e colocar seus cabelos atrás das orelhas.

— Eu disse que viria, não disse? — Há uma dor fastidiosa se desenrolando no meu estômago. Tudo que eu queria durante toda a noite, todo o dia, era estar assim, bem perto dele. E agora não tenho tempo. — Ouça, Kent...

— Quer dizer, você provavelmente estava aqui quando vi Lindsay e as meninas. Vocês costumam viajar em bando, sabe? Mas depois fui procurá-la...

— Ele para de falar, ruboriza. — Quer dizer, não fiquei procurando *efetivamente*. Na verdade apenas seguindo a multidão, sabe, enquanto andava e socializava. É o que se deve fazer quando se dá uma festa. Socializar. Então, só estava de olhos abertos para...

— Kent. — Minha voz sai cruel, maldosa, e fecho os olhos por apenas um

segundo, imaginando a sensação de ficar deitada com ele na escuridão total, imaginando o toque da mão dele na minha. De repente me ocorre como isso tudo é impossível, comigo e com ele. Quando abro os olhos, ele está ali parado, com uma pequena linha na testa: tão adorável e normal, o tipo de menino que merece o tipo de menina que usa casacos de caxemira e que tem talento para palavras cruzadas, ou toca violino, ou serve de voluntária em cozinhas de sopa. Alguém legal, normal e honesta. A dor no meu estômago se intensifica, como se alguma coisa estivesse presa ali, agarrando minhas entranhas. Eu nunca seria boa o bastante para ele. Mesmo que vivesse o mesmo dia até a eternidade, nunca seria boa o bastante. — Desculpe — me forço a dizer. — Eu... eu não posso falar com você agora.

— Mas... — ele enfia as mãos nas mangas da camisa, parecendo confuso.

— Desculpe. — É melhor, eu quase digo, mas concluo que não adiantaria nada. E também não olho para trás, apesar de poder senti-lo me olhando.

Do lado de fora, puxo o casaco, fechando o zíper até o queixo. A chuva percorre meu pescoço e marca minhas calças legging imediatamente. Pelo menos hoje estou com sapato baixo. Mantenho-me na estrada. O asfalto está congelado, e tenho de esticar os braços e me apoiar nos carros enquanto passo. O frio ataca meus pulmões, e é tão estranho, mas no meio disso tudo tenho o pensamento mais idiota e mais simples — *Eu deveria correr mais* —, e assim que penso quase me descontrolo, dividida entre o desejo dicotômico de rir e chorar. Mas o pensamento de Juliet agachada perto da Route 9, observando os carros passarem correndo, esperando por Lindsay, me faz continuar.

Finalmente os ruídos da festa se reduzem, em seguida, silêncio, exceto pelos carros na chuva, como milhares de pequenos estilhaços de vidro caindo no asfalto, e meus passos ecoando. Também está escuro, e tenho de desacelerar, me movendo de um carro para outro com as mãos, o metal é tão frio sob meus dedos que parece quente. Quando encontro o Tanque, monstruoso acima dos outros, reviro a bolsa até meus dedos se fecharem ao redor do metal frio de um chaveiro cravejado com um diamante falso com as palavras BAD GIRL. As chaves do carro de Lindsay. Sopro ar pela boca. Isso, pelo menos, é uma coisa boa. Não há como Lindsay sair sem mim. O carro dela não vai passar pela estrada hoje, não importa quanto Juliet espere. Mesmo assim, tranco e retranco as portas.

Depois a fila de carros acaba, também, e tropeço para a frente, mentalmente me xingando por não ter trazido uma lanterna, xingando o dia

12 de fevereiro, xingando Juliet Sykes. Agora vejo que as rosas foram uma ideia burra, um insulto, até. Penso em Juliet e Lindsay, todos aqueles anos atrás em uma barraca, quando Lindsay ergueu um dedo e apontou, apavorada, humilhada, e tudo começou.

E durante anos Juliet guardou o segredo de Lindsay. *Achei que fosse passar.*

Ao mesmo tempo, quanto mais penso no assunto — a chuva batendo furiosamente —, mais raiva sinto. Esta é a minha *vida*: a enorme e desajeitada bagunça da minha vida em todas as suas possibilidades — primeiros beijos e últimos beijos, faculdade, apartamento, casamento, brigas, perdões e *felicidade* —, trazidas a um ponto, um segundo, uma ponta de segundo, arrancadas naquele momento final pelo último ato de Juliet: sua vingança contra nós, contra mim. Quanto mais me afastado da festa, mais penso: *Não. Não pode ser assim. Independente do que fizemos, não pode ser assim.*

Em seguida a estrada se abre repentinamente, e a Route 9 está ali, brilhando à minha frente como um rio, prata líquida iluminada por poças de luz. Nem percebo que prendia a respiração até que expiro e estou engasgada, grata pela luz.

Limpo a chuva dos olhos e viro à esquerda, observando a beira da mata, à procura de Juliet. Uma pequena parte de mim tem a esperança de que a conversa comigo tenha feito com que ela se sentisse melhor — talvez ela tenha ido para casa, afinal, talvez tenha significado alguma coisa. Ao mesmo tempo, me recordo da maneira como ela falou com aquela voz baixa e seca e sei que onde quer que ela estivesse naquele banheiro, não era comigo. Ela se perdeu em algum lugar, presa em uma neblina, talvez de lembranças, talvez de todas as coisas que pudessem ter acontecido de forma diferente.

Um carro ronca atrás de mim, me fazendo pular. Na aterrissagem perco o equilíbrio e caio de joelhos no gelo enquanto o carro passa voando, seguido de perto por um outro automóvel, com o motor alto como um trovão. Em seguida buzinas, ondas de som rolando em direção a mim, cada vez mais altas. Tento me mover e não consigo. Tento gritar e não consigo. Estou congelada, os faróis crescem como luas, flutuando. No último segundo, o carro desvia um pouco, passando tão perto de mim que posso sentir o calor do motor e o cheiro do escapamento e ouvir a frase da música que está tocando no rádio. *Light it, blaze it, tear it up.* Em seguida ele desaparece, ainda buzinando, pelo meio da noite, enquanto a vibração dos alto-falantes diminui cada vez mais, transformando-se em uma trepidação distante.

Minhas palmas estão cortadas por causa do asfalto, e meu coração bate tão acelerado que tenho quase certeza de que vai pular fora do peito. Lentamente, tremendo, me levanto. Outro carro passa do outro lado da pista, lentamente, com água voando dos pneus em ambas as direções.

Então, a quinze metros de mim, vejo uma figura de branco emergindo da mata, levantando-se de um encolhimento como uma flor longa e clara. Juliet. Começo a ir na direção dela, lentamente agora, tentando evitar os fragmentos de gelo escuro. Ela está ali, perfeitamente parada, como se nem estivesse sentindo a chuva. Em determinado momento ela levanta os braços, paralelos ao chão, como se estivesse se preparando para mergulhar de um trampolim alto. Há algo de lindo e aterrorizante em vê-la naquela posição. Me faz lembrar de quando eu era pequena e íamos à igreja no Natal e na Páscoa, e eu sempre tinha medo de olhar para o púlpito, onde havia uma imagem de madeira de Jesus na cruz.

— Juliet!

Ela não responde; não tenho certeza se ela não ouve ou se está simplesmente me ignorando. Estou a cinco metros de distância, depois a três. Há um ruído baixo atrás de mim. Viro e vejo um caminhão grande vindo pela escuridão. Novamente, um pensamento aleatório — *ele deveria ter a carteira cassada, está indo rápido demais* —, e quando viro novamente vejo que Juliet está olhando para a estrada, tensa, com os braços nas coxas, e ela me lembra de alguma coisa, mas levo um instante para perceber o que está acontecendo — *ela parece um cachorro se preparando para caçar um passarinho* —, e em seguida tudo se conecta, enquanto ela começa a se mover, um borrão branco, eu estou me movendo também, correndo o mais rápido que consigo e diminuindo a distância entre nós enquanto ela arranca velozmente para a pista mais próxima. O caminhão buzina, um som tão alto que parece encher o ar com vibração, em seguida me choco contra ela com todo o meu peso, e rolamos, caindo, de volta para a mata. Estou gritando e ela está gritando, e uma dor brota no meu ombro. Rolo de costas, os galhos acima formam uma rede grossa.

— O que você está *fazendo*? — Juliet grita, e quando me sento o rosto dela finalmente perdeu a serenidade, e está esculpido com uma expressão de raiva. — Que diabos você está fazendo?

— O que *eu* estou fazendo? — Minha raiva irrompe também. — O que *você* está fazendo? Saltando na frente de caminhões... Pensei que todo o *objetivo* fosse esperar Lindsay..

— Lindsay? Lindsay Edgecombe? — A raiva de Juliet diminui gradativamente e ela parece completamente confusa. Ela leva as mãos à cabeça, cerrando-as. — Não sei do que você está falando.

De repente fico confusa.

— Eu... eu pensei. Sabe, que essa fosse sua grande vingança...

Juliet ri, mas sem qualquer humor.

— Vingança? — Ela balança a cabeça, e novamente aquele véu parece cair sobre o rosto. — Desculpe, Sam. Pela primeira vez não é sobre vocês. — Ela se levanta, sem se incomodar com a lama e as folhas que estão presas a ela. — Agora, por favor, me deixe sozinha.

Minha cabeça está girando e tenho dificuldades em focar nela, como se estivéssemos separadas por vários quilômetros, em vez de alguns centímetros. A chuva está mais forte agora, gotículas grossas. Pequenos fragmentos de momentos voam por meus pensamentos: Lindsay aflagando o capô do Tanque, orgulhosa, dizendo “Eu poderia bater de frente com uma carreta e sairia sem um arranhão”; o dono do Dunkin’ Donuts dizendo “Isso não é um carro, é um caminhão”; a casualidade das coisas, a maneira como tudo pode mudar em um segundo; o lugar certo na hora certa, ou na hora errada; hora; aquele caminhão enorme vindo na nossa direção, a grande grelha metálica brilhando como dentes, a impressão de luzes e enormidade. A única coisa que se consegue ver: faróis, tamanho, uma sensação de poder. Não vingança. Acaso. Acaso cego, estúpido, burro. Apenas uma parte do estranho mecanismo do mundo, encaixes, falhas, começos e colisões casuais.

— Mas por quê...? — Levanto, cambaleando. — Por que você veio aqui? Qual era o objetivo?

Ela não olha para mim, mas balança os ombros levemente.

— Não tinha objetivo nenhum, na verdade. Só queria dizer. Sempre tive medo de dizer antes, o que realmente pensava sobre vocês. Mas não tenho mais medo. De vocês, de ninguém, de nada. Não tenho medo nem mesmo de... — Ela para de falar, mas sei o que ia dizer. *Não tenho medo nem mesmo de morrer.*

Mas sei que o que ela está dizendo não é totalmente verdade. Sua decisão de vir para a festa foi um pouco maior do que isso. As coisas estão se encaixando, fazendo uma espécie horrível de sentido: ela precisava de nós aqui, precisava daquele impulso final. Fecho os olhos contra a lembrança de Juliet molhada e cambaleante sendo empurrada de uma pessoa para outra como

uma bola de pinball. E hoje à noite, acho, ela simplesmente precisava contar sua história — precisava se lembrar de como as coisas tinham sido ruins. Fico imaginando se no dia que dormimos na casa de Ally — no dia em que as coisas terminaram diferentes para ela, no dia em que acabou sozinha, com uma arma — ela levou mais tempo para criar coragem. Se veio para a festa, sem ser notada, ignorada, e descobriu que não tinha forças para ir adiante. Se mais tarde naquela noite ela se sentou e olhou para a arma no colo e conjurou os rostos de todas as pessoas que a haviam torturado durante os anos.

O rosto de Vicky Hallinan surge repentinamente na escuridão, distorcido em uma careta, e abro os olhos. Talvez antes de morrer o que você veja sejam seus fantasmas.

— Este não é o caminho — digo, sem ânimo, sentindo como se a chuva tivesse se infiltrado no meu cérebro e o tornado molhado e inútil. Não consigo me lembrar de nada que planejasse dizer a ela. Repito, um pouco mais alto: — Este não é o caminho.

— Por favor — Juliet diz, calma. — Só quero ficar sozinha.

— E a sua família? — digo, minha voz aumentando de forma histérica quando percebo que a estou perdendo novamente, perdendo minha oportunidade. — E sua irmã?

Ela não me responde. Está olhando para a estrada, parada. A blusa dela foi tão encharcada pela chuva que posso ver as omoplatas saindo das costas como as asas de um filhote de pássaro e penso no instante em que a mãe de Ally veio até a sala e nos contou: “Juliet Sykes se matou”, e achei incrivelmente errado — que ela, entre todas as pessoas, teria pulado, saltado ou caído pelo céu. Novamente tenho a fantasia que tive no dia, de que ela de repente abrirá asas e começará a voar pelo ar, para fora de qualquer perigo.

A estrada está estranhamente sem tráfego, mas agora, de ambas as direções, identifico o rugido de motores. Alto. Forte.

— Juliet. — Dou um passo para a frente e a agarro pelos braços com firmeza. — Não posso deixar você fazer isso.

Ela vira para mim, me encarando com olhos tão vazios que fico sem fôlego. São piscinas, líquidos, nada. Olhar para ela me faz lembrar daquela máscara artesanal com buracos cortados nos olhos: monstruosa, deformada, colada, como olhos que não enxergam nada. Fico tão assustada que perco a firmeza. Há um rugido nos meus ouvidos, e tenho uma vaga percepção de carros, mas estou petrificada. Não consigo parar de olhar para ela.

— Tarde demais — ela diz, e naquele segundo que não a estou segurando com força suficiente ela se desprende de mim e pula na estrada exatamente quando os dois veículos convergem, prestes a passarem um pelo outro, e só vejo o brilho metálico e algo branco de repente lançado ao ar, e por um segundo sinto um senso arrebatador de alegria, e penso que ela conseguiu, que está voando, e o tempo parece parar no ar como um pássaro lindo. Mas depois o tempo volta a correr, e o ar não a segura, e, enquanto ela cai, ouço um ruído penetrante perfurando a escuridão e novamente demoro para perceber que sou eu, gritando.

FANTASMAS E PARAÍSO

Uma hora e meia depois estou estacionada na entrada da casa de Lindsay, e nós duas estamos assistindo à chuva se transformar em neve, observando o mundo ficar quieto enquanto, em um instante, milhares de pingos de chuva parecem congelar no ar e flutuar silenciosamente para a terra. Já deixei Elody e Ally em casa. No caminho da festa para casa ninguém falou nada. Elody se reclinou no assento, fingindo que dormia, mas em dado momento olhei pelo retrovisor e vi o brilho dos olhos dela, me observando.

— Jesus. Que noite. — Lindsay apoia a testa na janela. — Que loucura, sabe? Nunca pensei... Quer dizer, ela obviamente era maluca, mas nunca pensei que fosse... — Ela estremece e olha para mim. — E você estava lá.

Quando a polícia chegou, e as ambulâncias — seguidas por todas as pessoas da festa de Kent, espalhando-se pela mata, todos quietos, repentinamente sóbrios, atraídos pelo som de sirenes como mariposas para uma chama —, me encontraram à beira da estrada, ainda com os olhos fixos. Fui até interrogada por uma policial com uma verruga enorme na ponta do queixo, na qual foquei como uma estrela solitária no céu escuro, algo para me orientar.

Ela estava bêbada?

Não.

Tinha tomado alguma outra coisa? Não tenha medo de me contar.

Não. Pelo menos... acho que não.

Lindsay molha os lábios, mexe as mãos no colo.

— E ela não... ela não, tipo, *disse* nada? Não explicou?

É a mesma coisa que a policial me perguntou mais cedo: a pergunta final,

talvez a única que importe. *Ela disse alguma coisa para você? Qualquer coisa que desse alguma ideia de como ela estava se sentindo, do que estava pensando?*

Acho que ela não estava sentindo muita coisa.

— Não tenho certeza se é o tipo de coisa que se pode explicar — digo a Lindsay.

Ela continua insistindo.

— Mas, quer dizer, ela devia estar com problemas, certo? Coisas em casa? As pessoas não *fazem* isso, simplesmente.

Penso na casa fria e escura de Juliet, as sombras da televisão subindo pelas paredes, o casal desconhecido na moldura prateada.

— Não sei — digo. Olho para Lindsay, mas ela mantém os olhos afastados.
— Acho que agora nunca saberemos.

Sinto uma sensação de vazio tão profunda que parece deixar de ser vazio e passa a parecer alívio. Imagino que ser arrastado por uma onda deva ser assim. É assim que deve ser no momento em que a ponta escura e afiada da costa enfia a cabeça além do horizonte, quando você rola e só vê estrelas, céu e água, lhe encobrendo como um abraço. Quando abre os braços e pensa: *Tudo bem.*

— Obrigada por me trazer. — Lindsay põe a mão na maçaneta, mas não faz qualquer menção de sair. — Tem certeza de que vai ficar bem?

— Vou ficar bem.

Observo a neve caindo por um ângulo como se estivesse flutuando, formando cristais, quebrando em corrente massiva, uma maré que deixa o mundo brilhando. É lindo. Só o que consigo pensar é que é a primeira de muitas coisas que Juliet não verá.

Lindsay está roendo uma unha, um hábito do qual alega ter se livrado no terceiro ano. A luz automática da garagem acendeu, e suas feições estão sombrias.

— Lindsay?

Ela dá um pulo como se tivéssemos ficado caladas durante horas e ela estivesse chocada por ainda me ver no carro.

— O quê?

— Lembra-se daquela vez no Rosalita's? Depois que você voltou de Nova York? Quando entrei e você estava no banheiro?

Ela vira para me encarar, sem dizer nada. Seus olhos estão mais escuros do que o restante do rosto, dois pontos de negritude total.

— Aquela foi realmente a única vez?

Ela hesita por um segundo.

— Claro que foi — responde, mas a voz sai como um sussurro, e sei que ela está mentindo.

E agora percebo que Lindsay não é destemida. Está apavorada. Está apavorada que as pessoas descubram que ela finge, mente e vive a vida assim, fingindo ter tudo bem-resolvido quando na verdade só está tropeçando, como todos nós. Lindsay, que até a morde se você sequer olhar para ela de um jeito errado, como um daqueles cachorros pequenos que atacam e vivem latindo e se lançando ao ar antes de serem puxados para trás pelas coleiras que os mantêm no lugar.

Milhões de flocos de neve individuais, girando e rodando, e todos juntos parecendo espirais brancas. Fico imaginando se é verdade que são todos diferentes entre si.

— Juliet me contou. — Inclino-me para trás, cerrando os olhos de modo que tudo além da brancura desaparece. — Sobre a viagem de escotismo. Quando vocês eram do quinto ano, quando ainda eram amigas.

Lindsay continua não dizendo nada, mas posso senti-la tremendo um pouco ao meu lado.

— Ela me contou que na verdade foi você que... você sabe.

— E você acreditou nela? — Lindsay diz rapidamente, mas de maneira automática, entorpecida, como se não achasse que ajudasse em nada.

Ignoro.

— Lembra-se de como todo mundo a chamou de Amarelo Marmelo depois disso? — Abro os olhos e a observo. — Por que você disse para todo mundo que tinha sido ela? Quer dizer, na hora, tudo bem, entendo, você estava assustada, envergonhada, mas depois...? Por que você contou para *todo mundo*? Por que você *espalhou*?

A tremedeira de Lindsay está piorar agora, e por um segundo acho que ela não vai responder, ou que vai mentir. Mas quando ela fala está com a voz firme e repleta de alguma coisa que não reconheço. Arrependimento, talvez.

— Sempre pensei que não fosse durar. — Ela soa como se ainda estivesse surpresa depois de todos esses anos. — Pensei que no fim ela fosse contar para os outros o que realmente tinha acontecido. Que ela fosse se defender, sabe? — A voz dela falha um pouco, uma nota de histeria invadindo-a. — Por que ela nunca se defendeu? Nenhuma vez. Ela simplesmente... ela simplesmente

aceitou. Por quê?

Penso em todos os anos que Lindsay guardou esse segredo, esta pessoa secreta que chorava toda noite e esfregava travesseiros sujos de urina — o segredo mais assustador de todos, o passado que tentamos esquecer.

E penso em todas as vezes em que fiquei sentada em silêncio, apavorada em dizer ou fazer a coisa errada, com medo de que a perdedora dentro de mim, desajeitada, nerd, e que montava a cavalo, ressurgisse e engolisse a minha nova versão, como uma cobra comendo alguma coisa. Em como tirei meus troféus das prateleiras, me livreí do pufe, aprendi a me vestir, nunca comi o almoço quente e, acima de tudo, aprendi a me manter longe de pessoas que me arrastariam, me levariam de volta àquele ponto. Pessoas como Juliet Sykes. Pessoas como Kent.

Lindsay se levanta e abre a porta. Desligo o motor e salto do carro com ela, jogando as chaves sobre o teto. Ela as pega com uma das mãos. Faróis se acendem, e viro, cerrando os olhos, erguendo a mão na direção do carro parado atrás de mim.

— Dois minutos — mexo os lábios.

Lindsay acena com a cabeça em direção a Kent, que está estacionado atrás de nós, esperando para me levar para casa.

— Tem certeza de que está bem? Para voltar para casa e tudo mais, quero dizer.

— Tenho — digo.

Apesar de tudo que aconteceu hoje à noite, a ideia de me sentar ao lado de Kent durante doze minutos completos no caminho para a minha casa me enche de calor. Apesar de eu saber que não é certo — mesmo que eu saiba, em algum lugar dentro de mim, que não vai dar certo, que eu não posso mais dar certo com ninguém.

Lindsay abre a boca e a fecha. Dá para perceber que ela quer perguntar sobre Kent, mas pensa melhor. Ela começa a andar para a casa, hesita e vira.

— Sam?

— Oi?

— Eu sinto muito. Sinto muito por... tudo.

Ela quer que eu diga que não tem problema. Ela precisa disso. Mas não posso.

— As pessoas gostariam de você do mesmo jeito, Lindz — é o que digo no lugar. Não digo *se você parasse de fingir tanto*, mas sei que ela entende. — Ainda

a amaríamos independente de qualquer coisa.

Ela cerra os punhos.

— Obrigada — diz. Em seguida, se vira e se dirige para casa. Por um segundo a luz que cai em seu rosto faz com que sua pele pareça molhada, mas não tenho certeza se ela está chorando ou se é a neve.

Kent se inclina, abre a porta para mim e eu entro. Afastamo-nos da casa de Lindsay e viramos na estrada principal em silêncio. Ele dirige devagar, cuidadosamente, dois funis de neve iluminados pelos faróis, ambas as mãos no volante. Tem muito que quero dizer para ele, mas não consigo falar. Estou cansada e com a cabeça doendo, e só quero curtir o fato de que apenas poucos centímetros separam nossos braços, o fato de que o carro dele tem cheiro de canela, o fato de que ele ligou o aquecedor no máximo para mim. Fico sonolenta e sinto os membros pesados, mesmo com meu interior vivo, ativo e cem por cento ciente da presença dele, tão perto.

Ao nos aproximarmos da minha casa ele desacelera, de modo que estamos praticamente nos arrastando, e tenho a esperança de que seja porque ele também não quer que o momento termine. É nesse instante que o tempo deveria parar, bem aqui — que o espaço deveria se abrir e cair como faz na boca do buraco negro, para que o tempo possa dar suas voltas intermináveis e nos manter indo para a frente eternamente na neve. Mas não importa que Kent siga tão lentamente, o carro avança.

Logo a placa da minha rua aparece, torta, à esquerda. Em seguida estamos passando pelas casas escuras dos meus vizinhos, depois estamos à frente da minha casa.

— Obrigada por me trazer para casa — eu digo, olhando enquanto ele se vira para mim.

— Tem certeza de que vai ficar bem? — ele pergunta ao mesmo tempo.

Nós dois rimos nervosamente. Kent afasta as franjas dos olhos, e elas voltam imediatamente para o lugar, fazendo meu estômago se contorcer.

— Sem problema — ele diz. — Foi um prazer.

O prazer foi meu. Só Kent poderia dizer isso sem fazer com que soasse como algo brega de um filme antigo, e meu coração dói freneticamente por um segundo enquanto penso no tempo que perdi, segundos e horas escapulindo dos dedos como neve no escuro.

Ficamos sentados por um minuto. Estou desesperada para dizer alguma coisa, qualquer coisa, para não precisar sair do carro, mas as palavras não saem

e os segundos correm.

Finalmente falo:

— Tudo hoje foi terrível, exceto por isso.

— Exceto por quê?

Balanço o indicador uma vez entre nós dois.

— Você e eu. Tudo foi horrível, menos isso.

Uma luz se acende nos olhos dele.

— Sam. — Ele diz meu nome uma vez, um suspiro, e nunca pensei que uma única sílaba pudesse transformar meu corpo inteiro em algo dançante e brilhante. Ele estica o braço repentinamente e põe as mãos em cada um dos lados do meu rosto, alisando minhas sobrancelhas com os polegares, e os repousando por um segundo milagroso no meu lábio inferior — sinto o gosto de canela na pele dele —, depois ele abaixa a mão e recua, parecendo envergonhado. — Desculpe — ele murmura.

— Não... tudo bem. — Meu corpo está cantarolando. Ele deve estar ouvindo. Ao mesmo tempo parece que minha cabeça vai saltar dos meus ombros.

— É que... meu Deus, é tão horrível.

— O que é tão horrível? — Meu corpo inteiro para de cantarolar subitamente e meu estômago se congela. Ele vai me dizer que não gosta de mim. Vai dizer novamente que me enxerga como eu sou de verdade.

— Quero dizer, como tudo aconteceu hoje à noite... não é o momento... e você está com Rob.

— Não estou com Rob — digo rapidamente. — Não mais.

— Não? — Ele está me olhando tão intensamente que consigo ver as listras douradas alternando com o verde de seus olhos como traços de uma roda gigante.

Balanço a cabeça.

— Isso é bom. — Ele ainda está me olhando daquele jeito, como se fosse a primeira e última pessoa que um dia vai me encarar. — Porque... — A voz dele para, e os olhos desviam lentamente para os meus lábios, e há tanto calor percorrendo meu corpo que juro que vou desmaiar.

— Porquê? — Eu o incito, surpresa por ainda conseguir falar.

— Porque eu sinto muito, mas não consigo evitar e preciso muito beijá-la agora.

Ele põe a mão no meu pescoço e me puxa para ele, e nos beijamos. Os

lábios dele são macios e deixam os meus tremendo. Fecho os olhos e, no escuro por trás deles, vejo coisas lindas florescendo, flores girando como flocos de neve, e beija-flores batendo as asas no ritmo do meu coração. Parti, perdida, flutuando no nada como se estivesse no meu sonho, mas desta vez a sensação é boa — como se eu estivesse voando, totalmente livre. Com a outra mão ele afasta o cabelo do meu rosto, e posso sentir o toque de seus dedos em todos os lugares que me tocam e penso em estrelas no céu deixando rastros flamejantes, e naquele instante — independente da duração que tenha, segundos, minutos, dias —, enquanto ele está dizendo meu nome na minha boca e estou respirando nele, percebo que esta, bem aqui, é a primeira vez que fui beijada na vida.

Ele recua cedo demais, ainda segurando meu rosto.

— Uau! — ele diz, sem fôlego. — Desculpe, mas uau!

— É. — A palavra enrosca-se em minha garganta.

Ficamos ali assim, olhando um para o outro, e pela primeira vez não estou me sentindo ansiosa, ou preocupada com o que ele está pensando, apenas estou feliz, presa aos olhos dele, flutuando em um lugar quente e iluminado.

— Gosto muito de você, Sam — ele diz, baixinho. — Sempre gostei.

— Eu gosto de você também. — Sem me preocupar com amanhã. Sem sequer pensar. Fecho os olhos brevemente, afastando tudo que não seja este instante, as mãos calorosas dele, aqueles olhos verdes deliciosos, os lábios.

— Vamos. — Ele se inclina para a frente e beija minha testa uma vez, gentilmente. — Você está cansada. Precisa dormir.

Ele salta do carro e vai para o lado do passageiro abrir a porta para mim. A neve começou a se firmar, um cobertor sobre tudo, ofuscando as bordas do mundo. Nossos passos são abafados enquanto vamos até o caminho da frente e para a varanda. Meus pais deixaram a luz da varanda acesa, a única luz de uma casa escura em uma rua escura — talvez a única luz no mundo. Sob seu brilho os flocos de neve parecem estrelas cadentes.

— Você está com os cílios cheios de neve. — Kent passa o dedo pelas minhas pálpebras e sobre a ponte do meu nariz, me fazendo tremer. — E no seu cabelo. — Uma mão tremendo, a sensação de pontas de dedos, uma palma no meu pescoço. Paraíso.

— Kent. — Enrolo os dedos no colarinho da camisa dele. Independente de quanto ele esteja próximo, não é o suficiente. — Você alguma vez sente medo de dormir? Medo do que vem depois?

Ele dá um sorriso triste, e juro que é como se ele *soubesse*.

— Às vezes tenho medo do que estou deixando para trás — ele diz.

Nós nos beijamos outra vez, nossos corpos e bocas se movendo juntos de forma tão coordenada que é como se nem estivéssemos nos beijando, apenas pensássemos em nos beijar, em respirar, tudo certo, natural, inconsciente e relaxado, uma sensação não de tentativa, mas de completo abandono, de deixar rolar, e exatamente ali e naquele instante o impensável e impossível acontece: o tempo para afinal de contas. O tempo e o espaço retrocedem e explodem como se o universo se expandisse eternamente, deixando apenas a escuridão e nós dois em seu perímetro, escuridão, respiração e toque.

SETE

Na última vez que tenho o sonho é assim que ele se desenrola: estou em queda, caindo pelo ar, mas desta vez a escuridão está viva ao meu redor, cheia de coisas pulsando, e percebo que não estou rodeada pelo escuro, mas apenas estive com os olhos fechados o tempo todo. Abro-os, me sentindo tola, e ao mesmo tempo cem mil borboletas decolam em volta de mim, tantas e em tantas cores brilhantes que são como um arco-íris denso, temporariamente obscurecendo o sol. Mas, enquanto elas voam cada vez mais alto, revelam uma paisagem sob nós, toda verde e dourada, e campos banhados pelo sol, nuvens cor-de-rosa flutuando sob mim, e o ar ao meu redor é limpo, azul e com aroma adocicado, e eu estou rindo, rindo, rindo enquanto giro pelo ar, porque, é claro, não estive caindo o tempo todo.

Estive voando.

E quando acordo é maravilhoso, como se tivesse sido carregada para uma costa calma e pacífica, e o sonho e seu significado tivessem se quebrado sobre mim como uma onda e tivessem desaparecido, me deixando com uma certeza única, forte. Agora eu sei.

Nunca foi uma questão de salvar minha vida.

Pelo menos não do jeito que pensei.

E NO SÉTIMO DIA

Eu me lembro de que uma vez assisti a um filme antigo com Lindsay; nele o protagonista falava sobre quanto é triste o fato de que na última vez que a pessoa faz sexo ela não sabe que é a última vez. Como nunca nem tive uma primeira, não sou exatamente uma expert, mas suponho que seja assim para a maioria das coisas na vida — o último beijo, a última risada, a última xícara de café, o último pôr do sol, a última vez em que você salta um borrifador de água ou toma uma casquinha de sorvete, ou põe a língua para fora para pegar flocos de neve. Você simplesmente não sabe.

Mas acho que é uma coisa boa, na verdade, pois se você soubesse seria

quase impossível deixar de fazer. Quando você sabe, é como se lhe pedissem para se afastar da beira de um penhasco: tudo o que você quer fazer é cair de joelhos e beijar o chão firme, cheirá-lo, segurar-se nele.

Acho que se despedir é sempre assim — como pular de um precipício. A pior parte é tomar a decisão de fazê-lo. Depois que você está no ar, não há nada que possa fazer além de se libertar.

*

Eis a última coisa que sempre digo aos meus pais: *Até mais tarde*. Digo: *Eu amo vocês*, também, mas antes. A última coisa que digo é: *Até mais tarde*.

Ou, na verdade, para ser completamente precisa, a última coisa que digo para o meu pai é: *Até mais tarde*; para a minha mãe digo: *Positivo*, pois ela está na porta da cozinha segurando o jornal, com o cabelo desajeitado, o roupão torto, e ela diz: *Têm certeza de que não quer tomar café?*, como sempre faz.

Olho para trás quando estou à porta da frente. Atrás da minha mãe, meu pai está ao fogão, cantarolando para si mesmo, fazendo ovos para o café da manhã dela. Ele está usando a calça de pijama listrado que eu e Izzy demos de presente para ele no último aniversário, e seu cabelo está arrepiado em ângulos estranhos, como se ele tivesse colocado o dedo em uma tomada. Minha mãe põe a mão nas costas dele enquanto passa por ele se espremendo, em seguida se ajeita à mesa da cozinha, balançando o jornal. Ele põe os ovos em um prato à frente dela.

— *Voilà*, madame. Extracrocante — ele diz, ela balança a cabeça e fala alguma coisa que não consigo ouvir, mas está sorrindo, e ele se inclina para baixo e a beija na testa.

É algo agradável de ver. Fico feliz por ter olhado.

*

Izzy me segue até a porta com as minhas luvas, sorrindo para mim e me mostrando o espaço entre os dois dentes da frente. Uma sensação de vertigem

me domina por completo quando olho para ela. Uma náusea açoitando meu estômago, mas respiro fundo e penso em contar passos, penso em saltos e no meu sonho de voar.

Um, dois, três, pula.

— Você esqueceu suas luvas. — Língua presa, sorrindo, tufo de cabelos dourados.

— O que eu faria sem você? — Agacho e dou um abraço apertado nela, vendo toda a nossa vida juntas enquanto o faço: os dedinhos de neném e o couro cabeludo com cheiro de talco de bebê; a primeira vez que ela andou até mim; a primeira vez que ela andou de bicicleta e ralou o joelho, e quando vi todo aquele sangue quase morri de susto e a carreguei para casa. E vejo além, estranhamente, vislumbres dela na outra direção: Izzy alta e linda, com a mão no volante, rindo; Izzy com um longo vestido verde, andando cautelosamente de salto alto em direção a uma limusine a caminho da festa de formatura; Izzy cheia de livros enquanto a neve rodopia em volta dela, entrando em um dormitório, seus cabelos uma chama dourada contra o branco.

Ela gane e se solta.

— Não consigo respirar! Você tá me esmagando.

— Desculpe, Fizzer. — Estico a mão para trás e solto o fecho do cordão de pássaro da minha avó. Os olhos de Izzy ficam enormes e redondos.

— Vire de costas — digo, e pela primeira vez na vida ela fica totalmente quieta e faz o que eu digo sem reclamar, completamente parada enquanto levanto o cabelo dela e ajeito o colar ao redor do pescoço. Ela vira para mim, com o rosto sério, esperando pela minha opinião.

Dou um puxãozinho no cordão. Cai sobre o peito dela, ajeitando-se à direita do coração.

— Ficou lindo em você, Fizz.

— Você está dando para mim, de verdade? Ou só hoje? — A voz dela é um sussurro, como se estivéssemos discutindo segredos de Estado.

— Ele fica melhor em você. — Ponho um dedo no nariz dela, e ela faz uma pirueta com as mãos no ar como uma bailarina.

— Obrigada, Sammy! — Exceto, é claro, que sai “Ssssammy”.

— Seja boazinha, Izzy. — Levanto, com a garganta apertada, uma dor por todo o corpo. Tenho de lutar contra o impulso de me ajoelhar e esmagá-la outra vez.

Ela põe as mãos nos quadris como nossa mãe faz, finge estar ofendida, levantando o nariz para o ar.

— Sou sempre boazinha. Sou a melhor.

— A melhor das melhores.

Ela já virou, correndo e deslizando com os chinelos para a cozinha, gritando: — Olhe o que Sammy me deu! — Com a mão fechada sobre o pingente.

Lágrimas borram minha visão e não consigo vê-la com clareza, só o rosa do pijama e o dourado do cabelo.

Do lado de fora, o frio queima meus pulmões e piora minha dor na garganta. Respiro fundo, absorvendo os odores de fogueiras e gasolina. O sol está lindo, longo e baixo no horizonte, como se estivesse se espreguiçando, espantando uma sonolência, e sei que sob esta fraca luz de inverno jaz a promessa de dias que duram até oito da noite, e festas em piscinas, cheiro de cloro e hambúrgueres na grelha; e sob isso a promessa de árvores acesas em vermelho e laranja como chamas, cidra temperada e gelo que derrete antes do meio-dia — camadas e camadas de vida, sempre algo mais, novo, mais profundo. Faz com que eu sinta vontade de chorar, mas Lindsay já está parada na frente da casa, acenando os braços e gritando: — O que você está fazendo? — Então, apenas continuo andando, um pé à frente do outro, um, dois, três, e penso em deixar para lá, as árvores, a grama, o céu, as nuvens avermelhadas no horizonte, deixar tudo cair de mim como um véu. Talvez haja algo de espetacular embaixo.

UM MILAGRE DE ACASO E COINCIDÊNCIA, PARTE I

— Então, tipo, eu falei, ouça, não me importo que seja tolo, não me importo que, tipo, seja uma ocasião fabricada pela Hallmark ou o que seja...

Lindsay está tagarelando sobre Patrick, pontuando a história por meio de golpes no volante com a base da mão. Está perfeitamente no controle outra vez, com o cabelo amarrado em um rabo de cavalo levemente bagunçado, gloss, um leve cheiro de perfume Burberry Brit Gold no casaco acolchoado que está vestindo. É tão estranho vê-la assim depois de ontem à noite, mas ao mesmo tempo fico feliz. Ela é cruel, assustada e insegura, mas ainda é Lindsay

Edgecombe — a menina que no primeiro ano arranhou o BMW novinho de Mari Tinsley depois que Mari a chamou de caloura prostituta, apesar de Mari ter acabado de ser eleita rainha do baile e de ninguém, nem mesmo as pessoas de seu próprio ano, enfrentá-la — ela ainda é a minha melhor amiga, e apesar de tudo ainda tenho respeito por ela. E sei que por mais errada que tenha sido — sobre um milhão de coisas, sobre outras pessoas, sobre si mesma —, ela vai acabar entendendo. Sei pela maneira como ficou ontem à noite, com as sombras criando um vazio em seu rosto.

Talvez seja apenas o meu desejo, mas gosto de acreditar que em algum nível, ou algum mundo, o que aconteceu ontem à noite importa, que não desapareceu por completo. *Às vezes tenho medo de dormir pelo que estou deixando para trás.* Pensar nas palavras de Kent faz com que eu tenha calafrios pela espinha. É a primeira vez na minha vida que sinto falta de ter beijado alguém; a primeira vez que acordei com a sensação de ter perdido alguma coisa importante.

— Talvez ele esteja surtando porque gosta demais de você — Elody sugere do banco de trás. — Você não acha, Sam?

— Arrã. — Estou saboreando meu café, bebendo lentamente. Uma manhã perfeita, exatamente como eu teria escolhido: café perfeito, pão perfeito, andando no carro com duas das minhas melhores amigas, sem conversar sobre nada, sem realmente *tentar* conversar sobre nada, apenas tagarelando sobre as mesmas coisas de sempre, curtindo as vozes umas das outras. A única coisa que falta é Ally.

De repente tenho vontade de dirigir mais um pouco por Ridgeview. Em parte, não quero que o passeio acabe. Em parte, simplesmente quero olhar para tudo uma última vez.

— Lindz? Podemos parar no Starbucks? Eu, hum, meio que quero um *latte*. — Tomo uns goles do meu café, tentando acabar com ele, para que soe mais plausível.

Ela ergue as sobrancelhas.

— Você odeia o Starbucks.

— É, bem, me deu um desejo de repente.

— Você disse que tem gosto de xixi de cachorro coado com um saco de lixo.

Elody engole o café ruidosamente.

— Eca... alô? Bebendo. Comendo. — Ela balança o pão de forma

dramática.

Lindsay ergue as duas mãos: — Estou citando literalmente.

— Se eu me atrasar para a aula de ciência política mais uma vez juro que vou pegar detenção até o fim da vida — diz Elody.

— E você vai perder a chance de engolir Muffin antes da primeira aula — diz Lindsay, rindo silenciosamente.

— E você? — Elody joga um pedaço de pão nela, e Lindsay gane. — É um milagre que você e Patrick ainda não tenham fundido os rostos.

— Vamos, Lindsay. Por favor? — Pisco para ela, em seguida viro para Elody. — Super por favor?

Lindsay suspira, fixando o olhar no de Elody pelo espelho retrovisor. Ela liga a seta. Bato palmas e Elody resmunga.

— Sam pode fazer o que quiser hoje — diz Lindsay. — Afinal de contas, é o *grande* dia dela. — Ela enfatiza a palavra *grande*, em seguida começa a rir.

Elody capta logo.

— Eu diria que é o grande dia do Rob, na verdade.

— É o que esperamos. — Lindsay se inclina para o lado e me dá uma cotovelada.

— Eca — digo. — Pervertidas.

Lindsay continua: — Será um loooongo dia.

— Um dia duro — acrescenta Elody.

Lindsay cospe um pouco de café e Elody ri. As duas estão gargalhando e rindo como maníacas.

— Muito engraçado — digo, olhando pela janela, observando as casas se aproximarem enquanto entramos na cidade. — Muito maduras. — Mas estou sorrindo, me sentindo feliz, pensando: *Vocês não fazem ideia*.

Há um pequeno estacionamento atrás do Starbucks da cidade, e pegamos a última vaga, Lindsay está entrando e quase arranca os espelhos laterais de dois carros em cada um dos nossos lados, mas mesmo assim gritando: — *Gucci*, baby, *gucci* — Que ela alega ser “perfeito” em italiano.

Mentalmente vim me despedindo de tudo, de todos aqueles lugares que vi tantas vezes e que passei a ignorar: a padaria na colina com as fatias perfeitas de frango e a loja de bugigangas onde eu costumava comprar fios para fazer pulseiras da amizade, a imobiliária, e o pequeno quintal do dentista onde Steve King pôs a língua na minha boca no sétimo ano, e eu fiquei tão surpresa que o mordi. Não consigo parar de pensar em como a vida é estranha, em Kent e

Juliet, e até em Alex, Anna e Bridget, e no Sr. Shaw e na Srta. Winters — em como tudo é complexo e conectado, tudo entrelaçado como se fosse uma rede enorme e invisível —, e em como, às vezes, você pode achar que está fazendo a coisa certa, mas na verdade está fazendo algo terrível e vice-versa.

Entramos no Starbucks e eu compro um *latte*. Elody compra um brownie, apesar de ter acabado de comer, e Lindsay coloca um ursinho de pelúcia na cabeça e em seguida pede sem piscar uma água enquanto a barista a encara como se ela fosse louca, e não posso me conter e lanço os braços em volta dela.

— Guarde para o quarto, baby — ela diz, fazendo a senhora atrás de nós recuar um pouco. Saímos rindo e eu quase derrubo o café; o Chevrolet marrom de Sarah Grundel está manobrando no estacionamento. Ela está batendo com as mãos no volante, checando o relógio, esperando uma vaga aparecer. A última vaga, a vaga que nós pegamos.

— Só pode ser brincadeira — digo em voz alta. Ela, com certeza, vai se atrasar agora.

Lindsay me vê encarando e me entende mal.

— Eu sei. Se eu tivesse aquele carro, com certeza, não passaria pela entrada. Acho que preferiria andar.

— Não, eu... — Balanço a cabeça, percebendo que não posso explicar. Ao passarmos, Sarah revira os olhos e suspira, como se dissesse: *Finalmente*. O humor da situação me atinge e começo a rir.

— Como está o *latte*? — pergunta Lindsay enquanto voltamos ao carro.

— Como xixi de cachorro coado com saco de lixo — digo. Saímos da vaga, dando uma leve buzina para Sarah, e ela avança assim que saímos do caminho.

— Qual é o problema dela? — pergunta Elody.

— SNE — diz Lindsay. — Síndrome de Necessidade de Estacionamento.

Ao sairmos do estacionamento, me ocorre que talvez não seja tão complicado. Na maioria das vezes — 99 por cento do tempo —, você simplesmente não sabe como e por que os fios se enrolam juntos, e não tem problema. Faz uma coisa boa e algo ruim acontece. Faz uma coisa ruim e algo bom acontece. Não faz nada e tudo explode.

E muito, muito raramente — por algum milagre de acaso e coincidência, borboletas batendo asas e todos os fios se juntando por um minuto —, você tem a oportunidade de fazer a coisa certa.

Eis a última coisa que me ocorre enquanto vejo Sarah se distanciando no retrovisor, saindo do carro, correndo pelo estacionamento: se você está prestes a perder uma grande competição, provavelmente deveria fazer seu café em casa.

*

Quando chegamos ao colégio, tenho alguns assuntos para resolver na Sala das Rosas, então me separo de Lindsay e Elody. Em seguida, porque já estou atrasada, decido matar o restante do primeiro tempo. Passeio pelos corredores e pelo campus, pensando em como é estranho que você possa viver a vida inteira em um lugar e nunca olhar de verdade para ele. Até as paredes amarelas — que costumávamos chamar de corredores de vômito — me parecem bonitas agora, as árvores esguias e peladas no meio do quadrado, elegantes e espaçadas, apenas esperando pela neve.

Durante quase toda a minha vida sempre pareceu que o dia escolar se arrastava eternamente — exceto por testes e provas, quando os segundos pareciam tropeçar em si mesmos, tentando fugir rapidamente. Hoje está assim. Não importa quanto eu queria que tudo passasse devagar, o tempo está escorrendo como uma hemorragia. Mal chego à segunda questão do teste do Sr. Tierney antes de ele começar a gritar: *Acabou!* e franzir o rosto, e tenho de entregar o papel apenas parcialmente completo. Sei que não importa, mas fiz o melhor que podia assim mesmo. Quero ter um último dia em que tudo seja normal. Um dia como milhões de outros dias que já tive. Um dia em que entrego minha prova de química e me preocupo se o Sr. Tierney algum dia cumprirá a ameaça de ligar para BU. Mas não lamento o teste por muito tempo. Já não lamento mais as coisas.

Quando é hora da aula de matemática, vou para a sala mais cedo, me sentindo calma. Sento na minha cadeira alguns minutos antes de o sinal tocar e pego meu livro, colocando-o no centro da mesa. Sou a primeira aluna a chegar.

O Sr. Daimler vem até mim e se apoia na minha mesa, sorrindo. Percebo pela primeira vez que um de seus caninos é um pouco afiado demais, como um vampiro.

— O que é isso, Sam? — Ele aponta para a minha mesa. — Três minutos adiantada e preparada para a aula? Está virando uma página?

— Algo do tipo — digo firmemente, cruzando as mãos sobre o livro texto.

— Então, como vai indo o Dia do Cupido para você? — Ele põe uma bala de menta na boca e se inclina para perto. Sinto nojo, como se ele achasse que pudesse me seduzir com hálito fresco. — Algum plano romântico para hoje à noite? Alguém especial com quem se aconchegar? — Ele ergue as sobrancelhas para mim.

Há uma semana isto teria me feito desfalecer. Agora me sinto totalmente fria. Penso em como o rosto dele esteve áspero contra o meu, no quanto ele pesava, mas não me faz sentir raiva ou medo. Fixo os olhos no colar de maconha, que, como sempre, aparece sob o colarinho da camisa. Pela primeira vez ele me parece meio patético. Quem usa a mesma coisa durante oito anos? Seria como se eu insistisse em vestir os colares de bala que adorava no quinto ano.

— Veremos — digo, sorrindo. — E você? Vai ficar sozinho? Mesa para um?

Ele se inclina para a frente, ainda mais, e eu me mantenho completamente parada, me forçando a não recuar.

— Por que você presumiria algo assim? — Ele dá uma piscadela para mim, obviamente pensando que esta é a minha versão de flerte, como se eu fosse oferecer companhia ou algo do tipo.

Dou um sorriso ainda mais largo.

— Porque, se você tivesse uma namorada de verdade — digo, serena, porém claramente, para que ele possa ouvir cada palavra com perfeição —, não daria em cima de meninas do ensino médio.

O Sr. Daimler inspira e chega para trás tão rapidamente que quase cai. As pessoas estão entrando na sala agora, conversando e comparando rosas, nos ignorando. Poderíamos estar falando sobre um dever de casa, ou uma nota de prova. Ele me encara, com a boca abrindo e fechando. Nenhuma palavra sai.

O sinal toca. O Sr. Daimler balança os ombros e cambaleia para longe da mesa, ainda me encarando. Em seguida gira um círculo completo, como se estivesse perdido. Finalmente, limpa a garganta.

— Muito bem, pessoal — a voz dele sai e ele tosse. Quando fala novamente, é um latido. — Todo mundo. Sentados. Agora.

Tenho de morder a mão para não começar a rir. O Sr. Daimler me lança um olhar de nojo, o que torna o impulso de rir muito mais difícil de conter.

Desvio o olhar, voltando-me para a porta.

Naquele exato instante Kent McFuller entra.

Olhamos um para o outro, e naquele segundo é como se a sala dobrasse em dois e toda a distância desaparecesse entre nós. Uma afobação repentina me domina, como se eu estivesse me iluminando naqueles olhos verdes brilhantes. E o tempo colide, e estamos outra vez na minha varanda, na neve, os dedos quentes dele esfregam meu pescoço, a pressão suave dos seus lábios, o sussurro da voz ao meu ouvido. Não existe nada além dele.

— Sr. McFuller, se importa em se sentar? — A voz do Sr. Daimler está fria.

Kent vira e o momento se perde. Ele murmura um rápido pedido de desculpas para o Sr. Daimler e vai para o lugar. Viro de costas, seguindo-o com os olhos. Adoro o jeito como ele senta sem tocar na mesa. Adoro a maneira como um monte de desenhos amassados saem junto com o livro de matemática quando ele o puxa. Adoro o jeito como ele fica mexendo nervoso no cabelo o tempo todo, apesar de cair de volta nos olhos imediatamente.

— *Srta. Kingston*. Se eu puder interromper só um segundo do seu tempo e atenção *preciosos*.

Quando giro novamente para a frente da sala, o Sr. Daimler está me encarando.

— Acho que por um segundo — digo em voz alta, e todo mundo ri. O Sr. Daimler contrai a boca em uma linha fina e branca, mas não diz mais nada.

Abro o livro de matemática, mas não consigo me concentrar. Tamborilo os dedos na parte debaixo da mesa, me sentindo impaciente e animada agora que vi Kent. Gostaria de poder dizer a ele exatamente como me sinto. Gostaria de poder explicar de algum jeito, e que ele pudesse *saber*. Observo o relógio ansiosamente. Mal posso esperar pela chegada dos Cupidos.

Kent McFuller vai ganhar mais uma rosa hoje.

*

Depois da aula espero Kent no corredor, com o estômago embrulhado. Quando ele sai, está segurando cuidadosamente a rosa que mandei para ele, como se estivesse com medo de que ela fosse despetalar. Ele levanta o olhar,

sério e pensativo, examinando meu rosto com os olhos.

— Vai me contar o que isso quer dizer? — Ele não sorri, mas há uma pontinha de provocação na voz dele, e seus olhos estão brilhando.

Decido provocá-lo de volta, apesar de a proximidade entre nós estar me deixando com dificuldades de pensar.

— Não sei do que você está falando.

Ele estica a rosa e abre o bilhete para que eu possa ler, apesar de já saber o que diz.

Hoje à noite. Deixe o telefone ligado e o carro preparado e seja meu herói.

— Misterioso — digo, contendo um sorriso. Ele fica dez vezes mais fofo quando está preocupado. — Admiradora secreta?

— Não tão secreta. — Seus olhos continuam percorrendo meu rosto como se houvesse uma resposta a um quebra-cabeça escrita ali, e tenho de desviar o olhar para não agarrá-lo e puxá-lo para mim. Ele se detém. — Sabe, vou dar uma festa hoje.

— Eu sei — digo depressa. — Quer dizer, ouvi falar.

— Então...?

Desisto de brincar com ele.

— Ouça, talvez precise que você me busque em um lugar. Vinte minutos, no máximo. Não pediria se não fosse importante.

Ele entorta um lado da boca em um sorriso.

— E o que eu ganho com isso?

Inclino-me para a frente de modo que minha boca fica a centímetros da orelha perfeita dele. O cheiro dele — grama recém-cortada e hortelã — é viciante.

— Conto um segredo para você.

— Agora?

— Mais tarde. — Recuo. Não vou conseguir controlar o impulso de beijar o pescoço dele. Não sei o que há de errado comigo. *Nunca* fui assim com Rob. Mal consigo conter as mãos perto de Kent. Talvez morrer algumas vezes mexa com os hormônios, ou coisa parecida. Gosto disso.

O rosto dele fica sério novamente.

— O que você escreveu aqui... — Ele passa o dedo no bilhete, dobrando e desdobrando, com os olhos brilhando em dourado. — O último pedaço... a coisa do herói... como você...?

Meu coração bate acelerado, e por um segundo penso que ele sabe — que

se lembra. O silêncio é pesado entre nós, tudo passado, lembrado, esquecido e desejado, balançando como um pêndulo.

— Como eu o quê? — Mal consigo sussurrar as palavras.

Ele suspira e balança a cabeça, e me dá um sorriso fraco.

— Nada. Esqueça. É besteira.

— Oh! — Percebo que estava prendendo a respiração, e respiro, desviando o olhar para ele não perceber quanto estou decepcionada. — Obrigada pela rosa, a propósito.

De todas as que ganhei, foi a única que guardei. *É a minha preferida*, disse quando Marian Sykes me entregou.

Ela olhou para mim, espantada, em seguida olhou em volta, como se eu não pudesse estar falando com ela. Quando percebeu que estava, enrubesceu e sorriu.

Você tem tantas, ela disse timidamente.

O problema é que nunca consigo mantê-las vivas, disse. *Tenho, tipo, um dedo podre.*

Você tem que cortar o caule em ângulo, ela disse ansiosamente, em seguida enrubesceu novamente. *Minha irmã me ensinou. Ela gostava de jardinagem.* Ela desviou o olhar, mordendo o lábio.

Você deveria ficar com elas, eu disse.

Ela me encarou por um segundo, como se desconfiasse de uma piada.

Tipo, guardar?, ela disse, me lembrando Izzy.

Estou falando, não posso ter mais nenhum homicídio de flores na minha consciência, digo. *Você podia levá-las para casa. Você tem um vaso?*

Ela se deteve por uma fração de segundo a mais, em seguida abriu um sorriso deslumbrante, que transformou todo o seu rosto.

Vou guardá-las no meu quarto, ela disse.

Kent ergue uma sobrancelha.

— Como você sabe que fui eu que mandei?

— Ora! — Reviro os olhos. — Mais ninguém vive de fazer desenhos estranhos.

Ele põe a mão no peito, fingindo estar ofendido.

— Não é para viver disso. É por amor. Além do mais, não são estranhos.

— Que seja. Então, obrigada pelo seu bilhete totalmente normal.

— De nada. — Ele sorri.

Estamos tão próximos que posso sentir o calor que vem dele.

— Então, vai ser meu cavaleiro de armadura brilhante ou não?

Kent faz uma pequena reverência.

— Você sabe que não resisto a uma donzela em apuros.

— Sabia que poderia contar com você.

Os corredores estão vazios agora. Todos estão no almoço. Por um instante simplesmente ficamos ali, sorrindo um para o outro. Então, alguma coisa suaviza os olhos dele e meu coração voa. Tudo parece agitado e livre, como se eu pudesse decolar do chão a qualquer instante. *Música*, penso, *ele me faz sentir como música*. Em seguida penso: *Ele vai me beijar bem aqui, na ala de matemática do Thomas Jefferson*, e quase desmaio.

Mas não beija. Em vez disso, estica o braço e toca meu ombro uma vez, levemente. Quando retira os dedos ainda posso senti-los vibrando na minha pele.

— Então, até à noite. — Ele esboça um sorriso. — Acho bom que seja um bom segredo.

— É incrível, eu prometo. — Gostaria de poder decorar cada detalhe dele. Quero que ele fique marcado na minha mente. Não posso acreditar no quanto fui cega por tanto tempo. Começo a recuar antes que faça alguma coisa incrivelmente inadequada, como pular em cima dele.

— Sam? — Ele me para.

— Oi?

Os olhos de Kent estão fazendo aquela coisa de me examinar outra vez, e agora entendo porque ele me disse antes que me enxergava como eu era de verdade. Ele presta atenção. Sinto como se ele estivesse lendo a minha mente agora, o que é mais do que um pouquinho constrangedor, visto que a maioria dos meus pensamentos, agora, envolve a perfeição dos lábios dele.

Ele morde o lábio e mexe os pés um pouquinho.

— Por que eu? Para hoje à noite, quero dizer. A gente não se fala há, sei lá, sete anos...

— Talvez eu esteja correndo atrás do tempo perdido. — Continuo recuando, tropeçando um pouquinho.

— Estou falando sério — ele diz. — Por que eu?

Penso em Kent segurando minha mão no escuro, me conduzindo por salas iluminadas pelo luar. Penso na voz dele me embalando no sono, me carregando como uma maré. Penso no tempo parando enquanto ele segurava meu rosto e colocava os lábios nos meus.

— Confie em mim — digo —, só pode ser você.

SEGUNDAS CHANCES

O Namograma de Kent foi apenas o primeiro de vários ajustes que fiz na Sala das Rosas hoje de manhã, e assim que entro no refeitório percebo que Rob recebeu o dele. Ele se separa dos amigos e vem até mim antes mesmo que eu chegue à fila do almoço (onde pretendo pedir um sanduíche duplo de rosbife). Como sempre, o boné idiota dos Yankees está mal-equilibrado na cabeça dele, virado para o lado como se ele estivesse em algum clipe de rap de 1992.

— Oi, baby. — Ele faz menção de me envolver com o braço, mas me afasto, casualmente. — Recebi sua flor.

— Obrigada. Recebi a sua também.

Ele olha em volta, vê uma rosa solitária presa à alça da minha bolsa carteiro e franze o rosto.

— É a minha?

Balanço a cabeça, sorrindo docilmente.

Ele esfrega a testa. Ele sempre faz isso quando está pensando, como se o ato de usar de fato a mente provocasse dor de cabeça.

— O que aconteceu com todas as suas rosas?

— Estão guardadas — digo, o que não deixa de ser verdade.

Ele balança a cabeça, sem se importar.

— Então, tem uma festa hoje... — Ele para de falar, em seguida inclina a cabeça e sorri para mim. — Pensei que seria legal passar lá. — Ele estica o braço e põe a mão no meu ombro, me massageando com força. — Tipo, você sabe, preliminar.

Só Rob acharia que entornar cerveja de um barril e gritar contam como preliminares, mas resolvo não ligar e fazer o jogo dele.

— Preliminar? — pergunto, da maneira mais inocente possível.

Ele, obviamente, acha que estou flertando. Ele sorri e inclina a cabeça para trás, me olhando com olhos semicerrados. Eu costumava achar a coisa mais linda quando ele fazia isso; agora, é como assistir a um jogador de futebol americano tentando sambar. Ele pode ter todos os movimentos, mas não parece certo.

— Sabe — ele diz com calma —, adorei o que você escreveu no bilhete.

— Foi? — Faço minha voz parecer um ronronado, pensando sobre o que

escrevi hoje de manhã. *Você não precisa mais esperar por mim.*

— Então eu estava pensando em chegar à festa às dez, e ficar uma ou duas horas. — Ele dá de ombros e ajeita o chapéu, de volta ao assunto agora que já deu conta do flerte.

De repente me sinto cansada. Estava planejando brincar com Rob um pouquinho — para me vingar dele por não prestar atenção, por não me ajudar, por não se importar com nada além de festas, lacrosse e sua aparência com aquele boné idiota dos Yankees —, mas me cansei da brincadeira.

— Eu realmente não me importo com o que você faça, Rob.

Ele hesita. Esta não era a resposta que ele estava esperando.

— Mas você vai dormir lá em casa hoje, certo?

— Acho que não.

Ele leva a mão à testa novamente: mais esfregadas.

— Mas você disse...

— Eu disse que você não precisa mais esperar por mim. E não precisa. — Respiro fundo. *Um, dois, três, pula.* — Não está dando certo, Rob. Quero terminar.

Ele dá um passo para trás. Fica com o rosto inteiramente branco, em seguida fica vermelho da testa para cima, como se alguém o estivesse preenchendo com Ki-Suco.

— O que você disse?

— Eu disse que estou terminando com você. — Nunca fiz isso antes, mas estou surpresa com quanto estou achando fácil. Libertar-se é fácil: é uma ladeira. — Não acho que esteja dando certo.

— Mas... mas... — Ele balbucia atabalhoadamente. A confusão em seu rosto é substituída por raiva. — Você não pode terminar comigo.

Chego para trás inconscientemente, cruzando os braços.

— E por que não?

Ele olha para mim como se eu fosse a pessoa mais burra do mundo.

— *Você* — ele diz, quase cuspidando a palavra —, não pode terminar *comigo*.

Então entendo. Rob se lembra, *sim*. Ele se lembra de que no sexto ano disse que eu não era legal o bastante para ele — se lembra e ainda acredita nisso. Qualquer compaixão que eu ainda sinta por ele desaparece naquele instante, e enquanto ele fica ali, completamente vermelho, com os punhos cerrados, fico surpresa com quanto o acho feio.

— Posso sim — digo calmamente. — Acabei de terminar.

— E eu *esperei* por você. Esperei durante *meses*. — Ele se vira e murmura alguma coisa que não consigo ouvir.

— O quê?

Ele olha novamente para mim, com o rosto distorcido com nojo e raiva. Esta não pode ser a mesma pessoa que há uma semana se aninhou no meu ombro e me disse que eu era o seu cobertor particular. É como se o rosto dele tivesse despencado e houvesse uma face completamente diferente embaixo.

— Eu disse que deveria ter comido a Gabby Haynes quando ela me pediu no intervalo — ele diz friamente.

Algo queima no meu estômago, resquício de dor ou orgulho, mas logo passa e dá lugar a uma sensação de calma. Já saí daqui, já estou voando acima disso, e de repente consigo entender exatamente o que Juliet sente, deve ter sentido por um tempo. Pensar nela traz de volta minha força, e até consigo sorrir.

— Nunca é tarde demais para segundas chances — digo docilmente, em seguida me afasto para o meu último almoço com minhas melhores amigas.

Dez minutos depois, quando finalmente estou sentada à nossa mesa de sempre — com um sanduíche de rosbife enorme com maionese em um prato cheio de batatas fritas, mais faminta do que nunca — e Juliet atravessa o refeitório, vejo que ela colocou uma rosa solitária em uma garrafa vazia de água que está presa na lateral da mochila. E ela olha em volta, com o rosto dividindo a cortina de cabelo em duas, verificando cada uma das mesas pelas quais passa, examinando, procurando pistas. Seus olhos estão brilhantes e alertas. Ela está mordendo o lábio, mas não parece infeliz. Parece *viva*. Meu coração pula um batimento: esta é a coisa importante.

Enquanto passa pela nossa mesa, vejo um bilhete dobrado se agitando sob as pétalas da rosa e, apesar de estar longe demais para ler, posso notar claramente o que está escrito, mesmo com os olhos fechados. Uma única frase.

Nunca é tarde demais.

*

— Então, o que houve com você hoje? — Lindsay me pergunta no caminho

para o The Country's Best Yogurt. Quase chegamos à Fileira, a linha de pequenas lojas aglomeradas na beira da colina como cogumelos. O cobertor de nuvens escuras está sendo arrastado pelo horizonte centímetro a centímetro, trazendo consigo a promessa de neve.

— Como assim? — Estamos caminhando de braços dados, tentando nos manter aquecidas. Queria que Ally e Elody tivessem vindo, mas Elody tinha teste de espanhol e Ally insistiu que se perdesse mais uma aula de inglês provavelmente seria suspensa. Não criei caso.

Um dia como outro qualquer.

— Quer dizer, por que você está tão estranha?

Estou tentando formular uma resposta e Lindsay continua: — Tipo, se distraíndo no almoço e tudo mais. — Ela morde o lábio. — Recebi uma mensagem de Amy Weiss...

— É?

— Amy Weiss é obviamente louca, e eu jamais acreditaria em nada do que ela diz, principalmente sobre você — revela Lindsay, rapidamente.

— Óbvio — digo, entretida, quase certa do caminho que a conversa está seguindo.

— Mas... — Lindsay respira fundo e diz de uma vez: — Ela disse que estava falando com Steve Waitman, que estava falando com Rob, que disse que vocês terminaram? — Lindsay olha para mim e força uma risada. — Eu disse para ela que era mentira, obviamente.

Detenho-me, escolhendo cuidadosamente as palavras.

— Não é mentira. É verdade.

Lindsay para de olhar e fica me encarando.

— O quê?

— Eu terminei com ele no almoço.

Ela balança a cabeça como se estivesse tentando sacudir as palavras do cérebro.

— E, bem, você estava planejando *compartilhar* essa pequena novidade alguma hora? Com as suas *melhores amigas*? Ou você estava contando que fosse se espalhar em algum momento?

Dá para perceber que ela está magoada.

— Lindsay, ouça, eu ia contar...

Ela pressiona as mãos nas duas orelhas, ainda sacudindo a cabeça.

— Não entendo. O que aconteceu? Vocês iam, quer dizer, você me disse

que queria, *hoje à noite*.

Suspiro.

— É por isso que eu não quis contar, Lindz. Eu sabia que você levaria a sério demais.

— É porque *é* sério.

Lindsay está tão furiosa que nem presta atenção quando passamos pelo Hunan Kitchen: está ocupada demais me encarando, como se esperasse que a qualquer instante eu fosse ficar azul ou entrar em combustão, como se nunca mais pudesse confiar em mim.

Ocorre-me que ela vai *realmente* se sentir assim depois que eu fizer o que estou prestes a fazer, mas não posso evitar. Olho para ela, colocando o braço em seus ombros.

— Espere aqui um segundo, o.k.?

Ela pisca os olhos para mim.

— Onde você está indo?

— Tenho que passar no Hunan Kitchen um segundo. — Me mantenho firme, esperando que ela tenha um ataque. — Eu meio que tenho uma coisa para Anna Cartullo.

Estou preparada para ela gritar, sair andando, jogar balinhas de goma em mim ou *alguma coisa*, mas em vez disso fica com o rosto completamente confuso, como se o interruptor tivesse sido desligado. Estou um pouco preocupada que ela vá entrar em choque, mas a oportunidade é boa demais para ser desperdiçada.

— Dois minutos — eu digo. — Prometo.

Entro no Hunan Kitchen antes que Lindsay — e a atitude dela — possa voltar a si. Um sino toca na porta quando passo. Alex levanta os olhos, preocupado por um instante, e em seguida força um sorriso.

— E aí, Sam? — ele diz. Idiota.

Ignoro e vou diretamente até Anna. Ela está com a cabeça abaixada, mexendo a comida no prato. É muito mais seguro do que comer, quanto a isso não há dúvida.

— Oi. — Estou nervosa por algum motivo. Há algo de perturbador na quietude dela, o jeito como levanta os olhos e me encara sem expressão. Lembra Juliet. — Só vim para lhe dar uma coisa.

— Me dar uma coisa? — Ela contrai o lábio, incrédula, e a semelhança com Juliet não é mais tão forte. Ela deve achar que sou louca. Pelo que sabe,

nunca trocamos nenhuma palavra na vida, e só posso imaginar o que ela acha que quero dar a ela.

Alex está olhando dela para mim, tão confuso quanto ela. Estou ciente de que Lindsay está me observando pela janela suja, e o fato de que três pessoas estão me olhando como se eu tivesse enlouquecido é um pouco opressivo. Remexo a bolsa, com as mãos tremendo um pouco.

— É, ouça, sei que é estranho. Não tenho como explicar, mas... — Puxo um livro de gravuras de M. C. Escher e ponho sobre a mesa ao lado da vasilha de frango com gergelim. Ou bife com molho de laranja. Ou gato cozido. Ou o que seja.

Anna congela, olhando fixamente para o livro como se fosse mordê-la.

— Me pareceu o tipo de coisa que você fosse gostar — digo rapidamente, já me afastando da mesa. Agora que a pior parte já passou, me sinto mil vezes melhor. — Tem mais de duzentas figuras. Você pode até pendurar algumas, se tiver um lugar para isso.

Algo se contrai no rosto de Anna. Ela ainda olha para o livro sobre a mesa, com as mãos nas coxas. Posso ver a força com que cerra os punhos.

Estou prestes a virar e sair pela porta quando ela levanta os olhos. Não diz nada, mas sua boca relaxa. Não é exatamente um sorriso, mas é algo próximo, e interpreto como um agradecimento.

Ouçõ Alex indagar: — O que foi aquilo? — Em seguida, saio pela porta, com o sino emitindo um som agudo atrás de mim.

Lindsay continua parada ali, exatamente como deixei, com os olhos entorpecidos. Sei que ela estava observando pela janela.

— Agora sei que você enlouqueceu — ela diz.

— Estou dizendo a você, não sei do que está falando. — Eu me sinto animada, agora que isso acabou. — Vamos, quero iogurte.

Lindsay não cede.

— Enlouqueceu. Ensandeceu. Pirou. Desde quando você dá presentes para Anna Cartullo?

— Ouça, eu não dei uma pulseira de amizade nem nada do tipo.

— Desde quando você *fala* com Anna Cartullo?

Suspiro. Dá para perceber que ela não vai deixar isso barato.

— Falei com ela pela primeira vez há uns dias, certo? — Lindsay continua me encarando como se o mundo estivesse se desfazendo diante de seus olhos. Conheço a sensação. — Ela é muito legal, na verdade. Quer dizer, acho que

você poderia gostar dela se...

Lindsay solta um grito agudo e põe as mãos novamente nas orelhas como se as palavras fossem tortura. Ela continua gritando assim enquanto suspiro e verifico a hora no relógio, esperando que termine a cena.

Finalmente ela se acalma, os berros cessam, dando lugar a um murmúrio no fundo da garganta. Ela cerra os olhos para mim.

Não consigo evitar e sorrio. Ela parece uma louca completa.

— Acabou? — pergunto.

— Voltou? — Ela tira uma mão da orelha, experimentando.

— *Quem* voltou?

— Samantha Emily Kingston. Minha melhor amiga. Minha parceira heterossexual. — Ela se inclina para a frente e passa os dedos na minha testa.

— No lugar desta maluca estranha, que passou por uma lobotomia, dispensou o namorado, gosta da Anna Cartullo e está imitando Sam.

Reviro os olhos.

— Você não sabe tudo a meu respeito, sabia?

— Aparentemente, não sei *nada* a seu respeito. — Lindsay cruza os braços.

Puxo a manga do casaco dela, e ela marcha para a frente relutantemente. Posso perceber que está realmente chateada. Ponho o braço em volta dela e a aperto. Ela é tão mais baixa que eu que tenho de dar passos curtos para andarmos em sincronia, mas deixo que dite o ritmo.

— Você sabe qual é o meu iogurte preferido — digo, torcendo para apaziguá-la.

Lindsay suspira.

— Chocolate duplo — resmunga, mas não está me empurrando, o que é um bom sinal. — Com manteiga de amendoim e cereal.

— E *sei* que você sabe qual tamanho vou pedir.

Estamos à porta do The Country's Best Yogurt agora, e já posso sentir o aroma artificial delicioso vindo em nossa direção. É como o cheiro do pão assando no Subway. Você sabe que não é como a natureza queria que cheirasse, mas há algo viciante.

Lindsay olha para mim com o canto do olho enquanto tiro o braço dela. Está com uma expressão tão fúnebre que chega a ser engraçado, e engulo mais uma risada.

— É melhor tomar cuidado, Srta. Rainha do Jumbo — ela diz, ajeitando o cabelo. — Toda essa gostosura artificial vai direto para os seus quadris.

Mas a boca de Lindsay está torta em um sorriso, e sei que me perdoou.

AMIZADE, UMA HISTÓRIA

Se eu tivesse que escolher as três coisas que mais gosto em cada uma das minhas amigas, eis como seria: ALLY:

1. Passou todo o segundo ano colecionando vaquinhas em miniaturas de porcelana e lendo fatos obscuros sobre esses bichos depois que uma vaca — de verdade, quero dizer — enrolou a língua em seu pulso enquanto ela estava de férias em Vermont.
2. Cozinha sem receitas, com certeza terá seu programa de culinária um dia, e prometeu que todas nós poderemos ir como convidadas.
3. Põe a língua inteira para fora quando boceja, como uma gata.

ELODY:

1. Possui o tom perfeito e a voz mais clara e rica que se pode imaginar, como calda caindo sobre panquecas quentes, mas nunca se exhibe e só canta sozinha quando está no banho.
2. Uma vez passou um ano escolar inteiro usando pelo menos um item verde de roupa todos os dias.
3. Ronca quando ri, o que sempre me faz rir.

LINDSAY:

1. Sempre vai dançar, mesmo que ninguém mais esteja dançando, mesmo quando não tem música — no refeitório, no banheiro, na praça de alimentação do shopping.
2. Jogou papel higiênico molhado na casa de Todd Horton todos os dias durante uma semana, depois que ele contou para todo mundo que Elody beijava mal.
3. Uma vez arrancou desenfreada enquanto estávamos cortando caminho pelo parque, lançando os braços e as pernas e avançando pelos campos vestindo calça jeans e botas Chinese Laundry. Comecei a correr também, mas não consegui alcançá-la até estarmos as duas dobradas, arfando no ar frio do outono, com meus pulmões parecendo que iriam explodir, e quando ri e disse: *Você ganhou*, ela me lançou o olhar mais estranho por cima do ombro, não maldoso, apenas como se não pudesse acreditar que eu estava ali, em seguida se recompôs e disse: *Eu não estava apostando corrida com*

você.

Acho que agora entendo aquilo.

Estou pensando em todas essas coisas na casa de Ally, me sentindo como se não as tivesse dito o suficiente, se é que disse, me sentindo como se tivéssemos passado tempo demais tirando sarro umas das outras, ou reclamando de coisas que não têm importância ou desejando que coisas e pessoas fossem diferentes — melhores, mais interessantes, mais bonitas, mais velhas. Mas é difícil encontrar uma maneira de dizer agora, então simplesmente rio enquanto Lindsay e Elody rondam a cozinha e Ally tenta, de forma frenética, salvar alguma coisa comestível de uma massa italiana ao pesto que já está lá há dois dias e umas bolachas salgadas. E quando Lindsay lança o braço no meu ombro e depois no de Ally, e em seguida Elody vem para o lado de Ally.

— Amo vocês, suas vadias, até a morte. Vocês sabem disso, não sabem? — Lindsay fala.

Elody grita:

— Abraço de grupo!

— Simplesmente chego ali e ponho os braços ao redor dela e aperto até Elody sair, rindo.

— Se eu rir mais, vou vomitar — ela diz.

○ SEGREDO

— Não entendo. — Lindsay está fazendo beicinho no banco da frente, depois de percorrer metade da entrada da casa de Kent, onde a fila de carros termina.

— Como você espera que a gente vá para *casa*?

Suspiro e explico pela milésima vez: — Vou arrumar uma carona, tudo bem?

— Por que você simplesmente não entra com a gente agora? — resmunga Ally do banco de trás, também pela milésima vez. — Deixe a porcaria do carro.

— E deixar você dirigir para casa, Srta. Absolut? — Viro e olho diretamente para a garrafa de vodca que ela está segurando. Ela entende como uma deixa para tomar mais um gole.

— Eu vou dirigindo para casa — insiste Lindsay. — Você já me viu bêbada?

— Não importa. — Rolo os olhos. — Nem sóbria você sabe dirigir.

Elody ri e Lindsay mostra um dedo para ela.

— Cuidado ou você vai passar a ir a pé para o colégio — ela diz.

— Vamos, estamos perdendo a festa. — Ally passa os dedos no cabelo, movendo a cabeça a fim de se examinar no retrovisor.

— Me deem quinze minutos, no máximo — eu digo. — Volto antes de vocês chegarem ao barril.

— Como você vai voltar para cá? — Lindsay ainda me olha desconfiada, mas abre a porta.

— Não se preocupe com isso — digo. — Mais cedo arrumei uma carona.

— Ainda não entendo por que você não pode nos levar para casa mais tarde. — Lindsay está resmungando, ainda insatisfeita com os arranjos, mas salta do carro, e Ally e Elody a seguem. Não perco tempo respondendo. Já expliquei e expliquei de novo, que posso sair da festa mais cedo. Sei que todas elas presumem que é porque Rob estará lá e estou com medo de que ele tenha um surto ou coisa parecida, e não as corrijo.

Planejo deixar o carro na casa de Lindsay, mas depois que entro na Route 9 percebo que, sem intenção, me dirijo para casa. Estou me sentindo calma, vazia, como se toda a escuridão do lado de fora tivesse entrado e apagado tudo dentro de mim. Não é uma sensação desagradável, é meio como estar em uma piscina e se ajeitar até encontrar o equilíbrio perfeito em que se pode flutuar sem pensar a respeito.

A maioria das luzes está apagada na minha casa. Izzy já foi dormir há horas. Há uma luz azul fraca brilhando na saleta. Meu pai deve estar assistindo à televisão. Lá em cima um quadrado brilhante de luz marca o banheiro. Pelas sombras vejo uma figura se movimentando, e imagino minha mãe passando hidratante Clinique no rosto, cerrando os olhos sem as lentes de contato, a manga esfarrapada do roupão se agitando, uma asa de pássaro. Como sempre, deixaram a luz da varanda acesa para mim, para não precisar revirar a bolsa à procura das chaves quando voltar. Estão fazendo planos para amanhã, talvez imaginando o que fazer no café da manhã, ou se devem me acordar antes do meio-dia, e, por um instante, um sofrimento por tudo que estou perdendo — que já perdi, dias atrás, em uma fração de segundo de derrapagem e rompimento em que minha vida se desprende de seu eixo — me domina, e abaixo a cabeça no volante, esperando a sensação passar. E passa. A dor desaparece. Meus músculos relaxam, e mais uma vez sou atingida pela retidão

das coisas.

Enquanto dirijo de volta para a casa de Lindsay, penso em algo que aprendi há anos na aula de ciências: que até quando os pássaros são separados do bando migram instintivamente. Eles sabem aonde ir, mesmo sem nunca terem aprendido o caminho. Todos falavam sobre como aquilo era incrível, mas agora não parece tão estranho. É assim que me sinto agora: como se estivesse no ar, sozinha, mas de algum jeito sei exatamente o que fazer.

Alguns metros antes da entrada da casa de Lindsay pego o telefone e digito o número de Kent. Ocorre-me que mais cedo ele pode ter pensado que eu estava brincando. Talvez ele não atenda quando não reconhecer o número, ou talvez esteja tão ocupado tentando impedir que as pessoas vomitem nos tapetes orientais dos pais que não ouça. Conto os toques, ficando cada vez mais nervosa. Um, dois, três.

No quarto toque, o ruído de uma movimentação. Em seguida a voz de Kent, calorosa e reconfortante.

— Heróis Galantes, resgatando moças em apuros, princesas capturadas e meninas sem carro desde 1684. Em que posso ajudar?

— Como você sabia que era eu? — pergunto.

Há um aumento da música e um aumento das vozes. Então ouço Kent colocar a mão no telefone e gritar.

— Fora! — Uma porta se fecha, e o som ao fundo de repente fica abafado.

— Quem mais seria? — ele diz, com a voz sarcástica. — Todas as outras pessoas estão aqui. — Ele ajeita alguma coisa e a voz se torna mais alta. Ele deve estar com a boca muito perto do fone. Pensar nos lábios dele me distrai. — E aí?

— Espero que seu carro não esteja bloqueado — digo. — Pois preciso desesperadamente de uma carona.

*

No caminho de volta para a casa de Kent passamos a maior parte do tempo calados. Ela não me pergunta por que eu estava no meio da entrada da casa de Lindsay e não insiste no assunto sobre por que o escolhi para me dar carona. Fico grata por isso e feliz por simplesmente estar ali sentada em silêncio ao

lado dele, observando a chuva e as pinceladas escuras das árvores contra o céu. Ao virarmos na entrada da casa dele, que a essa altura está quase completamente lotada de carros, tento decidir com o que a chuva dançando nos faróis se parece. Não é purpurina, exatamente.

Kent para o carro, mas deixa o motor ligado.

— Ainda não me esqueci de que você me prometeu um segredo, a propósito. — Ele vira para me olhar. — Não pense que vai escapar assim tão fácil.

— Nem sonharia com isso. — Solto o cinto de segurança e me inclino para perto dele, ainda contemplando a chuva com o canto dos olhos. Como poeira, mais ou menos, mas só se poeira fosse feita de luz branca e sólida.

Kent cruza as mãos no colo, me olhando com expectativa, e a boca curvada em um sorriso.

— Então, vamos ouvir.

Estico os braços sobre Kent e tiro a chave da ignição, apagando as luzes. Na escuridão o som da chuva parece mais alto, lavando tudo ao nosso redor.

— Ei — Kent diz suavemente, fazendo meu coração planar outra vez com aquela voz, deixando meu corpo todo leve. — Agora não consigo vê-la.

O rosto e o corpo dele são sombras completas, escuridão em escuridão. Posso identificar seus contornos, e, é claro, sentir o calor de sua pele. Inclino-me para a frente, passando o queixo na aspereza do veludo do casaco dele, encontrando a orelha, esbarrando nela acidentalmente com a minha boca. Ele inspira profundamente, e seu corpo inteiro fica tenso. Meu coração é fluido, está voando. Não há mais espaço entre os batimentos cardíacos.

— O segredo é — digo, sussurrando bem ao ouvido dele — que seu beijo foi o melhor da minha vida.

Ele se afasta um pouco de modo que possa olhar para mim, mas nossos lábios continuam a apenas poucos centímetros de distância. Não consigo identificar a expressão de Kent no escuro, mas posso dizer que seus olhos estão examinando meu rosto novamente.

— Mas eu nunca a beijei — ele sussurra de volta. Ao nosso redor a chuva soa como vidro caindo. — Pelo menos não desde o terceiro ano.

Sorrio, mas não tenho certeza se ele pode ver.

— Então é melhor começar — digo —, pois não tenho muito tempo.

Ele se detém por apenas uma fração de segundo. Em seguida se inclina para a frente e pressiona os lábios nos meus, e o mundo inteiro se desliga: a lua, a

chuva, o céu e as ruas, e somos apenas nós dois no escuro, vivos, vivos, vivos.

Não sei há quanto tempo estamos nos beijando. Parecem horas, mas de algum jeito, quando ele se afasta, com a respiração acelerada e as duas mãos segurando o meu rosto, o relógio brilhando no painel só avançou alguns minutos.

— Uau — ele diz. Posso sentir seu peito subindo e descendo rapidamente. Estamos os dois sem ar. — Por que isso?

Forço-me a recuar, encontrar a maçaneta no escuro e abrir a porta. O ar frio e a chuva entram ruidosamente, me ajudando a pensar. Respiro fundo.

— Pela carona e tudo mais.

Mesmo no escuro posso ver os olhos dele brilhando como os de um gato. Mal consigo desviar o olhar.

— Você realmente salvou a minha vida hoje. — Digo minha piadinha, e depois, antes que ele possa me parar, e apesar de chamar meu nome, salto do carro e corro pela entrada em direção à casa, para a última festa da minha vida.

*

— Você veio! — Lindsay solta um grito quando a encontro na sala ao fundo. Como sempre, a música, o calor e a fumaça são intransponíveis, uma parede de pessoas, cheiro e som. — Pensei que você não fosse aparecer.

— Eu sabia que você vinha — diz Ally, esticando o braço e segurando uma das minhas mãos. Ela diminui a voz, o que a este volume significa que ela grita um pouco mais baixo. — Você viu Rob?

— Acho que ele está me evitando — digo, e é verdade. Graças a Deus.

Lindsay vira, chamando Elody.

— Veja só quem decidiu nos agradecer com sua presença! — ela grita, e Elody examina nossos rostos antes de registrar que eu não estive na festa o tempo todo; então olha para mim, colocando o braço sobre meus ombros.

— Agora é uma festa de verdade. Al, dê uma dose para Sam.

— Não, obrigada. — Dispenso a garrafa que ela me oferece. Abro meu celular. Onze e meia. — Na verdade, bem, acho que vou descer um pouco. Talvez vá lá para fora. Está muito quente aqui.

Lindsay e Ally trocam um olhar.

— Você acabou de vir lá de fora — diz Lindsay. — Você acabou de *chegar* aqui. Há uns cinco segundos.

— Eu fiquei procurando vocês por um tempo. — Sei que soa ridículo, mas também sei que não posso explicar.

Lindsay cruza os braços.

— Ahã, nem pensar. Alguma coisa está acontecendo com você, e você vai nos contar o que é.

— Você passou o dia inteiro agindo estranhamente. — Ally concorda com a cabeça.

— Foi Lindsay que a mandou dizer isso? — pergunto.

— Quem passou o dia estranha? — Elody acabou de vir até nós.

— Eu, aparentemente — digo.

— Ah, é. — Elody faz que sim com a cabeça. — Certamente.

— Lindsay não me mandou dizer *nada*. — Ally estufa o peito, ofendendo-se. — É óbvio.

— Nós somos suas melhores amigas — diz Lindsay. — Nós *conhecemos* você.

Pressiono os dedos nas têmporas, tentando bloquear o som pulsante da música, e fecho os olhos. Quando os abro novamente, Elody, Ally e Lindsay estão me olhando desconfiadas.

— Estou bem, tá? — Estou desesperada para evitar uma conversa longa, ou pior, uma briga. — Podem confiar em mim. Só foi uma semana estranha.

Eufemismo do ano.

— Estamos preocupadas com você, Sam — diz Lindsay. — Você não está agindo normalmente.

— Talvez seja uma coisa boa — digo, e quando me encaram, confusas, suspiro, me inclinando para envolvê-las em um abraço grupal.

Elody gane e ri.

— Afeto em público? — E Lindsay e Ally parecem relaxar também.

— Prometo que não há nada de errado — digo, o que não é exatamente verdade, mas concluo que seja a melhor coisa a dizer. — Melhores amigas para sempre, certo?

— E sem segredos. — Lindsay olha diretamente para mim.

— E sem babaquices — acrescenta Elody, o que não faz parte da nossa pequena coreografia, mas tudo bem. Ela deveria dizer “e sem mentiras”, mas acho que a expressão que usou também serve.

— Para sempre — conclui Ally —, e até que a morte nos separe.

A última parte é a minha deixa.

— Nem assim — digo.

— Nem assim — as três ecoam.

— Tudo bem, já chega de sentimentalismo. — Lindsay se afasta. — Eu, por exemplo, vim para ficar bêbada.

— Pensei que você não ficasse bêbada — diz Ally.

— Modo de falar.

Ally e Lindsay começam a ir para a frente e para trás, dançando com a garrafa de vodka (“Se você não fica bêbada, não sei para que beber e desperdiçar”) enquanto Elody volta para Muffin. Pelo menos a atenção se desviou de mim.

— Até mais tarde — digo em voz alta, para todas elas, e Elody olha para mim por cima do ombro, mas pode estar olhando para outra pessoa. Lindsay acena a mão na minha direção e Ally não me ouve. Faz com que eu me lembre de ter saído de casa pela última vez esta manhã, como no fim é impossível entender a finitude de certas coisas, certas palavras, certos momentos. Quando viro, minha visão fica borrada e me surpreendo ao perceber que estou chorando. As lágrimas vêm sem qualquer aviso. Pisco repetitivamente até o mundo entrar em foco outra vez, limpando o molhado das bochechas. Verifico meu telefone. Onze e quarenta e cinco.

Lá embaixo fico do lado de dentro da porta, esperando por Juliet, o que é mais ou menos como tentar ficar em pé no meio de uma corredeira. Há um enxame de pessoas ao meu redor, mas quase ninguém me olha. Talvez estejam captando alguma vibração estranha de mim, ou talvez percebam que estou concentrada em outra coisa. Ou talvez — e isso me deixa triste assim que penso — possam sentir, de algum, modo, que já não estou mais aqui. Afasto esse pensamento.

Finalmente a vejo passar pela porta da frente, casaco branco amarrado sem muita força ao redor do corpo, cabeça inclinada. Instantaneamente pulo para a frente e ponho a mão no braço dela. Ela para, me encarando, e apesar de provavelmente ter imaginado estar cara a cara comigo hoje à noite, o fato de que eu a encontrei e não o contrário, a deixa despreparada.

— Oi — eu digo. — Posso falar com você um minuto?

Ela abre a boca, fecha, e abre outra vez.

— Na verdade, eu, bem, tenho que ir a um lugar.

— Não, não tem. — Em um movimento arrasto-a para longe da entrada lotada e em direção a um recuo no corredor. Aqui é mais fácil de nos escutarmos, apesar de ser tão estreito que temos de ficar quase peito contra peito. — Você não estava me procurando? Não estava procurando *a gente*?

— Como você...? — Ela se interrompe, respira e balança a cabeça. — Não estou aqui por sua causa.

— Eu sei. — Olho para ela, querendo que olhe para mim, mas ela não o faz. Quero dizer para ela que entendo, que sei como é, mas ela está examinando o piso. — Sei que é maior do que isso.

— Você não sabe de nada — ela diz secamente.

— Eu sei o que você planejou para hoje à noite — digo, muito calmamente.

Então ela levanta o olhar. Por um segundo nossos olhos se encontram, e vejo medo brilhando ali, e mais alguma coisa — esperança, talvez? —, mas ela rapidamente os abaixa outra vez.

— Você não pode saber — diz simplesmente. — Ninguém sabe.

— Sei que você tem alguma coisa para me dizer — digo. — Sei que você tem uma coisa para dizer a todas nós: eu, Lindsay, Elody e Ally também.

Novamente ela levanta a vista, mas desta vez sustenta meu olhar, com olhos arregalados, e nos encaramos. Agora sei o que o olhar no rosto dela representa, por trás do medo: espanto.

— Você é uma vaca — ela sussurra, tão tranquila que não sei ao certo se sequer escuto as palavras, ou se estou apenas lembrando, imaginando-as em sua voz. Ela diz como se estivesse recitando falas de uma antiga peça de teatro, algum roteiro há muito negligenciado que ela não consegue esquecer.

Concordo com a cabeça.

— Eu sei que sou. Sei que fui, todas nós fomos. E eu sinto muito.

Ela dá um rápido passo para trás, mas não há para onde ir, então, ela acaba batendo na parede. Ela se espreme, com as mãos no gesso, respirando forte, como se eu fosse alguma espécie de animal selvagem que pudesse atacá-la a qualquer momento. Ela está sacudindo a cabeça rapidamente de um lado para outro. Acho que ela nem percebe o que está fazendo.

— Juliet. — Estico o braço, mas ela se encolhe na parede e eu abaixo a mão. — Estou falando sério. Estou tentando lhe dizer quanto sinto.

— Tenho que ir.

Ela parece se afastar da parede com esforço, como se não tivesse certeza de

que pudesse ficar em pé sem o apoio. Ela tenta passar espremida por mim, mas me movimento de modo que estamos cara a cara outra vez.

— Sinto muito — digo.

— Você já disse isso. — Agora ela está se irritando. Fico feliz. Acho que é um bom sinal.

— Não, quero dizer... — Respiro fundo, querendo que ela me entenda. *É assim que tem que ser.* — Tenho que ir com você.

— Por favor — ela diz. — Me deixe sozinha.

— É o que estou lhe falando. *Não posso.* — Enquanto estamos ali, percebo que somos praticamente da mesma altura. Provavelmente parecemos os lados escuro e claro de um biscoito Oreo, e penso em quão facilmente poderia ter sido o inverso. Ela poderia estar me bloqueando; eu poderia estar tentando passar por ela no escuro.

— Você não... — Ela começa, mas não escuto o que está prestes a dizer.

— Sam! — Alguém grita das escadas naquele instante, e, enquanto viro para olhar para Kent, Juliet passa por mim.

— Juliet! — Giro, mas não sou rápida o bastante. Ela foi engolida pela multidão, o espaço que permitiu que passasse está se fechando tão depressa quanto se abriu, peças de Tetris em movimento de corpos, e agora estou correndo contra colunas, mãos e bolsas de couro enormes.

— Sam!

Agora não, Kent. Estou lutando para chegar à porta, a cada passo sendo empurrada para trás enquanto as pessoas passam descuidadas em direção à cozinha, segurando copos que precisam ser preenchidos. Quando estou quase à porta, a multidão se dispersa e vou para a frente. Mas então sinto uma mão calorosa nas minhas costas, e Kent está me girando para ficar de frente comigo, e apesar de precisar alcançar Juliet e do fato de que estamos no meio de um bilhão de pessoas, penso em como seria bom dançar com ele. Dançar de verdade, não ficar se esfregando como as pessoas fazem nas festas da escola — dançar como as pessoas faziam antigamente, com as mãos no pescoço dele, e seus braços em volta da minha cintura.

— Eu a estava procurando. — Ele está sem fôlego, e o cabelo está mais bagunçado que o normal. — Por que você fugiu de mim antes?

Ele parece tão confuso e preocupado que meu coração dá cambalhotas no peito.

— Não tenho tempo para falar sobre isso agora — digo, da forma mais

gentil possível. — A gente se fala depois, tá? — É o jeito mais fácil. É o *único* jeito.

— Não. — Ele é tão enfático que por um segundo sou pega de surpresa.

— Como?

— Eu disse, *não*. — Ele para à minha frente, bloqueando a passagem para a porta. — Quero falar com você. Quero falar agora.

— Não posso... — começo a dizer, mas ele me interrompe.

— Você não pode fugir outra vez. — Ele estica os braços e põe as mãos gentilmente sobre os meus ombros, mas seu toque faz uma corrente de calor e energia passar por mim. — Está entendendo? Você não pode fazer essas coisas.

O jeito como ele me olha faz eu me sentir fraca. As lágrimas ameaçam vir novamente.

— Nunca quis machucá-lo — resmungo.

Ele solta os meus ombros, passando as mãos pelos cabelos. Parece estar com vontade de gritar.

— Você age como se eu fosse invisível durante anos, depois me manda um bilhetezinho adorável, depois eu a busco, você me beija...

— Acho que foi *você* que *me* beijou, na verdade.

Ele não interrompe a fala nem por um segundo.

— ...e me faz tremer completamente, sacode o meu mundo e tudo mais, depois volta a me ignorar.

— Eu o fiz tremer? — Solto um ganido antes que possa me conter.

Ele me olha com firmeza.

— Você fez *tudo* tremer.

— Ouça, Kent. — Olho para as minhas mãos, que estão coçando para se esticarem e tocá-lo, passarem pelo cabelo dele e colocar umas mechas atrás da orelha. — Quis de verdade tudo aquilo que aconteceu no carro. Eu quis beijá-lo, de coração.

— Achei que eu que a tivesse beijado. — A voz de Kent é firme, e não sei se ele está brincando ou não.

— É, bem, eu quis beijá-lo de volta. — Tento engolir o nó na garganta. — É só o que posso lhe dizer agora. Eu quis. Mais do que jamais quis outra coisa na vida.

Fico feliz por estar olhando para os meus sapatos, porque naquele instante as lágrimas rompem a barreira nos meus olhos e começam a correr pelas bochechas. Rapidamente as limpo com a parte de trás da mão, fingindo estar

esfregando os olhos.

— E a outra coisa que você disse no carro? — Pelo menos Kent não parece irritado, apesar de eu estar assustada demais para olhar para ele. Sua voz está mais suave agora. — Você disse que não tinha muito tempo. O que quis dizer?

Agora que as lágrimas encontraram o caminho, não há como contê-las, e mantenho a cabeça abaixada. Uma delas pinga no meu sapato, deixando uma marca em forma de estrela.

— Têm coisas acontecendo agora...

Ele coloca dois dedos sob o meu queixo e levanta a minha cabeça, em direção à dele. E, então, eu realmente tropeço. Minhas pernas cedem, e ele põe um braço nas minhas costas para me manter de pé.

— O que está acontecendo, Sam? — Ele esfrega uma lágrima do canto do meu olho com o polegar, examinando meu rosto com os olhos, fazendo aquela coisa que faz eu me sentir como se ele estivesse me virando do avesso e olhando diretamente para o meu coração. — Você está com problemas?

Balanço a cabeça, sem conseguir falar.

— Você pode me contar. Seja o que for, você pode me contar. — Ele se apressa em dizer.

Por um momento fico tentada a continuar assim, pressionada contra ele; beijá-lo sem parar, até parecer que estou respirando *por* ele. Mas então penso em Juliet na mata. Vejo dois raios de luz cegantes rompendo a escuridão e ouço o som baixo de um ronco, como um oceano distante, um motor voltando à vida. O ronco e as luzes enchem a minha cabeça, expulsando todo o restante — o medo, o arrependimento, a tristeza —, e consigo me concentrar outra vez.

— Não estou com problemas. Não sou eu. Eu... eu tenho que ajudar alguém. — Me afasto gentilmente de Kent, tirando o braço dele da minha cintura. — Não posso explicar. *Você* tem que confiar em *mim*.

Inclino-me para a frente e dou um último beijo nele — só um estalinho, na verdade, nossos lábios mal se tocam, mas é o bastante para que eu sinta aquela sensação de estar flutuando novamente, força e poder fluindo por mim. Quando me afasto, espero mais argumentos, mas em vez disso ele simplesmente me encara um instante, se vira e desaparece em direção às escadas. Meu estômago se contrai e por uma fração de segundo o quero mais do que tudo — estou com *saudade* dele —, sinto como se meu peito tivesse

desmoronado. Em seguida penso no escuro, nas luzes, no ronco, e em Juliet, e antes que possa pensar em qualquer outra coisa, luto os últimos passos até a porta e saio no frio, onde a chuva continua caindo como fragmentos de luar, ou como aço.

UM MILAGRE DE ACASO E COINCIDÊNCIA, PARTE II

— Juliet! Juliet! — Sei que ela partiu antes e não vai conseguir me ouvir, mas me sinto melhor gritando seu nome, faz com que a escuridão ao redor não pareça tão próxima e pesada.

É claro que me esqueci de trazer a lanterna. Dou início à minha combinação de tropeços e correria pela entrada congelada, desejando ter optado por usar tênis em vez das minhas botas preferidas de couro azeitona de plataforma da Dolce Vita. Ao mesmo tempo, são sapatos pelos quais se morreria — *nos* quais se morreria.

As luzes da casa desapareceram atrás de mim, engolidas pelas curvas da estrada e pontas altas das árvores, quando acho que ouço alguém gritando meu nome. Por um segundo tenho certeza de que foi minha imaginação, ou que se trata apenas do vento passando pelos galhos. Detenho-me, hesitando, depois ouço novamente: — *Sam!* — Parece a voz de Kent.

Sam! Cadê você?

É Kent.

Isto me abala. Tinha certeza de que quando ele se afastou de mim na festa, tinha sido o fim. Nunca esperei que ele fosse realmente me seguir. Considero virar de costas e voltar para ele. Mas não há tempo. Além disso, já disse tudo o que podia. Por um momento, parada no frio com o ar queimando meus pulmões e a chuva entrando nas minhas costas pela gola, fecho os olhos e me lembro de ter estado com ele no carro quente e seco, cercada pela chuva por todos os lados. Lembro-me do beijo e da sensação de flutuar, como se fôssemos ser varridos a qualquer instante por uma onda. Quando o ouço chamar meu nome outra vez, parece mais próximo, e o imagino segurando meu rosto e sussurrando para mim. *Sam.*

Alguém grita. Abro os olhos, meu coração acelera no peito, pensando em Juliet. Mas então ouço algumas vozes chamando umas às outras — distantes,

paradas, uma confusão de sons — e posso jurar que entre eles ouço a voz de Lindsay. Mas isso é ridículo. Estou imaginando coisas e perdendo tempo.

Continuo indo na direção da estrada. À medida que me aproximo, ouço o rugido de veículos, o assobio de rodas contra o asfalto, ambos soando como ondas em uma praia.

Quando encontro Juliet, ela está em pé, encharcada, com as roupas grudadas no corpo, os braços flutuando soltos ao lado do corpo como se a chuva e o frio não a incomodassem em nada.

— Juliet!

Aí ela me ouve. Gira a cabeça bruscamente, como se estivesse sendo chamada de volta à Terra de algum lugar. Começo a correr para ela, ouvindo o ronco baixo de um caminhão que se aproxima — *vindo rápido demais* — atrás de mim. Ela dá um rápido passo para trás enquanto ganho velocidade, sacudindo os braços para não cair no gelo, seu rosto ganha vida ao me ver, cheio de raiva, medo e aquela outra coisa. Espanto.

O motor está mais alto agora, um grunhido firme, e o motorista aperta a buzina com tudo. O barulho é enorme: rolando, explodindo ao nosso redor, preenchendo o ar com som. Mesmo assim Juliet não se mexe. Está ali parada, simplesmente, me encarando, balançando a cabeça um pouco, como se fôssemos amigas antigas que há muito não se viam e que acabaram de se encontrar por acaso em algum aeroporto da Europa. *Que estranho encontrá-la aqui... Não é engraçado como a vida funciona? Mundo pequeno.*

Fecho os últimos passos entre nós duas enquanto o caminhão passa correndo, ainda pressionando a buzina. Agarro os ombros dela, e ela dá alguns passos cambaleantes para trás, para a mata, meu ímpeto quase a derrubando. O som da buzina se afasta, luzes traseiras desaparecem no escuro.

— Graças a Deus — digo, respirando violentamente. Meus braços estão tremendo.

— O que você está *fazendo*? — Ela parece voltar a si, tentando se afastar de mim. — Você está me *seguindo*?

— Pensei que você fosse... — Aceno com a cabeça na direção da estrada e, de repente, tenho uma vontade súbita de abraçá-la. Ela é viva, forte e real em minhas mãos. — Achei que não fosse alcançá-la a tempo.

Ela para de me combater e olha para mim por um longo segundo. Não há carros na estrada, e no intervalo ouço cortante e precisamente: — Samantha Emily Kingston! — Vem da mata à minha esquerda, e só existe uma pessoa no

mundo que me chama pelo meu nome completo. Lindsay Edgecombe.

Naquele instante, como um coral de pássaros se erguendo do chão ao mesmo tempo, vêm outras vozes, tropeçando umas sobre as outras.

— Sam! Sam! Sam! — Kent, Ally e Elody, todos vindo da mata em nossa direção.

— O que está havendo? — Juliet parece realmente assustada agora. Estou tão confusa que solto o ombro dela e ela gira para se livrar de mim. — Por que você me seguiu? Por que não pode me deixar em paz?

— Juliet. — levanto as mãos, um gesto de paz. — Só quero conversar com você.

— Não tenho nada para dizer. — Ela vira de costas e caminha de volta em direção à estrada.

Sigo-a, me sentindo calma de repente. O mundo ao meu redor se aviva e entra em foco, e cada vez que ouço meu nome pela mata, soa mais próximo, e penso: *Sinto muito*. Mas isso é o certo. É assim que tem de acontecer.

Como sempre deveria ter acontecido.

— Você não precisa fazer isso, Juliet — digo calmamente para ela. — Você sabe que não é o caminho certo.

— Você não sabe o que tenho que fazer — ela sussurra de volta, ferozmente. — Você não *sabe*. Você jamais conseguiria entender. — Ela está olhando para a estrada. Suas omoplatas estão ressaltadas sob a camiseta ensopada, e novamente tenho a fantasia de um par de asas se abrindo atrás dela, levantando-a para longe, carregando-a para fora do perigo.

— Sam! Sam! Sam! — As vozes estão próximas agora, e raios de luz ziguezagueiam pela mata. Ouço passos e galhos estalando sob pés. A estrada estava estranhamente vazia, mas agora, de ambas as direções, distingo o ronco de motores. Fecho os olhos e penso em voar.

— Quero ajudá-la — digo para Juliet, apesar de saber que não posso fazer com que entenda, não assim.

— Você não entende? — Ela olha para mim, e para minha surpresa vejo que está chorando. — Eu não tenho conserto, entende isso?

Penso em quando estive nas escadas com Kent, dizendo exatamente a mesma coisa. Penso nos olhos verdes lindos dele, e na maneira como disse: *Você não precisa de conserto*, e no calor das suas mãos e na suavidade dos lábios. Penso na máscara de Juliet e em como talvez todos nós tenhamos a sensação de estarmos colados, costurados e não exatamente corretos.

Não estou com medo.

Vagamente, percebo o rugido nos meus ouvidos e vozes tão próximas, e rostos, pálidos e assustados, emergindo da escuridão, mas não consigo parar de olhar para Juliet enquanto ela chora, linda mesmo assim.

— É tarde demais — ela diz.

— Nunca é tarde demais — digo.

Naquela fração de segundo ela se lança à estrada, mas olha para trás espantada, seus olhos brilhando com gratidão. Em seguida estou avançando atrás dela. Bato nas costas dela, e ela é arremessada para a frente, rolando para o outro lado, exatamente quando os dois veículos convergem, prestes a passarem um pelo outro. Há um berro furioso e alguém — mais de uma pessoa? — grita o meu nome, e uma sensação de calor por todo o meu corpo, a sensação de ser erguida, jogada, por uma imensa mão, a mão de um gigante; o mundo gira, vira de cabeça para baixo e para os lados, e uma névoa de escuridão devorando as bordas da Terra, transformando tudo em um sonho.

Imagens flutuantes, surgindo e saindo: olhos verdes brilhantes e um campo de grama aquecida pelo sol, uma boca dizendo *Sam, Sam, Sam*, fazendo soar como uma música. Três faces florescendo juntas como flores em um único galho, nomes escapando de mim, uma única palavra: *amor*. Flashes vermelhos e brancos, três galhos iluminados como o teto de uma igreja.

E um rosto sobre o meu, branco e lindo, olhos tão grandes quanto a lua. *Você me salvou*. Uma mão na minha bochecha, fria e seca. *Por que você me salvou?* Palavras emergindo em uma onda: *Não. O contrário*. Olhos da cor de um céu de crepúsculo, uma coroa de cabelos louros, tão clara, branca e cegante que poderia jurar que era uma auréola.

EPÍLOGO

Dizem que logo antes de você morrer sua vida passa diante dos seus olhos, mas não é assim que acontece comigo.

Vejo apenas meus melhores momentos. As coisas que quero lembrar e pelas quais desejo ser lembrada. A vez em que eu e Izzy fomos sorrateiramente para a enseada em Cape Cod à meia-noite e tentamos caçar caranguejos com sobra de carne de hambúrguer, e a lua estava tão grande e redonda que parecia algo sobre o qual se poderia sentar. Quando Ally tentou fazer um suflê e entrou marchando na cozinha com um rolo de papel higiênico na cabeça como um chapéu de chefe de cozinha, e Elody riu tanto que fez um pouco de xixi e nos fez jurar segredo. Lindsay lançando os braços em volta de nós e dizendo “Amo vocês até a morte”, e todas nós ecoando “E mesmo depois”. Ficar deitada no deck em tardes quentes de agosto com o cheiro tão pesado de grama cortada e flores no ar que era quase como se pudesse sentir o gosto. A vez em que nevou no Natal e meu pai quebrou uma das velhas mesas de tevê no porão para usar como lenha, e minha mãe fez cidra de maçã, e tentamos lembrar a letra de “Noite feliz”, mas acabamos cantando nossas músicas preferidas da televisão.

E beijar Kent, pois foi quando percebi que o tempo não importa. Foi quando percebi que certos momentos se estendem para sempre. Mesmo depois que terminam, continuam, mesmo depois que você está morta e enterrada, esses momentos perduram, no passado e no futuro, até a eternidade. São tudo e estão em todos os lugares ao mesmo tempo.

São o significado.

Não estou com medo, se é isso que você está imaginando. O instante da morte é cheio de som, calor e luz, tanta luz que me preenche, me absorve: um túnel de luz subindo vertiginosamente, arqueando cada vez mais para o alto, e se o canto fosse uma sensação, seria esta, esta luz, esta elevação, como uma gargalhada...

O resto você terá que descobrir por si mesmo.

AGRADECIMENTOS

Sem ordem específica, muitos agradecimentos...

A Stephen Barbara, a pessoa mais ativa e o melhor agente do mundo; a Lexa Hillyer, por ter sido a primeira a ler qualquer parte de *Antes que eu vá* e amá-lo; à incrível Brenda Bowen, por ser a primeira a acreditar; e a maravilhosa Molly O'Neill, por seu entusiasmo e por *me* fazer acreditar.

A Rosemary Brosnan, pela inteligência, perspicácia e sensibilidade; a todos da HarperTeen, pelo apoio enorme e por me darem bolinhos Magnolia quando estava com o fuso horário atrapalhado.

A Cameron McClure, da Donald Maas Literary Agency, por seu trabalho árduo e contínua militância em favor do livro.

A DUB Pies do Brooklyn por me manter cafeinada e feliz.

A Dujeous, pelo generoso uso de suas letras. Deem uma olhada neles, em www.dujeous.net.

A Mary Davison, que pode ensinar a todos nós algumas lições sobre viver a vida ao máximo.

A todos os meus amigos incríveis e brilhantes, por me inspirarem e me desafiarem; particularmente a Patrick Manasse, por ter sido um ouvinte paciente e um crítico rígido.

A Olivier, pelo imenso apoio, mesmo quando estive em dificuldades.

A Deirdre Fulton, Jacqueline Novak e Laura Smith, uma única palavra: *amor*.

Aos meus pais, por encherem nossa casa de livros pelos quais pude me apaixonar — e, mais tarde, por me encorajarem a lutar pelos meus sonhos —, e, sempre, pelo constante amor e apoio.

A minha brilhante irmã, por ser alguém que sempre vou admirar.

E por último, a Pete: por me incentivar a fazer pós-graduação e por me ajudar a ficar de pé; por me deixar editar freneticamente em Harbor Springs; por sempre ter tido tanto orgulho de mim e porque, o que quer que estivesse escrevendo, estava sempre tentando escrever meu caminho de volta para você.

Copyright © 2010 Lauren Oliver

TÍTULO ORIGINAL

Before I Fall

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

COPIDESQUE

Isabella Leal

REVISÃO

Umberto Figueiredo Pinto

REVISÃO DE EPUB

Ilcimar Soares dos Santos

GERAÇÃO DE EPUB

Geográfica

E-ISBN: 978-85-8057-118-9

EDIÇÃO DIGITAL: 2012

Agradecimentos a Dujeous, LLC, por autorizar a reprodução de suas letras.

“Tomorrow”, do musical Annie, letra de Martin Charnin, música de Charles Strouse.

© 1977 (renovado) EDWIN H. MORRIS & COMPANY, uma divisão de MPL Music Publishing, Inc. e CHARLES STROUSE. Todos os direitos referentes a CHARLES STROUSE são propriedade da CHARLES STROUSE PUBLISHING (administrados por WILLIAMSON MUSIC). Todos os direitos reservados. Utilizada com autorização. www.CharlesStrouse.com

“Psycho Killer”, letra de DAVID BYRNE, CHRIS FRANTZ e TINA WEYMOUTH, música de DAVID BYRNE. © 1976 (renovado) INDEX MUSIC, INC. (ASCAP) & BLEU DISQUE MUSIC CO., INC. (ASCAP). Todos os direitos administrados por WB MUSIC CORP. (ASCAP). Todos os direitos reservados.

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

SOBRE A AUTORA



LAUREN OLIVER foi editora assistente numa grande editora novaiorquina. Formada pela Universidade de Chicago e Master in Fine Arts pela Universidade de Nova York, hoje dedica-se integralmente a seus livros e a novos projetos editoriais — passa boa parte do tempo em trens, ônibus e aviões, e escreve sem parar, no notebook ou em guardanapos. Vive no Brooklyn, que chama de “o lugar mais feliz da Terra”, tem dez tatuagens, gosta de cozinhar, bebe café demais e invariavelmente exagera no ketchup. *Antes que eu vá* é seu romance de estreia.